



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Aline Regina Cardozo de Brito

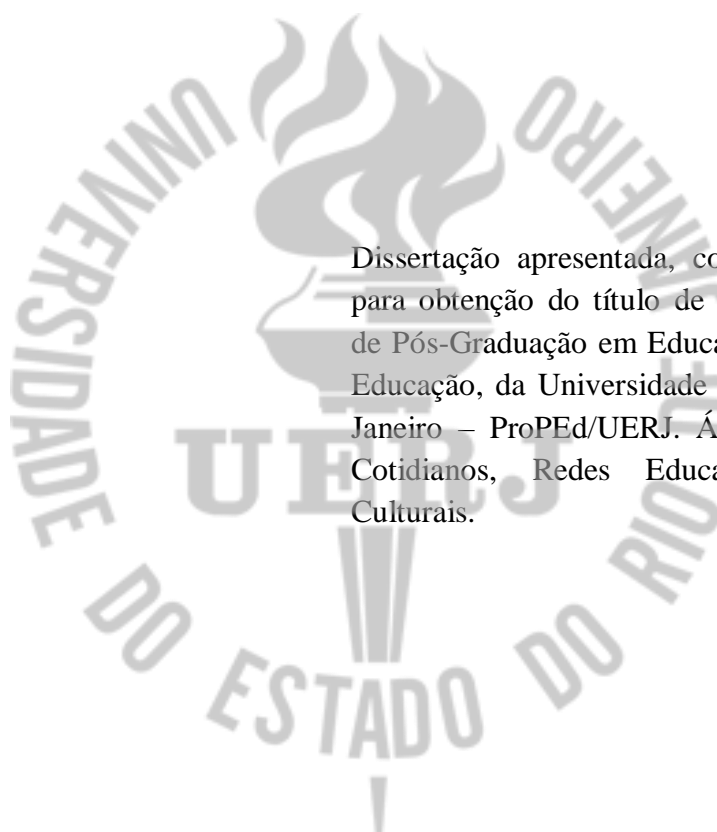
**Trajetórias de mulheres negras: traduções transatlânticas entre mares e
Marés**

Rio de Janeiro

2021

Aline Regina Cardozo de Brito

Trajetórias de mulheres negras: traduções transatlânticas entre mares e Marés



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mailsa Carla Pinto Passos

Rio de Janeiro
2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B862 Brito, Aline Regina Cardozo de.
Trajetórias de mulheres negras: traduções transatlânticas entre mares e Marés
/ Aline Regina Cardozo de Brito. – 2021.
209 f.

Orientadora: Mailsa Carla Pinto Passos.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Mulheres afro – Teses. 2. Traduções – Teses. 3. Processos dialógicos –
Teses. I. Passos, Mailsa Carla Pinto. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

bs

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Aline Regina Cardozo de Brito

Trajetórias de mulheres negras: traduções transatlânticas entre mares e Marés

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais.

Data da defesa: 09 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Mailsa Carla Pinto Passos (orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Ynaê Lopes dos Santos
Universidade Federal Fluminense-UFF

Prof^a. Dr^a. Sônia Beatriz dos Santos UERJ
Faculdade de Educação-UERJ

Prof^a. Dr^a. Silvanir Valentim (suplente)
Programa de Pós-graduação em Educação - CEFET-MG

Profa. Dra. Alexandra Lima da Silva (suplente)
Faculdade de Educação - UERJ

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

À minha avó pretinha, Carmelinda da Fonseca Cardozo, que viveu neste mundo com seu corpo negra cheia de atravessamentos: lavadeira, favelada, analfabeta. Sentiu as tristezas machistas do casamento, sofreu descuidos obstétricos e arrastou o peso das desigualdades carregadas pela mulher preta por toda vida. Abriu-lhe uma ferida na perna que nunca cicatrizou. Literalmente uma ferida colonial não curada, pois a sociedade nunca a recompensou. Na verdade, ela nos originou e nos acolheu – nos recebeu de braços abertos no seu humilde lar, nos alimentou, nos deu sorrisos, nos contou algumas histórias ancestrais, nos iluminou. Espero um dia conseguir recontar a sua história, Vó Carmem!

AGRADECIMENTOS

À mãe terra que para mim é o próprio Deus, melhor dizendo, a própria Deusa. Sem sua força das águas, dos mares, dos ventos, da terra e do seu fogo nada seria.

Sendo esta uma pesquisa e uma escrita que também disserta sobre redes de conhecimentos, redes cujas tramas se ajudam e criam círculos de afeto, meus agradecimentos trazem uma lista longa. Tantas foram as mulheres pretas criadoras de possibilidades para a geração contemporânea da minha família e para que fossemos capazes de estudar, de ter moradia, de viver. Mulheres postas no anonimato mas que poderiam ter sido advogadas, sociólogas, médicas, etc. Funções que lhes foram negadas dentro desta sociedade racista e patriarcal onde elas lutaram por nós. Me curvo perante a ancestralidade cheia de luz, luta e espiritualidade de todas estas mulheres – meu muitíssimo obrigada!

À minha querida flor do dia e da noite, orientadora Mailsa Carla Pinto Passos, que enxergou através de mim e deixou em minhas mãos um tesouro literário transatlântico. Com toda a minha distância pela complexa vida vivida, obrigada pelas rápidas conversas, pela compreensão, pela sabedoria, pela escuta e pela rede de afeto que nosso grupo de pesquisa oferece sob sua coordenação.

À minha instituição querida, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, da qual sou prata da casa, e ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ e ao meu grupo de pesquisa do Proped-UERJ, Culturas e Identidades no Cotidiano. Um grupo de estudos acolhedor e sábio que, na minha curta caminhada, tornou-me parte de uma nova família: Roberto Chaua, Luís Gustavo Firmina, Luiz Rufino, Juliana Ribeiro, Claudia Queiroz, Ceane Simões, Maria José da Silva e Fabiana Silva. Alguns estiveram mais próximos da minha escrita: ao caro Geoésley Negreiros pela conversa sobre o devir negra; à Barbara Cazé por me enviar um livro maravilhoso nesta caminhada; ao Jorge Augusto por me elucidar sobre a racialização das favelas e à Cleuma Almeida por me mandar um presente virtual de Anzaldúa. Vocês literalmente me qualificaram!

Deste grupo, três se tornaram amigos inseparáveis. À amiga Irani Lima, pelas palavras que me acalmaram nas chamadas de vídeo e por acreditar mais em mim que eu mesma. À amiga Danielle Oliveira por todo apoio, leitura e discussão cujos efeitos me fizeram sair do engessamento. Pelas visitas autorizadas que nos uniram e pelas conversas que nos fizeram aprender, serei eternamente grata. E ao querido Mestre Lindi, Lindinalvo Natividade (*in memoriam*), que me fez entender os cotidianos e me ouviu praticamente todos os dias desde o início desta pesquisa – seu berimbau e sua ginga são inesquecíveis!

À minha equipe gestora do Ciep 326 que ouviu meus choros, reclamações e desespero. A compreensão de vocês acalentou minha escrita.

Às minhas amigas faladeiras – Natália, Tatiane, Christine e Nlaysia – que tanto me ensinaram nas minhas caminhadas. Sem vocês essa escrita já nasceria amputada! Muito obrigada! Agradeço ainda às mulheres afro-alemãs que conheci através da tradução do Livro *Milli's Awakening*, tanto a autora Natasha A. Kelly quanto as entrevistadas que me ‘acompanharam’ em minha travessia transatlântica.

À querida Maseho, minha amiga virtual afro-alemã, e nossos bate-papos sobre racismo. Agradeço por esse brotar de amizade.

Às professoras e professores com quem estudei nas salas de aula dos corredores da UERJ e nas aulas virtuais durante o cumprimento das disciplinas de mestrado: Conceição Soares, Nilda Alves, Jane Paiva, Alexandra Silva, Lia Faria, Gaudêncio Frigotto, Fernando Pocahy, Stela Caputo, Rosemary Santos. Me perdoem caso tenha esquecido alguém; porém, todas/todos tiveram igual importância.

Às professoras intelectuais negras que aceitaram navegar comigo nesta pesquisa – à Silvanir, pela experiência Collins; à Ynaê, por não ter me esquecido; à Sônia, por ter me presenteado com um livro lindo sobre mulheres negras e à Eliana, por ter se sentido honrada com meu convite.

À cara amiga Alexis Powers que tive a sorte de conhecer quando fui selecionada para a bolsa de estudos da Fulbright em 2019 (para professores de língua inglesa atuantes em escolas públicas). Alexis era uma das pessoas da equipe da *Georgia State University* – GSU, onde fiquei, e desde que deixei sua terra, ela me ajudou sobre as questões raciais nos Estados Unidos. Além de ter me explicado sobre algumas expressões importantes durante minha imersão tradutória.

Às amigas Cristiane Mendes e Liette Machado, também colegas de trabalho, que sempre me apoiaram, acalmaram e me auxiliaram. Que ainda possamos partilhar muitos projetos interescolares!

Ao grupo Pretagogia do ProPED, do qual faço parte e que, durante esta pandemia, nasceu e se fortaleceu. Nossos debates me estimularam e me trouxeram novos conhecimentos.

Ao senhor Aldo Medeiros Bonifácio, por trazer *Milli's Awakening: Black women, art and resistance* para o Brasil.

Às autoras negras brasileiras Carolina Maria de Jesus (*in memoriam*) e Conceição Evaristo, minhas eternas inspirações.

À minha grande família nuclear que eu, na verdade, nem tenho palavras para agradecer. Ou, talvez, eu nunca tenha como retribuir o tanto merecido. À minha tia Genáina que me ajudou e me trouxe palavras de luz; à minha irmã Alexandra por ter lido as páginas desta pesquisa e me escutou, à minha irmã Adele por estar com meus filhos quando eu não conseguia estar, ao meu sobrinho Selton pela paciência impaciente, à minha sobrinha Stela pelas críticas afiadas, aos meus filhos Pérola e Paulo que abriram mão de estar comigo por dias e mais dias entendendo minha necessidade de realizar tantas coisas.

Aos meu avô e avó, Aníbal e Carmelinda Cardozo (ambos *in memoriam*) ... eu tenho certeza que seus espíritos iluminados estiveram ao meu lado, me cobrindo de luz, desde que tudo isso começou!

Ao meu pai Paulo Roberto de Brito (*in memoriam*) que, com todos os seus humanos defeitos, legou a mim suas leituras, sua vontade de falar línguas, seu desejo de viajar o mundo, sua presteza de pensamento, seus livros. E, principalmente, o seu desejo de ver suas filhas como mulheres graduadas e independentes capazes de chegar onde, talvez, ele não tenha chegado – por um desvio do destino não foi possível que você, meu pai, presenciasse nossas formaturas, mas eu tenho certeza que está vibrando por nós em algum lugar paradisíaco.

À minha mãe Anilinda da Fonseca Cardozo de Brito, o elo de toda esta família. Ela é o ser de luz e bondade que nos une. Muito obrigada por tudo! Muito obrigada por coisas que nem podem ser listadas aqui: por estar ao nosso lado, por ser uma sagitariana maravilhosa, por cuidar e dar amor aos meus filhos sempre que precisei e preciso, por todas as conversas e paciência, por todas as maneiras que você me inspirou e inspira, por sua força negra eterna, por sua força de vontade incansável, por tudo que você simboliza nesta caminhada de dificuldades até a resistência resiliente. Você é a mulher preta da favela mais importante desta escrita!

À rede de conhecimento e afeto que foi criada através desta pesquisa e por todas as conversas possíveis em função dela. Ubuntu!

“...o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe sua auto-inscrição no interior do mundo”.

Conceição Evaristo

É assim que as mulheres, nós mulheres negras, buscamos formas de ser no mundo. De contar o mundo como forma de apropriarmo-nos dele. De nomeá-lo. De nommo, o axé, a palavra que movimenta a existência”.

Jurema Werneck

RESUMO

BRITO, Aline Regina Cardozo de Brito. **Trajetórias de mulheres negras: traduções transatlânticas entre mares e Marés.** 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

A partir da minha tradução do livro *Milli's Awakening: Black Women, Art and Resistance* (O despertar das afro-alemãs: mulheres negras, arte e resistência), da autora alemã Natasha A. Kelly, a presente dissertação expõe as narrativas das entrevistadas desta obra cujas histórias se misturam às das mulheres brasileiras da favela. Entre os anos de 2020 e 2021, esta pesquisa de mestrado ganha forma ao incorporar conversas com artistas negras do Complexo da Maré, incluindo a minha própria escrevivência, ao processo dialógico desta escrita. O objetivo principal foi ouvir as *autohistórias* de afro-faveladas e transcrevê-las de modo a colocá-las em diálogo com as narrativas das mulheres afro-alemãs. Essas conversas transatlânticas, entre mares e marés, fazem emergir histórias e trajetórias de mulheres pretas contadas por elas mesmas e que estão muito além das narrativas midiáticas cotidianamente impostas sobre nós, principalmente no que tange as populações periféricas, as intersecções e a violência sofridas pelo corpo negra. Esta rede transatlântica navega por outras experiências e pontos de vista necessários para nos deslocar da narrativa branca eurocentrada oportunizando, assim, uma escuta atenta necessária e uma rede de conhecimentos e afetos tão poderosamente construída por mulheres negras a partir dos movimentos atlânticos diaspóricos.

Palavras-chaves: mulheres afro-faveladas/afro-alemãs, traduções, processos dialógicos, *autohistórias*/narrativas.

ABSTRACT

BRITO, Aline Regina Cardozo de Brito. **Trajectories of Black women: transatlantic translations between seas and tides.** 2021. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

From my translation of the book *Milli's Awakening: Black Women, Art and Resistance*, by the German author Natasha A. Kelly, this dissertation presents the narratives of Kelly's interviewees whose stories intertwine with those of the Brazilian women from the *favela*. Between 2020 and 2021, this master's research is shaped by incorporating conversations with Black artists from the *Maré favela*, including my own *escrevivência* (a blendword of *escrita*/writing and *vivência*/life experience), into the dialogic process of this writing. The main objective was listening to the *autohistorias* of afro-faveladas and transcribe them in order to make them dialogue with the Afro-German women's narratives. These transatlantic conversations, between seas and tides, bring out stories of black women told by themselves and which go far beyond the media narratives which are daily imposed on us, mainly regarding the peripheral populations, the intersections and the violence suffered by the black female body. This transatlantic network navigates through other experiences and points of view necessary to move us away from the white eurocentered narrative, thus providing opportunities for an attentive listening and a network of knowledge and affections so powerfully constructed by black women from the diasporic atlantic movements.

Keywords: Afro-faveladas /Afro-German women, translations, dialogic processes, *autohistorias*/narratives.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Imagem Gênero e Humor – Foto Objetificação de Dilma	15
Figura 02: Acervo pessoal – Foto de Marielle com minha irmã Adele	28
Figura 03: Arquivo Geledés 2014 – Foto de Claudia da Silva Ferreira.....	29
Figura 04: Arquivo <i>Midia Revide</i> – Foto de Luana Barbosa dos Reis	30
Figura 05: Arquivo Brasil de Fato – Foto de Ágatha Vitória.....	30
Figura 06: Acervo Pessoal Vó Pretinha – Registro Geral de Carmelinda	34
Figura 07: Acervo Pessoal – Casa de Máquinas do navio	37
Figura 08: Acervo Pessoal – Vó Pretinha	37
Figura 09: Acervo Pessoal – Foto de Aline e Alexandra.....	39
Figura 10: Acervo Pessoal – Foto de Aline e Adele bebê 1981.....	39
Figura 11: Arquivo Museu da Maré – Palafitas Baixa do Sapateiro	43
Figura 12: Arquivo Museu da Maré – Morro do Timbau	43
Figura 13: Arquivo Buala.org – Gayatri Spivak	46
Figura 14: Acervo Pessoal – Foto de Patricia Hill Collins e eu/ANPED 2019	48
Figura 15: Arquivo Socialstudies.org – Pintura de La Malinche	52
Figura 16: Arquivo Portal de Angola – Pintura da Rainha Njinga Mbandi.....	53
Figura 17: Acervo Pessoal – Foto de <i>Preso ao Mastro</i>	55
Figura 18: Arquivo Animatou Substack – Foto de Audre Lorde	63
Figura 19: Arquivo iQuilíbrio – Pintura de Obá	66
Figura 20: Arquivo Germany for you – Foto de May Ayim.....	67
Figura 21: Arquivo Candomblé do Brasil – Pintura de Olossá.....	72
Figura 22: Arquivo Negre.com – Foto de Neusa Santos	73
Figura 23: Arquivo Blog do Orioxê – Pintura de mamãe Oxum na Cachoeira	78
Figura 24: Arquivo Marcelatraduz – Foto de Gloria Evangelina Anzaldúa	81
Figura 25: Arquivo pessoal @nalisaluciano – Nlaila borboleta	82
Figura 26: Acervo pessoal – Foto Roda virtual de conversas	86
Figura 27: Arquivo leiturascontemporaneas.org – Pintura de Luísa Mahin/ Kehinde ..	91
Figura 28: Acervo Pessoal – foto de livro da amiga alemã	92
Figura 29: Arquivo Mundo Educação – Mapa político da Europa	93
Figura 30: Arquivo Perfil Alemanha: Mapa Estados Federados da Alemanha	94
Figura 31: Arquivo Giramundo – Mapa da Maré por Luiz Lourenço	98

Figura 32: Arquivo @hey_jones – Foto da Nova Holanda em 1965	101
Figura 33: Arquivo @hey_jones – Foto amanhecer Maré.....	101
Figura 34: Arquivo @hey_jones – Prédio no Conjunto Esperança.....	101
Figura 35: Arquivo Dreamstime – Foto Cantagalo cercado de prédios	103
Figura 36: Arquivo O Globo – Praia com Cantagalo ao fundo.....	103
Figura 37: Arquivo Portal de Santos – Escola Olívia Fernandes	108
Figura 38: Arquivo Culturamix – Marco de São Vicente.....	111
Figura 39: Acervo Pessoal – Amiga Erly.....	113
Figura 40: Acervo Pessoal – Turma UERJ	117
Figura 41: Arquivo @natalhao – Foto de Natália Lima	126
Figura 42: Arquivo Vanderbuilt.edu – Foto de Crenshaw no TED	131
Figura 43: Arquivo Vanderbuilt.edu – Foto Interseccionalidade.....	131
Figura 44: Acervo Pessoal – Foto Recortes de Rosana	134
Figura 45: Acervo Pessoal – Foto Recortes de Rosana 2	134
Figura 46: Acervo Pessoal – Foto amigas de escrita.....	135
Figura 47: Arquivo Diário de Viamão – Pintura de Anastácia	144
Figura 48: Arquivo Piá – Pintura Tigre	144
Figura 49: Arquivo Repórter Popular – Foto Flanders.....	144
Figura 50: Arquivo yhuracruz.com – Foto exposição Anastácia Livre.....	146
Figura 51: Arquivo yhuracruz.com – Foto oração Anastácia Livre.....	146
Figura 52: Arquivo Reason.com – Foto ‘eu não consigo respirar’	151
Figura 53: Arquivo UOL – Foto comissão de frente Paraíso do Tuiuti	153
Figura 54: Acervo @maseho_art – <i>Print</i> Maseho’s <i>Kinkeliba plant</i>	155
Figura 55: Acervo @maseho_art – <i>Print</i> da artista Maseho	155
Figura 56: Arquivo Portal Overtube – Foto de Rasputia no filme Norbit	158
Figura 57: Arquivo Parada Temporal – Foto de Tia Anastácia	159
Figura 58: Arquivo O Globo – Foto da Globeleza	159
Figura 59: Acervo pessoal – Foto Mãe formatura UFF.....	161
Figura 60: Acervo pessoal – Foto beco de morro	167
Figura 61: Acervo pessoal – Foto quarto no barraco.....	168
Figura 62: Acervo pessoal – Foto quarto no barraco 2.....	168
Figura 63: Acervo pessoal – Foto barraco em transformação.....	169
Figura 64: Arquivo <i>Rascunho</i> – Foto barraco de Carolina	169

SUMÁRIO

	NOTA DE ABERTURA: TEMPOESPAÇOS DE UMA PESQUISA.....	13
	INTRODUÇÃO: UMA TRAVESSIA POR AFRO-AUTOHISTÓRIAS	21
1	NAVEGANDO POR BIOGRAFIAS DISTANTES.....	36
1.1	Epistemologias do além-mar: processos tradutórios.....	40
1.2	Dialogando com Oceano Índico.....	44
1.3	Navegando pelos mares de Malinche e Nzinga	48
1.4	Singrando por mares antes proibidos e revoltos: traduzir pra quê?	54
2	EU VELEJANDO COM DEUSAS NEGRAS DAS ÁGUAS	58
2.1	LORDE: deusa guerreira das águas doces, Obá	60
2.1.1	Depois da travessia transatlântica de Obá.....	64
2.2	AYIM: a serena orixá dos lagos, Olossá	66
2.2.1	<i>Farbe Bekennen</i> – confesse sua cor!	68
2.3	NEUSA: a rainha dos rios, Oxúm	73
2.3.1	A cura pode estar no movimento das águas.....	75
3	CONVERSAS TRANSATLÂNTICAS E RE-FAVELADAS.....	80
3.1	Polifonias negras do lado de cá e de lá do Atlântico	85
3.2	Terra à vista: aMARé Alemanha	91
3.2.1	Narrativas trazidas pela Maré – das palafitas à atual territorialização	98
3.2.2	<i>Apartheid</i> trazido pelos mares do Atlântico Negro	103
3.2.3	Quilombos e favelas: oásis depois da travessia-atlântica-negra	105
3.3	Eu, uma biografia refavelada banhada pelo Atlântico.....	107
3.4	Ventos da Maré e do Mar do Norte: poetizando com Natália e Maciré	124
3.4.1	Uma cantovivência trazida pela Maré	126
3.4.2	Poetisa do além-mar	128
3.5	Atracar para escrever: catando papel com Naomi, Patrícia e Carolina.	132
3.5.1	Escritas transbordam para além do quarto.....	134
3.5.2	(In)formalidades da escrita atlântica	136
3.6	Ancorar para falar: dizer-se é cronotopicamente necessário.....	140
3.6.1	Depois que os brancos desbravaram ‘outros’ mares.....	141
3.6.2	Da Flanders às invisíveis.....	143

3.6.3	Pele negra, máscaras invisíveis	147
3.7	Malungus das travessias e caminhadas.....	154
	RESSIGNIFICAÇÕES FINAIS.....	163
	REFERÊNCIAS	175
	ANEXO A - Transcrições dos bate-papos com as faladeiras	187
	ANEXO B - Tradução do livro <i>Milli's Awakening</i>.....	207
	ANEXO C - Mapa da África (países citados no livro afro-alemão).....	208

NOTA DE ABERTURA: *TEMPOESPAÇOS DE UMA PESQUISA*

O Brasil foi 'inventado' a partir das dores de suas mulheres e é importante não esquecermos esta história para podermos olhar de frente para nosso passado e aprendermos com ele. O Brasil precisa se reconciliar com sua história; aceitar que foi 'construído' sobre um cemitério.

Daniel Munduruku

Senti uma necessidade imensa de definir o momento político-histórico que nosso país vem passando...

Desde 2016, o Brasil sofre por um processo que classifico aqui como ruptura política. Explico: parece que a política partidária está, de fato, rachada ao meio. Ou você é pró-Dilma/PT, pró-esquerda, comunista, camiseta vermelha; ou você é o ódio às minorias, pró-direita, neo-liberal e veste a bandeira da economia americana trumpista. Coincidência ou não, o milionário Donald Trump foi eleito presidente americano neste mesmo ano. Querer explicar este contexto histórico é importante para situar essa escrita dentro de um momento específico da história do Brasil e como ela influenciou as maneiras de pensar, as atitudes e as lutas populares. Não trago aqui análises teóricas sobre a situação do país nestes últimos anos, apresento somente meu ponto de vista e os processos políticos que vivenciei – e que não podem, nem devem, ser esquecidos.

Esta situação se arrasta até os dias de hoje, pós-eleição do atual presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro, em 2018. Passamos por um processo difícil de, enquanto nação, nos entendermos e mantermos diálogo. Há uma grande dificuldade de encontrar um meio termo, de conversar sobre os problemas sociais que o país vem atravessando – há sempre discussão, amizades desfeitas, grupos de famílias acabados e a moda da cultura do cancelamento segue imperando. Essas inconsistências, tanto do governo americano Trump quanto do governo Bolsonaro, como disse a jornalista Eliane Brum¹ colunista do jornal *El país*, surgem da intenção anti-ética de vender um passado inexistente, um passado que não era de paz, mas, sim, de submissão. Passados costurados por mortes, chacinas, escravidão. Ambos vendem esta história por não terem, na realidade, qualquer futuro a oferecer – são dois derrubadores do céu.

¹ Fala da jornalista Eliane Brum no evento *WOW Global: Imaginando futuros* em 2020, onde ela cita Davi Kopenawa Yanomami e os derrubadores do céu (escritor da obra *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami* escrito com o antropólogo francês Bruce Albert). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AMr8V6PjGm4>. Acesso em: 27 jul. 2021.

A elite do atraso

Baseado na justificativa de pedaladas fiscais, o então ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha, decide prosseguir com o pedido de impedimento vindo de um grupo de juristas. Sob a alegação de crime de responsabilidade fiscal por parte da presidenta, após meses de processo e perda de sua base aliada, Dilma Roussef é impeachmada em agosto de 2016. Aliás, um drama político extremamente apoiado pela elite brasileira egoísta e atrasada – “ a PEC 55², que congela todas as despesas por vinte anos para garantir o pagamento da dívida pública à classe dos sonegadores, com dinheiro pago pelos pobres, é o melhor exemplo de que o golpe de 2016 foi feito por essa classe para atender seus interesses mais venais e indefensáveis” (SOUZA, 2017. p. 165).

Vale a pena lembrar, apesar das inúmeras falhas cometidas por Dilma e escorregões na política econômica, a presidenta era assumidamente contrária ao estereótipo socialmente esperado pela figura feminina. Com fama de durona e mandona, uma postura assumida por tantos políticos durante séculos de patriarcado na história política deste país, Roussef sofreu piadas e ridicularizações quanto a sua sensibilidade (e até sensualidade) – situações que normalmente não são vividas pelo tradicional homem branco possuidor de cargo no Planalto. À exemplo³:

² Proposta de emenda constitucional.

³ Figura usada no artigo Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Roussef no Brasil.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/v3xSwz4scVmSrwXcRjRSphh/?lang=pt#>. Acesso em: 5 mar. 2021.

Figura 01: Imagem do artigo *Gênero e humor nas redes sociais: a campanha contra Dilma Rouseff no Brasil*⁴



Com o impeachment, toma poder o vice-presidente Michel Temer e a primeira-dama Marcela Temer, só para relembrar, ‘a bela, recatada e do lar’. Uma das principais medidas de seu governo foi a PEC 241⁵ apelidada por seus opositores como PEC da Morte, cujo objetivo principal era equilibrar as contas públicas usando um rigoroso controle de gastos públicos. Cria-se, então, um teto fiscal com intuito de evitar que as despesas cresçam mais que a inflação. Inúmeros parágrafos poderiam ser descritos aqui sobre as agruras de tal governo, mas já compensa mencionar que foi um dos mais impopulares das últimas décadas.

Com a aproximação do fim do governo Temer, a situação do Brasil enquanto país rachado se intensifica. A corrida presidencial de 2018 se aproxima da linha de chegada justamente com um candidato de esquerda (petista que sempre declarou apoio ao governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva), o professor e também ex-ministro de Educação Fernando Haddad, e um candidato, desta vez, da extrema direita; o capitão reformado do exército Jair Bolsonaro. Na época, filiado ao Partido Social Liberal (PSL), e hoje em dia, sem partido.

Aquele-cujo-nome-não-deveria-ser-nomeado

⁴ Disponível em <https://www.scielo.br/j/op/a/v3xSwz4scVmSrwXcRjRSphh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 13 jul. 2021.

⁵ Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>. Acesso em 2 mar. 2021.

A figura do xxxx⁶ Jair Bolsonaro sempre foi o que a mídia costuma chamar de controversa. Particularmente, não gosto da definição. Com uma vida toda construída dentro poder público, criou a imagem de não ser o tal político tradicional brasileiro; contudo, nada o difere: eleito sete vezes deputado federal desde o início dos anos 1990, Bolsonaro teve dezenas de projetos apresentados sem aprovações e sem qualidade. Além disto, ainda carrega pelos corredores do Planalto sua horda de filhos (todos homens brancos no privilégio do terno), conhecidos como os príncipes mimados de um rei cheio de vontades. Muitos consideram o presidente um homem insano, também não o vejo assim – ele está simplesmente acostumado aos privilégios da vida política e sabe utilizá-los. De louco não tem nada; ao contrário, fez crescer (admito, com rapidez) a pequena estrutura do PSL e, sem quaisquer éticas, usa as *fake news* como estratégias do seu *desgoverno*, bem como seus aliados.

Dono de discursos e frases polêmicas, Jair tripudiou entre diversos temas: fez discurso conservador, exaltou a ditadura e seus episódios de tortura, desrespeitou a diversidade do Estado laico, foi misógeno, machista e racista. Brincou com seu símbolo de arminha, fez piada com as minorias (alegou, inclusive, que havia necessidade do fim da ‘indústria’ de demarcação de terras indígenas). Aliás, o povo nativo brasileiro foi um alvo constante do capitão reformado. Isso tudo nos comprova como, na verdade, o dito ‘bolsonarismo’ sempre esteve aí: exaltação da ditadura militar, características neofacistas expostas, críticas ao feminismo, a fachada da defesa da família heteronormativa, dentre outros. Às vezes escondido, às vezes abertamente. No entanto, a figura do ‘mito’ escancarou este fenômeno e trouxe à tona a sociedade brasileira patriarcal enraizada pela branquitude (BENTO, 2014), pelo machismo, pelas origens escravagistas e pelo privilégio elitista. Resultado: elegeram o tal Messias.

É nesse quadro político frankensteiniano que criadores e criatura seguem na tentativa de destruir os poucos avanços conseguidos nas últimas décadas que eclode uma pandemia viral no planeta Terra: o Covid- 19 (*corona virus disease*). Enquanto escrevo, (sobre)vivo no ano de 2021, ou seja, nossas vidas tem sido modificadas pelo vírus por mais de um ano e nossos cotidianos foram completamente afetados pelo isolamento social. Como veiculado nos meios de comunicação internacionalmente, ao surgir na China no final de 2019, o vírus se espalhou globalmente e ceifou milhares de vidas: invadiu a Itália, bem como grande parte da Europa e se alastrou pela Índia e Américas.

⁶ Me isentei de usar aqui o adjetivo necessário em respeito à formalidade acadêmica. Os adjetivos relacionados ao senhor presidente estão disponíveis no Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/opiniao/216-palavras-para-a-imprensa-definir-com-precisao-bolsonaro-e-seu-governo/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

O estresse prolongado da pandemia tem afetado particularmente o gênero feminino. Penso nas mulheres que trabalham na rua, que saem de seus lares para limpar a casa das elites, que deixam seus filhos para cuidar dos filhos dos outros, que estão lutando nas periferias e tantas outras. Percebo que ainda há em minha vida algum privilégio: tenho casa própria, família, emprego, água e comida. Ainda assim, enquanto profissional obrigada a trazer sua rotina trabalhista para dentro de casa, a percepção é imediata: como fomos afetadas pelo tempo pandêmico que nos engole! Tivemos que alfabetizar, lidar com a rotina *online* das crianças em idade escolar, lidar com a nossa vida cotidiana e trabalho bem como suas exigências no modo remoto, com a casa, com o mercado, com a comida, com as doenças, com a violência doméstica. Tudo isso somado ao extremo cansaço, as crises de ansiedade, a insônia, a queda de cabelo e a vontade de sair correndo. Literalmente.

Como ensina o professor e escritor português Boaventura de Souza Santos (2020), estamos “a sul da quarentena” (p. 28) onde há um “sofrimento humano causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (p. 29). Conseqüentemente, o autor pontua os coletivos sociais que mais têm sofrido com esta forma de dominação, reforçando a injustiça e exclusão social durante a pandemia: trabalhadores autônomos, idosos, pessoas com deficiência, encarcerados, populações de rua, refugiados/imigrantes, moradores de periferias (ex.: as favelas) e as mulheres (principalmente aquelas transpassadas por alguma das condições sociais aqui citadas).

Agora, imaginemos sobreviver em isolamento social e ainda suportar as agruras e o negacionismo do atual comando do Brasil. Está claro que

Na presente crise humanitária, os governos de extrema direita ou de direita neoliberal falharam mais do que os outros na luta contra a pandemia. Ocultaram informações, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como mão de obra trabalhadora nem como fonte consumidora, ou seja, populações descartáveis, como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres (SANTOS B., 2020, p. 54).

De acordo com o que ouvimos diariamente nas rádios, a pilha de cadáveres em território nacional já passou dos 400.000 óbitos⁷ e o sistema de saúde está numa fase caótica.

⁷ Segundo informações do *Google* Notícias sobre o coronavírus (COVID-19), até a data de envio final deste trabalho, o total de mortes no Brasil já passou de 400 mil pessoas. Disponível em: <<https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F015fr&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Estamos neste isolamento desde 15 de março de 2020, já estamos em junho de 2021 e somente 20% da população foi vacinada.

Outro aspecto latente deste mandato é a questão territorial e ecológica brasileira. O mundo inteiro observou e comentou sobre o descaso com os incêndios de grande magnitude no Pantanal e na Amazônia (assim como as queimadas). E apesar de terem cessado, focos de calor constantemente reaparecem e o problema persiste. Além disso, há vários transtornos e críticas (na verdade, sempre houve) em torno da demarcação territorial indígena. As degradações decorrentes do garimpo ilegal se ampliam desde que o atual governo federal decidiu que não demarcaria mais terras indígenas; aliás, a intenção inicial era reduzir os territórios já delimitados. No filme *A mensagem do Xamã*⁸, um curta-metragem de cerca de dois minutos, narrado em Yanomami por Dario Kopenawa⁹ (filho de Davi Kopenawa) há uma frase que nos implora: “Cinco séculos e vocês nunca enxergam o que estamos mantendo no lugar: o próprio céu!”. Ou seja, para ‘segurarem o céu’ os povos indígenas precisam do apoio das árvores, das florestas, da biodiversidade e da própria humanidade. Se esta natureza não é vista como parte da vida terrestre e é destruída, os nativos sozinhos não tem como dar conta daqueles que a destroem (os derrubadores do céu).

Neste momento, ouço a reportagem de um influente canal televisivo: territórios Munduruku no Pará foram invadidos e uma grande quantidade de casas foi incendiada. Há uma violenta perseguição aos povos nativos, muitas vezes decorrentes das falas de ódio proferidas pelo governo bolsonarista. No decorrer das décadas, vemos como a ação humana sobre a natureza precariza o ecossistema do planeta – uma relação abusiva promovida pelo capitalismo onde o dinheiro do agronegócio, dos empresários e indústrias vale mais que a vida. Assim, o estudioso de culturas indígenas e personalidade importante no processo de redemocratização do país nos anos 1980, Ailton Krenak (2019) relembra constantemente sobre a necessidade de nos percebermos como parte de um todo e que “a humanidade vai sendo descolada de uma maneira tão absoluta desse organismo que é a terra” (p. 21).

Não somos, exclusivamente, os únicos seres interessantes dentro do planeta! Vai chegar uma hora em que a Terra não vai suportar a demanda populacional cuja tendência é acreditar que tudo no mundo é mercadoria e deve ser tratado como tal. Para tentar imaginar uma outra possibilidade de mundo, há necessidade de um “reordenamento das relações e dos

⁸ Filme *A mensagem do Xamã*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0qa3yDX_94>. Acesso em: 27 jul. 2021.

⁹ Reportagem *A Terra é viva, ela não pode ter dono. Você consegue finalmente ver?* Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/a-terra-e-viva-ela-nao-pode-ter-dono-voce-consegue-finalmente-ver>> Acesso em: 27 jul. 2021.

espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse a natureza” (KRENAK, 2019, p. 67). Este pensamento é justamente para nos fazer pensar em outras possibilidades de mundo, nos entendendo como parte deste todo.

Ouso dizer que, desde o golpe político de 2016, sou sobrevivente. Sou professora e funcionária pública. Trabalho nas redes estadual e municipal de educação do Rio de Janeiro dentro de duas conhecidas favelas cariocas - a escola estadual fica no Complexo da Maré¹⁰ e a escola municipal está localizada no Complexo do Alemão¹¹. É deste lugar que falo: professora observadora atravessada pelas condições sociais destes territórios.

Minha classe tem sido atacada desde então e os direitos trabalhistas adquiridos através de décadas de luta vão sendo jogados fora. Enquanto isso, o Projeto de Lei (PL) Escola sem Partido¹² minimiza a credibilidade do corpo docente nacional ao propor um combate às supostas imposições ideológicas incentivadas pelos professores dentro do espaço escolar. Visivelmente, está em curso um projeto de desmonte da educação pública, incluindo as universidades públicas brasileiras. Faz seis anos que não há aumento para os funcionários das repartições educacionais no Rio de Janeiro. Enquanto isto, a nossa sociedade conservadora – eurocêntrica, classista, burguesa e sexista – bem como partidos de direita e extrema direita contra-atacam um crescente movimento popular desejoso de ocupar lugares e fazer prevalecer direitos.

Desde o início do século XXI, estas vozes populares vêm adentrando espaços que lhes foram negados de tantas formas, seja através de lutas e/ou políticas públicas implementadas – um dos exemplos mais significativos até hoje, e motivador de inúmeras discussões, é a questão das Ações Afirmativas¹³. Indubitavelmente, abalou a forma de pensar da sociedade brasileira em geral. Cito, como exemplo, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ por ser a universidade onde me bacharelei e, no momento, o lugar de onde falo enquanto mestranda. A UERJ se distingue pelo seu pioneirismo – é a primeira universidade pública do Brasil a oferecer curso superior noturno, é uma instituição que se preocupa com projetos de

¹⁰ Bairro composto por complexo de favelas localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro entre a Linha Amarela e a Av. Brasil.

¹¹ Bairro que abriga conjunto de favelas da Zona da Leopoldina na cidade do Rio de Janeiro.

¹² Artigo *A escola como organização ideológica e a falaciosa neutralidade do Projeto de lei 'Escola sem Partido'*. Disponível em <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2019/03/20/a-escola-como-organizacao-ideologica-e-falaciosa-neutralidade-do-projeto-de-lei-escola-sem-partido/>. Acesso em 10 de abr. 2021.

¹³ “As ações afirmativas são definidas como medidas redistributivas que visam a alocar bens para grupos específicos, isto é, discriminados e vitimados pela exclusão socioeconômica e/ou cultural passada ou presente [...] Agrupados sob essa denominação encontram-se procedimentos distintos que visam a mitigar desigualdades e que, não raro, atendem a reivindicações coletivas, como distribuição de terras, de moradias, medidas de proteção a estilos de vida ameaçados e políticas de identidade.” (DAFLON et alli, 2013, p.306).

interação social (os cursos de extensão) e, além disto, foi a primeira a implantar o sistema de cotas¹⁴.

O fato é que, mesmo que decidam pelo fim da inclusão através do sistema de cotas em concursos e universidades, a transformação já está posta: não há mais como homens e mulheres negras voltarem no tempo. Boa parte deles já se compreendeu como detentores dos mesmos direitos do restante da nossa sociedade e, assim, buscam adentrar os espaços culturais e acadêmicos como quaisquer outros brasileiros. E o problema é que isso incomoda – incomoda, principalmente, a fixidez dos privilégios da branquitude (BENTO, 2014), pois “ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto” (JESUS, 2014a, p. 55).

Dado esse momento histórico que estamos vivendo e mediante as ameaças, precisamos pensar a possibilidade de contar outras histórias... urgentemente.

¹⁴ Ver sistema de cotas em <https://www.uerj.br/inclusao-e-permanencia/sistema-de-cotas/>. Ver também Lei 12.288/2010 e Lei 12.990/2014.

INTRODUÇÃO: UMA TRAVESSIA POR AFRO-AUTOHISTÓRIAS

Olhar negro
 Naufragam fragmentos
 de mim
 sob o poente
 mas, vou me recompondo
 com o Sol
 nascente,
 Tem
 Pe
 Da
 Ços
 mas, diante da vítrea lâmina
 do espelho,
 vou
 refazendo em mim
 o que é belo
 Naufragam fragmentos
 de mim
 mas, junto os cacos, reinvento
 sinto o perfume de um novo tempo, [...]

mas
 vou determinando
 meus passos para sair
 dos porões
 tem
 fragmentos
 no feminismo procurando
 meu próprio olhar,
 mas vou seguindo
 com a certeza de sempre ser mulher
 Tem
 Pe
 Da
 Ços,
 mas
 não desisto
 vou
 atravessando o meu oceano
 vou
 navegando
 vou
 buscando meu
 olhar negro
 perdido no azul do tempo
 vou
 vôo,
 Esmeralda Ribeiro

Quando iniciei esta escrita, comecei pela minha própria vida. Alguns pedaços da minha *autohistória* estão espalhadas ao longo desta dissertação em diálogo com todas as mulheres citadas nesta pesquisa. Ficava me sentindo uma náufraga, após um acidente na minha embarcação: tantas escritas boiando a minha frente e eu meio sem saber o que salvar primeiro. A narrativa integral das mulheres negras faveladas, sobre as quais falarei mais

adiante, estão em anexo neste trabalho. Eu precisava despejar no papel tantas situações que eu tinha vivido, fazer vir à tona as observações da minha caminhada escolar, profissional, social e acadêmica, principalmente aquelas tantas sobre as quais eu nunca havia falado.

Me dá a sensação que eu sou a própria travessia – fechos os olhos e fico me vendo presa ao movimento dos mares atlânticos dentro de um tumbeiro. Fui unindo histórias desde então. Passei por uma tempestade em alto mar, sobrevivi, e cheguei aqui do outro lado, resultado da intensa diáspora africana pelo mundo. Parece que este primeiro momento da escrita foi meu colete salva-vidas. Ou bote salva-vidas, já que eu precisava sair do navio negreiro, cortar a corda da ancora colonial e navegar em outras embarcações. Eu precisava abandonar o barco, não como uma capitã covarde, mas como uma sujeita que emerge da tempestade marítima carregando um amontoado de gente junto comigo. Somente depois de escrever, ou ‘sangrar’, tudo que eu tinha guardado por algumas décadas que me foi possível zarpar para outras narrativas.

Essa catarse, banhada pelas minhas experiências pessoais, me levou a momentos de informalidade na escrita. Me levou a libertação de escrever em primeira pessoa – o meu eu. Notei que

a academia nos ensinou que a melhor forma de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica. Escrevemos, portanto, milhões de textos que narravam nossos estudos em terceira pessoa, afastando-nos do campo de visão-experiência, investimos em objetos nos quais as falas da raça estavam ausentes, acreditando que estudar o pensamento branco, obedecendo a seus paradigmas e métodos de análise, nos aproximava de um rigor científico que, de outra forma, seria impossível [...] Assim, quando uma intelectual negra fala a partir de um eu [...] ela delimita, nessa fala, as fronteiras de um país desconhecido, que vai se construindo no texto, quando se equaciona, pela narrativa de fatos de sua vida, o lugar de fala que se desenha. A primeira pessoa da negra no contexto acadêmico é um gesto de ruptura com o mutismo ao qual fomos condenadas pelas máscaras inventadas pelo branco para sufocar nossa insurreição (SANTOS L., 2020, p. 211, p. 217)

Neste movimento insurrecional, chegou até mim o livro *Milli's Awakening: Black Women, Art and Resistance* (2018), vindo lá do outro lado do Atlântico. Esta pesquisa nasce essencialmente a partir daí – um desejo de traduzir esta obra, até o momento desconhecida no Brasil, cujas páginas são carregadas de uma rica subjetividade afro-alemã. Sob meu ponto de vista, intitulei-a de *O Despertar das Afro-Alemãs: Mulheres negras, Arte e Resistência*.

Escrito pela autora e socióloga afro-alemã Natasha A. Kelly, o livro se configura através de entrevistas feitas com oito artistas negras que contam suas trajetórias, experiências e trabalhos artísticos ao longo de suas conversas com a escritora. São elas: Nadu, Zari,

Maseho, Diana, Naomi, Patricia, Sandrine e Maciré, todas nascidas e/ou moradoras da Alemanha. Para cada entrevistada, há um capítulo iniciado com uma fotografia e uma minibiografia cujas histórias traçam uma linha temporal crescente iniciada pela artista mais velha e findada na artista mais jovem, de modo que fiquem cronologicamente dispostas as características e consequências sobre as quais o racismo naquele país se desenvolveu e ainda se desenvolve. São quatro décadas históricas que separam as entrevistadas mais maduras (Nadu e Zari, ambas nascidas em 1955) da mais jovem (Maciré, 1995).

Natasha Kelly pontua, inclusive, sua busca por mulheres negras nascidas nas décadas de 80 e 90 com o objetivo de provar a continuidade ininterrupta dos estereótipos sexistas e racistas impostos à estas na Alemanha. Assim, a autora é capaz de mostrar que as histórias destas mulheres negras alemãs podem ser lidas “contra a corrente”, exaltando aquelas que se impuseram para serem vistas pela sociedade. Como somente mulheres afro-alemãs fizeram parte do trabalho da autora, é nítida a importância de se retratar a questão de gênero e raça trazida pelo livro. Na verdade, esta temática nos aproxima pois, aqui no Brasil, a mulher negra é silenciada e oprimida por seu gênero, por sua raça e, na maioria das vezes, por sua condição de classe.

Devido à falta de documentação de histórias das negras alemãs, a obra *Milli's Awakening* tenciona romper com essa descontinuidade. Kelly nitidamente percebe que há uma falha, a partir do desenvolvimento político na Alemanha, em capturar as experiências individuais a partir de perspectivas negras. Seu livro é justamente esse rompimento. Uma vez que as várias gerações afro-alemãs ainda carecem de modelos de identidade, a narrativa desta obra reivindica um lugar na sociedade enquanto comunidade, deixando esta publicação como fonte histórica para exigir um lugar permanente.

No geral, as entrevistas¹⁵ giram em torno de temas tais quais infância e escola, família e ancestralidade, viagens e trabalho. Considerando os estudos acadêmicos e as diversas culturas na Alemanha, o livro da poetisa May Ayim, *Farbe bekennen* ou *Showing our colors: Afro-German women speak out* [Mostrando nossas cores: mulheres afro-alemãs soltam a voz] é referência do início ao fim da obra de Kelly por ser um marco para as comunidades e intelectualidades negras tanto na história quanto na sociedade alemã.

Como eu, que aprendia a caminhar, caminhando pela Maré; Kelly também faz suas caminhadas pela Alemanha com o objetivo de realizar estas entrevistas, em uma delas chega a entrar no carro e mudar de cidade por uma boa conversa. Ao ler sua introdução percebi o

¹⁵ Ver perguntas feitas pela autora no link do livro, anexo II, p. 227.

entrelaçamento de nossas experiências, apesar da tamanha diferença atlântica e territorial que nos separa. Assim, logo vislumbrei que daquelas linhas poderia surgir um riquíssimo processo dialógico entre mulheres negras.

Iniciei a tradução da obra em fins de 2019 e a terminei um ano depois, em novembro de 2020. Traduzir não é uma tarefa simples e, em meio a uma pandemia global sobrecarregada com crianças, trabalho e casa; eu – tradutora negra feminista – mergulhei nas 171 páginas do livro diariamente. Na verdade, meu primeiro livro traduzido. O problema é que “a difícil tarefa d[a] tradutor[a] não é ‘dizer a mesma coisa em outra língua, mas dizer quase a mesma coisa’, isso tudo depois de uma intensa negociação” (GUERINI, 2008, p. 174). Essa negociação incessante se dá do início ao fim, só descansamos quando viramos a página ou quando fechamos o livro. E fechar o livro, muitas vezes, significa analisar determinadas características culturais e linguísticas muito específicas dentro daquele trabalho textual. “Se já é impossível traduzir o que se pensa para o que se diz, o que uma pessoa diz para o que outra pessoa entende, imagine-se então verter toda uma cultura, uma tradição, uma ambiência, uma visão de mundo para outra completamente diferente” (JAFFE, 2007, s/p). Ou seja, negociar é lucrar em dado momento e ter prejuízo em outros – às vezes, acertamos na fidelidade de determinada expressão, outras vezes, não. E seguimos cumprindo o papel de sermos a mais ética e mais fiel possível.

No meu caso, para chegar o mais próximo do original, fiz uma intensa pesquisa sobre determinadas instituições alemãs, a história da Alemanha do século XIX ao século XX e suas ligações com o racismo, principalmente no que tange o período pós II Guerra Mundial. Ao longo da minha versão, é possível perceber as inúmeras notas de rodapé geradas que, na verdade, não existem no original. Neste aspecto, o livro já citado, *Showing our colors*, da afro-alemã May Ayim, me auxiliou muito em relação às pesquisas histórico-sociais.

Mediante estas pontuações, por que traduzir? Várias são as possíveis justificativas para se traduzir e as explico no primeiro capítulo desta dissertação. Contudo, ter em minhas mãos um livro produzido com uma riqueza de subjetividades negras me remeteu à uma necessidade vital: vivemos dentro de um processo de produção de diálogos. Na verdade, nasce então uma triangulação dialógica entre mim (a tradutora negra-feminista-favelada), a autora Natasha Kelly e o mundo. Assim,

[...] essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face [...] o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. (FIORIN, 2017, p. 22).

Isto posto, entendemos que nossos enunciados nascem a partir de outros. Ou seja, na prática, não sou eu quem crio os diálogos de mulheres negras a partir de minha vivência. Uma vez que esta relação dialógica já existe no mundo, eu simplesmente a observo a partir da minha tradução e da minha experiência de mulher favelada. A relação criada aqui, entre essas mulheres e eu, está na sociedade – se desenvolve na sociedade e se nutre nela.

Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais [...] ao tomar em consideração tanto o social como o individual, a proposta bakhtiniana permite examinar, do ponto de vista das relações dialógicas, não apenas as grandes polêmicas filosóficas, políticas, estéticas, econômicas, pedagógicas, mas também fenômenos da fala cotidiana [...] Todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem. (FIORIN, 2017, p. 28-31).

“A arte, também, é imanentemente social” (BAKHTIN, 1976, p. 3)¹⁶, afirmação que facilmente será percebida ao longo desta dissertação onde as mulheres negras, sem exceção, lidam com variados tipos de arte. Considerando um livro como uma obra de arte vislumbramos que o objetivo deste não é apenas a estrutura da obra em si. O que está além da moldura, e muito além da capa do livro, é o que nos faz entender a criação artística/literária; pois incluídos aí, estão os criadores da obra e aqueles que a apreciam/observam em uma relação dialógica – “o artístico é uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte” (BAKHTIN, 1976, p. 4). Como defendido por Bakhtin (1976), não é possível levar em consideração somente a estrutura da criação em si e ignorar a sua essência social.

Há um processo de comunicação que não existe isolado, pois sua essência é social:

o que caracteriza a comunicação estética é o fato de que ela é totalmente absorvida na criação de uma obra de arte, e nas suas contínuas recriações por meio da co-criação dos contempladores, e não requer nenhum outro tipo de objetivação. Mas, desnecessário dizer, esta forma única de comunicação não existe isoladamente; ela participa do fluxo unitário da vida social, ela reflete a base econômica comum, e ela se envolve em interação e troca com outras formas de comunicação” (BAKHTIN, 1976, p. 5).

Esse processo de interação, que se funde ao processo dialógico, também está de acordo com o ensaísta judeu alemão Walter Benjamin (2013) cuja obra, ao tratar do tema tradução, questiona:

O que “diz” uma obra poética? O que comunica? [...] Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado [...] não será isto aquilo que se reconhece

¹⁶ Texto originalmente publicado em russo em 1926 e assinado por Voloshinov. A tradução para o português, feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, tomou como base a tradução inglesa de Titunik (1976).

em geral como o inapreensível, o misterioso, o “poético”? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, o poeta?” (p. 102).

Como poeta, a tradutora compreende que traduzir é inexato “sempre que a tradução se compromete em servir ao leitor” (BENJAMIN, 2013, p.102) somente, até por que o próprio original se modifica de acordo com os tempos, “o que antes era de uso corrente pode vir a soar arcaico” (p.108) – o tempo passa e a língua assume comportamentos diferentes no que tange a cultura, a história e determinados espaços. Eu, tradutora-negra-favelada, me embrenho no texto considerando estas modificações. Sempre lembrando que meu eu-tradutora, assumindo o papel de poeta, “seleciona palavras não no dicionário, mas do contexto da vida onde as palavras foram embebidas e se impregnaram de julgamentos de valor” (BAKHTIN, 1976, p. 12). Logo, em sua tarefa, a tradutora percebe o movimento da linguagem e consequentemente “liberta a língua do cativo da obra por meio da recriação” (BENJAMIN, 2013, p.117). Ao recriar, minha tradução foi, então, abrindo caminhos a partir do original e, através da liberdade do movimento da língua, criando diversos diálogos ao longo da minha imersão transatlântica.

Essa sinuosidade tradutória me possibilitou ir muito além da significação em torno das mulheres negras afro-faveladas e afro-alemãs no seio de uma sociedade excludente e racista. Na verdade, é a partir da minha tradução/recriação literária e ao dialogar com contempladores/ ouvintes/ leitores e com o mundo que enxerguei formas de ressignificar estereótipos e imagens negras.

A partir desta tradução, outras observações são igualmente importantes. Natasha Kelly usa o termo (*her-*)*stories*, fazendo um trocadilho com o pronome *her* (dela, sua) e as palavras *history/stories* (História/histórias), os traduzi literalmente como histórias dela(s) ou história das mulheres (negras). Já eu, inspirada na poetisa (lésbica, americana e estudiosa da teoria cultural chicana) Glória Anzaldúa, ao falar sobre nós faveladas, usei o termo *autohistórias* desta autora maravilhosa e insurgente. Através de suas entrevistas, a autora afro-alemã explica sua criação de uma colcha de retalhos a partir de histórias negras alemãs não documentadas. Mulheres antes invisibilizadas, são narradas em primeira pessoa e mostram que vem por décadas se organizando para serem lidas num movimento contracorrente em relação ao racismo alemão.

Kelly menciona o fato de não haver espaço para publicações de mulheres negras na Alemanha, por esta razão foi tão importante para ela a produção do livro. Aqui no Brasil, o mercado editorial ainda é intensamente dominado pela autoria branca. Apesar da melhoria

significativa nas últimas décadas, as publicações de intelectuais negros e negras ainda são precárias. Fator que por si só já é razão para publicar e traduzir diferentes pontos de vistas para além do eixo eurocentrado.

Em comum entre as entrevistadas afro-alemãs, a entrevistadora descreve as seguintes características: todas vivem na Alemanha, se consideram negras, são percebidas como mulheres e trabalham com arte. De forma semelhante, nas conversas das quais participei, todas as mulheres se autodeclaram negras, todas se entendem como mulheres faveladas (à exceção de Nlaysia que se autodeclara mulher trans e favelada), vivem na Maré e trabalham com tipos diferentes de artes. Além disto, todas as afro-faveladas tiveram seus nomes mantidos. Em ambos os casos, são várias histórias pessoais que se encontram numa narrativa coletiva. Tanto eu quanto Natasha – posicionadas como mulheres negras, cis, heterossexuais e intelectuais – compartilhamos experiências nas nossas conversas, mas também produzimos experiências individuais baseadas em nossas biografias que nos distingue das outras.

Como estas entrevistas afro-alemãs entrarão em diálogo com as mulheres negras com quem conversei, gostaria de trazer ainda nesta introdução mais uma narrativa a ser lembrada em meio a tantas outras que nesta dissertação descreverei - o assassinato da socióloga e vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco¹⁷ em 14 de março de 2018 aqui mesmo no Rio de Janeiro. Criada da Maré, mulher negra, lésbica e mãe, além de militante dos direitos das mulheres pretas, pobres e faveladas, ela foi eleita com 46.502 votos¹⁸ pelo Partido Socialismo e Liberdade – PSOL em 2016. O crime, claramente político, está até hoje sem solução – várias das frases ‘Quem mandou matar Marielle?’ ainda estão espalhadas pela cidade .

Trabalhei com Marielle em uma ONG no Complexo da Maré. Ela, na verdade, já era amiga da minha irmã mais nova por serem da turma de catecismo da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Marielle ainda era uma jovem secretária e eu havia acabado de me graduar quando me voluntariei para ser professora do pré-vestibular comunitário onde ela já atuava.

¹⁷ Marielle Francisco da Silva: socióloga e vereadora do Rio de Janeiro eleita em 2016. Criada na Maré, reconhecida internacionalmente, defensora de mulheres pretas faveladas. Artigo: *Quem foi Marielle Franco? Conheça sua história*. Disponível em <https://www.politize.com.br/quem-foi-marielle-franco/>. Acesso em 12 dez. 2020.

¹⁸ Artigo *Marielle Franco foi eleita pelo voto da favela?* Disponível em <http://www.farmi.pro.br/marielle-franco/>. Acesso em 4 ago. 2021.

Figura 02: Foto de Marielle com minha irmã Adele - Acervo pessoal



Lecionei ali por uns 6 anos e, sempre atarefada, nunca imaginei que aquela moça depois reapareceria com sua narrativa de forma tão brilhante e bem-sucedida. Aliás, transitar nesta sociedade enquanto mulher negra, fora dos moldes impostos, fora dos lugares que esperam nos ver é, por si só, um ato político. Milhares de nós, hoje “livres dos açoitados da senzala, ainda nos encontramos presas às misérias da favela”¹⁹ (TURCO et al, 2000) e às amarras desta sociedade escravista. Há um curta-metragem chamado MARIELLE FRANCO que eu e um grupo de professores produzimos junto com o Laboratório Kumã-UFF. Assistir ao filme enche nosso corpo com a força de Marielle – escutar as pessoas gritando “Marielle!!!”, ou ainda, “Marielle vive em todos nós” (MARIELLE FRANCO, 2018) é potente demais. Nos liberta!

Quando ingressei no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado Rio de Janeiro - ProPEd/UERJ, Marielle já havia sido ‘silenciada’. Na verdade, houve a tentativa de silenciá-la; porém, sua voz e história retumbam gigantescas – são sementes, pois como dito no filme de mesmo nome “nós mulheres não admitiremos mais que falem por nós” (SEMENTES, 2020). Só que a história de vida de Marielle começa muito, muito antes de seu assassinato. Assim, são estas outras narrativas que pretendo destacar aqui e atrelar as entrevistas afro-alemãs traduzidas: as *autohistórias* de mulheres negras vindas e/ou nascidas nas favelas – ir além dos fatos midiáticos ou dos relatos da elite branca. Enquanto fazem força para nos manter em tumbeiros, é preciso nos dizer, nos contar, nos narrar como uma forma de seguirmos avançando. Como seria a narrativa de tantas outras mulheres negras cujos corpos e nomes são apagados e esquecidos?

¹⁵ Baseado em um verso do samba-enredo *Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão* (1988) da escola Estação Primeira de Mangueira.

Ficava sempre me questionando sobre os relatos midiáticos, constantemente violentos, destinados às populações negras – principalmente, às mulheres negras. Relatos que, na verdade, são contados pelas fontes jornalísticas e seguem engessando estereótipos criados para determinados grupos de pessoas (neste caso, em sua grande maioria, negras, pobres e/ou faveladas). Que outra versão poderia ser contada pela mulher negra assassinada e arrastada pelo camburão caso ela fosse, de fato, socorrida? Falaria sobre sua vida, suas atividades, sua família? **Claudia Silva Ferreira** – mãe, tia, esposa, trabalhadora, negra – foi baleada por policiais no Morro da Congonha em Madureira (RJ)²⁰. Seu corpo negro foi posto no camburão para supostamente ser levada ao atendimento médico: ficou pendurada pela roupa e foi arrastada pela rua. A cena foi gravada por um ativista em 2014.

Figura 03: Foto de Claudia Silva Ferreira – Arquivo Geledés 2014.



Outro exemplo: se tivesse tomado a palavra, o que diria a moça negra lésbica espancada por policiais quando levava seu filho a escola? O que poderia ter nos contado se indagada sobre seus estudos, seu filho, suas histórias? **Luana Barbosa dos Reis** (mãe, lésbica, trabalhadora, negra): em Ribeirão Preto (SP), foi espancada por policiais numa abordagem quando levava seu filho ao curso de informática²¹. Luana não teria autorizado a

²⁰ “Claudia Silva Ferreira: morta em ação policial, tornada invisível pela mídia”, por Raphael Tsavkko Garcia, em 24 de março de 2014. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2014/03/24/claudia-ferreira-da-silva-morta-em-acao-policial-tornada-invisivel-pela-midia/>>. Acesso em: 24 mai. 2020.

²¹ “Policiais acusados de matarem Luana Barbosa irão a júri popular”, pela Redação do Revide em 24 de fevereiro de 2020. Disponível em <https://www.revide.com.br/noticias/cidades/policiais-acusados-de-matarem-luana-barbosa-irao-juri-popular/>. Acesso em: 24 mai. 2020.

revista e exigiu a presença de uma policial. Faleceu 5 dias depois no hospital devido a isquemia cerebral e traumatismo craniano em 2016.

Figura 04: Foto de Luana Barbosa dos Reis – Arquivo de Media revide



E mais um retrato: que risos inocentes seriam ouvidos, se a menina morta no Alemão pudesse falar sobre sua infância? **Ágatha Vitoria Sales Felix** (menina, criança, negra, estudante): aos 8 anos foi baleada dentro de uma kombi no Complexo do Alemão durante um confronto policial. Estava ao lado da mãe indo para casa quando foi atingida em 2019²². Levada ao hospital, Agatha não resistiu. Era sorridente, fazia aula de balé e xadrez.

Figura 05: Foto de Ágatha Vítória Sales Felix – Arquivo de Brasil de fato



Que outras narrativas poderiam ter sido construídas por estas e tantas outras mulheres cujos nomes e histórias são constantemente esquecidas? Este esquecimento me remete ao movimento afro-americano *#SayHerName* (Fale o Nome Dela), sendo uma das autoras a professora universitária Kimberlé Crenshaw – a organização pede que o nome de mulheres

²² “Ágatha Félix, 8, a mais nova vítima da violência armada que já atingiu 16 crianças no Rio neste ano”, por El país em 21 de setembro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/21/politica/1569099826_106579.html. Acesso em: 24 mai. 2020.

negras assassinadas e agredidas pela força policial seja sempre lembrado, pois o simples fato de ser nomeada já é poderoso e humanizador.

Precisamos ouvir as histórias destas mulheres contadas por elas mesmas e perceber o valor destas narrativas. Assim, através de conversas inseridas nos nossos cotidianos, meu e destas mulheres, eu pude ter o privilégio de fazer parte de um processo dialógico em primeiro lugar. E peço,

[...] Agora é a nossa vez/ [...] tira a poeira dos porões / Ô, abre alas pros teus heróis de barracões/ Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões/ “Brasil, meu nego, Deixa eu te contar, A história que a história não conta, O avesso do mesmo lugar, Na luta é que gente se encontra: [...] Com versos que o livro apagou/ Desde 1500/ Tem mais invasão do que descobrimento/ Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado/ Mulheres, tamoios, mulatos/ eu quero um país que não está no retrato/ Brasil, o teu nome é Dandara/ E tua cara é de cariri/ [...] Chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês (DOMÊNICO et alli, 2018).

Assim, com os nomes destas mulheres atravessados dentro de mim, fui caminhar pelo Complexo da Maré em busca de outras narrativas²³ do ‘eu’, na verdade, fui (re)aprender a andar por suas comunidades. Essa caminhada era também um resgate de memórias – muitas vezes eu tinha a sensação de estar descalça, caminhando com os pés dentro das águas da baía onde as palafitas estavam fincadas. Talvez eu não estivesse sozinha nesta sensação da água passando por mim. Há um momento em que Christine Jones, uma das minhas parceiras de bate-papo, fala sobre as palafitas. “*A minha vó quando ela chegou aqui, a Maré ... ainda era palafita. Eu gosto muito também desta história, né? [...] hoje a casa ainda tá lá [...] Então você vai vendo como é que foi mudando né, com o tempo, e a casa ainda tá ali resistindo [...] nossa história que ficou*” (anexo I, bate-papo 2, página 206). E a Maré está ali, a gente não vê, mas a água está sob os nossos pés. Água que se junta às marés altas e baixas dos oceanos trazendo e levando histórias.

Atravessei becos e ruas a procura dos pontos de encontro agendados com as artistas, fiz esta travessia com outros olhares. Conheci jovens mulheres negras cheias de histórias para contar. Mulheres que, muitas vezes, nessa dissertação chamo de faladeiras ou conversadeiras na intenção de ressignificar a carga negativa dada ao ato da fala feminina – mulheres são

²³ A Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI da Covid-19 deste ano de 2021 trouxe à tona um movimento da ala partidária conservadora para desqualificar o termo narrativas. As falas mostram o termo associado à *fake news* ou como sinônimo de mentira. O atual senador Marcos Rogério/ DEM-RO destaca que a ‘CPI das narrativas’ é um interrogatório sem limites (<https://www.youtube.com/watch?v=Wc8R9uuCYb0>), deixando clara a necessidade de se apresentar fatos uma vez que narrativas não são provas. No entanto, para nós que trabalhamos com as narrativas de populações subalternizadas, sem uma escuta sensível por parte da sociedade por séculos, acreditamos e valorizamos as narrativas como ferramentas metodológicas importantíssimas. Narrativas permitem que memórias e histórias de populações excluídas e silenciadas sejam contadas e exaltadas, ato que por si só já é uma reparação histórica. Para produzir conhecimento no campo das ciências humanas, a escrita destas narrativas é essencial tanto nas atividades cotidianas quanto nas produções acadêmicas.

constantemente caladas e silenciadas dentro de uma sociedade machista onde o homem é visto como o modelo de orador.

Algumas mulheres eu já conhecia, outras me foram apresentadas através de uma rede de conhecimento construída pelas mulheres faveladas com o objetivo de se ajudar. Foi através de conversas e escutas que a pesquisa se desenvolveu. Conversas e escutas que Natasha A. Kelly também experienciou na produção do seu livro e que, através da tradução aqui realizada, se uniram. Conversas que muitas vezes chamei de bate-papos pois não houve preparo de questionários, não houve formalidades – a única formalidade utilizada foi uma gravação destas vozes uma vez que não tenho como confiar na minha própria memória. Não sei bem se estou autorizada a dizer que “fui a campo”, pois neste caso o Complexo da Maré é um território que eu já navegava. Eu já havia morado ali, percorria e continuo a percorrer este local enquanto professora. Houve um certo estranhamento percorre-lo como visitante quando fui a comunidades por mim nunca antes visitadas, como o Conjunto Esperança, por exemplo. Também me incomoda falar de objeto de estudo, pois não os há - não há resultados, nem tabelas, muito menos gráficos, não há conclusões.

Contudo, há um *conversar com* necessário para nossa aprendizagem - não estou aqui para falar da vida destas mulheres como um ponto dentro de uma dissertação. Estou aqui defendendo e aprendendo neste dialogar com. Conversas que me ensinaram, conversas que me fizeram procurar desvios dos caminhos e becos de favela que eu já conhecia e que me mostraram outros fins. Conversas e escutas que creio também ter acrescentado ou me modificado ao ouvir mulheres negras contando suas próprias histórias. Conversas que trouxeram Natalia, Chris, Tati, Nlaysia, e outras mulheres que intercederam por mim para que eu chegasse a outras narrativas, experiências intelectuais transatlânticas também. Além de trazer inúmeras outras imagens de nós mulheres negras da favela não representadas no dia a dia. À vista disso, estas mulheres são agora pessoas participantes da minha rede de afeto, de troca, de informações. Trocamos mensagens, nos falamos, perguntamos se está tudo bem. É uma rede que foi sendo ampliada mesmo. Tipo rede de pesca, sabe? Fica velha, a pescadora dá um nó para juntar as partes e (re)constrói, se necessário. Sendo jogada e retirada do mar, esta rede pode durar uma vida.

Essas conversas faveladas acabaram por demorar a acontecer. Durante o ano de 2020, devido ao estresse pandêmico que assolou a todas nós, eu tive dificuldades, inclusive, de marcar reuniões via *Zoom*. Muitas profissionais e estudantes estavam literalmente de saco cheio da vida virtual e, ao mesmo tempo, receosas de um encontro cara a cara. Com a chegada de 2021, os bate-papos foram acontecendo individualmente. Havia intenção de, ao fim dos

encontros-conversas, fazer uma grande roda com as mulheres artistas da favela – planejamento impossibilitado devido aos picos de contaminação de Covid-19 ocorridos no início do ano.

Brevemente, chamo atenção para o uso dos adjetivos ‘negra’ e ‘preta’. São usados praticamente como sinônimos ao longo do texto e, em alguns casos específicos, faço uma distinção em relação ao tom da pele. No meu caso, por exemplo, não me classifiquei como preta – me declaro uma mulher da raça negra com a pele clara, fator que me confere determinada passabilidade em alguns espaços; e em alguns casos, maior aceitação social. Já no caso da minha avó, utilizo ‘pretinha’, uma vez que era uma mulher negra de pele bem escura, assim como todas as mulheres pretas da favela com quem conversei: todas possuem a pigmentação da pele mais acentuada que a minha. Por fim, quando me refiro ao grupo, eu incluída, somos as mulheres negras da favela.

Chamo atenção ainda para o modo como adjectivei substantivos masculinos usando a palavra negra (devir negra, por exemplo). A princípio, pode causar certo estranhamento mas, ao fim da minha dissertação, meus leitores e leitoras se acostumarão. Na verdade, do mesmo modo como fomos treinados linguisticamente a dar preferência para o gênero masculino em nossas escritas, podemos também exaltar o gênero feminino numa pesquisa feita exclusivamente com a participação de mulheres negras.

Esta pesquisa é na verdade um grande diálogo transatlântico cujas ondas chegaram à orla brasileira como ato político e até mesmo como homenagem. Por exemplo, quando juntei partes da escrita, busquei informações da artista plástica Rosana Paulino pelas junções de peças feitas em sua arte, pois esta é uma maneira de (re)conhecer sua arte. Fui relembando e homenageando mulheres antes de mim, principalmente as mulheres do sul global, em especial as mulheres não-brancas. Sendo assim, é uma escrita que não significou estar somente a frente do computador, fui acumulando neste texto inúmeras experiências negras literárias, teóricas, orais. Minha escrita entrelaça formalidades e informalidades, por Lélia Gonzalez, por Glória Anzaldúa, por Carmelinda Fonseca – uma avó linda, sem oportunidades de estudo. Ela assinava seu nome e lia livros, porém foi carimbada como analfabeta – uma negra cuja história ainda não me foi permitida velejar.



Os diálogos imaginários, como se aquelas autoras e autores estivessem sentados ao meu lado falando comigo, me desatracou da ideia que escrever é sempre chato e solitário. Não que às vezes não seja, mas me levou a pensar que estávamos todas no mesmo barco, talvez no mesmo movimento transatlântico. Feliz ou infelizmente, foi difícil demais separar os sentimentos e escrever integralmente na formalidade acadêmica exigida. Aqueles ‘deve-se observar’, ‘uma pesquisadora precisa’, etc. Quando uso exemplos cotidianos misturados aos exemplos ficcionais, muitas vezes de diferentes romances, contos e autores, é também um momento de conversa com as personagens. Isso me distanciou da tal solidão da escrita, sentia-me acompanhada trazendo a arte literária para dentro da pesquisa.

Minhas experiências descritas ao longo da dissertação foram observações de uma vida já presentes nas minhas travessias desde pequena. Situações relacionadas à questão de classe ou à questão de raça foram se juntando às rotas marítimas da minha existência, em cada porto que passei – do Rio de Janeiro para Santos, de Santos para São Vicente e deste de volta para o Rio. Logo, como timoneira da minha própria história, fui à Alemanha, aos Estados Unidos, à Namíbia, à África do Sul e a outros portos africanos.

Por uma questão organizacional, este texto foi singrando em torno de quatro grandes temas: traduções, biografias outras, territórios e conversas. No capítulo I, biografo sobre o início da minha história e converso com mulheres insurgentes de importância singular para a questão tradutória – entre elas Malinche, Rainha Nzinga e Spivak. Além disto, converso com meus leitores e leitoras sobre algumas teorias em relação à tradução. O capítulo II é um grande diálogo entre intelectuais negras cujas produções acadêmicas são extremamente relevantes para compreender o livro *Milli's Awakening* – autoras como Audre Lorde e May Ayim são citadas frequentemente na obra. No decorrer das biografias, algumas autoras negras brasileiras e as mulheres de favela volta e meia aparecem dialogando com as intelectuais

transatlânticas para favorecer a questão da traduzibilidade. Já o capítulo III foi escrito com intuito de desancorar histórias submersas, silenciadas e periféricas, onde busco unir *autohistórias* de mulheres afro-alemãs e afro-faveladas através de nós em cordas de marinheiras dados a cada fala a favor da maré ou em alto mar. Histórias que precisavam ser escutadas para se encontrarem depois da minha imersão tradutória.

Que histórias negras possam ser (re)contadas! Que as falas das mulheres negras possam ecoar dentro e fora dos espaços classificados como periféricos, depois de serem por séculos vitimadas pelo racismo, pelo capitalismo e pelo patriarcado que as emudece(u)! Que Iemanjá, a orixá dos mares e mãe das águas salgadas, seja companheira destas histórias banhadas de mares e marés! Que ela nos conceda a calmaria dos mares, uma vez ou outra, pois a gente passa a vida nadando contra a corrente tentando não se afogar! Que estas escritas e conversas também possam se unir aos diálogos de tantas outras mulheres negras pelo mundo afora!

1 NAVEGANDO POR BIOGRAFIAS DISTANTES

Se houvesse um monumento a memória negra, deveria ser construído no fundo do mar, em homenagem àqueles que se perderam na travessia.
Conceição Evaristo

Apresento, no corpo desta pesquisa, minha própria história. Escrita por mim mesma em fases cíclicas de uma escrevivência ao longo deste texto e me mostro - eu, Aline, sou a própria contra-narrativa de uma ‘ex-favelada’. O plano era nos exterminar, mas a gente resolveu se contar. Os *temposespaços* de minha vida entrarão em diálogo com diversas autoras e outras histórias contadas ao longo desta dissertação. Estes diálogos também podem ser desfrutados a partir da leitura da minha biografia de forma (quase) integral no capítulo 3 (seção 3.3, página 115). Caso minhas leitoras e leitores se sintam curiosos, como eu que adoro ler sobre a vida de tantas mulheres pretas, aconselho a fuxicar primeiro. Assim como Ferrazo (2003), me entendo como meu próprio tema de investigação, pesquisadora de mim mesma, “eu, caçador[a] de mim” (p. 160), melhor dizendo; eu, navegadora de mim – uma amefricana em diálogo com o mundo.

Nasci na Praça XV no Hospital Maternidade Oswaldo Nazaré – HMON. Nove meses dentro d’água bebendo as histórias da minha mãe ... e continuei na água: o prédio da Maternidade Praça XV é praticamente dentro d’água. No entanto, não fiquei muito tempo no Rio de Janeiro. Minha família mudou-se para Santos - SP. Lá cresci e me alfabetizei. Meu pai era auxiliar de mecânica naval, homem branco; minha mãe, mulher negra dona de casa. Após aceitar uma proposta de emprego na área de mecânica naval no porto da baixada santista, ele partiu com a família recém-formada em 1977. Eu ainda era um bebê, acabara de completar um ano.

Meu pai ficava muitas horas no trabalho. O salário era o valor do aluguel e fazia várias horas extras para sustentar a casa. “Ele vinha sem muita conversa, sem muito explicar. Eu só sei que falava e cheirava e gostava de mar”²⁴, cheiro de mar e óleo. As mãos de mecânico sempre sujas, graxa das casas de máquinas dos navios.

²⁴ Verso da canção Minha História de Chico Buarque (1971).

Figura 07: Casa de máquinas do navio – Acervo pessoal/ 1988

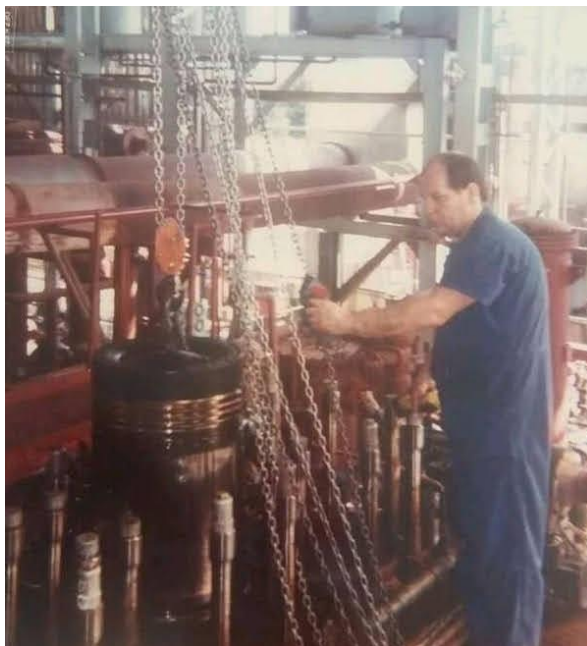
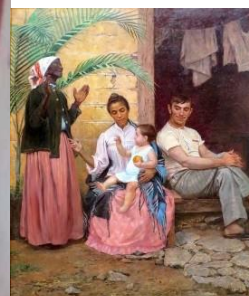


Figura 08: Vó Pretinha – Arquivo pessoal/ 1981



Fomos morar em uma kitnet minúscula. Foi uma época extremamente difícil da nossa vida, uma fase de idas às baciadas²⁵ nos fins de feira. Contudo, me lembro de tantas situações aprazíveis: da espera pela bebezinha, Adele. Eu e minha irmã do meio, Alexandra, comportadas sentadas no sofá. Já tinha uns dias que aguardávamos mamãe voltar do hospital. Chegou do Rio minha avó pretinha, como eu a chamava – a mãe da minha mãe. Diferentemente do quadro *A redenção de Cam* (figura 8 acima, no canto direito inferior) de 1895, pintada pelo espanhol Modesto Brocos, minha avó não levantou as mãos aos céus agradecendo pela brancura da minha irmã. Ao contrário, ela amorosamente abraçou a saúde da bebê advinda daquele encontro de raças (figura 8 acima).

Vovó preta, mamãe preta, papai branco... essa era a minha configuração familiar; até chegar a nossa irmãzinha, que era fofinha e branquinha, linda, com cabelo lisinho. Eu e Alexandra, minha irmã do meio, logo prestamos atenção ao fato, pois nosso cabelo era bastante encaracolado e crespo, parecido com o da vovó. Alexandra é mais morena e de cabelos cacheados castanhos. Na verdade, eu era o que as pessoas costumavam chamar de sarará. Apesar de eu quase não ouvir mais esta palavra, vale a pena lembrar que era usada para classificar os mestiços de brancos e negros cujos cabelos são aloirados e crespos, além de possuírem a pele clara. A maneira como me classificavam é uma fuga da negritude, como diria Sueli Carneiro (2011). Essa fuga

é a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi visto com bons olhos pela sociedade. Cada negro claro ou escuro que celebre sua mestiçagem – ou suposta morenidade – contra sua identidade negra tem aceitação garantida. O mesmo ocorre com aquele que afirma que o problema é somente de classe, e não de raça. Esses são os discursos politicamente corretos de nossa sociedade. São os discursos que o branco brasileiro nos ensinou e gosta de ouvir e que o negro que tem juízo obedece e repete (CARNEIRO, 2011, p. 73).

Por tudo que vivi e vivo, por tudo que observei e observo, insurgentemente declaro: sou uma mulher negra de pele clara. A canção *Sarará Miolo* me reafirma:

Sara, sara, sara, sarará
sarará miolo
sara, sara, sara cura
dessa doença de branco [...]
de querer cabelo liso
já tendo cabelo louro
cabelo duro é preciso
que é para ser você, crioulo” (GIL, 1979).

²⁵ As baciadas santistas são o equivalente a xepa aqui no Rio de Janeiro. Os alimentos amassados ou com partes estragadas são alocados em pequenas bacias e vendidos por um preço mais baixo no fim do expediente das feiras livres de rua.

Não sei se prestamos atenção ao fato ou nos fizeram prestar, pois sempre escutávamos alguém falar para nosso pai: “Aí, Paulo, acertou na última”, “foi ficando experiente e melhorou o cabelo dessa”. Frases deste tipo. Talvez tenha sido a imposição destas situações que levou minha mãe a tentar alisar nossos cabelos ainda pequenas. Me recordo ainda do cheiro ruim de um tubo de metal com creme esbranquiçado. Mediante nossas reclamações, e dentro do seu desconhecimento, ela deve ter desistido e passava vários minutos tentando esticar os cachos com pente mesmo – o resultado eram coques e maria-chiquinhas apertadas. Este é provavelmente um dos primeiros episódios racistas da minha vida. Duas crianças de cabelos crespos, entre três e cinco anos de idade, já marcadas pelo modelo de beleza branca imposta.

Figuras 09 e 10: fotos Aline e Alexandra/ Aline e Adele bebê – 1981. Acervo pessoal



Enquanto escrevo, penso nestas questões, penso nas mulheres negras entranhadas na minha vida. A vontade de contar como determinados atravessamentos nos marcam sem cessar – parece que vou, aos poucos, tirando pesos do corpo, as âncoras coloniais. Início, aqui, o que a autora intelectual negra Conceição Evaristo (2020a) chama de *escrevivência* cuja essência

[...] se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (p. 30).

As linhas que digito são equivalentes ao poder da caneta que é manuseada para escrever, assinar um documento ou rabiscar as linhas de um caderno. Através de mãos ansiosas por grafar um pouco da nossa afro-ancestralidade dizimada, retirada de nós e que, através dos tempos, transformou nosso corpo-voz em potência. A potência que carrego quer traduzir e para traduzir, é necessário (re)lembrar outras mulheres.

1.1 Epistemologias do além-mar: processos tradutórios

A finalidade da tradução consiste [...] em expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si.

Walter Benjamin

O livro *Milli's Awakening: Black Women, Art and Resistance* (2018) da autora afro-alemã Natasha A. Kelly atravessou o Atlântico e veio parar nas minhas mãos. Com sofreguidão, fui lendo as oito entrevistas ali descritas em 173 páginas, pensei imediatamente em uma tradução simples e de fácil leitura. O livro é uma edição bilíngue cujas perguntas e respostas foram dispostas em alemão (língua que não domino) e inglês (idioma que ensino); assim, fiz uma tradução livre a partir da segunda língua da escritora. E várias foram as razões e incentivos para debruçar-me sobre a atividade tradutória.

Primeiro, atenção ao vocábulo traduzir: significa uma ação que representa “transpor de uma língua para outra [...] ser a representação de, simbolizar [...] tornar conhecido ou compreensível” (HOUAISS, 2009, p. 1836). Ou seja, ao traduzir faço uso de uma relação muito íntima entre as línguas para tornar conhecidas as tantas histórias de mulheres negras ao redor do mundo. E não há aqui um receptor ideal – “o próprio conceito de um receptor ‘ideal’ é nefasto em quaisquer indagações de caráter estético, por que estas devem pressupor unicamente a existência e a essência do homem em geral” (BENJAMIN, 2013, p. 101).

Como já havia um crescente interesse em análises dialógicas e *autohistórias* (falarei sobre este termo no capítulo 3), estava em busca de livros que abordassem o tema, mas não encontrei edições brasileiras que evidenciassem as conversas, a troca dialógica em si. Contudo, dois trabalhos me chamaram atenção e fiz uso de algumas ideias destas escritas com intuito de enriquecer minha pesquisa uma vez que eu também estou em busca de diálogos com diferentes mulheres e ocupada com a transcrição das vozes destas conversas.

O primeiro (e digo primeiro considerando as edições cronologicamente) é o livro *Morro, Mulher* (1984) de Frances O’Gorman, no qual a autora coleta histórias de 35 mulheres do Morro Santa Marta e da Rocinha, morros-favela da Zona sul da cidade do Rio de Janeiro, fazendo um recorte essencialmente de gênero. A autora pontua que

A mulher favelada é absorvida, usada, abusada, manipulada, e eventualmente descartada pela sociedade ‘do asfalto’ e ‘da rua’. Ela sofre pelo desconhecimento de sua própria pessoa. É um desprezo imposto pelos padrões socioculturais a serviço da manutenção da sociedade dirigida por um poder concentrador de cunho machista, e internalizado pela mulher. (O’GORMAN, 1984, p. 7).

Ou seja, as histórias estão fixadas neste entendimento do que era a mulher favelada em 1984. Obviamente, vale lembrar a importância do ano: foi representativo pelo fervor popular em relação às *Diretas Já* no Brasil²⁶, logo depois do período de tensão da ditadura militar com um aumento considerável da pobreza pelo país. Apesar de não estar claro na apresentação de O’Gorman (1984) um delineamento racial, a autora menciona que as narrativas daquelas mulheres “revelam a história de um povo marcado pela exploração escravagista, que hoje luta contra a opressão sociopolítica e econômica” (O’GORMAN, 1984, p. 8). Até mesmo por que, um simples folhear do livro retrata esta denúncia: a maioria das fotografias intercaladas pelas histórias são de mulheres negras.

Usei esta mesma ideia e fui incluindo ao longo da minha tradução e do corpo da dissertação em si, as fotos das artistas afro-alemãs entrevistadas por Kelly e das mulheres que compuseram a rede de conversas na Maré. Como eu, a escritora deixa claro que o “livro brotou da necessidade de tornar conhecida, na voz das próprias mulheres, a vida, a luta e os anseios das mulheres de favelas urbanas ...” (O’GORMAN, 1984, p. 7). Está dado, então, a primeira razão para traduzir – tornar conhecido o que é dito e discutido por estas mulheres negras.

Dois anos depois da publicação deste livro, meu pai foi transferido de cargo na empresa onde trabalhava e voltamos a morar no Rio de Janeiro, agora como mecânico da área de gerência naval. A vinda para a referida cidade foi discutida com a família e só pensamos em estar sempre próximas aos nossos avós e primos e, para três meninas pequenas, aquilo era maravilhoso. Fomos morar na Maré – lugar onde meu pai havia crescido. Acho que vale pontuar aqui: meu pai era um homem branco de família branca. Meus avós paternos, Antônio e Celina, vieram do interior da região Metropolitana do Rio de Janeiro, da cidade de Magé –

²⁶ Criado por organização popular, *Diretas Já* foi um movimento político que exigia o retorno das eleições diretas para o cargo presidencial no Brasil. É um processo de redemocratização que ocorre numa fase pós-ditadura de 1983 a 1984.

de famílias muito pobres e que trabalhavam arando as terras. A bisavó desta minha avó paterna era holandesa. Já havia ali no início da construção da Maré uns primos deles moradores de casas de pau a pique, e por ali meus avós também atracaram.

A região do Morro do Timbau é vizinha de dois quartéis militares: um do exército e outro da aeronáutica, e já estavam por lá bem antes do período da ditadura. Já a família dos meus avós maternos, Aníbal e Carmelinda, vinham de Itaboraí - cidade também localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro; porém localizada “do outro lado da poça”, como costumamos dizer, depois de Niterói e São Gonçalo. Aqui, a história é intensamente apagada. Não sei quais as origens de meus avós negros e a única coisa que me recordo das poucas contações de histórias da minha vó pretinha era ela comentando que minha tataravó era escravizada. O casal negro, como vaga-lumes que se unem para iluminar e sobreviver, se uniu e migrou para Maré pois “é preciso saber que, apesar de tudo, os vaga-lumes formaram em outros lugares suas belas comunidades luminosas” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 50).

Eu e minhas irmãs, ainda crianças, provavelmente tínhamos uma certa noção do que era uma favela, pois visitávamos esses parentes; mas não era parte da nossa realidade: em Santos estas comunidades não existiam até então e, se existiam, a gente nunca via. Obviamente, dos anos 1980 até hoje, as favelas aqui mencionadas alcançaram um nível de organização popular e política bastante diferenciado, levando-as a uma reorganização territorial em prol de seus moradores. Notadamente, a favela ainda não venceu os obstáculos necessários – ainda é um território de muitas ausências. Contudo, é um espaço de força popular que criou caminhos e continua a criá-los com o objetivo de chegar ao patamar necessário.

Em fins dos anos 1980, fomos morar com minha avó pretinha na Rua Praia de Inhaúma, na entrada do Morro do Timbau. Atualmente esta rua é paralela à Linha amarela. Me lembro que nesta década, as escadarias de acesso ao morro eram feitas com barro e pedras do próprio morro. Você pode imaginar o que acontecia quando chovia – eram cachoeiras de lama morro abaixo e inúmeras crianças subindo, descendo, escorregando pelas águas lamacentas. É possível ver a região com palafitas nos idos 1960 e a rua que me refiro na foto abaixo, com fusca estacionado e um jornaleiro, quando me mudei.

Figuras 11 e 12: Palafitas Baixa do Sapateiro (anos 60) e Morro do Timbau (anos 80). Arquivo Museu da Maré



Uma das entrevistadas do livro já citado, *Morro, Mulher*, foi a então moradora de favela, Benedita da Silva. Hoje deputada federal pelo Rio de Janeiro, Benedita afirma ter sido “a primeira vez na história do Brasil que uma mulher, favelada, negra, ocupa o parlamento” (O’GORMAN, 1983, p. 152) por também compreender a necessidade de mulheres estarem presentes com participação efetiva e decisiva nas discussões políticas do país. Ao fim de sua fala, ela observa que nós mulheres negras “queremos fazer nossa história – na raça, na força, no grito, na certeza da convicção de que ela deverá ser feita por nós” (O’GORMAN, 1983, p. 152). Está dado, agora, a segunda razão para traduzir: além de tornar conhecida as vozes das mulheres negras, que este conhecimento seja disseminado por elas mesmas, e não por outros – sendo suas narrativas enunciadas através de minha tradução. Eu, tradutora e favelada, também faço parte desta pesquisa.

Passadas mais de duas décadas desta publicação, há o segundo trabalho mencionado. É o livro *Fala, crioulo* (2009) do autor Haroldo Costa. Ele consegue trazer a trajetória dos seus narradores, sem marcar a questão de gênero, pois são homens e mulheres de diferentes classes misturadas autobiograficamente pelo livro. Ressalta, ainda, o pouco que sabemos sobre a história de nossos antepassados, a história que ficou na África e relembra que

Os africanos e seus descendentes crioulos e mestiços não podiam continuar neste lado do Atlântico a história das suas Áfricas. Tornaram-se personagens essenciais de uma outra: a do Brasil. Esta história, porém, [...] não principia com a chegada de Cabral a Porto Seguro. É muito mais antiga. Para compreender o que realmente somos temos que desfiá-la ... (COSTA, 2009, p. 13).

Assim, o autor toca em assuntos como ‘democracia racial’²⁷, movimento negro, escravidão psicológica e, por fim, apresenta a narrativa de 48 pessoas tentando desenhar um novo perfil do povo negro. Mostra que “os estilhaços da diáspora negra disseminaram novos padrões” (COSTA, 2009, p.17) e, entendo, que estas narrativas não precisam necessariamente ser iniciadas a partir do processo de escravidão. Vejo, aqui, uma terceira razão para traduzir: pensar em novos padrões de comportamento numa sociedade pós-diáspora africana onde o novo perfil de mulheres negras e faveladas seja narrado em diálogo com as narrativas afro-alemãs traduzidas.

Penso, então, no entrecruzamento da minha tradução com estes trabalhos supracitados tensionando criar ciclos dialógicos que estão em um constante movimento de continuidade - se espalhando e se complementando, com o objetivo de nunca pôr fim a existência de histórias outras. Histórias que podem e devem ser ininterruptamente (re)contadas. Em vista disso, as entrevistas da autora afro-alemã Natasha Kelly (2018) trazem à tona experiências individuais fortalecidas ao serem narradas pelos próprios detentores de suas histórias.

Vale lembrar que minha tradução não é uma interpretação do livro traduzido por mim, mas, sim, uma aproximação entre línguas – cabe a cada leitor e leitora compreendê-la inserida neste mundo, uma vez que “cada tradução de uma obra representa, a partir de um determinado período da história da língua e relativamente a determinado aspecto de seu teor, tal período e tal aspecto em todas as outras línguas” (BENJAMIN, 2013, p. 111). Mergulho nos textos, então, transpondo de uma língua para outra, tentando abranger o significado de uma obra para a produção de um novo texto.

1.2 Dialogando com o Oceano Índico

*The task of the feminist translator
is to consider language as a clue
to the workings of gendered agency.*
Spivak

A tarefa da tradutora feminista

²⁷ Refiro-me aqui à democracia racial explicitada por Abdias Nascimento (2016) – “relação concreta na dinâmica da sociedade: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas” (p. 48). A partir disto, Abdias cria a expressão mito da democracia racial onde ele explicita que, ao espalhar este mito manteve-se a hegemonia branca: “uma ‘democracia’ cuja artificiosidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituíram detém todo o poder em todos os níveis político-econômico-sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país” (p. 54)

*é considerar a linguagem como uma guia
para o funcionamento da agência de gênero.*
Spivak

Outro pensamento importante é delineado por Gayatri Chakravorty Spivak (2005), escritora indiana e professora de inglês e literatura comparada. Nascida em Calcutá, a escritora entra em movimento transatlântico conosco – a Índia é um país banhado pelo mar Árabe cujas águas se misturam ao oceano Índico. Calcutá está quase na fronteira com Bangladesh e recebe os ventos da baía de Bengala, vindos da mistura do índico com o Atlântico lá da ponta da África.

Enquanto organizo minhas ideias, velejo com Spivak em pensamentos. Ela menciona nossa responsabilidade em relação ao texto traduzido, uma vez que é fundamental “ter um conhecimento muito íntimo das regras de representação e daquelas narrativas permitidas que compõem a substância de uma certa cultura, e deve também tornar-se responsável e prestar contas perante a escrita/tradução do pressuposto original” (SPIVAK, 2005, p.43). Ou seja, ser responsável por conhecer a cultura e as narrativas da língua de onde se parte, no meu caso, as narrativas afro-alemãs.

Na verdade, deve haver um relacionamento ético em relação ao texto da outra – razão que me levou a ler a biografia de algumas autoras afro-alemãs, procurar outros trabalhos de Natasha Kelly e ler *Showing our colors* de May Ayim (uma autora bastante citada no livro que traduzi e de quem falarei mais adiante). Mesmo assim, a tradução não fica sob o nosso controle. É impossível ser literal em tudo. Às vezes, são palavras não usadas corriqueiramente, outras são expressões culturais desconhecidas ou que nada tem a ver com nosso contexto cultural. Nestes casos, “a tradução realmente perde a âncora do seu sentido literal. Nesse sentido geral, a tradução não está sob o controle do sujeito que está traduzindo” (SPIVAK, 2005, p. 44). Vou, então, assumindo a responsabilidade e o papel de tradutora agente, principalmente, de “tomar algo da língua materna e entregá-lo a língua-‘alvo’ ” (p. 46) através da ética e da fidelidade ao texto.

Este vai e vem da tradução, no caso o meu vai e vem entre textos a serem traduzidos, tem que ser um movimento ético – um movimento que deve respeitar a cultura do outro, os falares e modo de escrever da língua a ser traduzida. “Ignorar a narrativa da ação ou do texto enquanto instanciamento ético é esquecer a tarefa de tradução sobre a qual se predica o ser humano. Tradução é o ato de transferir de um a outro” (SPIVAK, 2005, p. 57). Consequentemente, este é o ato que busco aqui: o que tomo da autora afro-alemã está sob minha responsabilidade e será transferido aos leitoras e leitores brasileiros dentro de padrões

morais esperados, para tal, ouço as vozes que falam comigo enquanto sujeita que agencio o texto final – ouço Kelly como se lesse ao meu lado, ouço suas entrevistadas como se falassem de suas autobiografias ao meu lado. “Nenhuma fala é fala enquanto não é ouvida. É esse ato de ouvir-para-responder que se pode chamar de o imperativo para traduzir” (p. 58). E não é justo isso que queremos quando nos debruçamos sobre um texto desta maneira? Que possamos ouvir as vozes daquela cultura e ajustá-la a nossa? Que o novo texto que germina seja transferido a outros e outras?

Figura 13: Foto de Gayatri Chakravorty Spivak. Arquivo Buala.org



Além disto, em seu texto *Politics of Translation*²⁸, Spivak (1993) complementa estas ideias descrevendo a importância da ‘tradutora feminista’ (p.179) cuja “tarefa é considerar a linguagem como uma guia para o funcionamento do agenciamento de gênero” (p. 179). Até por que o meu estilo de escrita já me difere de Natasha Kelly e me coloca como ‘autora’ do novo texto que entrego, uma vez que eu fui a responsável por agenciar as linhas traduzidas atendendo a determinadas especificidades da língua. “A tarefa da tradutora é facilitar esse amor entre o original e sua sombra” pois, sem amar o texto, o assunto escolhido para tradução, seria impossível chegar ao seu fim e apresentar a literatura aqui almejada.

Ademais, há uma carga extra esperada das tradutoras do dito Terceiro Mundo uma vez que nadamos contra a corrente de um mercado editorial tão colonialmente contaminado. Sinto como se Spivak estivesse sentada ao meu lado me explicando:

Continuo interessada em escritoras vindas numa contra a corrente, contra o *mainstream*. Continuo convencida de que o texto literário interessante pode ser precisamente o texto em que você não aprende qual pode ser a visão predominante da representação cultural majoritária ou da auto-representação de um Estado-nação. A tradutora tem que se tornar, no caso das mulheres do terceiro mundo que escrevem, quase melhor equipada do que a tradutora que

²⁸ As frases que uso deste texto da autora indiana são todas traduções livres do original em inglês.

lida com as línguas da Europa Ocidental, pelo fato de haver tanto da velha atitude colonial, ligeiramente deslocada, em trabalhar com tradução (SPIVAK, 1993, p. 189).

Considerando as supracitadas pontuações da autora indiana, ao traduzir *O despertar das afro-alemãs* me torno uma professora-tradutora-feminista que abre este leque de linguagens para o conhecimento de tantas outras pesquisadoras e pesquisadores. Além de entender a importância das tradutoras feministas do Terceiro mundo numa busca constante por traduções decoloniais possibilitadoras de outras formas de agenciamento nas áreas meridionais do planeta.

Em 2018, ingressei no grupo de pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano do Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ – ProPEd e decidi tentar uma vaga para o mestrado. Tentei e falhei. Fui, então, aprovada para ingressar em 2019 e cá estou. Dentro da academia, temos uma gama de autores e autoras com textos ainda não traduzidos para o português. Eu mesma, apesar da semelhança entre as línguas, tenho extrema dificuldade para ler em espanhol. Percebi, então, que o mesmo acontece com as pessoas com necessidade de ler textos em inglês – seja pela dificuldade de interpretar textos numa segunda língua, seja pela dificuldade de entender esta língua de origem anglo-saxã.

No ano seguinte, acabei participando da mesa de intérpretes da socióloga americana Patricia Hill Collins na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação-ANPED. Li vários textos da autora sobre feminismo negro para compreender sua linha de pensamento. Inclusive, os textos me abriram tantos horizontes que decidi mudar meu projeto cinematográfico para um pesquisa relacionada ao feminismo negra. Gosto de chamar assim, feminismo negra.

Figura 14: Foto de Patricia Hill Collins e eu/Anped 2019. Acervo pessoal



Como letróloga que sou, decidi, então, traduzir uma autora afro-alemã provavelmente não lida/estudada no Brasil cujo livro se desloca do modelo acadêmico devido, talvez, ao seu nível de informalidade. Ao traduzi-la, me reafirmo como tradutora feminista onde sou agente do novo texto e responsabilizo-me em transferí-lo para o outro e para a outra; além de tentar demover determinadas obras diaspóricas do apagamento e favorecer a produção literária das mulheres negras autoras, como é o caso de Natasha Kelly.

1.3 Navegando pelos mares de Malinche e Nzinga

*Ser 'a língua' era uma enorme responsabilidade.
 Não queria errar, não queria se equivocar e não via como evitar,
 pois era muito difícil traduzir,
 de uma língua para a outra, conceitos complicados.
 Ela sentia que, cada vez que alguém pronunciava uma palavra,
 viajava na memória de centenas de gerações.
 [...] Esse era o poder da palavra falada.
 [...] Logo aprendeu: quem controla a informação, os significados, adquire poder.
 Ao traduzir, dominava a situação, e não apenas isso:
 a palavra podia ser uma arma. A melhor das armas.
 Malinalli²⁹*

A questão da tradutora feminista, que percebe a linguagem como forma de poder, me remete ao século XVI. Apesar da tragicidade histórica imposta aos povos originários durante as várias fases da conquista das Américas, não vou me prender aqui às batalhas e derrotas sofridas.

²⁹ Nome de batismo da intérprete do capitão espanhol Herán Cortéz na conquista do território asteca. Ela falava três línguas, dentre elas o espanhol. Malinalli tinha o “dom da fala [...] ela sabia o valor que possuíam as palavras, se orgulhava de ter esse poder” (FREITAS, 2014, p. 158). Era também conhecida como Malinche e Malintzin – aliás, a expressão *la malinche* é, às vezes, usada no sentido de tradutor.

Contudo, é de suma importância pontuar como todo um continente batizado de América Latina passou por um massacre epistêmico cujas consequências se arrastam até hoje. Em decorrência disto, a autora e filósofa Sueli Carneiro (2011) explica que há um processo de banimento social aliado à exclusão das oportunidades educacionais, sendo este “o principal ativo para mobilidade social no país” (p. 92). Ela pontua que

Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento, da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição de embranquecimento cultural e pela produção de fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio” (CARNEIRO, 2011, p. 92-93).

Carneiro se refere ao epistemicídio em relação a população negra, mas o termo pode ser usado, na verdade, para outras populações racialmente inferiorizadas. Como os povos nativos aqui no Brasil, por exemplo. Enquanto brasileiros, simplesmente fazemos questão de esquecer que as populações indígenas são parte de nossa origem, além de serem os únicos habitantes das nossas terras quando o massacre colonial se iniciou.

Todavia, penso na atuação de Malinche (independente dos juízos que foram criados em torno de sua figura no processo de colonização e no decorrer dos séculos), guia e intérprete do capitão espanhol Hernán Cortéz na Conquista do México. Também chamada de Malinalli, Malintzin ou Doña Marina, não devemos esquecer que ela era escrava ao lado deste conquistador conhecido por aniquilar o império Asteca e conquistar parte do território (atual México) em prol da economia espanhola. De acordo com Todorov (1982), o ‘sucesso’ de Cortés na conquista se deveu, provavelmente, ao fato dele ter uma consciência política diferenciada e tentar, antes da conquista territorial, entender o local e as populações com as quais estava lidando.

A primeira atitude tomada por ele é encontrar um intérprete que o acompanhasse em suas invasões e negociações. Vem ao seu encontro Jeronimo de Aguilar: este, porém, falava somente a língua dos maias. Surge, então, a figura essencial de Malinche. A indígena havia sido vendida como escrava aos maias e dominava o idioma deste povo; além de falar *nahuatl*, sua língua materna e dos astecas também. “Seus dons para as línguas são evidentes e em pouco tempo ela aprende o espanhol, o que aumenta sua utilidade” (TODOROV, 1982, p. 91), tornando-a indispensável para Cortés uma vez que o mesmo não tinha habilidade linguística para comunicar-se com nenhum dos nativos. A desenvoltura da jovem permitia “uma espécie

de conversão cultural, interpretando para Cortés não somente as palavras, mas também os comportamentos” (idem, p.91).

Apesar de estar dentro de uma sociedade também baseada no patriarcado, onde os homens decidiam o destino das mulheres, inclusive se elas seriam vendidas como escravas para outros povos, era marcante a autoridade que Malinche exercia sobre os indígenas. Há um momento no livro de Esquivel (2007) em que a personagem Mallinalli pensa sobre as suas condições e nos faz entender sua eficiência enquanto tradutora – uma eficiência vinda, na verdade, de seu desejo por liberdade:

Fora educada para servir. Na qualidade de escrava, não fizera outra coisa a não ser servir aos seus senhores. E sabia servir com eficiência. Ao traduzir e interpretar, seguia as ordens de seus senhores espanhóis, a quem fora dada e a quem devia servir com presteza. Por algum tempo esteve convencida de que seus méritos de escrava, como criada, a ajudariam não só a obter sua ansiada liberdade mas também a conseguir uma mudança positiva para todos os outros (ESQUIVEL, 2007, p. 103).

Saber se expressar e se comunicar com presteza era consequência de não desejar mais servir, de não querer ser silenciada constantemente. Ela compartilhava

[...] um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de resignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada um de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo (LORDE, 2019, p. 54)³⁰.

Os astecas acabam por apelidar o general de ‘Cortés de Malinche’. Neste caso, deixou claro pelo menos uma vez, como pontuado por Todorov (1992), não ser a fêmea aquela que fica com a obrigação de adotar o nome do homem. Ao invés de se submeter, esta fabulosa intérprete “adota a ideologia do outro e a utiliza para compreender melhor sua própria cultura” (p. 92) – Malinali sabia que aquele homem branco havia chegado em caravelas não pertencentes ao seu povo e ela queria controlar o timão e tomar seu próprio rumo.

Ouso dizer que, enquanto professora-negra-tradutora-feminista, Malinche fica impressa na história das Américas como nossa primeira modelo de tradução feminista cuja imagem dever ser utilizada para agenciamento de gênero e produção de opinião. Além de também me enxergar como uma mulher usuária da língua do colonizador com o objetivo de melhor entender o que é dito sobre nós. Podendo, assim, contestar os fatos que nos são impostos, fazendo uso das nossas próprias narrativas e versões.

³⁰ Frase do artigo *A transformação do silêncio em linguagem e em ação*.

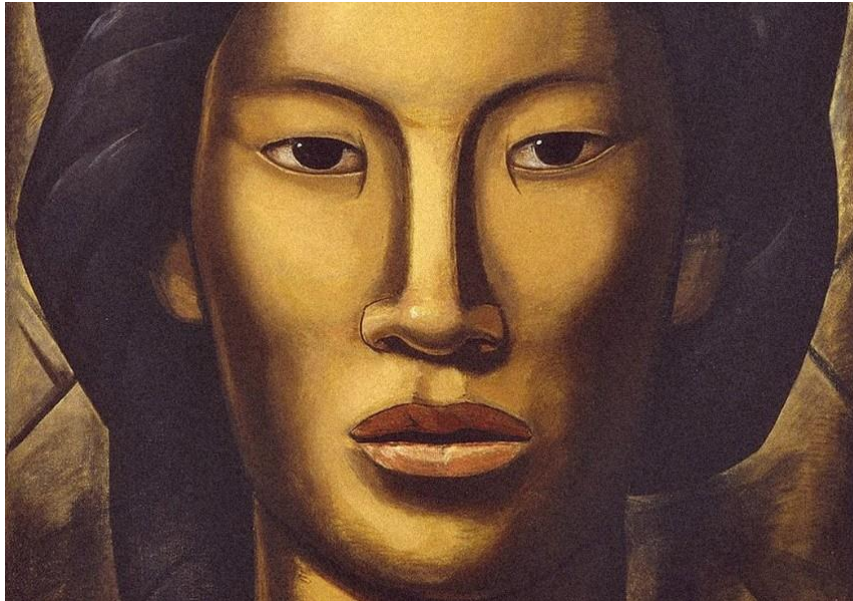
Em consonância com a autora e professora afro-americana bell hooks (2017), especificamente no caso do inglês, percebemos que o problema não é a língua em si, mas “o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para transformá-la num território que limita e define, como a tornam uma arma capaz de envergonhar, humilhar, colonizar” (p. 224). Ao refletir sobre o poema da escritora judia americana Adrienne Rich³¹ lido na época de sua faculdade (*The burning of paper instead of children/ A queima de papel em vez de crianças*³²), hooks repete a frase que a faz refletir sobre a questão da língua opressora: “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você” (p. 223). É bem este o sentimento que nos invade quando traduzimos: Como saber o que está escrito ali se não tentamos ler e se não aprendemos aquela língua? Como criticar se não tomamos conhecimento do conteúdo? O fato é que a língua do opressor também é arma para nos comunicarmos.

Para traduzir, eu preciso entender esta língua com intuito de transferir as informações ao meu leitor. Indubitavelmente, no decorrer da História mundial, o aprendizado das línguas dos colonizadores é ressignificado e o processo de comunicação se reverte. Aprender as diversas línguas colonizadoras significa ouvir e entender o que é dito pelo seu escravizador e poder transformar esta mesma língua de dominação em resistência. E “embora precisassem da língua do opressor para falar uns com os outros, eles [os escravizados negros] também reinventaram, refizeram essa língua, para que ela falasse além das fronteiras da conquista e da dominação (hooks, 2017, p. 226). Apesar de bell hooks pontuar especificamente o caso da língua inglesa, nitidamente, este processo de aprendizagem da nova língua se dá aqui na América do Sul entre as populações nativas e os escravizados trazidos de África.

³¹ Poetisa mencionada no capítulo intitulado *A língua* (hooks, 2013, p. 223).

³² Tradução de Marcelo Lotufo publicada no livro *Que tempos são estes e outros poemas*, da editora Jaboticaba. Disponível em https://lesboteca.com/wp-content/uploads/2020/03/Que_tempos_sao_estes-1.pdf.

Figura 15: Pintura de La Malinche. Arquivo de Socialstudies.org



Neste mesmo século, por volta de 1581, nasce a guerreira Nzinga Mbandi no reino de Ndongo em África. Criada dentro da realeza, Nzinga cresceu em meio a grandes mudanças sofridas na história do seu reino “quando os portugueses iniciaram uma tentativa sistemática de adentrar e dominar o território em busca de novas rotas de tráfico de africanos escravizados” (SANTOS, 2017, p. 159). Numa missão diplomática realizada em 1622, Nzinga representa seu irmão, Kia, e impressiona os portugueses com sua inteligência e educação. A necessidade de alguém capacitado para negociar com os portugueses, leva Nzinga ao poder das negociações diplomáticas.

Ao ler estes fatos, imediatamente imaginei que a rainha Nzinga também deveria ser uma intérprete/ tradutora entre os portugueses e seu povo. Em busca da paz, adotou um nome português e se converteu ao catolicismo – se usa desta tática (CERTEAU, 1994) para aproveitar o momento certo de usar seus saberes. Provavelmente, a rainha “tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões” (p. 46) de forma que ela mesma possa operacionalizar o tabuleiro de jogos. Com o retorno das crises

em seu reino, ela aproveita o poderio militar dos jagas, uma tribo inimiga, e os coloca sob seu comando.

De acordo com o Portal de Angola³³, os pesquisadores mantiveram em seus textos a imagem de Nzinga como líder da resistência africana diante do colonialismo europeu e da consolidação do tráfico negreiro, destacando sua atuação militar e política. Militar porque entende-se que Nzinga, com seu exército de Jagas, desorganizou a rede comercial que Portugal penava para construir, desestabilizando a presença do inimigo em Angola. “E política porque reuniu em torno de si centenas de pessoas das mais diferentes etnias e encabeçou a formação de grande confederação de sobas descontentes com a presença portuguesa na África Central, reunindo-os em torno de uma causa comum” (SANTOS, 2021, s/p).

Ou seja, Nzinga foi criada em torno do grupo etnolinguístico banto, já o português era a língua usada taticamente na diplomacia. Para negociar com uma tribo inimiga, os jagas, e torná-los guerreiros aliados, ela igualmente deveria entender o dialeto destes. Infelizmente, não encontrei maiores informações sobre suas negociações, mas é certamente uma mulher de poder cujo agenciamento parece partir dos diálogos que ela criou entre seu reino e os invasores de seu território.

Figura 16: Pintura da Rainha Njinga Mbandi. Arquivo do Portal de Angola



³³ É um site que anuncia notícias de Angola e do mundo. Disponível em <https://www.portaldeangola.com/>. Acesso em 27 ago. 2021.

E é fato que os diálogos criados a partir dos agenciamentos de nossa linguagem nos dão poder sobre determinadas situações. Me lembro que na época da faculdade, na UERJ, várias alunas já conheciam o mundo e eu nunca tinha nem viajado de avião, aliás nem o metrô era parte da minha realidade. A minha fluência em inglês, quando comparada a delas, parecia infantil e eu me calava. Eu só consegui me livrar deste complexo de inferioridade já bem adulta pois, em determinado momento, a gente (re)aprende a falar. Ou seria não silenciar?

Quando fiz a minha primeira interpretação sozinha, dentro de um grupo de engenheiros estrangeiros – ali, só ali, eu disse para mim mesma ‘você conseguiu, você tem capacidade’. Por que ‘a transformação do silêncio em linguagem e ação [concordo com Lorde (2019) mais uma vez] é um ato de revelação individual” (p. 53). Essa revelação individual nos empodera, “uma vez que falar é existir completamente para o outro” (FANON, 2008, p. 33). A fala me recompensou e me recompensa cotidianamente.

1.4 Singrando por mares antes proibidos e revoltos: traduzir pra quê?

*‘Stamos em pleno mar [...]
Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas
Veleiro brigue corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas [...]
Castro Alves*

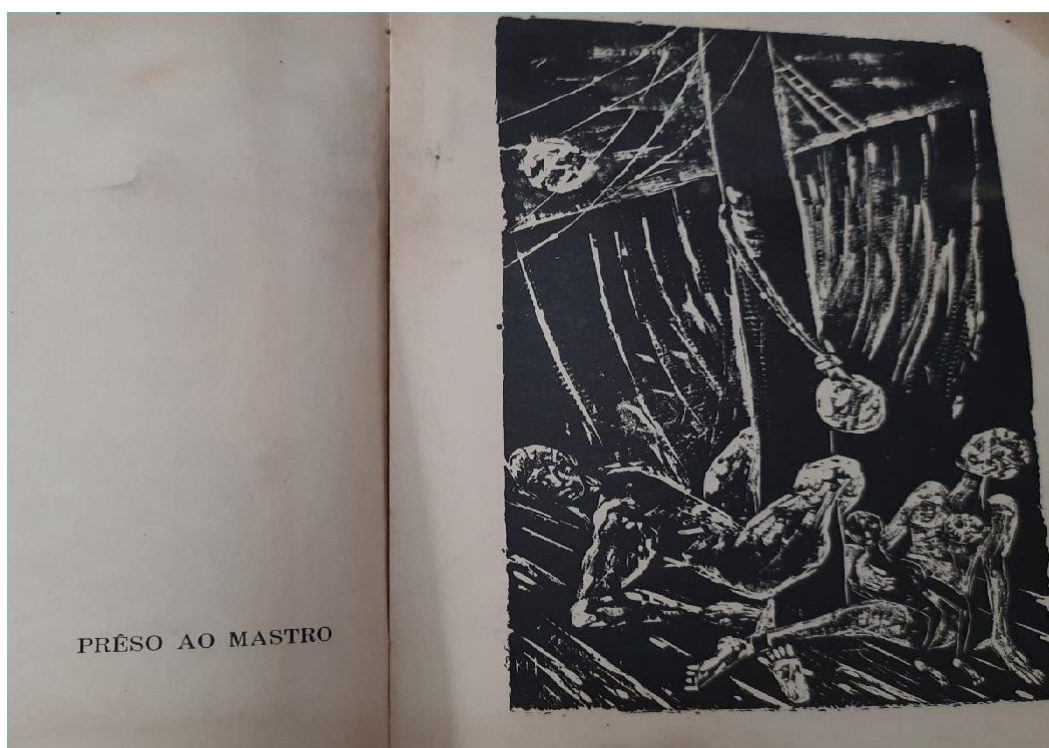
Aproveito o supramencionado processo histórico de colonização para lembrar que os idiomas do livro traduzido nesta pesquisa são as línguas dos colonizadores europeus, ingleses e alemães. Neste caso, me refiro especificamente à língua inglesa cuja gramática e cultura são difundidas largamente nas escolas brasileiras. Independentemente da dificuldade que o estudo do inglês ofereça, sua cobrança em concursos, em entrevistas de emprego e nas escolas é uma constante. A grande gama da população nacional não tem acesso direto aos materiais em língua inglesa, não possui poder aquisitivo para bancar escolas de idiomas para seus filhos e, muito menos, pagar professores particulares para que a fluência da língua seja atingida.

Na minha época de cursinho, como não havia dinheiro para comprar materiais de língua inglesa, meu pai ouvia as canções no rádio e as datilografava. Depois, exigia que eu e minha irmã traduzíssemos tudo. Levava dias, semanas até... catando as palavras no dicionário. Essa é minha memória mais recorrente de estudos na época da adolescência, era a figura um tanto quanto austera de meu pai. Me agendava prazos para ler diversos livros, digo, me obrigava a lê-los. Eu lia alguns e odiava; bem como lia outros e amava. Havia as páginas

amareladas do livro de capa marrom velha e bolorenta cheio de contos indianos, cujo nome não me recordo. Havia o *Décimo terceiro trabalho de Hércules*, de Orígenes Lessa e tantos outros.

Ainda sei de cor o início do *Navio Negreiro* do poeta brasileiro Castro Alves (1959): “Stamos em pleno mar ... Doudo no espaço/ Brinca o luar – dourada borboleta” (p. 12). Porém, só hoje entendo que eu também era parte daquela travessia. Esta edição de 1959, era trilingue – o poema também vinha traduzido em inglês, francês e alemão. Eu tinha que comparar as versões. As gravuras dispostas no livro me marcaram, em especial uma chamada *Prêso ao mastro*, onde havia um escravizado preso ao mastro do navio e uma mulher de seios desnudos, também em grilhões. Eu ficava me perguntando qual seria o rosto daquelas pessoas? Haviam eles sobrevivido e encontrado formas de resistência e liberdade?

Figura 17 : Foto de *Prêso ao Mastro*. Acervo Pessoal



Hoje percebo que meu pai, apesar de homem branco, era a própria figura contra hegemônica: nos educou de forma muito consciente, sempre lembrando quem erámos e de onde vínhamos. Me fez enxergar outros pontos de vista/outras narrativas que a escola não permitia e, na verdade, nem tinha interesse em ter uma aluna favelada indo contra o sistema imposto. Com suas exigências, meu pai desejava uma afinidade nossa com as traduções e com as estranhezas das línguas estrangeiras, pois “a relação que o teor estabelece com a língua é

completamente diversa no original e na tradução” (BENJAMIN, 2013, p. 111). Parecia querer que descobríssemos a alma das línguas, pois ele também percebia a necessidade de sermos contaminadas por outras linguagens sem cometer o erro de somente considerar as regras da nossa língua nativa. Benjamin em seu texto *A tarefa do tradutor* (2013) relembra o filósofo alemão Rudolf Pannwitz e reitera que quem traduz deve “deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira” (p. 118). Depois de tantos anos, despertei para o fato faz pouco tempo: fui criada como mulher negra-tradutora-favelada.

Fazer a tradução deste livro, neste caso uma versão bilíngue (anglo-alemã), dá acesso a este material de forma que leitoras e leitores brasileiros, de variadas classes sociais, tenham a possibilidade de ler, ultrapassando assim a barreira da língua estrangeira. Até mesmo por que, a maneira como o inglês é ensinado em salas de aulas lotadas das escolas públicas impossibilita a grande maioria dos alunos de alcançarem quaisquer níveis de proficiência. Consequentemente, a tradução de *Milli's Awakening* abre caminhos, por exemplo, para que as mulheres mareenses³⁴ com as quais eu conversei – Natália, Chris, Tati e Nlaysia - aqui possam tomar conhecimento de outras histórias. Bem como vários pesquisadores negros e negras poderiam usufruir deste trabalho em língua portuguesa. Além da proeminência para área de relações étnico-raciais, assim como de gênero, donde estudiosas e estudiosos possam ter acesso à literatura internacional que gire em torno do assunto.

Fazendo jus à lei, as etapas do meu processo tradutório se entrelaçam aos direitos dos afro-brasileiros alcançados através de muita perseverança nas últimas décadas. Apesar da Constituição Federal reiterar direitos sociais e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (Lei nº 9.394/96) trazer o aspecto educacional universalizante, é a homologação da Lei nº 10.639/03 (torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana na educação básica, modificando a LDBEN) que representa um marco na construção de um processo educacional onde justiça social e equidade são fundamentais. A inclusão deste ensino acaba por fornecer consciência política e fortalecimento das identidades de inúmeros sujeitos, retratando povos historicamente marginalizados, inclui-se aqui também, a população indígena com a Lei nº 11.645/08 e espalhando o ensino e disseminação destas culturas para cursos de graduação, extensão e pós-graduação.

Ressignificando saberes, estes sujeitos (antes somente inventados como marginalizados, desumanizados e inferiorizados) “produzem novos conhecimentos a partir de uma visão positiva das suas identidades, demonstrando que as diferenças devem ser

³⁴ Adjetivo usado por organizações populares e moradores da Maré para se auto definirem.

analisadas para garantir o exercício da cidadania para todos” (PIVA, 2020, s/p) e o fortalecimento do processo democrático. Com o resgate da contribuição dos povos negros e indígenas nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, o impacto das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08 na educação brasileira deixa claro que a história das populações negras e indígenas não estão ligadas somente ao processo de escravidão, cujas linhas são repetidamente contadas a partir de um ponto de vista eurocêntrico. A cultura desses povos, sua filosofia, organização social, suas línguas sempre estiveram lá e foram sobrepujadas pela insistência de se contar o mundo a partir da colonização europeia.

Depois de todos estes movimentos por busca de reconhecimento e direitos, acabou-se por criar o Estatuto da Igualdade Racial de 2010 (Lei nº 12.288/2010) cuja seção II, Art. 11, reafirma as leis anteriores e faz valer “obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil observando o disposto da lei 9.394/96” (BRASIL, 2017, p. 17). Bem como o Artigo 12 pontua que os órgãos “de fomento à pesquisa e a pós-graduação poderão criar incentivos a pesquisas e programas de estudo voltados para temas referentes às relações étnicas, aos quilombos e às questões pertinentes à população negra” (BRASIL, 2017, p. 17).

Interessante pensar como estas leis batem de frente com o falso processo de democracia racial desenvolvido no Brasil. Um processo que, na verdade, tem como grande objetivo calar a negritude e a indianidade (MUNDURUKU, 2017) desde o ‘fim’ da escravidão destas populações. As políticas públicas implementadas e as leis das quais hoje em dia nos utilizamos, não extinguem, mas estilhaçam o silenciamento histórico. Enquanto tradutora feminista afro-brasileira, minha escrita transpositora respeita e se sobrepõe aos valores éticos almejados pelas referidas leis.

Igualmente, se encaixa em minhas justificativas a pesquisa de mestrado de Jéssica Flavia Oliveira de Jesus da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Intitulada *May Ayim e a Tradução de Poesia Afrodiaspórica de Língua Alemã*, a pesquisadora (também tradutora afro-brasileira agente de sua escrita), de forma organizada e minuciosa, se debruça sobre a história germânica bem como faz pontuações sobre o feminismo negro na Alemanha em prol de traduzir para ir além do cânone literário/ acadêmico. Há o intuito de interromper um longo processo de aniquilamento de obras e escritas negras. Jéssica “subverte a ordem racista colonial que subalterniza sujeitos negros e inviabiliza suas literaturas” (JESUS, 2018, p. 34) cuja subjetividade de tradutora negra cria “um giro ontológico e epistemológico” (idem, p. 34) dentro das universidades uma vez que ela traduz justamente “contra a ignorância acadêmica acerca de sua existência e obra [referindo-se a May Ayim]” (idem, p. 34).

Coloco-me no mesmo patamar de agenciamento de Jessica Flavia: “me posiciono como sujeita, como tradutora-agente” (JESUS, 2018, p. 109). Traduzimos para contranarrar e para dar voz aos antes silenciados pela imposição colonial eurocentrada, tentando pôr fim a um ciclo de “inescutas sistematizadas” (idem, p. 116) que colocam no descaso séculos de produções literárias e culturais negras.

Finalmente, posso dizer que vou “escrevendo através da tradução” (REIS, 2020, p. 137). Pois, ao traduzir uma outra língua considero o desencarceramento de mentes negras quando entendo e declaro, enquanto ato político, que produzimos nossas intelectualidades em um país estruturalmente racista cujas epistemologias consideradas marginalizadas (as negras, as indígenas, as faveladas, etc.) não são privilegiadas. Creio, inclusive, que o processo de transcrição das conversas se assemelha ao processo de tradução – quando transcrevo para minha dissertação a fala das mulheres faveladas, eu imagino todo um contexto que envolve a linguagem, inclusive a linguagem corporal. A transcrição das conversas me leva a pensar sobre os significados das gírias, das pausas, das reticências, a especificidade da fala no que tange o território, etc. Esse trabalho também é traduzir uma linguagem, uma forma de se expressar; além de trazer a fala das mulheres negras e faveladas para dentro da academia.

No decorrer do meu ato tradutório, minhas experiências e vivências foram se entrelaçando àquelas descritas pelas entrevistadas de Natasha Kelly (2018), bem como estas se emaranharam com os bate-papos das minhas interlocutoras, as mulheres pretas faveladas, como será descrito mais adiante. Conseqüentemente,

A tradução escreviente apresenta-se como ato interpretativo e antropofágico de resistência que possibilita que a tradutora/autora [...] trate as especificidades do seu texto de partida, quanto do seu texto de chegada de uma maneira mais atenta e politizada” (REIS, 2020, p.139).

De fato, me pareceu um momento antropofágico. Lembre-se que, literalmente falando, antropofagia é o ato de comer a carne do outro – um ato ritualístico. Traduzindo, me embrenhei nas palavras do livro traduzido e as devorei metaforicamente para absorver a cultura do outro lado do oceano pois “a antropofagia nos une”³⁵. Depois de mastigá-las, cuspo-as de novo ao mar para espalhar os conhecimentos adquiridos. Sigamos traduzindo e insurgindo!

2 EU VELEJANDO COM DEUSAS NEGRAS DAS ÁGUAS

FOUR WOMEN

³⁵ Frase do autor brasileiro Oswald de Andrade publicada no *Manifesto Antropófago* (1928), tendo eu subtraído o advérbio só.

*My skin is black
 My arms are long
 My hair is woolly
 My back is strong
 Strong enough to take the pain
 inflicted again and again
 What do they call me
 My name is AUNT SARAH
 My name is Aunt Sarah
 My skin is yellow
 My hair is long
 Between two worlds
 I do belong
 My father was rich and white
 He forced my mother late one night
 What do they call me
 My name is SAFFRONIA
 My name is Saffronia
 My skin is tan
 My hair is fine
 My hips invite you
 my mouth like wine
 Whose little girl am I?
 Anyone who has money to buy
 What do they call me
 My name is SWEET THING
 My name is Sweet Thing
 My skin is brown
 my manner is tough
 I'll kill the first mother I see
 my life has been too rough
 I'm awfully bitter these days
 because my parents were slaves
 What do they call me
 My name is PEACHES- Nina Simone
 QUATRO MULHERES³⁶
 Minha pele é preta
 Meus braços são longos
 Meu cabelo é macio como a lã
 Minhas costas são fortes
 Forte o bastante pra aguentar a dor
 Infligida repetidamente
 Do que eles me chamam?
 Meu nome é TIA SARAH
 Meu nome é tia Sarah
 Minha pele é 'parda'
 Meu cabelo é longo
 Entre dois mundos
 é o lugar ao qual realmente pertença*

³⁶ Minha tradução livre da canção *Four Women* (1965), composta pela cantora afro-americana Nina Simone. Ouvir a canção é necessário por denunciar problemas sociais que envolvem/ envolveram tantas mulheres negras ao redor do mundo. Não sou poetiza, porém, tentei captar a beleza das estrofes e, apesar da canção descrever exemplos de mulheres afro-americanas, traduzi de acordo com os tons de pele usados no Brasil. Outra tradução da música é descrita no artigo *Quatro Mulheres: Nina Simone por Nina Rizzi & um biz de Suely Carneiro*. Também vale a pena conferir as versões da canção com Nina Simone (https://www.youtube.com/watch?v=EWWqx_Keo1U) e com o quarteto de mulheres jazzistas (https://www.youtube.com/watch?v=7R_Qk1AN5S4) que se une para interpretar *Four Women*: é de arrepiar!

*Meu pai era rico e branco
 Ele violentou minha mãe certa noite
 Do que eles me chamam?
 Meu nome é SAFFRONIA
 Meu nome é Saffronia
 Minha pele é bronzeada
 Meu cabelo é bom
 Meus quadris te convidam
 Minha boca é como o vinho
 De quem é essa menininha?
 De qualquer um que tenha grana pra comprar
 Do que eles me chamam?
 Meu nome é COISINHA DOCE
 Meu nome é Coisinha Doce
 Minha pele é marrom bombom
 Meus modos são rudes
 Juro que mato a primeira mãe que eu avistar
 Minha vida tem sido muito dura
 Sou terrivelmente amarga hoje em dia
 Porque meus pais foram escravizados
 Do que eles me chamam?
 Meu nome é XANA!*

Nas ondas transatlânticas, dentro de navios negreiros, a diáspora africana seguiu seu intenso fluxo. Fluxo que, na verdade, foi uma migração forçada. Em seus portos de chegada, a população africana reinventou suas práticas e reconstruiu suas formas de viver com o decorrer dos tempos – o povo negro é de uma resiliência humana impressionante. O mesmo posso dizer das intelectuais negras contemporâneas, uma vez que para velejar os mares turbulentos atuais são necessárias muita coragem e resistência – mulheres negras que possuem a própria força das águas oceânicas.

Durante minha imersão tradutória, percebi a importância das escritoras Audre Lorde e May Ayim ao longo da obra da autora afro-alemã Natasha Kelly. Todas as entrevistadas de Kelly mencionam Ayim, e a maioria delas traz a intelectualidade de Lorde como exemplo. Depois de dissecar todo o livro, fiquei pensando como seria instigante se as conversas produzidas por Kelly entrassem em diálogo com as escritas de Neusa Souza (1983), um dos grandes nomes das publicações de psicanálise brasileira a partir de seu livro *Tornar-se Negra*. Para entender um pouco mais sobre estas mulheres presentes na obra traduzida, bem como nos diálogos apresentados na minha pesquisa, biografarei sobre elas para assimilar a importância e relevância desta tríade negra de pensamentos.

2.1 LORDE: deusa guerreira das águas doces, Obá

Seu silêncio não vai proteger você [...]. Fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo do supremo destemor, o peso desse silêncio nos sufocará. [...] E há muito silêncios a serem quebrados. Audre Lorde

“As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa grande” é uma das frases mais emblemáticas da poeta americana Audre Lorde e fez parte de uma de suas falas em uma conferência realizada na cidade de Nova Iorque em 1979. A frase ainda retumba necessidade de luta. Lorde, além de se entender como uma irmã *outsider*, também se autodefinia como preta, mãe, professora, poeta, lésbica. E, dada a sua trajetória, sabemos que a autora era uma guerreira, pensadora e ativista. Assim, é fundamental perceber os ensinamentos deixados pelo legado desta poetisa.

A frase supramencionada também é um dos artigos do livro *Irmã Outsider* (2019), traduzido aqui no Brasil por Stephanie Borges, em cujas linha percebemos a indignação da escritora ao pontuar ser “uma arrogância particularmente acadêmica iniciar qualquer discussão sobre teoria feminista sem examinar nossas muitas diferenças, sem uma contribuição significativa de mulheres pobres, de mulheres negras e do Terceiro mundo, e de lésbicas” (LORDE, 2019, p. 135). Logo, esta afirmação deixa particularmente clara a sua influência sobre o conceito de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989) nos estudos políticos da opressão contra minorias.

A afro-americana Kimberlé Williams Crenshaw (2002), professora e defensora dos direitos civis estadunidenses, define interseccionalidade como

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (p. 117)

É como se o corpo negra estivesse parado no meio de um cruzamento de pistas onde os sinais nunca autorizam a travessia daquela sujeita. Assim, são inúmeras as tentativas feitas para atravessar esse entroncamento social. Crenshaw explica essa metáfora onde

as mulheres negras podem sofrer discriminação de várias maneiras pois a contradição surge ao supormos que suas reivindicações de exclusão devem ser unidirecionais. Considere uma analogia com o tráfego em um cruzamento, indo e vindo nas quatro direções. A discriminação, como o tráfego em um cruzamento, pode fluir em uma direção ou em outra. Se um acidente acontece em um cruzamento, ele pode ser causado por carros viajando de várias direções e, às vezes, de todas elas. Da mesma forma, se uma mulher negra for prejudicada porque está no cruzamento, sua lesão pode resultar de discriminação sexual ou racial (CRENSHAW, 1989, p.149, tradução livre)

Em seu artigo *Idade, Raça, Classe e Sexo: as mulheres redefinem a diferença* (LORDE, 2019), apresentado na Amherst College em 1980, Audrey já falava sobre uma

recusa social em reconhecer e analisar as distorções que também envolvem os temas raça, idade e sexo. Temas que, uma vez agrupados, atravessam especificamente a sujeita negra. Enquanto isso, aqui no Brasil, Lélia Gonzalez dantes havia escrito o artigo *Mulher negra: um retrato* (GONZALEZ, 2020) cuja narrativa de uma mulher preta sentada à porta de barraco em 1979 já é intercruzada pela questão da raça, sexo e classe. Três anos após Lorde, e com ideias que dialogam, Gonzalez publica *Racismo e Sexismo na cultura brasileira* (GONZALEZ, 2020) deixando claro e selando a questão destes atravessamentos também aqui no Brasil.

A própria contracapa de *Irmã Outsider*, escrita por Djamilia Ribeiro, esclarece que Audre “é entrecruzada por uma série de identidades que a posicionam como forasteira dentro de movimentos contra opressões estruturais, conferindo um lugar único de análise potencializado pela sua escrita”. Em complemento, a tradutora desta versão brasileira também afirma (na orelha do livro) que

O pensamento de Lorde é profundamente enraizado na experiência de estar fora do que chamou de “norma mítica” – branca, heterossexual, magra. O olhar da outsider, deslocado, estrangeiro, é capaz de análises certeiras sobre a necessidade de agirmos para transformar a sociedade e nos propõe caminhos possíveis: saber quem somos e nos definirmos por meio das nossas palavras [...] (LORDE, 2019, orelha de livro)

E, através das palavras de Lorde, compreendemos sua definição do termo mencionado:

Em algum lugar, no limite da consciência, existe o que eu chamo de *norma mítica*, que todas nós sabemos em nosso coração que “não somos nós”. Nos Estados Unidos, essa norma geralmente é definida como branco, magro, homem, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável. É nessa norma mítica que residem as armadilhas do poder nessa sociedade. Aquelas de nós que estamos à margem desse poder frequentemente identificamos algo pelo qual somos diferentes e consideramos que essa seja a causa primária de toda a opressão, esquecendo outras distorções que envolvem a diferença, as quais nós mesmas podemos estar reproduzindo (AUDRE, 2019, p.143).

Nascida Audre Geraldine Lorde em uma família de imigrantes caribenhos em 1934, a poeta negra teve uma vida relativamente curta (falece em 1992); porém, sua trajetória foi intensamente marcada por seu ativismo e produção literária desde suas raízes no Harlem até seus momentos de luta contra o câncer. Suas escritas atravessam cerca de quatro décadas e são influenciadas pelo Movimento dos Direitos Civis, Movimento Feminista e os Direitos LGBTs. No começo dos anos 60, já dando início a sua intensa produção escrita, casou-se com um advogado e desta união ela teve dois filhos (Elizabeth e Jonathan). Separam-se em 1970 e Lorde, então, tem um caso com uma professora de psicologia – um relacionamento que dura até 1989³⁷.

³⁷ Artigo *Audre Lorde*. Disponível em: <https://bazardotempo.com.br/autores/audre-lorde/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

Figura 18: Foto de Audre Lorde. Arquivo de Aminatou Substack



Imprescindível pontuar que Audre, repetidamente, se apresentava referindo-se aos seus vários ‘eus’ (mulher, negra, lésbica, mãe, poeta, ativista, guerreira, etc.); desmistificando, assim, a suposição de que determinadas características estão impossibilitadas de invadir um mesmo espaço e/ou um mesmo corpo. Audre era mãe e lésbica, sim. Era mulher negra e poeta, sim. “E ela sabia que, caso não definisse a si mesma, o mundo exterior certamente o faria e, como cada um de vocês irá descobrir, provavelmente definirá cada um de nós em nosso detrimento, individualmente ou em grupos”³⁸ (LORDE, 2009, p. 156). A força de Lorde me lembra uma deusa africana guerreira que logo mencionarei.

Interessante perceber como este movimento de auto-afirmação da mulher negra se fortaleceu ao redor do mundo. Todas as mulheres entrevistadas por Natasha Kelly se definem como afro-alemãs e artistas envoltas por suas peculiaridades: umas são mães, outras são lésbicas e uma delas é viajante. Assim como todas as mulheres com quem conversei também se auto-definem como artistas pretas da favela – sejam elas fotógrafas, pintoras, cantoras ou *performers*.

³⁸ Adaptação de trecho do artigo *Self-definition and my poetry*: ‘I know however, that if I, Audre Lorde, do not define myself, the outer world certainly will, and, as each one of you will discover, probably will define each one of us to our detriment, singly or in groups’. (LORDE, 2009, p.156)

2.1.1 Depois da travessia transatlântica de Obá

Lorde conheceu Dagmar Schultz, professora e cineasta alemã, na Conferência de Mulheres em Copenhagen em 1980. Na verdade, Dagmar já tinha ligações com algumas universidades americanas e lecionava estudos feministas na Free University of Berlin. Assim, ela convidou Lorde para ser professora visitante desta mesma instituição. Durante quase uma década de idas e vindas a Berlin, Lorde e Dagmar se tornaram amigas transatlânticas – sendo esta uma fotógrafa apaixonada³⁹, muitas das fotos com a poeta negra americana de que temos conhecimento foram tiradas por Schultz. Além de ser co-produtora do filme *Hope in my heart – the May Ayim story* (2007) e diretora do *Audre Lorde – the Berlin Years 1984 to 1992*, a professora universitária é uma das colaboradoras do livro *Showing our colors: Afro-German women speak out* (OPTIZ, 1992) [Mostrando nossas cores: mulheres afro-alemãs soltam a voz], uma obra literária inspiradora para autoras como Natasha Kelly.

Na Alemanha, Audre atuou fortemente no movimento feminista das mulheres afro-alemãs; além de dar aulas, palestras, ensinar sobre poesia, etc. Lá, conhece May Ayim. Na primavera de 1984, como ela mesma narra no prefácio do livro *Showing our colors*, Lorde afirma que a leitura do livro, na verdade, só a faz perceber como a batalha diária destas mulheres é simplesmente a mesma, nos EUA ou na Alemanha. A autora descreve também os três meses que lecionou na Free University em Berlim dando um curso sobre poetisas negras americanas.

Um dos objetivos da viagem foi encontrar mulheres afro-alemãs pois a poetisa ficara sabendo que haviam poucas na cidade; porém, ela se depara com o fato das mulheres ali presentes nunca terem tomado conhecimento do termo afro-alemã. Chega a ouvir de uma das estudantes negras que uma das coisas menos grosseiras que tinha escutado a seu respeito foi o termo inglês *war baby*⁴⁰ (“bebê de guerra”). E o fato é que a cronografia dos negros alemães

³⁹ Informação da página da professora *DagmarSchultz.com*. Disponível em: <http://www.dagmarschultz.com/about.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

⁴⁰ “War babies” (bebês da guerra), também chamados de “occupation babies” (bebês da ocupação) ou “brown babies” (bebês negros), foram as crianças nascidas dos relacionamentos inter-raciais na Alemanha no período da guerra e dos pós-guerra. Milhares de crianças nasceram neste período, principalmente de soldados americanos (os GIs). Contudo, só as crianças de cor foram entregues para orfanatos ou adoção. Ter filhos sem ser casada já era uma mancha social para as jovens alemãs, sabendo-se, então, que eram proveniente dos soldados negros americanos, a situação era mais complexa – os casamentos não eram autorizados quando pedidos pelos soldados negros e, em muitos casos, dava-se baixa no serviço do referido soldado naquela região fazendo com que retornassem aos EUA. May Oritz denuncia este fato histórico no seu livro, *Showing our Colors*, nos capítulos *Afro-Germans after 1945: the so-called occupation babies* e *Racism here and now*.

nada tem a ver com os grandes movimentos bélicos do século XX, na verdade, esta história começa décadas antes. E Audre, então integrante destes círculos de conversas e leituras, fica intensamente entusiasmada de ver florescer este senso de identidade naquele grupo de mulheres negras.

Este desejo de conversar com mulheres afro-alemãs está bastante marcado no livro de Natasha Kelly. A artista Zari (anexo II, *link* p.227), uma das entrevistadas de Kelly por exemplo, de origem indiana e nascida em Chicago nos Estados Unidos, comenta sobre o fato de sempre se encontrar numa posição de intrusa. No país onde nasceu as pessoas nunca sabiam como ‘classificá-la’. O seu encontro com Audre Lorde em Berlim a faz mais forte, considerando-a uma importante guerreira e sobrevivente. O fato é que Lorde via qualidades nas pessoas levando-as a descobrir suas capacidades e aspectos internos.

Além disso, tinha a capacidade de fazer as mulheres encararem as coisas que eram desconfortáveis. Seu papel é fundamental na discussão identitária das mulheres afro-alemãs, marcando uma afirmação racial e auto-denominação da nacionalidade, percebendo suas identidades hifenizadas (ser afro-alemã, ou seja, poder ser negra e alemã ao mesmo tempo). Zari acaba por participar de todos os seminários da professora afro-americana e, a partir daí, ela começa a enxergar sua socialização enquanto mulher – a presença de Lorde na Alemanha faz com que elas comecem a se definir politicamente. Zari relembra como ela foi grata por aquela experiência: “é muito importante definir-se e se curar, se afirmar, se enxergar” (KELLY, 2018, p. 46).

Lorde me remete a Obá, a deusa africana guerreira e justiceira que representa as águas doces revoltas dos rios e as águas fortes como enchentes e pororocas. É valente e pune homens que maltratam as mulheres, “incorpora qualidades de mulher valiosa, firme, capaz de compensar dificuldades com uma imensa capacidade de lutas e conquistas” (SIQUEIRA, 1995, s/p) – é a dona do conhecimento, minha mãe Obá.

Figura 19: Pintura de Obá. Arquivo de iQuilíbrio



Gambda Adisa foi o nome recebido pela poeta negra em uma cerimônia de nomeação africana, certamente abençoada por Obá, antes de seu falecimento. O significado deste novo nome está completamente imbricado na vida de Gambda: “guerreira, aquela que faz sua significância conhecida” (LORDE, 2019, orelha de livro). Adisa, ou Audre Geraldine Lorde, morreu aos 58 anos de idade, depois de uma longa batalha contra o câncer, em sua casa na ilha caribenha St. Croix⁴¹.

2.2 AYIM: a serena orixá dos lagos, Olossá

*exotismo*⁴²
 depois de primeiro terem me denegrado
 eles então mangaram de mim
 para finalmente quererem me es-clarecer
 que é completamente inadequado
 ser nega-tiva
 May Ayim

Estes tempos na Alemanha, uniram intelectualmente Audre à poeta May, sendo a primeira praticamente uma mentora da segunda. Nascida Sylvia Andler em 1960, May Ayim era filha de um estudante de medicina vindo de Gana e de uma moça alemã. A escritora, educadora, poeta e ativista, sob as condições das leis do Estado, é dada para adoção um pouco depois de seu nascimento e não chega a ter contato com sua mãe. No orfanato, é adotada por um casal alemão, os Optiz, sendo então nomeada May Optiz. Ali se encontra sem qualquer

⁴¹ Informações do artigo *Audre Lorde – the Berlin years 1984 to 1992*. Disponível em: <http://www.audrelorde-theberlinyears.com/audre.html#.YF4tlVVKjIU>. Acesso em: 16 mar. 2021.

⁴² Tradução do poema *Exotik*, de Jéssica F. Oliveira de Jesus (In: *Blues in Schwarz Weiss*).

representatividade – a única criança adotada e negra cujos pais alemães já tinham outros filhos alemães brancos. De acordo com sua poética, nota-se que seus versos denunciam rimas de uma infância infeliz cercada de austeridade. Essa sensibilidade de Ayim me lembra uma orixá iorubana.

Figura 20: Foto de May Ayim. Arquivo de *Germany for you*.



Era bastante comum neste período pós-guerra crianças afro-alemães serem deixadas em orfanatos (ver nota 39, pág.70), sendo consideradas filhos de relacionamentos ilegítimos. A também escritora afro-alemã Ika Hugel-Marshall⁴³ passou quase toda sua infância em um orfanato, bem como outra entrevistada do livro de Natsha Kelly, Nadu. Esta é deixada pela mãe num lar adotivo e, quando a mesma se casa, volta para buscar a filha. Conseqüentemente, essas crianças, vistas como marginalizadas, crescem em ambientes que as subtraía de suas raízes africanas – obviamente, “esse crescimento em famílias adotivas brancas ou orfanatos as desconectavam de uma identidade cultural muito mais abrangente” (HILL, 2017, s/p, tradução livre).

Este desligamento das identidades culturais também estava presente no Brasil num período pós-escravidão até, provavelmente, a fase eugenista⁴⁴ predominante por aqui até cerca de 1940/50. Se observarmos os fatos cronológicos, percebe-se que são eventos concomitantes às décadas entre as chamadas Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Obviamente que haveria

⁴³ Escritora afro-alemã. Filha de mãe alemã branca e soldado negro estadunidense da 2GM. É co roteirista do documentário sobre Audre Lorde e autora do livro *Invisible Woman: Growing Up Black in German*, onde fala do sentimento de aversão em relação a si mesma e de sua luta pela autoaceitação. Informações do artigo *Audre Lorde: autoafirmação, intersecção e poesia*. Disponível em <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/audre-lorde-autoafirmacao-interseccionalidade-e-poesia/>. Acesso em: 18 mar.2021.

⁴⁴ Foi um movimento brasileiro, do início do século XX, de cunho racista cujas teorias científicas defendiam a inferioridade da população negra. Foi largamente apoiado por intelectuais e pela elite brasileira.

aqui a necessidade uma pesquisa histórica aprofundada sobre tal fato. Vale observar a tese de doutorado do historiador Sidnei Aguilar (2011) cuja pesquisa se inicia em torno do uso de tijolos marcados pela suástica no interior de São Paulo. A partir deste território, ele encontra uma ligação com o trabalho escravo infantil: cerca de cinquenta meninos negros são removidos de um orfanato carioca e levados para uma vida escrava em uma fazenda paulista, donde suas infâncias são roubadas e suas vidas completamente apagadas dos registros do asilo. Como se o apagamento não bastasse, suas identidades também são furtadas – deixam de ser crianças, deixam de ter nomes e passam a ser números: o 2, o 16, o 23.

A trajetória desta pesquisa é dirigida pelo diretor brasileiro Belisário Franca no filme *Menino 23: infâncias perdidas no Brasil* (2016). Ao denunciar a influência de políticos importantes da época e uma falta de posicionamento do Estado em relação àquelas infâncias negras negociadas, Franca consegue trazer para tela o depoimento de alguns poucos meninos encontrados. O documentário faz um vai e vem perpassando pela História do Brasil à época bem como a história contada pelos três garotos encontrados – senhores idosos, cada qual com sua família, e uma boa carga de tristeza e dor eterna sobre as costas. É um detalhe incomodativo: a película mostra as imagens de uma investigação a partir da retirada destas vidas de dentro do orfanato, ou seja, não fazemos ideia da quantidade de fatores envolvendo injustiça e desigualdade social que levaram aqueles cinquenta meninos, e tantas outras crianças negras, a serem depositados em tal instituição no Rio de Janeiro. Provavelmente, algumas histórias de vida semelhantes aos casos afro-alemães.

O poder envolvido nestes tipos de negociatas que só beneficiam uma classe brasileira: os empresários, a elite; enfim, os poderosos. A trajetória de cada criança reencontrada através da pesquisa deixa claro os privilégios da supremacia branca no Brasil. A esta classe nada é questionado; porém, as marcas deixadas são irreversíveis. Numa das conversas do filme, Seu Aloísio – o Menino 23 – denuncia: “Minha infância foi roubada”. Aqueles meninos viraram números e muitos provavelmente não sobreviveram. Bem como May Ayim teve seu nome trocado e um destino atropelado pelo racismo. A pesquisa sobre os tijolos fabricados com a suástica se inicia em 1998: dois anos depois do suicídio de May Ayim e da publicação do seu livro na Alemanha dita pós-nazista.

2.2.1 *Farbe Bekennen* – confesse sua cor!

A tese de doutorado de May Optiz, *A história dos Afro-alemães*, é o primeiro estudo acadêmico da Alemanha a lidar com a questão da história da população negra alemã. Dada a importância e relevância da escrita, acaba por ser publicado como livro: *Farbe Bekennen* (em inglês: *Showing our colors*) em 1986 – além de ser a primeira publicação afro-alemã, é também a primeira vez que o termo afro-alemão/alemã aparece escrito. Esta pesquisa é obviamente marcada pela trajetória de May. Ao ser expulsa da casa de sua família alemã aos 19 anos, decide embarcar nos estudos universitários e cursar pedagogia. Logo depois da faculdade, ela consegue reencontrar seu pai e estabelece laços com sua família paterna ganense.

A partir deste reencontro, decide usar o pseudônimo May Ayim em homenagem as suas raízes. Esse ato político em relação ao seu nome nos lembra a escritora e pensadora afro-americana Gloria Jean Watkins, conhecida por seu pseudônimo bell hooks. Na série *Listão*, no *Youtube*, o advogado e professor universitário Silvio Almeida (2021) explica que o pseudônimo é utilizado “para homenagear a sua avó materna [Bell Blair Hooks] e ela usa a letra minúscula [...] para dar ênfase, não à sua pessoa, mas àquilo que ela escreve”. Almeida pontua, ainda, que

“é justamente essa ideia de dar ênfase nos seus escritos e não a sua pessoa que faz com que a obra de bell hooks seja uma obra que queira transcender [...] transcender a sua condição de mulher negra [...] ela quer falar para o mundo e mostrar que sua identidade é uma identidade em movimento”.

Assim, em 1984, Ayim se estabelece em Berlin e passa a lecionar na Universidade Livre de Berlin, a mesma universidade por onde passou Audre Lorde e onde ambas se conectam por acreditar no “poder subversivo da linguagem lírica” (FLORVIL, 2017, s/p, tradução livre). As produções literárias, sua poesia e suas discussões sobre racismo, tem impacto direto no meio acadêmico alemão. “Ela costumava escrever para negociar sua germanidade negra e para escrever-se (ou até mesmo *in-screver-se*) na sociedade alemã e na diáspora negra” (FLORVIL, 2017, s/p, tradução livre).

A ideia de escrever um livro com narrativas de mulheres afro-alemães se baseia no fato incomodo de não ter que estar explicando constantemente sua existência. De não precisar provar que, apesar de negra, ela era cidadã alemã assim como inúmeras outras mulheres trespassadas pelas mesmas condições – um racismo diário massacrante. E o livro *Farbe Bekennen*, mencionado em todas as entrevistas da autora Natasha Kelly, nasce daí também – Ayim cultivava uma vontade de garantir visibilidade, de afirmar identidades, de deixar narrativas para gerações futuras excluírem aquele sentimento de marginalidade e isolamento.

Suas poesias seguem o mesmo caminho: ela liberta sua voz e, certamente, as vozes de vários outros corpos negros que foram se acumulando às suas experiências.

Farbe Bekennen também dá uma sacudida na vida da pintora e dançarina Maseho, cuja arte a faz ter contato com a cultura afro-brasileira, como a própria menciona. Em determinado ponto da vida, quando está cansada de se justificar por ser uma mulher negra e alemã também, ganha o livro de uma outra dançarina amiga e acaba por perceber outras mulheres negras tão cansadas quanto ela. Num dado momento da sua carreira, quando estava em Berlim, ela conhece May Ayim e relembra: “foi a primeira vez que ouvi falar de poesia e lirismo [...] era a primeira vez que alguém ousava escrever sobre o assunto que nos descreve de uma forma particular, sem generalizar”. (KELLY, 2018, p. 60)

O próprio livro aqui traduzido reafirma este tema: Natasha Kelly busca justamente a voz destas mulheres invisibilizadas, histórias de afro-alemãs que podem ser lidas contra a corrente. Mulheres negras que já formavam comunidades antes mesmo de May Ayim entrar no mundo acadêmico. Em sua introdução, Kelly chega a mencionar a dificuldade de buscar informações sobre estas mulheres, principalmente aquelas nascidas na década de 1950 no período pós-Segunda Guerra Mundial. Muitos nomes foram trocados, outras nem queriam ser encontradas e, caso estivessem dispostas a falar, não queriam ser gravadas. A autora comenta quão entristecedor foi descobrir a quantidade de mulheres negras mortas pelas vias da história, tantas trajetórias interrompidas sendo o suicídio a causa mais comum.

É inegável a marca deixada por Ayim no movimento negro alemão cujo embrião começa a tomar forma justamente lá nos anos 80, antes mesmo da queda do muro de Berlim. A força do ISD (*Initiative for Black People/* Iniciativa para Pessoas Negras), ainda hoje, é marca da presença da poetisa afro-alemã, uma das fundadoras da instituição. Na verdade, seu pioneirismo nos estudos da história da população negra alemã, sua atuação para disseminar a identidade híbrida (afro-alemã) destas mulheres nascidas no mesmo país que o seu, “sua integração da poesia com a diversidade cultural e o trabalho antirracista” (GERLIND, 2012, s/p, tradução livre) e tantas outras escritas de May são de extrema importância também para nossas comunidades negras brasileiras. Principalmente, se também nos enxergarmos detentores de uma nacionalidade hifenizada, a afro-brasileira.

Além do fato de, até hoje, muitas pessoas ainda usarem o discurso da ‘democracia racial’ (NASCIMENTO, 2016, p. 28) brasileira para defender a ideologia de que moramos num paraíso racial e, obviamente, manter seus privilégios brancos. Na verdade, as consequências desta falácia não diferem tanto do fato de muitos alemães também defenderem a inexistência do racismo na Alemanha. Aliás, uma das razões que leva May Ayim para sua

pesquisa é, durante os anos universitários, um dos professores dizer abertamente a ela que não existia racismo na Alemanha.

Certo professor uma vez me chamou atenção na frente da minha turma de faculdade por eu entregar os trabalhos escritos à mão. Dizia não conseguir entender como uma aluna poderia não ter um computador em pleno fins de século XX. E eu, de fato, não o tinha – racismo? Minha condição de classe? Meu corpo interseccionada! Consequentemente, eu me desdobrava para produzir excelentes trabalhos, pois não podia entregar algo simples e, ainda por cima, escrito a mão. A gente precisa estar sempre provando que consegue pois, olhando lá de cima da pirâmide social, ficam sempre esperando a nossa desistência.

Ao assistir vídeos de Aym no *Vimeo*⁴⁵, penso nela como Olossá – orixá dos lagos e lagoas que desembocam nos mares, filha de Iemanjá (aliás, Olossá é o nome de uma lagoa africana). É sensível e serena, podendo se machucar com qualquer coisa. Olossá é uma deusa zelosa como May Ayim – poetisa conhecida na Alemanha por ser uma protetora das minorias. Essa força protetora faz com que a intelectual afro-alemã estabeleça redes internacionais de conhecimento com outras mulheres negras, além de seus compromissos com esses outros mundos universitários. Se torna uma palestrante jovem e ativista em plena ascensão no início dos anos 1990, envolvida num trabalho intenso de pesquisa relacionado a consciência negra. Ayim se dedicava diariamente. Sabemos, porém, o peso do estresse racial numa sociedade que invisibiliza e isola as pessoas negras.

⁴⁵ Vídeo *Hope in my heart/ Esperança no coração*. Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/mayayim>. Acesso em: 18 jul. 2021.

Figura 21: Pintura de Olossá. Arquivo Candomblé no Brasil



Coincidência ou não, a historiadora brasileira Beatriz Nascimento ⁴⁶ teve seus momentos de desequilíbrio e “passou por um longo período de transtornos psíquicos que, em parte, afetaram a continuidade e o aprofundamento de suas atividades” (RATTS, 2006, p. 78). Alex Ratts (2006), autor brasileiro organizador de muitos de seus textos, denuncia: “na literatura sobre relações raciais e de gênero é notório que o enfrentamento diário dos micro-mecanismos do racismo e do sexismo atingem sobremaneira a saúde mental das mulheres negras” (p. 78).

Desafortunadamente, a luta de May também enfraquece seu corpo: ela passa por fases depressivas, chegando a ter um colapso nervoso e mental no último mês de eventos de Consciência negra ao qual consegue se dedicar. Chega a ser diagnosticada com esclerose múltipla e depressão profunda⁴⁷. E nesta luta contra um longo processo depressivo, acaba por se jogar do 13º andar do seu apartamento em Berlim, em 1996.

⁴⁶ Maria Beatriz Nascimento, que cursava o mestrado em comunicação em 1995, aconselhou uma amiga a largar o parceiro após várias reclamações de violência doméstica. Por entender que Beatriz atrapalhava o relacionamento do casal, o companheiro da amiga lhe disferiu vários tiros. Beatriz morre aos 52 anos de idade, deixando uma filha e uma brilhante intelectualidade interrompida.

⁴⁷ Informações do artigo *Marginalized Voices – May Ayim* de Amy Lynne Hill. Disponível em: <https://my.vanderbilt.edu/amylynnehill/authors/may-ayim/>. Acesso em 17 mar. 2021.

2.3 NEUSA: a rainha dos rios, Oxúm

*Eu vi mamãe Oxum na cachoeira
Sentada na beira do rio
Colhendo lírio lirulê
Colhendo lírio lirulá
Colhendo lírio pra enfeitar o seu congá [...]
Ê areia do mar que o céu serena
Ê areia do mar que o céu serenou
Na areia do mar mar é areia
Maré cheia é mar marejou*
Ponto de Oxum com a versão Zeca Baleiro

Coincidência ou não, esta é a mesma forma – se atirando para o fim – que nossa escritora afro-brasileira Neusa Souza escolhe para tirar sua vida em 20 de dezembro de 2008. Psiquiatra renomada, depois de deixar um curto bilhete se desculpendo com os poucos amigos, ela se joga do prédio onde morava em Laranjeiras, aqui no Rio de Janeiro.

De origem humilde, cursa medicina na Bahia em um percurso cheio de dificuldades financeiras. Ao terminar a faculdade nos anos 70, chega a trabalhar no Sanatório Salvador antes de vir fazer o mestrado no Rio de Janeiro. Numa fase de intensa discussão política no Brasil, participou de encontros do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras - IPCN (fundado em 1976) e atuou junto ao Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros - IPEAFRO de 1975 a 1985, onde palestrou com Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, Nei Lopes, Muniz Sodré e Beatriz Nascimento em 1985⁴⁸.

Figura 22: Foto de Neusa Santos. Arquivo Negre.com



⁴⁸ Parágrafo resumido a partir da dissertação de mestrado de Willian Pereira Penna (PENNA,2019) citada na referência bibliográfica desta dissertação.

Neusa, no documentário *Um grito parado no ar* (2020), se autodefine da seguinte forma:

Bom, primeiro, meu nome é Neusa Santos Souza. Sou psiquiatra, psicanalista. Vivo aqui no Rio e faço clínica psicanalítica e também tenho uma atividade de ensino, de transmissão. E a referência, assim, fundamental, talvez, na minha trajetória seja o fato de eu ter escrito *Tornar-se Negro*. Que foi a rigor uma dissertação de mestrado e que virou um livro e que parece que hoje ainda é uma referência.

Já seu orientador de mestrado, Gregório Baremlitt, a descreve como “negra, mulher, militante, e trabalhadora da saúde mental. [Ela] vive, luta, investiga, se forma e se transforma no Brasil, em 1982” (BAREMBLITT, 1983, p.79). Este comentário está no posfácio do então inovador livro de Neusa, *Tornar-se Negro* (1983). Imperativo lembrar que este livro é resultado de sua pesquisa de mestrado. Foi um trabalho

Realizado em plena ditadura militar e desenvolvido em um instituto considerado conservador. Na contramão dos pensamentos do instituto, Neusa referenciava-se não somente em Freud, mas também em intelectuais marxistas e na produção de Frantz Fanon, pois não se conformava com o referencial teórico e clínico do IPUB [Instituto de Psiquiatria da UFRJ]. Essa posição revela uma mulher que não se deixava enquadrar, submeter ou colonizar. Neusa propunha uma discussão sobre o racismo e a negritude a partir da perspectiva psicanalítica, em um contexto em que a questão do negro, senão fortemente ignorada, era bastante marginalizada, e qualquer ideia de discriminação racial era silenciada pela ditadura (NASCIUTTI, 2020, p. 241).

Penso que há aqui um jogo de palavras e ideias com a famosa frase de Simone de Beauvoir (1967) – *não se nasce mulher, torna-se mulher* (p. 9). Está implícito na afirmação a maneira como os padrões de uma sociedade sexista e machista vão nos formatando, vão nos fixando em determinadas lugares mesmo que estes não deem conta do nosso corpo, das nossas diferenças. Assim, tornando-se conscientes das construções sociais pelas quais somos subjugadas, as mulheres podem responder de formas diferentes à este papel imposto e seguir suas próprias inclinações. O mesmo acontece com o título do livro de Neusa Souza (1983) no qual ela cria uma teia de reflexões sobre a construção da identidade negra e ao mesmo tempo, vai demonstrando (através das falas de seus analisados) a presença da negação da cultura e do corpo da população negra dentro dos meandros de uma sociedade extremamente racista como a brasileira. Consequentemente,

[...] saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Ser negro é [...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, à priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1983, p.18 e p. 77)

Saber-se negra, assumir-se negra é um ato político. No caso desta pesquisa, todas as mulheres envolvidas fazem questão de resgatar sua(s) história(s) e re-criar suas potencialidades – eu, as faladeiras e as entrevistadas de Natasha Kelly.

A psicanalista acaba por descrever o sofrimento mental da população negra advindo da “utopia que reduz o negro a modelar-se segundo o figurino do branco” (SOUZA, 1983, p.77) – sendo este, nitidamente, um movimento desta sociedade racista que enquadra o corpo negro na condição de inferior e possuidor de menos valor, ao mesmo tempo que mantém suas subjetividades numa posição de invisibilidade e marginalidade. Neusa conclui sobre a necessidade de se colocar em prática uma “tarefa eminentemente política” (p.77): a construção de uma identidade negra como condição imprescindível deste processo que é tornar-se negro.

Os cursos d’água que atravessaram o início da vida de Neusa se transformaram em fonte de cura para sua carreira. Nossa Senhora Aparecida, a santa negra cuja imagem foi retirada de um rio paulista, também emana luz de paz e cura. Veja, Nossa Senhora é celebrada no mesmo dia de mamãe Oxum – Neusa psicanalista negra se assemelha à esta orixá dos sentimentos.

2.3.1 A cura pode estar no movimento das águas

Na década de publicação do livro *Tornar-se Negro* (1983), as greves escolares ficaram intensas no município do Rio de Janeiro. O prefeito era Saturnino Braga e o governador, Moreira Franco. E pensar que este dito homem de bem continua na vida política até hoje. Enfim, minha irmã mais nova já estudava em uma escola particular e, conseqüentemente, meus pais nos transferiram para uma instituição privada também, onde terminei o então chamado Segundo Grau – já no intuito de nos preparar para fazer o vestibular. Mais uns bons anos de aperto, a escola era bem cara para as duas adolescentes e uma criança. Meu pai e minha mãe trabalharam demais (ele nas casas de máquina dos navios, e ela, nas faxinas) para nos dar uma educação que eles consideravam melhor.

Essa busca por uma vida melhor era o objetivo dos meus pais, chamada por Neusa Santos (1983) de “estratégia de ascensão social” (p. 19). E, nesse trajeto, o negro pobre e favelado acaba por tomar o branco como modelo a ser seguido, inclusive como modelo de identidade, além do elitismo imposto pelas escolas particulares. Engraçado que fomos matriculadas ali para termos mais oportunidades; contudo, nesta dolorosa fase, passei por situações de desconfortos e humilhações recordados até hoje.

Os amigos nunca ‘podiam’ ir à nossa casa, evitávamos o que podíamos falar sobre onde morávamos (sempre com a esperança da mudança chegar), nunca tínhamos dinheiro para acompanhar a vida dos adolescentes nem os eventos da escola. Meu cabelo foi motivo de piada, não usar marcas famosas era motivo de questionamento; as colegas já frequentavam as academias de ginástica, pintavam e escovavam o cabelo. Uma intensa “autoridade da estética branca” (SOUZA, 1983, p. 29) e tudo parecia tão precoce para mim. Nunca houve o xingamento ‘macaca’, nem a grosseria de classificar-me ‘cabelo ruim/duro’. Eram os olhares, as atitudes. Em suma, uma história semelhante à de tantos negros pobres e favelados pelo Brasil afora – com receio de falar e sem oportunidade de ser olhada como igual.

Assim, eu era uma aluna hiper-dedicada e estudiosa, pois alguma qualidade naquele ambiente opressor e de muitos sofrimentos eu precisava ter. “Ser o melhor [...] para se afirmar, [...] para ser aceito” (SOUZA, 1983, p. 40); porém, eu não tinha consciência que “para o negro, ser o melhor, [...] não lhe garante êxito [...] é que o Ideal do ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível” (p. 40). O mesmo se deu com minha irmã Alexandra. Ela era da 7ª série e houve um furto em sala de aula. Uma das colegas de classe acusou-a dizendo que só ela poderia ser a ladra, pois era a única aluna da favela. Acusação seguida do olhar, olhar que queima sua pele e desqualifica o seu cabelo. Este evento nos marcou e nos machucou demais. Não sei a carga trazida pela minha irmã em relação a isto, porém; eu nunca esqueço. Minha amiga-irmã ficou reprovada neste ano – vale a pena dizer, sempre foi uma aluna brilhante. Ela deve ter pensado não ter capacidade para estar ali e, ao guardar esta dor, acabou por repetir de ano. Imperceptivelmente, calou-se dentro de um processo de autodesvalorização.

Lorde (2019) exige a quebra do nosso silêncio; sua exigência é também acatada por Ayim (1992) quando sua poesia antirracista, até hoje, ecoa nos fazendo lembrar que somos muito além do que nos impuseram. É um quebrar de grilhões para poder nos movimentar pelo mundo. Ao ler Neusa, fico refletindo se Audre e May tiveram a oportunidade de lê-la pois as três estavam em concordância quanto ao massacre social imposto ao negro e o quanto esta violência nos adocece e aos nossos irmãos e irmãs afrodescendentes na diáspora.

A nossa médica negra inicia sua escrita afirmando que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (SOUZA, 1983, p.17). O discurso sobre si mesmo está presente em Audre, em May, nas entrevistadas de Natasha Kelly e naquelas artistas pretas faveladas com as quais conversei e , mais adiante, será percebido nos seus falares sobre seus corpos. Teria sido uma grande roda de conversa poder nos juntar e conversar sobre nossos pesos carregados por uma vida. Será que esta conversa com Neusa aliviaria as batalhas carregadas por Lorde? Será que estas conversas aliviariam as depressões constantes de May? Teriam minimizado os possíveis momentos de solidão de Neusa? Teriam minimizado minhas inseguranças? Curariam algumas feridas das nossas artistas afro-alemãs? Eu acredito que sim, talvez pudéssemos ter tecido uma rede de apoio mútuo que hoje tento retomar através de variadas conversas cotidianas.

Poucas foram as fontes biográficas que consegui descobrir sobre Neusa. O próprio site da fundação Palmares não foi atualizado desde a década de sua morte. Em tempos de uma extrema direita exercendo uma política ditatorial neste país, fiquei extremamente alegre de ainda encontrá-la mencionada por lá. Seu livro é “considerado a primeira referência sobre a questão racial na psicologia”⁴⁹ no Brasil, em cujos capítulos ela discute racismo e branquitude, ou seja, uma produção ímpar, pouco conhecida e não mais publicada. Na psicanálise, foi capaz de escutar as falas das pessoas negras e transformá-las em vozes ressoantes e potentes” (OLIVEIRA R., 2020, p. 51). É a primeira psicanalista a considerar a ferocidade do racismo e seus impactos psicológicos sobre os corpos negros – “Neusa rompeu com a lógica burguesa dos psicanalistas de um Brasil que se pretendia embranquecido orgulhoso da ideia insana de “democracia racial”, terra de igualdade e harmonia” (OLIVEIRA R., 2020, p.52).

Neusa Souza nasceu às margens do Rio Paraguaçu. É o maior rio genuinamente baiano, nasce na Chapada Diamantina e tem as margens férteis. Neusa é uma rainha do rio, como Oxum. Rainha também dos lagos e águas doces, Oxum é cultuada nos terreiros de candomblé de Salvador. “E com a água, sem perder a firmeza de que ela é capaz, interfere nos conflitos e apaga “fogos fátuos” ajudando a dirimir conflitos” (SIQUEIRA, 1995, s/p), bem como Neusa com seus pacientes tão marcados pela sociedade brasileira racista. Sabemos que

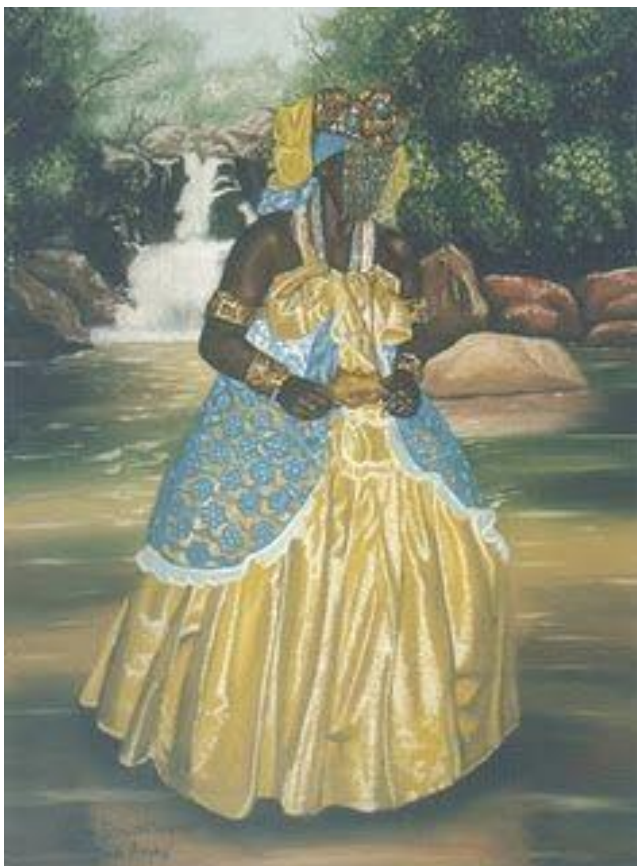
Oxum é a rainha das águas doces dos rios e das cachoeiras. Oxum é a mãe que chora junto. É orixá dos sentimentos [...] Mergulhar, lançar a rede, insistir. Isso é a vida. E se não der certo, senta e chora. Depois tenta de novo. Isso é Oxum [...] Oxum, a orixá chorona, nos ensina

⁴⁹ Morre Neusa Santos Souza, nota disponível em <http://www.palmares.gov.br/?p=3166>. Acesso em 2 abr.

que a gente pode chorar. Por que não? Num mundo onde tudo parece tão árido, as lágrimas limpam, regam, hidratam. Oxum chora. Muitos dizem que ela já chega chorando [...] o direito de sentar na margem e deixar a alma transbordar pelos olhos. (EL BAYEH, 2014, s/p)

Às vezes, a correnteza do racismo é forte demais e não conseguimos nadar contra tamanha força. Sigamos tentando!

Figura 23: mamãe Oxum na cacheira. Arquivo Blog do Orioxê



Lembremos seu nome completo: Neusa Santos Souza! Uma personalidade muito, muito além daquela mulher negra que se jogou para a morte, ou que se jogou para o fim do sofrimento. Neusa nasceu no município de Cachoeira em 1948, na Bahia – foi negra brasileira, médica, psicanalista e escritora.

3 CONVERSAS TRANSATLÂNTICAS E RE-FAVELADAS⁵⁰

Mil nações moldaram minha cara
Minha voz, uso pra dizer o que se cala
O meu país é meu lugar de fala
 [...]

É força que me embala
 [...]

Porque nunca ouvir?
Porque coagir?
Pra que abusar?
Pra que iludir
E violentar
Pra nos oprimir?
 Elza Soares

Durante toda minha escrita busquei diálogos entre autoras, autores e participantes desta pesquisa num afã de aprendermos sobre o outro (e sobre mim), navegarmos um com o outro de variadas formas para nos desvencilharmos das amarras coloniais que ainda nos imobilizam. Aquelas amarras que nos fazem enxergar a outra como negra inferior, como mulher sexo frágil, como parte de uma população periférica ignorante. Aqui, vou remando a favor da Maré junto com as pretas da favela em diálogo com as afro-alemãs. Nesta parte transatlântica, me inspirei na escritora chicana Gloria Evangelina Anzaldúa pois

Enquanto seu trabalho a conecta ao movimento Chicana e ao movimento feminista, Anzaldúa também discute como este mesmo movimento excluiu as mulheres e como o movimento feminista excluiu as vozes das mulheres de cor. Ao dar destaque as experiências de mulheres de cor e trazer vozes marginalizadas para o centro do seu trabalho, ela ressalta sua estratégia para desenvolver a consciência de seu *status* marginal, reivindicando identidades por meio desse conhecimento, fazendo uso de atos cotidianos e estruturais de resistência e criando teorias de mudança social. Esses espaços intermediários são desconfortáveis, mas também oferecem oportunidades de transformação social (BOWEN, 2018, s/p).

Ao ler seu livro *Borderland/ La Frontera* (1999), descubro uma intensa autobiografia escrita a partir de suas narrativas interseccionalizadas e entrelaçadas às opressões múltiplas presentes na vida da autora – “vida e obra se misturam formando um projeto intelectual que ultrapassou as fronteiras entre México-Estados Unidos” (FIGUEIREDO e HANNA, 2017, p. 2995).

A introdução escrita por Sonia Saldívar- Hull faz menção ao termo *autohistorias* (ANZALDUA, 1999, p. 13) do qual aqui me apodero. Busco seu artigo *Border Arte:*

⁵⁰ Termo explicado adiante, página 97.

Nepantla, el lugar de la frontera (1993)⁵¹ [Arte de fronteira: *Nepantla*, o lugar da fronteira] para uma descrição mais detalhada do termo, feita em breve. Neste texto, Anzaldúa narra sua experiência ao visitar o Museu de história Natural de Denver para a exposição *O mundo de Moctezuma*. Primeiro, ela se sente impressionada sobre como as (os) artistas chicanas (os) são impactados pelos costumes e formas da arte mexicana antiga. Percebe-se claramente como a negociação sistemática da cultura chicana nos Estados Unidos impede seu desenvolvimento, fazendo deste um ato de colonização. Se a colonização influencia na vida e objetos do colonizado, a herança artística é alterada. As narrativas de Anzaldúa transmitem constantemente a sensação de alguém que ordena: descolonize-se!

Figura 24: Foto de Gloria Evangelina Anzaldúa. Arquivo de Marcelatraduz.wordpress.com



Penso, então, nas artistas da favela com quem conversei. Elas também fariam parte desta *border arte* (arte de fronteira) descrita por Gloria Anzaldúa (1993). A escritora chicana esclarece como a arte e a fronteira intersectam em um espaço liminar onde as pessoas da fronteira, especialmente artistas, vivem num estado de *nepantla*. Observe que *nepantla* é uma palavra originária da língua nahuatl usada para definir um estado intermediário: um terreno incerto cruzado por uma pessoa quando ela se move de um lugar para o outro; até mesmo

⁵¹ Para conseguir este artigo foi preciso me cadastrar no site do ICAA (International Center for the Arts of the Americas at the Museum of Fine Arts, Houston), receber um *e-mail* confirmando minha inscrição para que eu pudesse ter a permissão para baixar o texto de Glória Anzaldúa. Esta riquíssima escrita da autora chicana norte-americana é parte do livro da exposição chamado *LA FRONTERA/THE BORDER: art about the Mexico/ United States Border Experience*. Como não encontrei traduções do referido artigo, minhas observações aqui em torno do assunto são todas traduções livres deste texto de Anzaldúa.

quando muda de uma classe, raça ou orientação sexual para outra, quando se viaja da identidade atual para uma nova identidade, etc.

Claramente, esse estado de mudança aparece na minha conversa com a performer Nlaised Luciano. Nlaised vai se metamorfoseando. Ela conta: *Por muito tempo fui criada dentro da igreja evangélica ... então tipo ... isso pra mim foi um lugar muito doloroso. Por que ... enfim ... é sair de cada culto, se olhar e não se perceber de Deus, sabe? Na concepção cristã e entender que eu estava errada só por eu ser eu [...] eu lembro que na época eu queria muito ir pra um lugar o mais longe possível [...] Eu sinto isso desde criança, assim ... por que ... é muito ... é muito intenso você crescer, se olhar no espelho, não entender algumas coisas, não ter referências [...] Mas é isso, acho que vai muito deste lugar, assim, de ... nós ... pessoas ... que vai construindo a nossa sexualidade, vai construindo a nossa raça, né?*

Figura 25: Nlaised borboleta. Arquivo de @nlaised.luciano/2021



Ou seja, viver na(s) fronteira(s), entre lugares, já é um estado de *nepantla*; “an idea like that of *Nepantla* or border crossing” [tradução livre: “uma ideia como a de *Nepantla* ou **travessia de fronteira**”] (ANZALDUA, 1999, p. 235). A própria Anzaldua (1999) define o conceito em uma entrevista:

Eu trago o conceito de fronteiras e áreas fronteiriças mais para desvendar tudo isso também. E agora eu chamo de *Nepantla*, que é uma palavra *nahuatl* para o espaço entre dois corpos d’água, o espaço entre dois mundos. **É um espaço limitado, um espaço onde você não é isso ou aquilo, mas onde você está mudando. Você ainda não entrou na nova identidade e também não deixou a velha para trás – é uma espécie de transição. É isso que *Nepantla* significa.** É muito estranho, desconfortável e frustrante estar em *Nepantla* porque se está no meio de uma

transformação. [...] Portanto, *Nepantla* é uma forma de ler o mundo. [...] Também é uma forma de criar conhecimento e escrever uma filosofia, um sistema que explica o mundo. *Nepantla* é um estágio que mulheres e homens, e qualquer um que esteja disposto a se transformar em uma nova pessoa e crescer ainda mais e desenvolver, ir adiante. O conceito é articulado como um processo de escrita: é um dos estágios da escrita, o estágio em que se tem todas essas ideias, todas essas imagens, frases e parágrafos, e onde você está tentando transformá-los em um único pedaço, uma história, um enredo ou o que quer que seja – é tudo muito caótico. Então você sente que está vivendo naquela névoa de caos. Também é um pouco de agonia que se experimenta. Meu símbolo disso é Coyolxauhqui, a deusa da lua, que foi desmembrada por seu irmão Huitzilopochtli. A arte da composição, quer você esteja compondo uma obra de ficção ou sua vida, quer esteja compondo a realidade, sempre significa retirar pedaços fragmentados e juntá-los em um todo que faça sentido. (p. 237-238, tradução livre, grifos nossos).

Neste exato momento no qual escrevo, me encontro em *nepantla*. Sou várias coisas ao mesmo tempo e estou em mudança. Estou em uma situação meio desordenada mas disposta a crescer e a me desenvolver.

Analiso a tradução do termo que nesta pesquisa uso para me definir de tempos em tempos, a *outsider within* (COLLINS, 2016, p. 99) – uma forasteira de dentro, uma marginalizada de dentro. A *outsider* é aquela detentora de uma perspectiva diferenciada em relação à organização social dos lugares onde atua, acoplando um uso criativo da sua marginalidade à determinados contextos. Ou seja, um ponto de vista especial de quem ocupa esses entre espaços – digamos um *status nepantlera*. Uma posição social que pode ser um instrumento de mudança política das mulheres negras habitantes de dois mundos, duas culturas diferentes e/ou estão à dita margem da sociedade.

Inserindo este conceito no nosso contexto, eu mesma ter passado por um estado de *nepantla* quando me descubro mulher negra, quando ressignifico a favela e volto a atuar neste território. Às vezes, fico meio desorientada, meio sem saber o espaço no qual estou – qual meu lugar de trabalho? Qual o lugar da minha moradia? Em qual destes lugares estou inserida? Nos dois espaços, na verdade, já que cruzo as fronteiras quando vou de um território para o outro. É como uma luta travada dentro da gente para buscar o equilíbrio das nossas identidades, das linhas limítrofes, do dentro e fora de nós. Já não sou mais aquela pessoa que negava meu próprio território e condição social, até por que muitas das características que acumulamos são rótulos pregados sobre nós.

Percebi isso nitidamente nas conversas com as mulheres negras artistas da Maré – me pareceu tão simples e natural assumirem-se faveladas e isso me encheu de alegria. São artistas tentando expor sua arte e seus saberes por já se perceberem tão capazes quanto quaisquer outras profissionais. Nos vejo, então, como mulheres que vivem à margem e habitam fronteiras, somos a favela e também somos profissionais e artistas ocupando outros espaços.

Assim, classifico de *autohistórias* as afro-narrativas das mulheres com quem dialoguei – aquelas com quem conversei pessoalmente e também aquelas com quem dialoguei em pensamento e à distância transatlântica. De acordo com Anzaldúa (1993), a *autohistória* “é um termo que vai além do auto-retrato tradicional ou da autobiografia” (p. 113, tradução livre). Há uma necessidade de descolonizar as ideias presas aos fatos sequenciais pois a história é apresentada “como um ciclo serpentina em vez de uma narrativa linear” (SALDÍVAR-HULL, 1999, p. 2)

A autora as classifica também como uma forma de narrativa visual que uso de forma mais literal: auto vem do grego *autós* cujo significado é “eu mesma”, “ele mesmo”, “ela mesma”. O prefixo, então, é usado para exprimir a noção de si próprio. É justo este exprimir-se que busquei nessa pesquisa. Anzaldúa (1993) pontua ainda o movimento de se descolar da autobiografia tradicional: “contar a história pessoal da artista ou da escritora, também inclui a história cultural da mesma” (p. 113, tradução livre). Sendo assim, as *autohistórias* aqui dialogicamente se encontram e são marcadas pelas histórias pessoais de suas protagonistas. Autohistórias embebidas da História cultural que as permeiam deixando aflorar uma multiplicidade de subjetividade negra.

E por que dialogar com?

A subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito. Por isso, em Bakhtin, o sujeito não é assujeitado [...] nem é uma subjetividade autônoma em relação à sociedade. O princípio geral do agir é que o sujeito atua em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação. (FIORIN, 2017, p. 60)

Logo, a minha necessidade de participar num processo dialógico que permitisse desvendar outras subjetividades era essencial para as conversas e narrativas transatlânticas entrarem em movimento. Em nossas conversas, nossos diálogos nos mostraram sujeitas negras apreendendo o mundo e mexendo com sua estrutura por estarem sempre em relação uma com as outras – por sempre terem sido a base da pirâmide social no que tange a raça, a economia e o gênero. Esse movimento negro nos evidencia que “quando a mulher negra se move, o mundo inteiro se move conosco” (DAVIS, 2020, *youtube*, tradução livre). Nessa travessia e encontro transatlânticos,

[A] sujeit[a] vai constituindo-se discursivamente apreendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imers[a], e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, [a] sujeit[a] não absorve somente uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, [a] sujeit[a] é constitutivamente dialógica. Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com [a] outr[a], o mundo interior não está nunca acabado, fechado, mas em

constante vir a ser, por que o conteúdo discursivo da consciência vai alterando-se (FIORIN, 2017, p. 61).

Ou seja, os processos dialógicos banhados por uma travessia transatlântica nunca têm fim. As marés sobem e descem, os mares se revoltam e se acalmam. E nós faladeiras/conversadeiras somos levadas por esse movimento que constantemente nos modifica. Não me parece caber aqui a ideia de chegar à uma ilha deserta isolada ao longo da travessia – vale lembrar a célebre frase do poeta John Donne “*no man is an island*” [nenhum homem é uma ilha] – a ideia aqui é fazer parte de um diálogo de onde possam surgir narrativas nossas, criadas e agenciadas por nós mulheres negras. Nossos ancestrais saíram dos porões dos tumbeiros construídos por mãos brancas e se rebelaram com intuito de organizar outras maneiras de (sobre)vivência pós- diáspora. Nossas vozes, agora, podem ecoar de outros tipos de embarcações, construídas e navegadas por nós rumo às terras distantes e desconhecidas, ou não.

3.1 Polifonias negras do lado de cá e de lá do Atlântico

Logo cedo definido pela voz e a sua cor
 [...]
 Marginalizado e só
Por não ser mais um igual
Incapaz de ver beleza
Em seu corpo natural
Endeusava o branco
Por não ser o padrão real [...]
Seu nariz é lindo preto
Sua boca é linda
Seu cabelo é lindo preto
Sua cor é linda [...]
Eu sou
A voz da resistência preta
Eu sou
Quem vai emprestar minha bandeira
Eu sou
E ninguém isso vai mudar
Tudo começou dar certo
Quando eu aprendi me amar.
 Eu sou - WD

A beleza destas *autohistórias* são suas narrativas carregadas de polifonia! Os estudos bakhtinianos da prosa romanesca apresentam duas modalidades: a monológica e a polifônica. Me deterei na segunda categoria por ela abranger aspectos de inconclusibilidade, conceitos de realidade em formação, dialogismo e o não acabamento. No que tange o desfecho desta pesquisa, não há acabamento e não há conclusão. Como personagens de um romance tal qual o gênero em formação, as conversadeiras aqui também estão “em um processo de evolução

que nunca se conclui” (BEZERRA, 2005, p. 191). Esse mar polifônico aqui descrito não é *sobre* objetos de pesquisa, é um conversar *com* sujeitas negras inseridas em um constante processo de formação, aprendizagem, produção e navegação. Além de haver a possibilidade de podermos reconfigurar a nossa noção de intelectualidade, pois toda dialogia aqui descrita está recheada de intelectualidade preta. Tentei “posicionar mulheres negras como protagonistas e intérpretes do Brasil” (XAVIER, 2019, p. 14) registrando a importância destes pensamentos, além de buscar uma “escrita criativa que objetiva qualificar pontos de vista de mulheres negras como saberes” (p. 17).

A polifonia é, então, uma multiplicidade de vozes e consciências que se encontram e interagem e “não são objeto do discurso do autor, são sujeit[as] de seu próprio discurso” (BEZERRA, 2005, p. 195). Assim, é justamente esse processo de encontro vozes-consciências num discurso “do qual participam mantendo cada uma sua individualidade caracterológica, sua imiscibilidade” (p. 198)

Figura 26: Foto de roda virtual de conversa - Acervo pessoal/2021



Vale ainda lembrar que os estudos bakhtinianos levam em consideração a redução do homem a objeto no processo capitalista, sua objetificação. “Para Bakhtin, a reificação do homem surge com a sociedade de classes e chega ao limite com o capitalismo [...] sujeitando-o às mais variadas formas de violência – econômica, política e ideológica” (BEZERRA, 2005,

p. 193). Contudo, se de um lado temos a força capitalista esmagando estes sujeitos a nível de objetos; por outro lado também temos uma

maior estratificação social e o maior número de conflitos da história da sociedade humana, gerando vozes e consciência que resistem a tal redução. E Bakhtin afirma que o romance polifônico só pode realizar-se na era capitalista [...] onde uma diversidade de universos e grupos sociais nitidamente individualizados e conflituosos havia rompido o equilíbrio ideológico, criado as premissas objetivas dos múltiplos planos e as múltiplas vozes da existência (BEZERRA, 2005, p. 193)

Essa rede polifônica é também parte da “rede de uma antidiplina” (CERTEAU, 2014, p.41) cujos modos de fazer vão contra os esterótipos criados, o sistema imposto e o silenciamento histórico das mulheres negras. As mulheres com quem conversei (no decorrer da pesquisa são algumas vezes chamadas de conversadeiras) são praticantes centrais nesse cotidiano por nós partilhado. Conversas são locais de trabalho para os cotidianos pois dali sai toda uma gama de conhecimentos e aprendizagens. Suas vozes e produções são também *artes de fazer* que foram se mostrando nos nossos diálogos – conversas ordinárias que são práticas transformadoras, produções “onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém” (CERTEAU, 2014, p. 49). Ou, melhor dizendo, pertence a todo mundo.

Sabemos que as narrativas com as quais dialogamos diariamente nas muitas conversas com [a]s sujeit[as] no trabalho de campo [...] são, a um mesmo tempo, únicas e coletivas. Únicas por que [a] sujeit[a] as vive, assim as sente – a dor da exclusão ou os sentimentos de pertencimento a um grupo são experiências sentidas por cada um como suas e, neste sentido, são intransferíveis, particulares. Entretanto, ao mesmo tempo, essas são experiências coletivas já que são recorrentes nos cotidianos de uma parcela específica da população, embora muitas vezes sejam silenciadas (PASSOS, 2009, p. 20).

A intenção inicial da pesquisa era fazer uma grande roda de conversa com as faveladas negras que conheci, pois “compreendemos que as rodas de conversação são uma opção ético, político e epistemo-metodológica para as pesquisas com o cotidiano, uma vez que permitem interrogar sobre os processos de criação de conhecimentos e saberes” (REIS, 2017, p. 76). Todavia, devido as altas taxas de contaminação de Covid-19 no início do ano no município do Rio de Janeiro, acabei por fazer mini-rodas de conversas entre mim e aquelas que aceitaram o convite para um bate-papo. Eu tinha mais umas três mulheres agendadas; porém, no decorrer do processo, desistiram do encontro e isso foi imensamente compreensível.

Quando planejei este encontro com a outra, na verdade, com as outras, refleti sobre a

falta de escuta da sociedade para essas histórias e memórias e da desqualificação das suas práticas e dos seus saberes – a invisibilização dos conhecimentos, , lógicas, tecnologias desenvolvidas por estas populações. Discursos nos quais a negação vem acompanhada de desqualificação, impedindo processos de pertencimento das novas gerações. Esses discursos vão servir ainda para a criação de um estereótipo que fixa esses grupos em um passado distante e uma origem (PASSOS, 2009, p. 25)

Os bate-papos transcritos no anexo (da página 199 a 226) desta pesquisa demonstram como estas jovens negras artistas (digo jovens uma vez que todas elas nasceram de meados dos anos 1980 em diante) desafixaram suas imagens dos estereótipos criados dentro de uma estrutura racializada. Todas se declaram mulheres negras e estão cientes da importância de seus fazeres artísticos, bem como as mensagens que estes trabalhos pretendem comunicar. Consequentemente, foi fundamental “investir em uma escuta atenta das narrativas das experiências d[as] [...] interlocutoras, posicionando-[me] dialogicamente nessa relação” (PASSOS, 2014, p. 228). Deste modo, foi na conversa que foi possível “nos ouvir, prestar atenção, estar atentos, abertos às palavras outras, às contrapalavras que nos interpelam [...] nos desnudamos e nos damos a ler, estranhamos e somos estranhados, mas, sobretudo, podemos mover o pensamento no ato mesmo da conversação” (REIS, 2017, p. 78).

A primeira entrevistada de Kelly, Nadu, também dialoga conosco neste aspecto. A artista comenta sobre a força do grupo negra. Este reunir-se, juntar-se para conversar é um ato político e fortalece a presença destas mulheres artistas. Reunir-se para falar onde vivenciam diferenças e/ou onde vivenciam semelhanças. Discutir sobre a influência da branquitude em suas vidas, sobre o colorismo (“quanto mais clara, maior seu status”, diz ela) na sociedade. Nadu relembra que “de repente, nós nos tornamos muito fortes enquanto grupo negra. Tínhamos desenvolvido uma força interior e tínhamos também nos tornado mais confidentes. Esse foi o primeiro passo e foi muito importante” (KELLY, 2018, p. 22).

Como eu gostaria de ter tido esta experiência de unir-se a outras mulheres negras e poder discutir determinados assuntos. Não sei precisar como certas situações vividas me machucaram, mas hoje entendo como me marcaram. Como colaboraram para minha insegurança enquanto jovem integrante de uma família negra, pobre e favelada, tanto na adolescência quanto no início da vida adulta. É impressionante como passamos a infância sendo atravessadas pelo racismo e pela condição de classe no Brasil. Estas discriminações acumulam sofrimentos dentro de nós. Como dificilmente temos alguém que nos explique ou nos defenda (seja brincando ou estudando, na rua ou na escola, etc.), simplesmente sofremos ou acabamos por tentar nos encaixar nos padrões sociais. Creio ser mais fácil ter alguém para dialogar sobre isto, para perceber que estes sentimentos importam e que não estamos sozinhas.

A questão da simultaneidade de opressões permeia a vida de todas nós mulheres negras, principalmente aquelas marcadas pela divisão capitalista de classe (como no caso das faveladas). Mesmo aquelas que não falaram claramente sobre o assunto deixam transparecer a opressão em algum momento de nossas conversas. Nascida como uma criança intersexo,

Diana, a fotógrafa afro-alemã, explica que “nós, mulheres negras, bem, quase sempre aquelas que estão na frente da câmera são retratadas de uma certa maneira. Frequentemente em um contexto sexista e racista. Então, para mim, era importante pegar a câmera e retratar o meu mundo da maneira que eu o vejo” (KELLY, 2018, p. 83). Deste modo, a arte é geradora de liberdade. Liberdade para lidar com variados assuntos através do mundo fotográfico, tanto ela como muitas das “ditas mulheres marginalizadas” (KELLY, 2018, p. 90).

Já no caso da tatuadora Tatiane, a interligação classe-gênero-raça (de acordo com a ordem que ela cita: favelada-mulher-lésbica-negra) está ainda mais latente. Ela desabafa: *“Isso é um pouco confuso pra mim por que ... já, já é difícil eu ser artista. Já é difícil eu ser tatuadora num mercado que o machismo impera. É ... é difícil eu ser favelada ... [...] de uns dois anos pra cá, isso tá mudando um pouco mas ... é de gente perguntar: “tu sabe tatuar, mas vc é mulher??”, “sabe desenhar, mas tu é mulher??”. E, pasmem, muitas vezes, mulheres! Falando isso. E, por eu ser tatuadora, tenho que ouvir absurdos. Tipo: “Vai tatuar meu pau!”. Umas coisinhas baixas assim. E mulher só me procurar por que ... assim ... “ai, não é que eu esteja desmerecendo seu trabalho, é por que é íntimo, senão eu iria em tal fulano”. Mas, cara, as vezes eu vejo o trabalho do tal fulano ... e o meu trabalho é muito melhor que o do tal fulano! Entendeu? É tão confuso essa visão pra mim ... é tão confuso essa questão pra mim por que agrega muita coisa e, pelo fato de eu ser lésbica, agrega ainda mais. Por que as vezes eu não sei se o preconceito é por eu ser negra, eu não sei se o preconceito é minha sexualidade , eu não sei se o preconceito é por eu ser mulher [...] Ser artista só ... é uma parte que eu não consigo separar pra você. É ... as pessoas mais próximas, digo, que foi criado comigo, assim, é ... sabem que eu sou artista e , inclusive , fazem maior propaganda ... ai, esquecem que eu sou mulher ou que eu sou lésbica ou ... Eu sou artista! Eu só sou artista!”*

Finalmente, é necessário mencionar que todas as mulheres entrevistadas decidiram manter seus próprios nomes: Christine, Natália, Nlaysia e Tatiane. Às vezes uso reduções carinhosas para os nomes (Chris, Tati), ou utilizo o nome artístico, como no caso da MC, já conhecida como MC Natalhão. Como Lélia Gonzalez diria, preta deve ter nome e sobrenome, senão eles, os brancos, nos chamam pelos nomes que lhes convém. No caso do livro traduzido, não há menção específica da autora Natasha Kelly (2018) quanto ao assunto; porém, a mesma cita algumas delas como parte de seu círculo de amigos e também menciona a dificuldade de localizar as gerações de outras. Isso me fez perceber que a escritora havia utilizado o próprio nome de suas entrevistadas. Fiz, inclusive, buscas *online* das artistas e os *sites* encontrados mencionavam nomes iguais aos registrados na obra de Kelly.

Eu, na verdade, já tinha intenção de manter o nome destas mulheres como forma insurgente de fazer emergir do passado inúmeros nomes retirados, nomes apagados tanto dos documentos quanto da História do Brasil. Sabemos que, “no momento da compra, o africano escravizado era batizado e recebia um nome cristão, e o seu sobrenome se referia ao porto africano de onde havia sido embarcado” (SANTOS, 2017, p. 176). Eu tenho um interesse imenso em desvendar a história dos meus antepassados da diáspora; porém o máximo alcançado é uma certidão de nascimento da minha mãe com o nome dos meus bisavôs. Tento remontar a árvore genealógica da minha avó, descobrir nomes ... é tudo tão borrado, tão apagado. Esse ritual violento de retiradas pós-travessia atlântica “marcava o início da vida dos africanos escravizados no Brasil. Eram homens e mulheres que tiveram sua liberdade roubada, suas famílias desfeitas, seus costumes e línguas ignorados, seus nomes alterados e que, por fim, tornavam-se escravos” (idem, p. 176).

Essa busca dos antepassados fica clara aqui também na história da autora afro-alemã May Optiz, já citada anteriormente. Ao descobrir o sobrenome de sua família, ela adota o codinome May Ayim. Caso semelhante se dá com Luísa Mahin, personagem do livro *Um Defeito de Cor* (2017), uma intensa viagem literária e histórica da autora brasileira Ana Maria Gonçalves. Ela nunca se desapega de seu nome e começa a história relembrando: “ Eu nasci em Savalu, reino de Daomé, África, no ano de mil oitocentos e dez [...] o meu nome é Kehinde porque sou uma ibêji e nasci por último. Minha irmã nasceu primeiro e por isso se chamava Taiwo” (p. 19). Ainda criança, Kehinde é sequestrada e vendida como escrava para o Brasil. No dia do desembarque, a notícia do batismo é dada:

Disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinham feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois tinha ouvido os conselhos da minha avó. [...] Para os brancos fiquei sendo Luísa, Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde. (GONÇALVES, 2017, p. 63 e p. 73).

Figura 27: Pintura de Luísa Mahin/ Kehinde⁵². Arquivo de Leiturascontemporaneas.org



Trazendo à tona tantos nomes, apresento-lhes as *autohistórias* do lado de lá do Atlântico: Maciré, Nadu, Natasha, Patricia, Naomi, Sandrine, Diana, Zari e Maseho (anexo II, *link* página 227); e lado de cá da Maré: Aline (eu mesma, capítulo 3.3), Christine, Natália, Nlaised Tatiane (anexo I, páginas 199 - 226). Peço, então, uma licença poética ao cantor brasileiro Gilberto Gil, ex-ministro da Cultura, para transformarmos a *Refavela*, aquela que “revela o sonho/de minha alma, meu coração/de minha gente minha” (GIL, 1977) em verbo, em ação, em ato político. Consequentemente, ousou dizer que ‘refavelar’ é a minha contranarrativa da favela, uma vez que poeticamente e epistemologicamente refavelar produz olhares outros sobre estes territórios excluídos e sobre os subalternizados – sendo eu mesma vista como uma. Disserto, então, para refavelar e ‘escreviver’.

3.2 Terra à vista: aMARé Alemanha

A questão do território é um nome que eu começo a ... a dizer, a evocar, por que eu percebo que a favela é um nome de resistência, tem um resgate histórico aí, mas também é um nome que nos foi dado de uma forma a homogeneizar quem somos! E aí se eu penso no Rio de Janeiro, nem todas as favelas serão iguais... cada favela tem a sua forma de organização, cada favela se organiza a partir do território que ela ocupa ...

Nlaised Luciano

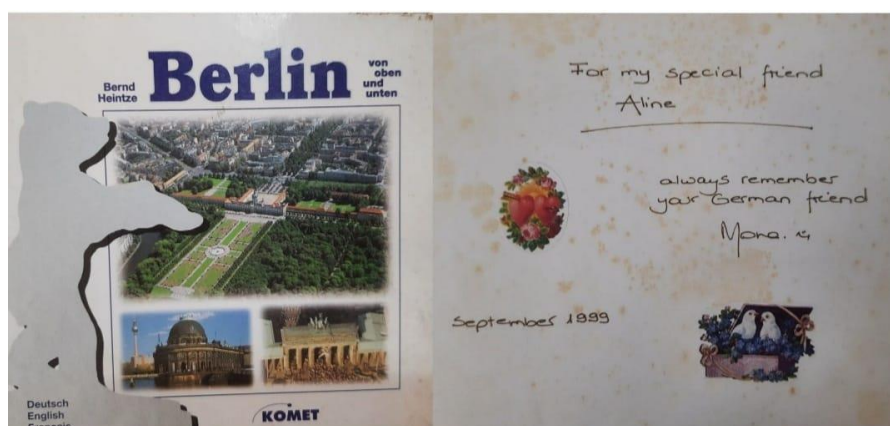
⁵² Foto do artigo *Kehinde e Luísa Mahin: a reelaboração de um mito*. Disponível em: <https://leiturascontemporaneas.org/2021/05/20/kehinde-e-luisa-mahin-a-reelaboracao-de-um-mito/>. Acesso em: 1 out. 2021.

Na época da adolescência, três décadas atrás para ser mais precisa, eu não tinha computador, nem *internet*. Consequentemente, nada de *whatsapp* ou *email*. Para praticar a língua inglesa, eu comprava fitas cassetes e gravava as músicas da rádio, cheia de cuidados para a voz do radialista não aparecer na minha gravação. Eu, minha irmã do meio e algumas amigas também trocávamos correspondências com pessoas ainda dispostas a escrever cartas ao redor do mundo – era o que chamávamos de *penpals* (amigos da caneta). Dentro das cartas vinham *friendship books* (livros da amizade), recheados de etiquetas com endereços de pessoas habitantes das mais diferentes partes do planeta – tive amigos em Zimbábue, Havaí, Chile, Inglaterra, Japão e Austrália. Algumas amizades mantive até a vida adulta. Às vezes, as correspondências se perdiam pelos embarques transatlânticos e isso nos causava tamanha saudade, talvez um tipo de banzo pela distância que nos separava.

Havia uma especial, Mona. Trocávamos uma quantidade absurda de correspondências e presentes também. Mona era alemã, de Berlin, e uma vez me enviou um livro sobre seu país que guardo até hoje: eu o folheava e sonhava em ir à Alemanha conhecê-la. O sonho não se realizou (ainda), mas o presente carinhoso está comigo até hoje. E quem diria que algum dia eu estaria aqui em diálogo com a Alemanha.

Figura 28:

Foto de livro da amiga alemã - Acervo pessoal/1999



Vamos situar este território. A República federal da Alemanha está cravada na Europa basicamente entre a França, Polônia, Holanda, Luxemburgo e a França. É um Estado federal de democracia parlamentar em um território de 357.340 km² com 83,1 milhões de habitantes⁵³, quase um terço da população brasileira. Assim sendo, é o país mais populoso da

⁵³ Números do Perfil da Alemanha – Sistema político e federalismo. Disponível em <https://www.tatsachen-ueber-deutschland.de/pt-br/politica-alemanha>. Acesso em 6 set. 2021.

União Europeia – EU e um dos que tem maior densidade demográfica. Está dividida em 16 estados federados com grande autonomia nas áreas de justiça e educação; bem como na área policial e cultural. Berlin, por exemplo, abriga 175 museus. Contudo, nós cariocas, não estamos distantes – entre museus e centros culturais a cidade do Rio de Janeiro dispõe de 123 instituições.

Figura 29: Mapa político da Europa. Arquivo de Fonte: Mundo Educação



Esse grupo de estados é regido pelo Parlamento – *Bundestag* – eleito a cada quatro anos pelos cidadãos e cidadãs. A frente do governo federal está a chanceler Angela Merkel, desde 2005. O território estatal é limitado às metrópoles Berlim, Bremen/Bremerhaven e Hamburgo – conhecidas como três cidades-estados. Se observamos o mapa da Alemanha mais abaixo, em rosa, perceberemos que as três cidades-estados estão em proximidade.

As entrevistadas da autora Natasha Kelly são todas nascidas e/ ou moram neste eixo territorial. Com exceção de Patricia, nascida em Postdam, a cidade mais populosa, além de capital, do estado federal de Brademburgo, o mesmo que abriga Berlim. Esta última é a maior cidade do país e a sétima área urbana mais povoada da EU.

Para quem foi marcado pelos fatos históricos televisionados nos anos 1980, é praticamente impossível não lembrar das repetidas cenas do Holocausto⁵⁴ liberadas nessa

⁵⁴ Também conhecido como Shoá. Foi o genocídio de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial na Europa. Comandado pelo estado nazista de Adolf Hitler, era um programa de extermínio étnico e ocorreu em todos os lugares ocupados pelos alemães durante a guerra.

época e da Queda do Muro de Berlim⁵⁵. O livro que recebi de presente sinaliza que “o muro agora é uma questão do passado. Oriente e ocidente estão integrados e, o novo e o velho estão em fusão [...] um novo centro está em progresso com uma administração moderna e nichos de negócios” (HEINTZE, 1999, p. 5).

Figura 30: Mapa 16 estados federados da Alemanha. Arquivo de Perfil da Alemanha



Por ser um país europeu, observei a questão do privilégio em torno deste território na fala das entrevistadas de Natasha Kelly. Naomi, nascida na África do Sul e criada na Namíbia, casou-se com um alemão e teve filhos na Alemanha. Num certo momento da vida, ela decide viajar para fora da Alemanha e isso lhe trouxe burocracias insuportáveis. Acaba por fazer um passaporte alemão pois isso lhe daria privilégio de locomover-se pela Europa. No entanto, deixa claro que o colonialismo alemão continua a dominar a África. Ela conta que ainda hoje há uma enorme comunidade alemã presente na Namíbia – muitas lojas e grandes fazendas são de propriedade germânica.

⁵⁵ O Muro foi uma criação da Guerra Fria. Após a Segunda Guerra Mundial a Alemanha é dividida sendo ocupadas por tropas de diferentes países: Alemanha Ocidental (República Federal da Alemanha – RFA, capital Berlim Ocidental), aliada dos EUA e Alemanha Oriental (República Democrática Alemã – RDA, capital Berlim Oriental), aliada da União Soviética pertencente ao bloco socialista. O muro é construído em 1961 pelas autoridades da Alemanha Oriental e destruído em 1989. Abrindo assim caminho para reunificação alemã no ano seguinte.

Alemães na Namíbia são colonialistas que vivem lá por gerações e de lá nunca saíram, na mente deles parecem ainda estar na Era do Imperador Guilherme. É um grupo muito específico de pessoas e possuem um orgulho nacional excessivo [...] eles tinham seu próprio bairro residencial. Tinha escolas privadas enormes, mas não era permitida a entrada de mais ninguém. Era uma ilha separada no meio da África – uma ilha alemã na Namíbia” (KELLY, 2018, p. 97).

Já Zari, por exemplo, nascida em Chicago e filha de imigrantes indianos, passa a morar em Berlin em 1981, antes da queda do muro. Enquanto artista visual e mãe solteira, Zari alega não possuir um passaporte alemão, porém se entende como parte daquela sociedade sendo aceita ou não. A artista se vê como uma pessoa de valor que deve ser agregada ao território alemão, bem como seu trabalho. Ela brilhantemente explica: “o presente que trago para Alemanha **é o meu outro ponto de vista**. A oportunidade de experimentar a Alemanha de uma forma diferente e descobrir coisas ‘novas’. Então ser diferente, ser alemã, é importante para Alemanha e para mim” (KELLY, 2018, p. 51, grifos nossos).

Sandrine, nascida em Berlin, objetivamente fala desse privilégio europeu/alemão. Ela lida com políticas de redução de exclusão no Departamento de Cultura de Berlim. Viver na Alemanha e ser alemã é para ela uma identidade nacional imbuída de certos direitos e privilégios. “É necessário nomear o privilégio se me posiciono como uma alemã com passaporte alemão e falo sem sotaque, isso abre muitas portas para mim que são mantidas fechadas para outros” (KELLY, 2018, p. 137). Além de “significar estar conectada a uma história que nos faz ter certa responsabilidade de conhecê-la bem e não repeti-la” (idem, p.138)

A Alemanha é banhada pelas misturas do Mar do Norte e do Oceano Atlântico. Este oceano é o segundo maior do mundo e se movimentam pelos continentes europeu, africano e americano. O mar espumoso do Atlântico chega até a *América Ladina*⁵⁶ (GONZALEZ, 2020, p. 127), onde na costa brasileira, região sudeste, está localizado o Estado do Rio de Janeiro. Reflito sobre *América* e ouço a voz de Beatriz Nascimento narrando o início do filme *Ôrí* (1980), da diretora brasileira Raquel Gerber, e me sinto transatlântica:

O quê é a civilização Africana e Americana? É um grande transatlântico. Ela não é a civilização Atlântica, ela é Transatlântica. Foi transportada pra América um tipo de vida que era africana. A transmigração de uma cultura e de uma atitude no mundo de um continente pro outro [...].

⁵⁶ Termo explicado no artigo *A categoria político-cultural de amefricanidade* – “trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário: ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *América Ladina* [...] Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os “pretos” e “pardos” do IBGE) são *ladino-amefricanos*” (GONZALEZ, 2020, p. 127).

Nós somos a mistura das travessias deste imenso Oceano. Este mar transatlântico, mar de Iemanjá, banha toda costa carioca e se funde às águas (hoje, infelizmente, tão descuidadas) da Baía de Guanabara – baía que abrange a Ilha de Paquetá, passa por debaixo da Ponte Rio-Niterói e chega a Ilha do Governador (bairros da cidade do Rio de Janeiro). Na altura da Ilha do Governador essa Baía se une ao Complexo da Maré. Há, inclusive, uma comunidade de pescadores no Parque União, comunidade onde está localizada a escola em que trabalho. Alguns dos meus alunos são filhos destes trabalhadores do mar. “A região era formada por oito ilhas: Cabra, Catalão, Baiacu, Fundão, Pontal do França, Bom Jesus, Sapucaia e Pinheiro” (EUCLIDES, 2017, s/p) divididas pelo Canal do Cunha. Com o aterro da Avenida Brasil e com a construção de habitações o que foi retirado das ilhas prejudicou o fluxo do referido Canal. Muitos moradores lembram, inclusive, dos banhos infantis na Praia de Ramos ou no Catalão, hoje uma impossibilidade.

A própria Rua Praia de Inhaúma onde morei, um dos acessos ao Morro do Timbau, recebeu este nome por ali ser um pedaço de praia. Ou seja, onde é a entrada do Fundão hoje com acesso pela Linha Amarela, era tudo baía. Na verdade, a referida comunidade está assentada sobre o morro de mesmo nome, “que vem do tupi-guarani *thybau*, “entre as águas”. O morro, uma das únicas áreas originalmente secas da região, ficava de fato no meio de áreas alagadiças e de mangue, entre as águas da Baía de Guanabara” (JACQUES, 2002, p. 25).

Como se fosse um olho d’água, a Maré nasceu às margens da Baía e se desenvolveu sobre ela. Esse olho vai mexendo com os cursos das águas, até extingui-lo e dar origem ao bairro de hoje – depois de invadir territórios esquecidos para os quais o Estado nunca olhou de fato. O curioso é que muitas das construções mareenses foram feitas a partir de ‘planejamentos’ habitacionais do próprio Estado e do governo. Com cerca de 40.000 domicílios,

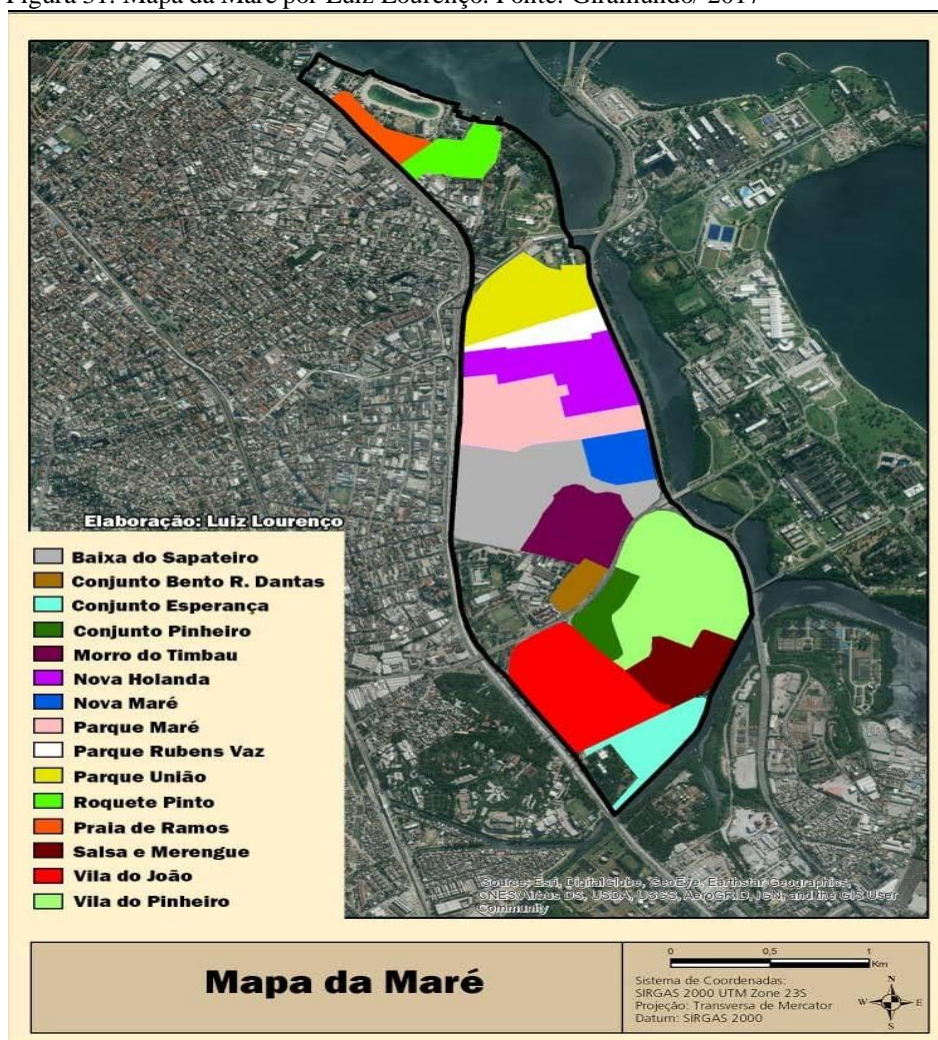
[...] onde vivem cerca de 140 mil pessoas, distribuídas ao longo do trecho que vai do Caju até Ramos, pela Avenida Brasil, via de circulação que une o Centro e as áreas periféricas da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Sua formação remonta a um longo processo de mudanças urbanas que atingiu a cidade, especialmente na segunda metade do século XX. Essas transformações aconteceram basicamente por causa do incremento da atividade industrial na cidade e da realização de grandes obras de infraestrutura, o que teve como consequência a chegada de muitos nordestinos em busca de trabalho e de melhores condições de vida. A construção da Avenida Brasil, a maior via em extensão do município, a partir de 1939, foi um dos fatores determinantes para o surgimento da Maré. Muitos operários que trabalharam na obra da avenida terminaram se fixando em seus arredores após sua inauguração, em 1946 (SILVA, 2015, p. 45).

Atualmente, é um complexo favelístico ou “aglomerado subnormal” (LOURENÇO, 2017, p. 79) composto por 16 comunidades: Morro do Timbau (1940), Baixa do Sapateiro

(1947), Conjunto Marcílio Dias (1948), Parque Maré (1953), Parque Roquete Pinto (1955), Parque Rubens Vaz (1961), Parque União (1961), Nova Holanda (1962), Praia de Ramos (1962), Conjunto Esperança (1982), Vila do João (1982), Vila do Pinheiro (1989), Conjunto Pinheiro (1989), Conjunto Bento Ribeiro Dantas ou Fogo cruzado (1992), Nova Maré (1996) e Salsa e Merengue (2000).

Estas comunidades criaram espaços culturais amplamente conhecidos nas últimas décadas. Dos três museus de favelas existentes no Rio de Janeiro, um deles está localizado na Maré – o Museu da Maré. Apesar de não ter um acervo numérico como os museus europeus, pois é uma instituição de doações e memórias, o prédio não possui objetos ‘trazidos’ de outros países. Além disto possui um galpão de artes, o Bela Maré, o Observatório de Favelas, uma Vila Olímpica e a Casa das Mulheres – CDM.

Figura 31: Mapa da Maré por Luiz Lourenço. Fonte: Giramundo/ 2017



O fato é que a Maré

não é simplesmente uma favela, mas o que se denomina um complexo de favelas, várias comunidades diferentes juntas, como se fossem vários bairros distintos, uma quase-cidade informal. Complexa Maré. Na verdade, a Maré é um dos laboratórios urbanos de habitação popular do país, onde inúmeras experiências habitacionais foram feitas nas últimas décadas. O próprio sítio sofreu tantas alterações que a própria maré não existe mais; foram tantos aterros que o mar já ficou bem distante (JACQUES, 2002, p. 19).

3.2.1 Narrativas trazidas pela Maré – das palafitas à atual territorialização

Uma das faladeiras desta pesquisa, a fotógrafa Christine Jones, por exemplo, deixa transparecer esta Complexa Maré. Os territórios que a demarcam, suas lutas travadas, a marcação de suas identidades ao mesmo tempo que busca equilíbrio dentro de sua comunidade, o Conjunto Esperança. Ela conta que sua história parte de uma outra comunidade marcada por sua ancestralidade ao falar de sua avó: *“Ela veio lá de Santa Catarina pra cá, pra Maré e se alojou lá na Nova Holanda, né? Na [Rua] Tatajuba... e ai*

gerou filhos lá, né. 8 filhos. E aiii, disso veio minha mãe que gerou eu e meu irmão. E a gente tá nessa. A gente é nascido e criado aqui na Maré”.

Como eu, ela também fala de seu dentro-fora da favela, esta linha limítrofe constantemente cruzada por nós – “*meus pais faziam de tudo pra gente ficar muito mais fora da comunidade ... é aquele medo de você se envolver com alguma coisa ... Inclusive, eu falo que comecei a trazer a Maré pra mim já depois de adulta. Eu era muito mais de fora do que daqui de dentro*”. Chris traz aqui um discurso de proteção em relação ao território usado por muitos pais com filhos adolescentes dentro das favelas cariocas, pois cruzar as fronteiras entre comunidades pode ser perigoso. Estudante da UFRJ e fotógrafa da Maré, ela e o irmão foram incentivados a estudar ao invés de ultrapassar as áreas limítrofes.

Semelhantemente à história de Chris, no meu caso, minha mãe sempre nos matriculava para estudarmos de manhã. Ao chegar da escola era sempre almoço, banho, leitura, trabalho de casa, afazeres domésticos. Ficar andando pelo Morro era impensável. O problema é que a gente também deixava de ter acesso a uma vibração popular vivida por outros jovens – ir a um baile funk, por exemplo, não era permitido (a única vez que usufruí deste espaço, fui escondida com minha prima e amigos). Eu costumo dizer a minha mãe, de forma brincalhona, que a culpa é dela por eu não saber o nome dos becos e das ruas do Morro.

Contudo, eu e minhas irmãs tínhamos constantemente atividades extras fora e dentro da comunidade também: curso de inglês, aulas de datilografia, aulas de dança na Associação de Moradores e fazíamos trabalhos de escola lá na atual Biblioteca Parque, no centro da cidade. Nossa educação nunca foi cultivada sob a herança do modelo imposto de comportamento feminino – nunca ficávamos em casa presas somente para cuidar dos serviços doméstico, pois era mandatório estudar. E cuidar significava tomar conta uma das outras. Provavelmente, minha mãe tinha consciência de que a gente precisava percorrer a trajetória consciente das dificuldades.

Eliana Sousa Silva (2015) é presidenta de uma das instituições educacionais de maior renome no Complexo (o *Redes da Maré*, na Nova Holanda). Ela se autodenomina “uma intelectual *insider* no espaço social popular, em particular na favela” (p. 28), além de ser uma profissional com quem tive o prazer de trabalhar quando atuei no pré-vestibular comunitário. Eu dava aulas em cursos de inglês e, ao mesmo tempo, trabalhava nesta ONG chamada Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré- CEASM, onde exerci as funções de professora do pré e coordenadora de línguas.

Tal ONG exerceu um papel muito importante na minha (re)descoberta: havia muitas reuniões e círculos de estudos. Nestes debates, era sempre pontuado a importância de

ressignificar a favela – a importância de dizer onde morávamos e/ou trabalhávamos desmistificando os estereótipos criados para nós. Buscando eliminar as imagens que nos eram destinadas, comecei a combater este tipo de formulação pois compreendi que, erroneamente, “os espaços populares e seus moradores são avaliados a partir de parâmetros característicos de outros grupos sociais e classificados, assim, a partir do que *não* teriam” (SILVA, 2003, p. 13). Esta representação acaba por perpetuar um conjunto de preconceitos a respeito dos setores populares pelo país afora.

Ali, descobri uma grande paixão pela educação popular. Popular porque é uma educação feita com a favela, com o povo, com os oprimidos tal qual o educador brasileiro Paulo Freire (1987) valoriza, pois para ele “não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente” (p. 55). Esta era uma das principais filosofias daquele local de trabalho.

Eliana Silva (2015) pontua ainda que

O bairro Maré é uma expressão concreta dos limites das representações tradicionais sobre as favelas e da necessidade de se construir novas interpretações sobre esses complexos territórios, agora levando em conta sua pluralidade, bem como a riqueza da vida cotidiana e de sua estrutura material. Solidariedade, alegria, festa, violência, desordem, carência e criminalidade são termos usuais quando se trata de representar o cotidiano da favela, de acordo com o grupo social, perspectiva ideológica e/ou o local da moradia que está no lugar a partir do qual se elabora o discurso de representação. Elementos que se apresentam de forma diferenciada, nas diversas favelas e territórios da cidade. E na Maré não é diferente. (p. 45).

Claramente, não estou aqui de forma alguma tentando minimizar os problemas apresentados pelas favelas. Ainda, em pleno século XXI, há comunidades dentro da Maré com áreas coladas à linha de miséria. Além do descaso estatal e do conturbado assunto que é a violência policial. Sendo este último o tema do livro *Testemunhos da Maré* (2015) escrito por Eliana Silva, com quem dialogo neste trecho, e em cujas páginas ela mesma explica ter ficado evidente “não ser mais possível considerar a melhoria da qualidade de vida dos moradores das favelas sem buscar construir novos olhares e proposições sobre o fenômeno da violência” (p. 27).

A minha intenção aqui é simplesmente apresentar outro ‘ensaio fotográfico’ sobre a favela da Maré pois, de uma maneira humana e humilde, muitos outros diálogos foram possíveis através desta escrita – até por que, sendo a Maré construída sobre as águas da baía, sabemos que água é purificadora, renovadora de vida, é movimento que traz outras

possibilidades. Assim como a arte tão belamente produzida pela fotógrafa Chris Jones, em cujo *Instagram* ela faz a seguinte proposta: “todo dia uma foto linda da Maré” já que a beleza também habita as favelas.

Figura 32: Foto da Nova Holanda em 1965. Arquivo: @hey_jones



Figuras 33 e 34: Foto amanhecer Maré e Prédio no Conjunto Esperança. Arquivos de @hey_jones/2020



Chris, inclusive, pensa muito sobre ocupar seu território com a arte. Ela revela: “*eu tenho pensado muito sobre essa questão ... é ... de retribuir o que eu aprendi dentro da própria favela, né? Do que eu aprendi com a fotografia tendo a oportunidade de fazer cursos e ocupar espaços e fazer isso de graça. [...] De trazer a arte, por exemplo, pra praça que eu moro ... desenvolver uma oficina de fotografia, ou então, uma oficina de cinema. Por que eu vejo que isso é muito distante [...] trazendo essa questão de discutir a territorialidade, de facções diferentes, né, a gente acaba ficando a margem de muita coisa. Por exemplo, o museu é muito mais pro lado de lá, né? Os centros ... os centros de arte da Maré ... é do lado de lá, o Bela Maré é do lado de lá. Então as pessoas daqui não tem muito esse contato com a arte. Até por que existe um medo de passar pro lado de lá. ... de destruir nossas barreiras ... esse receio que também existia comigo e com meu irmão*”.

São diferentes comunidades dentro do enorme e complexo território que é navegar pela Maré. Já Nlaysia lembra de quando a Maré foi reconhecida como bairro: “*a Maré em algum momento ela é reconhecida como bairro ... mas antes de ser reconhecida como bairro qual era o nome que nos era dado enquanto um processo de marginalização também, né? Que era a favela [...] eu uso a palavra território por que além de ser favela, além de ser um bairro, ainda é um espaço que eu discuto a minha vivência, que eu disputo a minha narrativa. É um lugar onde ... a travessa que eu morei, a rua que eu morei, o espaço que eu morei eu fiz pessoas, que eu considero alianças, e eu fiz pessoas que eu também considero como outras lógicas de sobrevivência. Então território é um espaço que também chama um pouco de uma palavra, né, que simboliza o que a gente entende ocidentalmente como guerra, né e aqui tem muitas guerras simbólicas. Em cada esquina tem uma igreja, né? Em cada esquina tem um lugar que é é ... fixado através do poder paralelo [...] eu entendo o pertencimento que eu tenho nesse lugar. Eu uso o território por que a ... a nós pessoas LGBTQs dentro da favela, né? Principalmente, pessoas como eu que é da sigla T de trans, que não é branca, nós somos pessoas que ... a todo momento não vamos ter espaço em nenhum lugar! Então eu uso território por que eu acredito que este espaço eu também estou tomando, no sentido de reivindicar, né?*”.

A princípio, a favela era para mim um recorte territorial deslocado da cidade. Aí percebi que, na verdade, não há recorte – a Maré, e tantas outras favelas, está inserida no que é a cidade. O Complexo é a cidade. O que fazemos é jogar o holofote sobre determinados espaços e sujeitos com intuito de esfacelar as narrativas periféricas. No decorrer da pesquisa fui percebendo este espaço como uma outra personagem da dissertação - uma personagem

delimitada pela racialização. Na verdade, se observarmos a cidade do Rio de Janeiro, lugar de onde falo, a gente não precisa de explicação nem teoria, basta prestar atenção, basta assistir uma novela da Rede Globo, por exemplo. Carolina Maria de Jesus (2014b) já denunciava isso mais de meio século atrás: “a minha [vida], até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (p.167).

3.2.2 *Apartheid* trazido pelos mares do Atlântico Negro

É um padrão histórico-social ainda em vigor. A grande gama da população negra habita e sobrevive nas periferias: nas favelas, na Baixada Fluminense, nos bairros mais humildes da Zona Norte e nas ruas. Enquanto os bairros da Zona Sul, os locais nobres da Zona Oeste e os considerados mais organizados da Zona Norte são domiciliados pela população branca. Mesmo dentro das zonas privilegiadas, há a segregação territorial. Vamos tomar como exemplo Copacabana, uma das praias mais famosas do Brasil. De frente para orla da praia estão os prédios mais sofisticados; já as ruas paralelas à pista do mar em direção ao centro do bairro, dividem espaço com o comércio e com alguns famosos morros cariocas: Cantagalo e Babilônia, por exemplo. Essas favelas trabalham em função desta região e o privilégio delas é ter uma habitação no local mais alto do morro – donde se pode ver a pontinha do Oceano Atlântico.

Figura 35 e 36: Foto Cantagalo cercado de prédios e Praia com Cantagalo fundo. Dreamstime/O Globo



Desde os nossos dias de colônia até hoje, Lélia Gonzalez (1982) argumenta que

A gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e o sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido

sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (p. 15).

Esta argumentação de 1982 pouco se alterou. Em consequência da luta do Movimento Negro, leis e políticas públicas implantadas nas últimas décadas, a população negra tem conseguido acessar determinados espaços e usufruir de certos ‘privilégios’ (ir à um restaurante, por exemplo). Contudo, apesar de não termos aqui o chamado *apartheid* africano nem a segregação racial norte-americana, a divisão está bem diante dos nossos olhos e vem sendo mitigada desde a invenção do mito da democracia racial⁵⁷. “Essa segregação não oficial entre negros e brancos que vigora em certos espaços sociais” (ALMEIDA, 2020, p. 61) foi naturalizada por nós uma vez que somos educados/treinados dentro de práticas sociais onde o racismo é parte do processo político e histórico. Na verdade, fomos levados a “... ‘naturalizar’ a ausência de pessoas negras em escritórios de advocacia, tribunais, cursos de medicina [e a] ‘normalizar’ que pessoas negras sejam a grande maioria em trabalhos precários e insalubres, presídios e morando em marquises e em calçadas” (p. 63), sem esquecer de incluir nesta naturalização os favelados.

Entrar para dar aula em uma escola pública dentro de favela, como no meu caso, também deixa o tema da discussão transparente: mais de cinquenta por cento dos estudantes são negros. Os estereótipos criados/inventados em torno dos negros e negras brasileiros desde o fim da escravatura, estigmatizam e justificam a discriminação. Dessa forma,

[...] moradores de favelas são, em última análise, perigosos, subumanos e incapazes de ações políticas racionais e organizadas. Favelas têm sido pensadas como áreas necessariamente permeáveis e sujeitas às regras da lei a todo e qualquer momento; como lugares onde medidas preventivas violentas sancionadas pelo Estado e pela sociedade destinam-se a conter os perigos que possuem (VARGAS, 2005, p. 78).

Ainda de acordo com Vargas (2005), percebemos que

[...] raça e espaço urbano são componentes essenciais de um senso comum hegemônico que sustenta e se alimenta da marginalização histórica imposta aos negros. A exclusão geográfica, tão bem expressa na manutenção, demonização e contínua desumanização das favelas, funciona como uma metáfora e como a corporificação concreta irrefutável de um sem-número de outros tipos de marginalização às quais as/os negras/os estão submetidas/os no Brasil – nas áreas de moradia, emprego, saúde, educação e representação política [...] preventivamente reprimida, as favelas e seus moradores são frequentemente retratados como moralmente corruptos e desumanos. A conexão poderosa que se estabelece entre raça e espaço urbano perpetua os estereótipos raciais negativos. Essa perpetuação ocorre de forma curiosa (devido ao modo silencioso como ocorre) e funciona conforme um mecanismo efetivo de manutenção das hierarquias sociais (p. 80, p. 97).

⁵⁷ Ver nota 27, página 48.

Fica claro então, e ainda de acordo com o autor supracitado, que as observações espaciais e os dados estudados mostram altos níveis de segregação e marginalização enfrentados pela população negra. Esse nítido isolamento social e desigualdade se acumularam ao longo das décadas e tomaram dimensões tamanhas que podemos classificar as favelas, sem sombra de dúvida, como um “apartheid brasileiro” (VARGAS, 2005).

3.2.3 Quilombos e favelas: oásis depois da travessia-atlântica-negra

Por um outro lado, isso também é característica de resistência, fazem força para nos afastar, nos isolar, nos calar e a gente continua lutando. Beatriz Nascimento (2021), historiadora e escritora negra, de acordo com a História do Brasil, explica que os quilombos eram uma reação ao movimento escravista sendo a liberdade uma das grandes motivações para procurá-los e organizá-los socialmente. Ela compreende esse território “como um sistema social alternativo” (p. 115) em relação àquele regime imposto. Em sua pesquisa Beatriz Nascimento pontua que

O estabelecimento das populações constitutivas dos “quilombos” em territórios delimitados nos séculos anteriores levanta a questão da sua continuidade física [...] vários territórios que naquela época compreendiam “quilombos” são atualmente favelas ou ex-favelas com grande contingente de população negra (de menor poder aquisitivo), assim como segmentos populacionais de outras etnias com a mesma origem e classe. Essa composição populacional tem grandes semelhanças com a dos ex-quilombos (NASCIMENTO, 2021, p. 116).

Percebemos, assim, ser provável que os quilombos fossem buscando maneiras de se relacionar com a sociedade local a partir do enfraquecimento do sistema escravagista, desenvolvendo “um sistema social baseado na autodefesa e na resistência como forma política” (idem, p. 116). Portanto, há uma continuidade neste processo – esta linha histórica parte daqueles quilombos e chega aos territórios de favela⁵⁸ atualmente com novas

⁵⁸ Breve história sobre favelas: Sendo habitado por ex-combatentes da Guerra de Canudos, o atual Morro da Providência é a primeira favela do Rio de Janeiro que surgiu há 120 anos atrás. Ambos locais eram violentos e caracterizados por uma não-civilização. Depois de lutarem contra o exército de Antônio Conselheiro, os soldados (negros, sertanejos e/ou fanáticos religiosos) retornaram ao Rio de Janeiro em 1897 com promessa de salário e de moradia. Foram abandonados pelo Estado e, por fim, sem o apoio do governo, começaram a improvisar um acampamento nas encostas do Morro da Providência e ficaram à espera do tal pagamento. Lá em Canudos, havia o Morro da favela onde se colocavam os canhões para batalha e de onde se tinha uma visão mais completa do Arraial, uma vista privilegiada. Neste morro nascia uma planta chamada favela (que é característica da região): é um arbusto espinhoso que pode medir até 3 ou 7 m de altura, produz flores brancas e frutos semelhantes a fava. Esta madeira de favela é moderadamente pesada e foi usada para montar caixotes/caixões de transporte dos objetos da guerra. Assim, essa madeira restante acabou por ser usada pelos soldados desabrigados para começar a construir os seus barracos – ou seja, moradias construídas com as madeiras de favela. Daí o

resistências, insurgências e outras organizações populares. Como diria Dorvi, personagem de *Olhos d'água* (EVARISTO, 2018) e morador de um morro onde havia uma saraivada de balas, “a gente combinamos de não morrer” (p. 117).

O fato é que

Não deveria ser considerado como uma coincidência o significado que “subir o morro” parece ter para as pessoas marginalizadas no Brasil. Desde o lendário Quilombo dos Palmares (construído na Serra da Barriga, em Alagoas) até a formação da primeira favela carioca, o Morro da Providência (a partir da década de 1890), [...] estar localizado nos territórios altos pode também ser uma posição bastante estratégica, principalmente como nos dois casos citados anteriormente, o motivo para estar ali é a chance de (sobre)viver. A paz e liberdade trazidas pela distância do restante da sociedade, dá a esses indivíduos a oportunidade de construir um local de reconhecimento, troca de afetos, resistência cultural e sobrevivência. O que durante o período colonial era popularmente conhecido como “quilombo” e hoje é chamado de “favela”. Por isso digo que a favela é o quilombo (in)visível por trazer esse legado secular de resistência e provocar um incômodo agudo quando torna-se impossível esquecê-la. É difícil “esquecer” a existência das comunidades, pois viver à margem da sociedade é uma faca de dois gumes: carrega os aspectos positivos já citados e consequências negativas, como a(s) falta(s) de acesso(s) e a criminalidade. (PINHEIRO, 2019, s/p.)

Para além dos aspectos criminais (até por que as favelas não se resumem ao mundo do crime), vale reforçar aqui, mais uma vez, a questão de gênero. Além de serem os corpos mais atravessados pela violência urbana, pela pobreza e pela precarização do trabalho, as mulheres negras faveladas e periféricas são multiplamente marcadas: pela sua raça, por sua classe e pelo machismo institucional; principalmente se comparadas às mulheres brancas e de outros grupos sociais. Apesar das mulheres atravessadas por tais características serem predominantemente moradoras de favelas e periferias, elas “são potência de criatividade, inventividade e superações das suas condições, nas formas de vida e nas organizações sociais em seus territórios e alcançam, em seus múltiplos fazeres, centralidade na cidade” (FRANCO, 2017, p. 89). Nitidamente, “a favela é uma mulher preta” (LIMA, 2014, s/p).

Esse potencial criativo pode partir de atuações políticas (como Marielle Franco e Eliana Sousa e Silva), da área educacional (como eu), de trabalhos diversos para se sustentar (como a grande maioria das mulheres pretas faveladas) e das artes (como minhas conversadeiras). Há uma fala de Christine bem marcada por estas múltiplas marcas que são carregadas. Ela desabafa: “*Eu acho que como mulher preta, sem entrar ainda na questão de mulher preta como artista ... é um ... como se diz, é um percurso cansativo, né? De ser ... pra*

surgimento do nome favela em referência a estas moradias periféricas. Resumo dos vídeos *TV PUC-RIO e Canudos e a origem da expressão favela*, respectivamente disponível em https://www.youtube.com/watch?v=fsoI9BDGa_E e <https://www.youtube.com/watch?v=CFnYjotxiSc>. Acesso em 7 set.2021.

“você pertencer a ... a um certo lugar, você tem que passar por várias camadas e ir quebrando várias camadas até ser reconhecida, né? Minimamente... E mulher preta artista (risos) é muito mais cansativo, muito mais exaustivo. Principalmente, dependendo de como você vai trazer aquela arte, que lugar você vai querer ocupar com aquela arte. Se torna muito mais difícil, né, é ... resistir também”. E, apesar de tudo, Christine segue fotografando e expõe sua arte.

Os vários aspectos de interdição e restrição de direitos que pairam a vida destas mulheres não é impeditivo para superação – elas marcam presença pela cidade e por suas comunidades através de suas diferenciadas ações e atuações. De acordo com Marielle Franco (2017),

ainda que essa realidade das desigualdades, que pavimenta a história brasileira, tenha maior impacto em toda a periferia, principalmente nas favelas, as mulheres desse amplo território não são marcadas pela carência, como aparece no discurso predominante da imprensa e do poder hegemônico. Assumiram papel de centralidade, de ações criativas e de conquistas de políticas do Estado que atuaram no caminho inverso das desigualdades, ampliando direitos em várias dimensões humanas. Conquistaram, assim, alterações em seus territórios com força para disputar, na cidade, novas localizações no imaginário popular e para as relações humanas (p. 91).

Impossível não pensar no certo nível de ‘conforto social’ exigido pelas faladeiras/conversadeiras que por aqui dialogam comigo e cujas vozes desorganizam padrões. MC Natalhão vive postando e cantando a *“favela é o centro do universo”* e sua voz ecoa pelo Parque União. As tatuagens de Tatiane marcam a beleza dos corpos negros, a metamorfose de Nlaysia reeduca olhares na Vila dos Pinheiros, as fotografias de Christine anunciam outras marés. Todas habilidades imprescindíveis na roda de conversas que giraram cheias de afetos pela união dos nossos diálogos.

3.3 Eu, uma biografia refavelada banhada pelo Atlântico

*Quando eu soltar a minha voz
Por favor, entenda [...]
Coração na boca, peito aberto, vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida [...]
Quando eu abrir minha garganta
Essa força tanta
Tudo aquilo que você ouvir esteja certa
Que estarei vivendo [...]
Transbordando toda raça emoção [...]*

Sangrando, Gonzaguinha.

Quando nasci minha tia-avó-materna, a preta Esmeraldina, me ofereceu à Lua e batizou-me. Provavelmente surgiu daí uma vida navegada por tantas histórias marítimas, uma vez que a Lua exerce poder sobre o vai e vem dos mares, o conhecido Efeito Maré.

“As marés surgem decorrentes dessa atração gravitacional que a Lua exerce nas águas do Oceano” (FIUZA, 2020, s/p) – também nos rios, lagos, etc. – juntamente com o Sol e a Terra.

PARTE 1: Dentro Do Mar Da Praça XV

Páginas 40-43

PARTE 2: Águas de Santos e de São Vicente

O tempo ia passando e minha mãe me ensinava a escrever em casa. Aos cinco anos fui para o “Jardim de infância” alfabetizada. Minha mãe cursava a escola normalista quando abandonou os estudos para casar-se. Talvez por isto tenha aquele jeitinho para ensinar. Meu primeiro contato com a escola santista foi um contentamento. Fui para uma instituição conhecida como Parquinho. Olívia Fernandes é quem dá o nome a escola.

Figura 37: Escola Municipal Olívia Fernandes – Portal de Santos



Membro de uma antiga família santista, Olívia era casada com um comerciante do bairro do Macuco. Ela não teve filhos e sensibilizava-se com as crianças que brincavam naquela região, cujas terras na década de 1940 eram formadas por chácaras de plantação de chuchu. Em função disto, resolveu doar a prefeitura uma área de 6.300 m² para que as crianças brincassem com segurança. Neste local foi criado um posto de puericultura onde se oferecia leite às famílias carentes. Assim, a construção da escola começou em 1945⁵⁹.

Sem me aprofundar na história, me recordo que parte da Baixada Santista foi local de catequização indígena e, já no século XIX, foi ocupada por grandes plantações de bananas. Ou seja, não precisa ficar mais claro que isto: assim como o resto do Brasil, foi lugar de

⁵⁹ Informações no artigo: Escola municipal de Educação Infantil. Disponível em <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/page.php?59>. Acesso em 13 mai. 2020.

escravidão, exploração, etc. Consequentemente, quando se faz parte de uma população negra constantemente desvalorizada e inferiorizada, os episódios discriminatórios se desdobram várias vezes e ocupam mais espaço na sua trajetória – repetida e continuamente.

Não tenho muitas lembranças dos estudos no chão da escola. Lembro bem da professora, Maria José, loirinha de olhos claros cujo físico assemelhava-se ao de uma alemã. E o fato é que eu nunca tive uma professora negra nos Anos Iniciais da Educação Básica por onde passei na cidade de Santos, início dos anos 1980. Nem colegas de classe, muito menos vizinhos.

Minha referência de pessoas pretas era a família da minha mãe (meu avô Aníbal, minha avó Carmem, meu tio Walmireles e minha tia Genaína), mas eles estavam a quase nove horas de distância de nós. Moravam no Rio, no Morro do Timbau, no Complexo da Maré e, nas férias de janeiro, pegávamos o ônibus de viagem para passar umas semanas com eles. Esta foi a única viagem que conhecemos durante a nossa infância: as idas e vindas pela estrada Rio-Santos, certamente, fizeram minhas irmãs e eu muito mais felizes.

Esta falta de representatividade negra na cidade de Santos, local onde cursei toda minha educação formal primária, não é um caso isolado certamente – nem no Brasil nem em outros continentes. No livro de Natasha Kelly quase todas as mulheres entrevistadas denunciavam este aspecto.

Com pai africano e uma mãe da Prússia sendo pressionada pela sociedade, Nadu, por exemplo, acaba por ser inserida em um lar adotivo. Tempos depois a mãe se casa, e retorna para resgatá-la. Nascida nos anos 1950, Nadu só encontra mulheres negras em 1977. Logo depois, consegue contato com um primo que morava em Londres onde ela, finalmente, se reconhece:

Era como olhar no espelho. Nós não somos necessariamente parecidos. Mas era como se estivéssemos olhando no espelho [...] consigo me lembrar que meu primo me pegou e depois fomos de carro até meus outros primos. Entramos na casa e então uma mulher atravessou o corredor, uma das minhas primas. Nos entreolhamos e pensamos a mesma coisa, era como se estivéssemos olhando no espelho. Soubemos imediatamente que éramos relacionadas (KELLY, 2018, p. 31).

Casos igualmente parecidos ao de Maseho que, criada pela avó branca, tinha uma vida confortável mas nunca teve modelos de mulheres negras. Semelhantemente, Patricia tem um pai ganense cuja relação se dava através de troca de cartas. A mãe era branca e a cria como se ela fosse uma criança pertencente a branquitude (BENTO, 2014); logo, cresceu isolada de pessoas negras. Por fim, Sandrine. Se muda com seus pais, ainda pequena, para Zehlendorf (uma localidade cheia de cenários naturais em Berlim). Era a única criança negra em sua sala de aula e acaba por ter pouco contato com negros, crescendo, assim, isolada desta cultura.

Voltando ao início dos anos 80, meu pai teve uns problemas salariais e minha mãe começou a procurar emprego. Trabalhou como camareira de um hotel em frente à praia, num bairro santista sofisticado. Nós passávamos a tarde sozinhas e a noite também pois ela chegava tarde. Eu ficava imaginando que tipo de emprego era aquele onde minha mãe demorava tanto na rua – até por que eu, como irmã mais velha, tinha que passar longas horas cuidando das manas. Que outras oportunidades estariam disponíveis para ela além da faxina? E hoje me pergunto se, depois deste aperto financeiro, será que ela quis ser dona de casa por tanto tempo cuidando de três crianças integralmente sem ter outras opções? Já adulta, me perguntava que outras oportunidades teriam aparecido para ela. Na verdade, nunca falei com minha mãe sobre isso.

Depois de alguns anos, ‘nosso’ apartamento seria vendido e, como meus pais não tinham poder aquisitivo para comprá-lo, tivemos que nos mudar. Fomos para a cidade vizinha, São Vicente. O aluguel era mais barato e os apartamentos eram maiores. Eu e minhas irmãs amávamos: era só atravessar a rua e brincar no mar. O mar era o nosso Minguinho⁶⁰ – brincávamos no mar, na areia, contávamos tristezas e alegrias e éramos as três sereias do reino de Iemanjá.

Ficamos no primeiro andar, bem de frente para a praia e para o marco padrão de São Vicente envolto num quase sutil efeito de “convocar as forças adormecidas” (MBEMBE, 2017, p. 217), “uma extensão escultural de uma forma de terror racial” (p. 220) – traços da colonização europeia que dominam a paisagem até hoje. Naquela alegria distante da infância, simplesmente não nos demos conta.

⁶⁰ Referência ao livro *O meu pé de laranja lima* de José Mauro de Vasconcelos cujos capítulos narram as aventuras, alegrias e tristezas do menino Zezé e seu pé de laranja, o Minguinho.

Figura 38: Marco padrão de São Vicente. Arquivo de Turismo.culturamix - 2013



Lá, estudei em uma escola pública conhecida como Grupão, Profa. Zina de Castro Bicudo – uma grande educadora da sociedade santista nascida no início do século XX. Esta fase da minha infância traz mais um episódio racista que carrego até hoje. E não consigo esquecer nunca pois as palavras cortantes partiram de mim; volta e meia, quando remexo nas minhas lembranças de criança, este dia sobressai nos meus pensamentos. Na última turma que frequentei em São Vicente, havia um menino negro. Não me recordo do nome dele mas lembro-me que era sorridente. Eu tinha 9 anos, então. Pois um dia ele me disse que gostava de mim e queria ser meu namorado. Isso nunca havia me passado pela cabeça, lá pelos inícios dos anos 80 certamente as brincadeiras das crianças tomavam todo o meu tempo depois da escola. Até hoje ouço minha própria voz dizendo: “não posso namorar você pois você é um menino preto!” Virei as costas e segui meu caminho. Detalhe: eu nunca havia ouvido aquilo dentro de casa, pelo menos não desta forma. Na verdade, ouvimos frases racistas constantemente, só não nos damos conta quando somos crianças.

Fico me questionando de quais formas isto pode ter afetado aquele garoto, naquele momento e depois. Como o racismo nos constitui na sociedade! Vontade de voltar no tempo e apagar como se fosse uma cena de filme que excede e deve ser descartada. Ou ainda, vontade de encontrá-lo e me desculpar. O filósofo camaronês Achille Mbembe (2017), pontua que “a cena racial é um espaço de estigmatização sistemática” (p. 67) e, aqui no Brasil, estamos imersos numa suposta democracia racial (NASCIMENTO, 2016) onde as relações e as teias sociais são tão racialmente estruturadas que as internalizamos inconscientemente. Como somos marcadas e afetadas, acabamos por reproduzir esse sistema injusto.

Hoje também percebo como fomos acostumadas ao ‘deixa disso’ com coisas tão sérias e tão fustigantes. Recordo-me agora de como esta história se liga aos desabafos da autora

Djamila Ribeiro (2018) no livro *Quem tem medo do feminismo negro?*. Na introdução biográfica intitulada *Máscaras do silêncio*, ela afirma como a sua experiência de vida havia sido marcada pelo incômodo de uma incompreensão fundamental. Dentre vários episódios lembrava-se dos meninos dizendo a ela que não queriam formar par com uma ‘neguinha’ na festa junina; logo, ela acabava por se sentir estranha e inadequada. E pior, todo dia ela ouvia piadas envolvendo seu cabelo e a cor da sua pele. Sentimento que eu certamente causei no meu colega de classe supracitado. Pior ainda é perceber que, se reclamamos por termos sido ofendidos, estamos falando demais, estamos nos repetindo ou, atual moda, estamos de ‘mimimi’. Assim como Djamila, também considero difícil compreender por que devemos entender e ‘deixar pra lá’ as atitudes preconceituosas e racistas dos outros e estar sempre tentando levar tudo na brincadeira. A autora também usa sua experiência como desabafo:

Durante muito tempo, tive receio de passar perto de grupos de adolescentes. Quando era criança, fui alvo de piadas e chacotas por ser negra. Era inevitável ouvir alguma gracinha do tipo: “Olha sua mina aí, não vai me apresentar?”, ao que o garoto que era ‘alvo’ se defendia: “Sai fora!”. Ter uma namorada como eu era algo impensável.

A pretensão criada neles, fruto de um sistema que os privilegia, os cegava para o fato de que *eu* poderia não os querer. Para eles, eu era só uma ‘neguinha’, alguém que merecia ser ridicularizada e deixada de lado. Esse receio me acompanhou até o início da fase adulta. Eu preferia atravessar a rua a ter que ouvir estas coisas, porque machucavam. E o que as pessoas diziam? “Deixa pra lá, é só uma brincadeira”. Toda a sociedade concordava com aqueles meninos: eu não me via na TV, nas revistas, nos livros didáticos, em minhas professoras. [...] mas ouvi críticas do tipo: “Ah, eram só adolescentes brincando”. E eu me pergunto: quem se compadece da menina negra que terá sua autoestima aviltada, que desde cedo é ridicularizada?

Por que se tem compreensão com quem está oprimindo e não com quem está sendo oprimido? A menina negra é que precisa entender que isso é ‘brincadeira’ ou quem faz a ‘brincadeira’ deve perceber que aquilo é racismo? Até quando utilizarão o humor como desculpa para comentários racistas? Quem olhará pela menina negra que odiará seu cabelo por causa das piadas? (RIBEIRO, 2018, p.30-31).

PARTE 3 - Indo Para Maré

Trecho 1: páginas 45-46

Trecho 2:

Também sentimos diferença na escola pública carioca: muito mais cheias e menos conservadas e organizadas que as santistas. Me recordo de uma professora que me marcou na época do fundamental: na antiga 6^a série, Professora Zilpa, de ciências. Ela era inteligente, tinha aulas superinteressantes. A outra diferença, sempre observada por mim, era o cabelo: era crespo, escuro e cortado bem curto. Precisou de 8 anos para encontrar alguém com o cabelo semelhante ao meu.

Nesta escola, Escola Municipal Pedro Lessa (localizada no bairro de Bonsucesso), eu tive duas amigas, Erly e Elcione, irmãs de uma família cuidada pela mãe e com cinco filhos.

Erly era minha colega de turma e sua família tinha uma vida bastante difícil. O lar era bem humilde e a carga de sofrimentos/ dificuldades também era pesada. Líamos os livros da coleção Vagalume todos os bimestres, da editora Ática. Nos divertíamos discutindo qual era a melhor. Foi ali somente que fomos percebendo algo diferente em torno do ser negro, na verdade, ser negro para o outro – pela primeira vez tínhamos vários amigos da mesma cor da nossa família materna. Nesta escola, percebemos o quanto a população negra tinha que suportar: morar nos lugares mais pobres, ter mais dificuldades de estudar por consequência da estrutura familiar e estar sempre na mira do racismo dentro e fora da escola. Contudo, eu nunca esqueci o sorriso da Erly, pois é bem verdade quando a canção interpretada por Dona Ivone Lara (1982), diz que “um sorriso negro, um abraço negro, traz felicidade”. Somos amigas até hoje.

Figura 39: Amiga Erly – Acervo pessoal / 2020



Num contexto diferente do meu, mas também marcado por um processo histórico de extrema violência e pela não possibilidade de transitar/ frequentar determinados espaços está o caso da afro-alemã Naomi. Nascida na África do Sul, sua família é comandada por um pai pastor. Se mudam para Namíbia – colônia alemã até início do século XX. Em sua entrevista ela explica ter crescido em Rehoboth, a 80 km de distância da capital namibiana, Windhoek. Na verdade, a Namíbia só se torna República nos anos 1990, sendo então administrada pelo país de nascimento de Naomi. Ou seja, um país também regido pelo sistema de *apartheid*. A atriz e professora recorda sobre constantemente passar por experiências decorrentes do sistema racial imposto: não poder frequentar determinados lugares (um cinema, por exemplo),

além de ter sentido na pele o que foi estar dentro deste sistema na universidade, “O apartheid me acertou bem na cara quando comecei a estudar” (KELLY, 2018, p. 95). No fim das contas, ter a “melanina acentuada” (ANUNCIACÃO, 2010) foi e continua a ser um risco pelo mundo afora.

Durante esta fase da infância carioca não me lembro de brincar (nem minhas irmãs) de bonecas. Era sempre escritório ou escola. Meu avô paterno trabalhava na extinta Cooperativa Central dos Produtores de Leite (CCPL) e nos trazia blocos e notas fiscais de escritório. Era o máximo quando os blocos vinham com aquela folha de carbono, assim podíamos reproduzir os exercícios escolares sem copiar várias vezes. Ou então, nós fingíamos ser secretárias e fazíamos as cópias datilografando naqueles modelos portáteis de máquinas de escrever, as chamadas Olivetti.

PARTE 4: Quando florescem os ipês na Maré

Trecho 1 – páginas 81-82

Trecho 2 -

Fomos matriculadas em uma escola particular para termos mais oportunidades; contudo, nesta fase, passei por situações de dores e humilhações que recorro até hoje. Provavelmente, o que não nos deixava desabar era a união da nossa família: meus avós, meus tios e primos – era sempre aquela família que se ajudava, todo mundo meio que misturado. Aqui, eu me encontrava atravessada pela raça e pela classe. Favela, para eles, e nós sentimos isto na pele e na alma, era marginalidade, era o não-lugar (SÁ, 2020), era vida bandida. E digo favela aqui enquanto ato político mesmo, assumindo minhas experiências e vivências de favelada ligadas a este território e tentando ressignificá-lo. Primeiro, a favela não é somente o espaço de violência representado pela mídia – é espaço de saberes, de cultura, de vivências, de história e de transformação. A favela não está desligada da cidade, ela é parte deste território e também funciona em função do mesmo. Em segundo lugar, é essencial entender estas comunidades como parte integrante da cidade. Desse modo,

A margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico, um espaço de perda e privação, mas sim como espaço de resistência e possibilidade. [...] é um local que nutre a nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e imaginar mundos alternativos e novos discursos. (KILOMBA, 2019, p.68).

Assim como eu, num dado momento da nossa conversa, Tatiane desabafa: “É ... crescer dentro da Maré [...] por um tempo me envergonhou. Por um tempo, me fez um certo mal [...] Por que quando eu estudava ...eu nunca estudei em escola pública [...] Estudava ali numa escola de Bonsucesso [...] Então já há um outro mundo. Quando eu mudei de escola e fui pra Ilha do Governador, foi um choque absurdo, né? sabe que foi até um dos motivos que eu quis sair da escola. Hoje me dia eu me arrependo amargamente por causa disso. Mas era lá na época dos meus 15, 14 anos; então a cabeça era outra. É ... foi a parte que eu me envergonhei. Foi a parte que ... que eu tinha que fazer um trabalhinho de escola na casa de uma amiga e ... cara, ela morava numa mansão. Ela tinha motorista na porta [...] Às vezes eu sentia até raiva: por que ela pode ter e eu não? Por que é tão diferente assim? Foi ... me arrependo muito de ter me envergonhado, claro que me arrependo. Mas me fez crescer muito, hoje em dia eu falo com orgulho: sou nascida e criada dentro da favela da Maré. E isso não me faz menos do que ninguém, muito pelo contrário. Me faz querer expor isso para mostrar que eu posso. Eu sou a mesma coisa que ela”. Nota-se, com o passar do tempo, e com as novas narrativas desenvolvidas pela favela que Tatiane Naara consegue ressignificar a vida dentro dela. Assim como eu.

Trecho 3: páginas 58-59

Trecho 4:

A transferência do meu pai (de cargo e cidade) trouxe benefícios monetários e certo conforto para nossa vida (ter lazer, melhor alimentação, etc.); talvez um conforto imaginário pois nunca foi possível economizar o dinheiro a tempo para comprar a casa própria. Vínhamos pesquisando valores de moradias até que, de repente, em 1992, meu pai faleceu. Tinha um tumor maligno cerebral e escondia tal fato da família. Desencarnou aos 38, minha mãe ficou viúva aos 36 com as três filhas. Foi uma virada de ponta cabeça na vida. Tantos problemas que foram nos tirando da rotina. E, a partir daí, fomos amadurecendo mais cedo, encarando as responsabilidades precocemente.

“As lágrimas queimaram no meu rosto. Senti o estômago revirado. Quis sair correndo pelo mundo afora, porém sentia-me grudada no chão” (JOSÉ, 1984, p. 59). Parecia que eu estava doente como Neide, personagem do escritor brasileiro Ganymédes José (1984). A doença da moça, na verdade, era só mais uma acumulada ao seu jovem corpo negra pois no decorrer do romance notamos os preconceitos, ofensas e descaso social à época da publicação do livro. Durante todo o enredo, ela tem uma vida de sofrimento junto a mãe – mulheres negras que sofrem socialmente do início ao fim da narrativa até a morte da personagem. Neide amava o florescer dos ipês. O ipê é uma das árvores símbolo do Brasil, belas e

coloridas flores nascem nos dias cinzentos do inverno, cheios de flores brancas, lilases, amarelas, rosas ou roxa; nos remetendo ao porvir da Primavera. De origem tupi, Ipê significa árvore cascuda⁶¹. Talvez esta seja esta a real razão pela qual Neide amava tanto a árvore, pois precisamos estar sempre criando cascas para nos proteger da engrenagem racial. Morando numa cidade humilde de São Paulo que não lhe ofereceu oportunidades nem cuidados, ver o ipê florido era a única alegria de Neide, e minha também por algum tempo.

A morte de meu pai foi justamente no ano em que eu terminara a escola de línguas. Como tinha completado o TTC (*Teachers' training course*: um curso de formação de professores), comecei a colocar anúncios no jornal O Balcão e, rapidamente, vieram meus primeiros 'salários' com as aulas particulares. Assim, minha mãe também não se preocupava com dinheiro de passagem para ir à escola, aulas extras do vestibular, etc. Dentro da favela, eu seguia um contrafluxo por ter sido exaustivamente incentivada a estudar. Ninguém na família falava sobre faculdade, eu não podia andar pelos becos e ficar o dia inteiro solta brincando ou de papo, não existiam as ONGs que hoje existem disponibilizando pré-vestibulares comunitários, não havia informação aparentemente.

A casa nunca foi comprada fora da Maré. O ano de 1992 foi aquele do golpe Collor nas poupanças. Minha mãe chegou a entrar com um processo judicial para retirar o dinheiro da conta do meu pai com o intuito de nos dar moradia num local mais seguro; porém, o tribunal nunca liberou o pedido, justificando o juiz, inclusive, 'estar mais preocupado com a educação das meninas'. E foi o que minha mãe fez: passou a trabalhar mais dando faxinas para pagar nossas escolas – o clássico subemprego das mulheres negras da favela. Quando o dinheiro finalmente foi liberado, já era tarde: com a desvalorização dos anos e da mudança da moeda, o dinheiro já não dava para bancar o imóvel desejado e acabamos comprando no Complexo mesmo. Lugar de onde saímos dignamente formadas, todas em faculdades públicas. Saímos? Nem sei. Hoje fico pensando que nunca saí da Maré. Só de trabalho são vinte e dois anos ininterruptos. Me mudei e, direta ou indiretamente, sempre estive lá. Seja trabalhando, seja visitando os parentes. Eu sou a própria favela.

PARTE 5: Quando me descobri negra na orla da praia

⁶¹ Informações do artigo *A flor símbolo do Brasil*. Disponível em <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=884&sid=2>. Acesso em 22 ago. 2021.

De toda minha família, fui a primeira pessoa a fazer um vestibular ingressando na universidade em 1995 – devo tudo isto aos meus pais, em especial a minha mãe que nunca, nunca desistiu da nossa educação.

Não tenho palavras para descrever o que foi cursar uma faculdade de Letras, é simplesmente apaixonante. Creio ter escolhido este curso tomada por uma influência da família mesmo. Eu sempre via meu avô materno lendo, bem como meus tios e minha mãe. Aliás, a matriarca sempre nos dava livros de presente. Meu pai além de ler, me obrigada a ler e falar sobre os livros. Eu fui, de fato, tomando gosto. Descobri outras culturas e outras literaturas através das Letras, pois é um curso intenso e cheio de aprendizagem e sabedoria. Foi o universo que se abriu bem diante dos meus olhos, muito além daquele pequeno mundo onde parte de minha família vivia.

Me tornei letróloga, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, cursei língua inglesa e suas respectivas literaturas. Apesar de ter iniciado a vida adulta nesta fase, também não foi um período fácil – tudo sempre foi amargo e doce ao mesmo tempo. Eu sempre me senti como não pertencente – o ar de superioridade de determinadas alunas cuja frieza me minimizava, a arrogância e incompreensão de certos professores em entender a dimensão das dificuldades de determinadas classes. É uma alegria intensa entrar na mesma universidade atualmente e ver as rampas cheias de jovens de diversas origens subindo e descendo rumo aos seus objetivos, diferentemente da turma da qual eu fazia parte em 1995.

Figura 40: Foto turma UERJ 1998. Acervo pessoal



Atualmente, enquanto orientadora educacional de escola pública, percebo a dificuldade dos estudantes. Os que conseguem manter seus estudos online neste longo período pandêmico, estão tendo que se desdobrar para dividir celulares e se manterem conectados. Muitas vezes, um mesmo dispositivo é dividido pelos irmãos. Outras vezes, os cômodos pequenos são partilhados por vários membros da família, fator de desconcentração e barulho na hora de estudar. Como se manter seu direito à educação remota fosse um problema único e exclusivo do corpo discente. Isso causa um sentimento de não-pertencimento. Muitos alunos devem sentir isso em relação à escola assim como eu me senti na época da faculdade.

Situações semelhantes são narradas por Sandrine e Maciré, outras entrevistadas da autora Natasha Kelly. A primeira parte para a universidade nas Ilhas Maurício, país com localidades turística na costa Africana banhada pelo Oceano Índico (ver anexo, mapa da África, página 228). Dentre vários motivos, ela narra a sensação de ser mulher negra na Alemanha – sempre sendo invadida por um sentimento de não saber se está em casa ou não. Ao chegar nas Ilhas, Sandrine se depara com uma universidade extremamente eurocentrada onde há uma extrema dificuldade de se olhar além dos discursos artísticos dominantes. Já Maciré é mais questionadora que eu e sua conterrânea. Na Universidade de Bremen, ela afirma que toda sua vida acadêmica foi uma única experiência racista. Ela reclama: “O tempo todo eu só estou lendo besteiras escritas por velhos brancos de 60 a 70 anos atrás, que como hoje, pensavam que eram os reis do mundo” (KELLY, 2018, p. 159). Além disso, também questiona: “No meu primeiro semestre, tive um curso obrigatório de linguística pós-colonial. Lemos um texto introdutório sobre o colonialismo alemão. Tudo estava 'bem', fora o texto, foi uma catástrofe absoluta. Então reclamei: “Por que estamos lendo isso?” (p. 159)

Na verdade, a universidade não está a espera da classe operária em seus espaços. Ou seja, há ali uma impossibilidade para o sentimento de pertencimento. Hoje, fico pensando em quando abri mão de desistir... por que eu pensei em desistir muitas vezes. Ao ler o texto ‘Estudo negro, luta negra’ (KELLEY, 2016) poucos meses atrás, percebi que naquela época só me restava entrar furtivamente na universidade e carregar todo o conhecimento possível. Estar ali, me levou a negar o lugar de vítima e, aos poucos, assumir determinado agenciamento (KELLEY, 2016), ser produtora de coisas que eu acreditava e poder transcrevê-las em pedaços de papel, como agora faço.

A primeira escola de idiomas que trabalhei, ficava em Irajá, no subúrbio do Rio de Janeiro. Era meio longe para mim, mas era a oportunidade para a tal carteira assinada. Fiz um treinamento, os donos do curso eram uma família de italianos e me pareciam simpáticos. Enfim, no primeiro dia de aula me fizeram colocar a camiseta do curso para entrar em sala,

fato que eu não recordava de ter negociado. Fui para a sala de professores trocar a roupa e a dona do empreendimento me seguiu. Depois de vestida, ela me olhou e disse: ‘acho melhor você prender *este* cabelo’. Naquela época eu tinha uma cabeleira meio loirada (estilo da cantora Vanessa da Mata) de tanto ir à praia, vivia com ele solto com os cachos caindo pela cara. No entanto, esta foi a primeira vez que consegui soltar a minha voz diante de uma situação racista nada sutil bem ali diante de mim. Era o primeiro dia de aula de um curso recém-inaugurado, só haveria aula para aquela turma e a única professora, naquele momento, era eu. Me senti forte, sei lá, se eu saísse dali sem dar aulas a dona do curso teria a sua imagem prejudicada. Assim, eu disse: “ Dona fulana, se eu precisar prender meu cabelo para lecionar hoje, eu simplesmente não vou entrar em sala de aula”. Fim da história. Entrei encrespada mesmo e ponto final.

Quando me graduei, a expectativa do dia da formatura toma conta da gente: é uma sensação de ter conseguido conquistar, de chegar lá buscando maneiras de despistar um Estado que te massacra de cima para baixo, sabe? Aquela luta de todo dia vira sabor de cruzar a linha de chegada. E aí a família inteira está ali para te prestigiar. Assim, decidi comprar um vestido na Zona Sul da cidade, local com lojas mais sofisticadas. Fui para rua atrás de umas lojas com vestidos de bom corte. Pois bem, quando achei um que me agradava, perguntei a vendedora se ela tinha um maior naquela mesma ali exposta. Muitas vezes depois, relembro a dolorosa situação, fiquei me perguntando se ela havia me escutado pois a resposta dela foi: ‘este vestido é muito caro *para você*’. Aquilo me deu uma angústia. Minha mãe tinha se matado de trabalhar para me dar o vestido e eu estava com o bolso cheio de dinheiro. Eu olhei para ela, meio perdida, sem saber o que fazer nem o que dizer. Acabei por falar que ela não dera a informação desejada ... então, minha irmã, que me acompanhava, me tirou da loja.

Vontade de correr até a praia e gritar. Me senti dentro de uma das histórias do livro *Quando me descobri negra* (2015), da Bianca Santana. E isto, no final das contas, foi positivo. Fui juntando fatos, fui observando comportamentos em determinados espaços e percebi que “as histórias de uma eram as histórias de todas nós” (SANTANA, p.6, 2015). Mesmo cada uma tendo sua especificidade, são nas conversas que as histórias negras se encontram.

Trecho 2: páginas 171-172

PARTE 6: Complexos Becos da memória na Maré

Quando ingressei no mercado de trabalho, a labuta era perturbadora. Às vezes me pergunto como eu conseguia dar conta de tudo. Depois da graduação, iniciei uma especialização na UFF em Linguística aplicada, de 2000 a 2001.

Dei aulas de inglês em vários cursos de idiomas. Minha última parada foi naquele com o maior prestígio na cidade do Rio. Chegar ali significava ser uma profissional competente na área da língua inglesa – aprendi bastante com outros docentes durante um bom tempo.

Logo depois, fiz o concurso para Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro-SEEDUC e ingressei nas escolas estaduais. Obviamente, acostumada com as salas pequenas, refrigeradas e com toda a tecnologia oferecida pelas escolas de línguas, tomei um choque no serviço público. Passei por muitos sofrimentos e questionamentos nos colégios estaduais durante o primeiro ano. Pensei em exonerar várias vezes. Contudo, fui descobrindo meu amor e dedicação a educação pública. Ali, meu drama começou. Vi algumas amigas cursarem o mestrado, no entanto não conseguia descobrir qual era a pesquisa que me encantava.

Eu não me encaixava naquele ambiente elitista dos cursos de inglês, me incomodava. Eu me sentia como se estivesse sendo formatada constantemente pelo padrão do colonialismo: falar a língua perfeita, dar a aula perfeita, estar no salto e ser perfeita – perfeição britânica. Cheguei a escutar arrogâncias de alunos, em meio a atividades de sala de aula, em relação ao que eu era. E então você passa a vida a criar cascas de proteção, para ser aceita, para se encaixar, para não ser indelicada e/ou grossa. Você vai colecionando falas para calar o outro, mas que são ao mesmo tempo educadas a ponto de não arranjar problemas nem criar discussões. Chegou uma época que eu já não conseguia mais acompanhar aquilo, ou não suportava mais estar naquele sistema. Eu estava sufocada pela máscara branca e precisava removê-la com urgência.

Consequentemente, me incomodava entrar numa comunidade tão reconhecida na mídia por sua violência e encontrar alunos tão respeitadores, muitas vezes até passivos demais e carregadores de conteúdos simplesmente depositados; sendo assim, marcados pela educação bancária descrita por Freire (1987). Eu ficava desejando que eles tivessem aquela sala de aula ideal ao invés de aprender a lidar com as necessidades e *background* daquela comunidade escolar. Além de também me incomodar extremamente entrar numa escola de língua com tantos alunos prestigiados socialmente e encontrá-los apáticos e cheios de elitismo. Aquela situação me consumia. A velha história do abismo crescente entre o espaço educacional público e privado cujas diferenças dariam inúmeras linhas de reflexão. Pedi demissão em 2007, decidi tirar minha casca e também minha “máscara branca” (FANON, 2009) e fui entender quem eu, de fato, era. Impressionantemente, o tempo consumido para saber quem

realmente somos e entender de que formas conseguimos mexer e deslocar nossa trajetória. Eu tinha 31 anos e comecei tudo de novo, quer dizer, dei continuidade de uma forma diferente, sob novos olhares.

Foi só aí que percebi as diversas facetas da favela amontoadas dentro de mim. Eu estive dentro da Maré logo depois de minha mudança de São Paulo para o Rio. Parti e comecei a entender este território estando fora dele. Hoje, estou lá de novo. Na verdade, já atuo neste espaço por duas décadas e são muitas as experiências e vivências passadas por lá. Então, como já mencionado anteriormente, deixo nestas linhas minha escrevivência - “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p. 622), numa favela-cidade do Brasil.

O amontoado dentro do meu corpo me faz sentir meio Carolina Maria de Jesus: Carolina-autora e Carolina-personagem. Um pouco Maria-nova, um pouco da própria escritora Conceição Evaristo, se ela me permitir... As Carolinas dentro de mim não possuem um diário, mas se utilizam da escrita enquanto ato político, mulher negra favelada plenamente consciente do poder de sua escrita afrodiaspórica. Carolina- personagem, como eu já me senti um dia, parece estar envolta numa cegueira que não a permite ver como observadora de fora daquela história iniciada lá nos idos anos 1950. Enquanto autora de sua própria personagem, só enxerga o quarto de despejo em torno de seu barraco. Carolina parece não perceber como é consumida pelo que falam sobre a favela. A favela como espaço de marginalidade, de pobreza e sujeira, de pessoas sem escrúpulos e sem estudos.

Aliás, estereótipos disseminados ainda hoje. E, com a multiplicação de complexos favelísticos com o passar dos anos (uma nítida falta de planejamento habitacional por parte do Estado), carrega-se ainda hoje a marca de bandidos, traficantes e de ‘pretos que não querem trabalhar’. Repetidamente, e ao longo de várias datas de seu diário, a escritora usa imagens negativas do dia-a-dia de sobrevivência no Canindé em São Paulo: “Que favela é o pior cortiço que existe” (JESUS, 2014b, p.25). Todavia, de forma brilhante e surpreendente, Carolina-autora faz surgir a contranarrativa – sua personagem biográfica é justamente a desconstrução da narrativa comum imposta sobre moradores das favelas. A autora vai, provavelmente de forma inconsciente, contra estes estereótipos ao mostrar outras visões sobre ela mesma: “Esquecendo eles que adoro minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] eu ganhei umas tabuas e vou fazer um quatinho para eu escrever e guardar meus livros” (JESUS, 2014b, p.64 e 86). Assim, Carolina-autora molda Carolina-personagem, bem como minhas visões de fora da favela me fizeram (re)modelar meu entendimento do território favelado. Eu sou a própria *outsider*.

Já Conceição consegue fazer uma travessia diferente pelos becos de sua memória, pois enquanto narra já não se encontra mais dentro dos limites do barraco de sua infância. A autora escreve num *espaçotempo* diferente daquele onde era observadora dos sentimentos e experiências de sua meninice. Numa narrativa cheia de humanidade, ela consegue contar seu ‘ontem’ através de personagens participantes da mesma história. O mesmo aconteceu dentro de mim: eu só adquiri a capacidade de enxergar o território multifacetado das favelas atravessados em mim quando os analisei como observadora externa.

Assim, cada personagem de Conceição monta o “quebra cabeça” dos becos daquela favela de sua infância. Cada caracterização humanizada descrita por ela está muito além dos estereótipos preconceituosos vistos nos jornais e revistas. A favela de sua infância havia acabado, explica a autora, pois “hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (EVARISTO, 2017c, p.12). Além de mencionar que “Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência [...] Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha” (EVARISTO, 2017c, p.11). E é absolutamente assim que me sinto: busco vozes de outras mulheres que vão se misturando à minha própria voz. Por esta razão também se acumula em mim sua personagem Maria Nova pois, ainda menina, já sabia “sobre escravos e libertação, ela teria que contar muitas vidas [...] quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2017a, p.151).

Conceição “amontoa estas vidas dentro de si” (EVARISTO, 2017a, p.17) criando impactos políticos e culturais. Eu também sigo amontoando vidas perpassadas pelos becos de suas comunidades diariamente. Penso nas travessias feitas pelos becos para me encontrar com as mulheres negras dispostas a conversarem comigo— as estreitas vielas que me levaram a praça do Parque União onde encontrei a cantora Natália ou os becos cujas escadarias subi para bater papo com a performer Nlaysia.

PARTE 7: Maré-Outsider

Parafraseando Collins (2016) percebi que meu “status de *outsider within*” me proporciona, enquanto mulher afro-brasileira trabalhadora e ex-moradora de favela, um ponto de vista especial (eu diria até mesmo exclusivo) quanto a mim mesma (meu *self*), à família e à sociedade. Tal status me leva a explorar “esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e sexo” (p. 100). Isto posto, é tomada por esse status que

converso com as mulheres negras faveladas e artistas que vão percorrendo diferentes vielas juntas comigo e em nenhum momento ficamos ‘num beco sem saída’.

Em 2017, eu voltei a estudar. Abandonei a linguística aplicada de vez para entrar na Educação. Estava cursando outra pós-graduação para Orientação Educacional - O.E. pois tinha a intenção de assumir esta função no Centro Integrado de Educação Pública - Ciep onde trabalho. Vinha fazendo pesquisas, leituras e observações sobre meu campo de trabalho (neste caso, a escola e os alunos da Comunidade do Parque União na Maré) e tentava escrever algo sobre Cinema e Favela, pois eu coordenava (enquanto professora) um projeto meu chamado *Curta na Maré* com os alunos – eles eram diretores, produtores, câmeras, editores, etc. dos curta-metragens montados por eles durante o ano. Depois, nós organizávamos uma mostra destes filmes na escola. Isso me conectava demais aos alunos, que constantemente me procuravam para conversar sobre diversos assuntos. Assim, me tornei a ‘professora fechamento’⁶² deles.

Assumida a função de O.E, além da proximidade discente, fui tendo contato com as famílias – e muitos destes núcleos familiares são geridos, sustentados e organizados por mulheres negras. E foi daí que comecei a ouvir histórias outras, de vida e dificuldades em relação aos filhos, seus lares e trabalho. Contudo, estas narrativas não eram só o massacre social pelo qual a favela passa. Obviamente, mais uma vez lembro, não haver aqui quaisquer intenções de romantizar um território tão posto de lado– os problemas sociais estão presentes e se acumulam pelo descaso do Estado nestes espaços comunitários, porém; muitas narrativas me eram contadas com sorrisos, com vontade de mudança, com produção artística, com vontade de trazer mais conforto para suas casas. “E nos lugares em que as mulheres clamam para ser ouvidas, cada uma de nós deve reconhecer a nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las, de compartilhá-las e de analisar a pertinência delas na nossa vida” (LORDE, 2019, p. 55).

Estas narrativas de mulheres pretas da favela foram me instigando a fazer um filme só sobre elas para ouvir essas outras histórias com o intuito da própria sociedade escutar este outro ponto de vista – uma “escuta sensível da alteridade” (COUTINHO, 2013, p.21), como diria o cineasta brasileiro Eduardo Coutinho. Este fato não se concretizou, mas deixou o desejo da escuta.

Ouvir estas mulheres falarem e possibilitar que outras pessoas também as escutassem através de um processo dialógico transatlântico e através da minha escrita. Uma escrita que

⁶² De acordo com os estudantes ‘fechamento’ é aquela que compreende, que ouve suas opiniões.

É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (...) Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita (...) Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo (EVARISTO, p.35, 2020a).

Comecei a conversar com mulheres produtoras de arte nas diversas comunidades que compõem a Maré, mulheres lindas que fui conhecendo através de outras mulheres que eu já conhecia – potentes pretas conversas que se abrem, que contam as dores, que narram as alegrias, que se modificam juntas e cujas contações se complementam. O bate-papo iniciado com estas artistas são tão potentes que sustentam minha atual escrita.

Não haveria possibilidade de começar a história destas mulheres negras sem poder contar a minha própria história; até mesmo por que o pessoal é político: contei-me nas linhas acima para além do mundo acadêmico. Enquanto escrevo, me invade o desejo de uma troca dialógica com todos os leitores e leitoras e/ou ouvintes que me sejam possíveis alcançar, dizendo-me pelas minhas próprias palavras acerca de outras tantas mulheres negras que me complementam e cujas narrativas creio ter também complementado.

3.4 Ventos da Maré e do Mar do Norte: poetizando com Natália e Maciré

*Negra e favelada, carioca da gema
Negra e favelada e educada, terror do sistema
Negra Sábia
Natália Lima*

Natália Lima (anexo I, p.199, fotos p. 204), afro-brasileira nascida em 1995. Moradora do Complexo da Maré, comunidade Parque União – onde ventam os ventos da Baía de Guanabara. Maciré (ver anexo II, link p. 227), afro-alemã nascida em 1995. Moradora de Bremen, uma cidade estruturada ao longo do Rio Weser, é a capital do Estado com o mesmo nome; além de ser banhada pelo gelado Mar do Norte. Vizinho de Hamburgo – o nome desta cidade é bastante conhecido pelo conto dos Irmãos Grimm, *Os músicos de Bremen*, escrito lá no início do século XVIII. Já a Maré se torna bastante conhecida, nos anos 1980, pela canção *Alagados* da banda de rock nacional Os Paralamas do Sucesso.

Maciré tem pai negro e mãe branca divorciados quando ela tinha 5 anos de idade. Passou a vida se dividindo entre a casa dos dois e considera isto bastante positivo;

principalmente se levarmos em conta o processo histórico de separação de crianças nascidas de relacionamentos inter-raciais (“war babies”⁶³) na Alemanha no período pós Segunda Guerra Mundial. Com a mãe, eram só as duas; enquanto que a casa do pai estava sempre cheia e muitas outras línguas eram faladas além do alemão. Já Natália mora com a mãe e foi deixada pelo pai no final da primeira infância; logo, acaba sendo criada por mulheres, como ela mesma afirma. Mais tarde, com o casamento da irmã, aparece a figura do padrinho (na verdade, seu cunhado). Através da sua *autohistória*, somos informados de que ela teve uma infância feliz e normal. Uma narrativa inicial que por si só já vai contra as informações midiáticas com as quais somos bombardeados todos os dias – temos a impressão de haver uma impossibilidade de vida infantil nas favelas devido à violência. Percebemos, então, que estas infâncias se reinventam.

Apesar das diferenças, Maciré e Natália dialogam. Esta, do lado de cá do Atlântico Negro (GILROY, 2001); aquela, do lado de lá, também questionando um modelo cultural eurocentrado. Este processo dialógico se dá entre jovens mulheres negras e é fruto de um processo diaspórico construído através dos séculos a partir das movimentações transatlânticas entre a África, as Américas e a Europa. Uma das propostas de Paul Gilroy (2001), historiador e acadêmico britânico, é que se estabeleça um projeto crítico para enxergar além de uma hegemonia fechada. Conseqüentemente, conseguiremos fornecer recursos

para que se escrevam histórias, ainda não escritas nem pensadas, sobre uma trans-cultura negra [...] esta abordagem cosmopolita nos leva necessariamente não só a terra [...] mas ao mar e à vida marítima, que se movimenta e cruza o oceano Atlântico, fazendo surgir culturas planetárias mais rígidas e menos fixas” (GILROY, 2001, p.14-15)

Pensando nestas histórias nem escritas nem pensadas sinalizadas pelo autor, ouço o “*Tá ligada?*” de Natália, pergunta feita repetidas vezes me dando a impressão que desejava simplesmente estar sendo entendida. Um ‘*tá ligada*’ que me desloca da fixidez formal das entrevistas: estamos simplesmente batendo um papo. Por vezes, me pareceu meio tímida: apesar de já ter vários clipes musicais lançados no *Youtube*, foi só na minha última gravação que ela me autorizou filmá-la. A sua insurgência já nasce daí: quando ousa cantar e/ ou compor é como se dissesse “sou preta favelada e canto, sim”, “sou preta favelada e escrevo minhas próprias letras, sim”.

Figura 41: Foto de Natália Lima. Arquivo: @natalhao/ 2020

⁶³ Ver nota 39, p. 70.



Outra vezes, me pareceu meio evasiva sem conseguir ser muito objetiva nos seus pensamentos. Talvez por pensar que cometeria erros caso se explicasse detalhadamente, talvez por ter me visto como uma pessoa com um grau de instrução acima do seu - Natália foi aluna da escola na qual trabalho, teria me enxergado como uma superior? Mal sabe ela o quanto me ensinou! É culpa de um preconceito linguístico que o brasileiro de classes mais abastadas carrega. Cria-se um mito no qual somente a norma culta gramatical é válida e aceita para comunicação, ou seja, mais uma característica do silenciamento social imposto – ‘Se você não sabe falar direito, o melhor é nem abrir a boca’. O problema, na verdade, não gira em torno da língua, “mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive” (BAGNO, 2007, p.45). Uma vez que minha ex-aluna se entende como uma mulher favelada, atravessada por preconceitos de classe e condição social, ela tenta fugir dos erros. Há um momento, inclusive, que ela rapidamente fala ‘exemplo’ e corrige para ‘exemplo’ – sem perceber a riqueza dos falares num bate-papo cotidiano, sem perceber o ‘pretoguês’ integrante da nossa língua nacional.

E ai, “Cumé que a gente fica?”⁶⁴, diria Lélia Gonzalez (2020). Além da condição social e de gênero, Natália também é mulher preta; logo há racismo no contexto. Um racismo estrutural (ALMEIDA, 2020) que já nos formata desde o nosso nascimento, uma vez que somos educados em uma sociedade (trans)formada a partir de uma base escragista. O pretoguês⁶⁵ proposto por Lélia é

⁶⁴ Frase do artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*.

⁶⁵ Termo do artigo: *A categoria político-cultural de amefricanidade*.

a marca de africanização do português falado no Brasil (nunca esquecendo que o colonizador chamava os escravos africanos de ‘pretos’, e de ‘crioulos’ os nascidos no Brasil) é facilmente constatável sobre tudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, e também a ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (e isso sem falar nos dialetos crioulos do Caribe). Similaridades ainda mais evidentes são constatáveis se o nosso olhar se volta para as músicas, as danças, os sistemas de crenças, etc. Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalçado por classificações eurocêntricas do tipo ‘cultura popular’, ‘folclore nacional’ etc. que minimizam a importância da contribuição negra. (GONZALEZ, 2020, p. 128).

3.4.1 Uma *cantovivência* trazida pela Maré

Natália tem um ritmo na sua maneira de falar, ritmo que a leva a pensar e a escrever sobre fatos cotidianos musicalizados por ela. Enquanto faladeira que é, MC Natalhão escreve e canta sobre os fatos políticos e sociais do seu cotidiano na favela. A MC escreve e transforma em ‘cantovivência’⁶⁶ as composições musicais sob sua produção. Quanto a esta vivência transformada em canto, a professora do departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Fernanda Felisberto (2020) chama a atenção para tal termo. Ela descreve a monografia de sua aluna Victoria Villanova cujas linhas dissertam sobre a música negra na América Latina. O texto busca traços comparativos entre a cantora brasileira Elza Soares e a peruana Susana Baca evidenciando que “a escrevivência ganha o elemento do canto versus corpos negros para se materializar” (p.176). É, na verdade, cantar a partir do sofrido, do experimentado, do deliciado, daquilo sentido pelo corpo negra.

Neste caso, é a vivência exclusiva da sujeita negra e favelada de Natália transposta de dentro do seu corpo para sua composição e para sua canção. A própria MC esclarece: “*As músicas que eu canto fala sobre muita coisa que tá acontecendo ao meu redor. Às vezes, inconscientemente, a gente fala uma coisa ou outra sobre esse lance das mulheres, né, mano? Que a gente não senta, pelo menos eu não sento pra escrever com o intuito de escrever uma coisa concreta que já tá lá na minha cabeça ... as vezes sai muito de free style assim...*”

Há uma frase no *Instagram* de Natália que diz “minha arma é o mic, minha munição é a palavra”. Colocar a palavra em movimento é o ato político da jovem moradora da comunidade do Parque União. Ela mesma se autodefine como “negra, favelada, carioca da

⁶⁶ Termo criado pela graduanda Victoria Villanova na monografia *Negras rotas culturais na diáspora Afro-Latina: um diálogo interseccional entre Elza Soares e Susana Baca* apresentada para a Prof. Dra. Fernanda Felisberto, da UFRRJ. Fernanda menciona estas vivências que o corpo negro canta em um artigo do livro *Escrevivência: a escrita de nós*, citado na referência bibliográfica.

gema, educada, terror do sistema” ao cantar com MV Bill dentro de uma livraria⁶⁷. É tão forte e simbólico o fundo musical cheio de livros pois Natália se mostra uma cantora da favela que leitora e estudiosa; ao contrário, mais uma vez, do que a mídia fala sobre moradores de comunidades carentes. Razão pela qual ela é o verdadeiro “terror do sistema”. E ainda acrescenta: “essas vozes me perseguem dia após dia, eu sou as vozes das crianças da periferia, a voz que sai do gueto e invade o teu tédio...” (BILL, 2018).

Em *Guerra Fria* (2021), Natalia *cantovive* uma mistura de personagens-moradores e experiências acumuladas dentro dela - escreve e depois canta com ‘seus parça’ de alma aberta. A letra vai de violência na favela a racismo, de mortes ao descaso do Estado:

Preto sempre na mira dos cana/ Hoje acordei com uma rajada/ Cana mandado invadiu minha casa/ Minhas ruas no globo repórter/ Guerra fria na porta de casa/ Eu vi aquele mano criar asas/ [...] Não tô blefando dona passa tudo/ Vou apertar o gatilho e foda se o cana/ No fim de ano a bruxa ta solta/ Nos preocupado com tênis e roupa/ Enquanto tia ora todo dia/ pra tirar Aquele menorzao da boca/ Vida bandida/ Ela que me vive/ [...] Nas esquinas da zona norte/ É tanta carga que a guia arrebenta/ Toda essa merda me fez mais forte/ Posso ser pacífica ou violenta/ Muito tiro pouca aula/ Pouca aula mais bandido/ [...] O estado me jogou no lixo/ Os amigo escorregou no lodo/ tempo de gritar socorro [...] (NATALHÃO, 2021).

A composição da MC me causa a sensação de uma busca por liberdade – liberdade de falar e musicalizar o que deseja, o que sente, o que incomoda. A criação do clipe musical pós-escrita da canção, dá liberdade ao corpo feminina e negra de Natália. Nitidamente, ela faz questão de fugir do modelo de beleza imposto, além de abrir mão da sensualidade cobrada das mulheres negras no mercado musical. A subjetividade da jovem negra da favela está ali representada. Seu corpo transita pelos becos e ruas da sua comunidade, ela se movimenta por casas, *trailers* e avenidas. Algumas estrofes das canções são retiradas dos grafites críticos pichados pela comunidade, cujos versos Natália insere nos seus pensamentos.

3.4.2 Poetisa do além-mar

A poesia também exerce um papel fundamental na vida da jovem Maciré. Ela considera poetizar como uma forma de sobreviver num mundo onde não se esperava (na verdade, não se espera) que negros sobrevivessem. Assim, começa a escrever quando passava por momentos nos quais se sentia muito mal. Fazendo uma releitura de suas

⁶⁷ É o cenário do clipe musical *Palavra Poderosa*. Disponível em <https://www.instagram.com/p/Buh6eZUAZ6o/?igshid=aveae72hgtdk>. Acesso em: 16 fev.2021. Clipe integral disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GGgZa_dLLks. Acesso em: 10 ago. 2021.

escritas e percebendo o tom negativo das linhas, passa a ressignificar seus poemas buscando coisas com uma conotação positiva para ela. Assim, a jovem afro-alemã explica:

Escrever desempenha um grande papel na minha vida. Eu escrevo bastante no momento. Esta é uma forma de lidar com o que está acontecendo comigo e com meu ambiente. É uma maneira de deixar tudo claro. Uma forma de lidar com meus sentimentos, de deixar as coisas saírem, de processar e de dizer coisas, mesmo que não seja ouvida [...] E é por isso que escrever é inevitavelmente uma forma de resistência para mim. Isso me ajuda a sobreviver. É algo que me faz continuar. (KELLY, 2018, p.163-164).

Ser poeta auxilia num sentimento de não pertencimento que a envolve. Ter uma mãe branca, por exemplo, não a permite enxergar-se fisicamente representada na figura materna. Nos lugares que frequenta há sempre uma dúvida: *'você é mesmo alemã?'*, questionam. Maciré parece-me ainda confusa, meio sem saber onde se encaixa ou onde a encaixam. Aquele pensamento constante: se você não é branca, então não é alemã. Ao mesmo tempo ela também não é negra o suficiente, então não encontra(m) ligações dela com a África. Seus questionamentos transparecem na sua poesia:

of our friends of Color/ She carries everything/ can do everything/ is everything./to you./ She' s there for you and all your needs/ I'm here./ For your sexual experience a la exotique style./ For your message about how non-racist you are and / how much I'm just like you ./ For all the commnets you always wanted to say/ about Black bodies. /For your anger that I didn't even see coming/ because I failed to notice your presence. /For all your emotions that you can't deal with./ I carried them on me./ In me/ with me/ everyday/ Upright - every day./ and now and then I cry [...] (KELLY, 2018, p.169)⁶⁸

De todas as entrevistadas do livro aqui traduzido, Maciré é a única que teve uma infância permeada pela convivência com outras poucas crianças negras. Ela não passou por um processo disfarçado de isolamento negro – um discurso usado por todas as artistas afro-alemãs mais velhas. Contudo, quase não havia conexão com outros negros e negras; além de, dentro da casa materna, só ter a convivência com pessoas brancas. Ela não consegue, por exemplo, recordar do jardim de infância. E fico pensando, se não recorda, assim como eu, não deve ter tido colegas negros em sua classe. Narro situação semelhante quando falo da minha história (ver p.116)

Todavia, já na escola primária ela afirma haver a convivência, no dia-a-dia, com colegas de classe da mesma raça. Além de recordar, anos depois, que sua melhor amiga também era negra. Ela pontua, inclusive, como ambas eram constantemente confundidas

⁶⁸ de nossas amigas de Cor/ Ela carrega tudo/ pode fazer tudo/ é tudo,/ para você./ Ela está lá para você e todas as suas necessidades/ Estou aqui./ Para a sua experiência sexual ao estilo a *la exotique*./ Por suas mensagens sobre você não ser racista e/ o quanto eu sou igual a você./ Por todos os comentários que você sempre quis fazer/ sobre corpos negros./ Por sua raiva que eu nem pude prever/ porque nem notei sua presença./ Por todas as suas emoções com as quais você não consegue lidar./ Eu as carreguei sobre mim./Dentro de mim/ Comigo/ todo dia/ De pé - todos os dias./ e de vez em quando eu choro [...] (tradução livre).

uma com a outra. Aquela ‘mania’ racista de acharem que todas as pessoas pretas se assemelham entre si – um processo de desumanização imposto às “raças inferiores”. Ou seja, Maciré conviveu com pessoas negras ao seu redor e este acesso a determinados lugares demonstra uma mudança de atitude nos anos 90 na Alemanha.

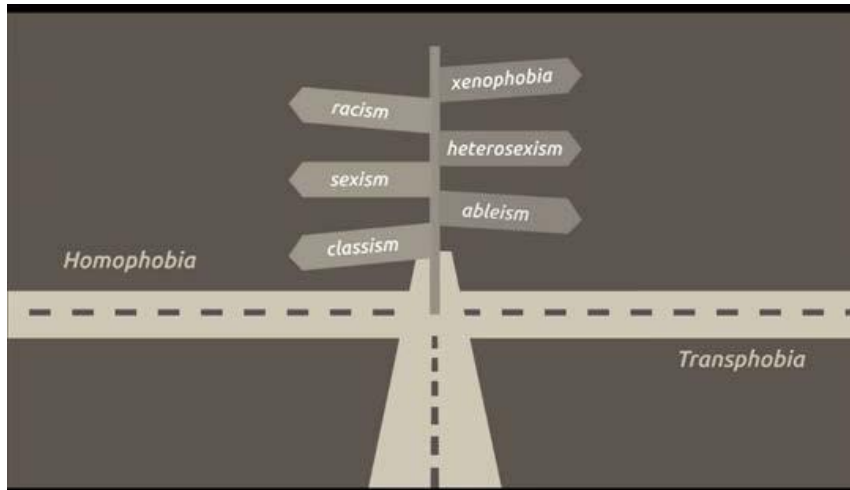
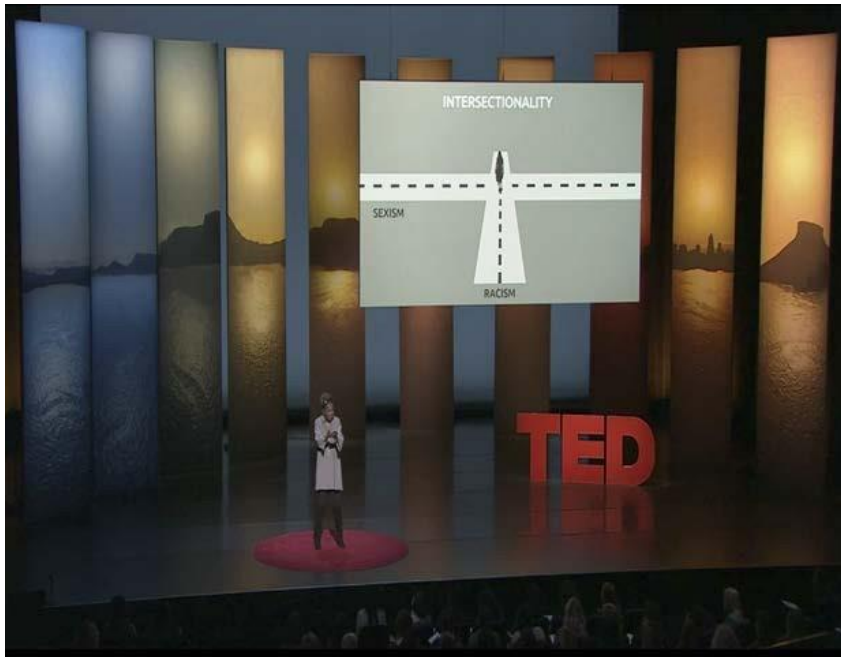
Aqui no Brasil, o acesso aos mais variados espaços, a escola inclusive, foi uma das lutas e uma conquista do Movimento Negro (um processo de fortalecimento desde os fins da ditadura) – um movimento social cheio de potência e de “caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo que o caracterizam como um importante ator político e como um educador de pessoas, coletivos e instituições sociais ao longo da história e percorrendo as mais diversas gerações (GOMES, 2017, p. 23). Um movimento educador cujos ensinamentos nos guiam até os dias de hoje.

Acredito não ter sido diferente na Alemanha não deva ter sido diferente. Tanto nos textos de May Ayim e em algumas partes das entrevistas de Kelly, o ISD (Initiative of Black people in Germany: instituição representante dos interesses e da diversidade das pessoas negras na Alemanha) e o ADEFRA (uma instituição feminista integrada por afro-alemãs que lutam pelo fim do preconceito, discriminação, sexismo e racismo) são constantemente citados por sua importância para a população afro-alemã. É significativo ressaltar que a luta destas instituições na Alemanha não gira exclusivamente em torno do racismo, mas deste combinado a outros aspectos. Do século XX para cá, o referido país entra num processo de dissolução do que era possivelmente visto como uma homogeneidade cultural exclusivamente germânica. Como exemplo desta dissolução, a variedade de imigrantes e a diversidade cultural trazidas para dentro do país.

Associado ao racismo e ao sexismo, nota-se uma característica alemã latente: a questão do antissemitismo – um fator por si só complicado e interseccionado aos outros cotidianamente. Portanto,

a questão que quase sempre está presente e torna a teoria da interseccionalidade de Crenshaw tão prudente para a marginalidade alemã é que o racismo raramente é "apenas" racismo, mas é também acompanhado pela xenofobia. Os números citados no *Broken German* não são apenas pessoas discriminadas por causa da cor de sua pele, mas por causa de suas raízes estrangeiras; as duas questões são frequentemente (con)fundidas, mas devem ser tratadas de acordo com os fatores discriminatórios que cada uma possui. (HILL, 2017, s/p, tradução livre).

Figuras 42 e 43: Fotos de Crenshaw no TED e Interseccionalidade. Arquivo Vanderbilt.edu



Durante a entrevista com Natasha Kelly (2018), a autora pergunta como a jovem escritora Maciré se auto-define: afro-alemã ou alemã negra? Parece haver certa insegurança em seu discurso: “por um longo tempo, eu não entendi como a negritude atuava nisso tudo. Mas agora eu definitivamente também me chamaria de negra. Não sei se diria “alemã negra”. Provavelmente sim” (p. 155). Talvez Maciré ainda precise entender a necessidade de construir um discurso sobre si mesma pois esta é uma das formas de exercer autonomia. É necessário viabilizar “a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange a emocionalidade” (SOUZA, 1983, p.17). Porém, compreendo Maciré, eu também levei uns bons anos para entender ... é um longo processo.

3.5 Atracar para escrever: catando papel com Naomi, Patrícia e Carolina

escute as palavras ecoando do seu corpo
Glória Anzaldúa

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades ... é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela

Carolina Maria de Jesus

Lembro sempre da cultura egípcia quando penso na escrita. A importância da posição social de um escriba naquela sociedade e os documentos copiados nos papiros. Acabo por considerar que nossa escrita, atualmente basicamente feita através da digitação, é um palimpsesto moderno. Escrevemos, repensamos, raspamos (digo, deletamos) e continuamos uma nova escrita a partir da mesma ideia, do mesmo pensamento, ou ainda, a partir de novas experiências.

Encontrei um livro pequeno aqui em casa intitulado *A arte de escrever* (2018), do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. O título me interessou e iniciei a leitura. O autor vai

descrevendo aspectos para se alcançar uma boa escrita. Um pouco antes da metade do livro, ele explica: “Sempre que possível, é melhor ler os verdadeiros autores, os fundadores e os descobridores das coisas, ou pelo menos os grandes e reconhecidos mestres da área” (p. 61). Quem são estes mestres? Quem são os autores verdadeiros? Fiquei me perguntando sobre os exemplos deste homem branco europeu. Fechei o livro.

Na verdade, minhas experiências despidas aqui no corpo desta dissertação foram todas baseadas em observações, situações que eu já perscrutava mas não sabia muito bem onde encaixar. Quando comecei a ler e estudar as questões raciais, fui discernindo. O processo de escrita em si, para mim, tem um antes, talvez muito antes. Penso em algo que gostaria ou que preciso escrever, tentando achar algum prazer para digitar as linhas. Então, faço um esboço num papel qualquer. Passados uns dias, percebo não saber onde guardei o papel rascunhado. Penso em Carolina e em seu dom. Reflito sobre sua dificuldade para catar papel e sobreviver, cuidar da casa e dos filhos. Por que escrever com crianças em casa não é fácil, eu bem sei. Sem catar papel, Carolina não sobreviveria; sem catar papel para escrever, Carolina não alimentaria sua alma.

Vislumbro seu diário para tentar (re)iniciar minha escrita:

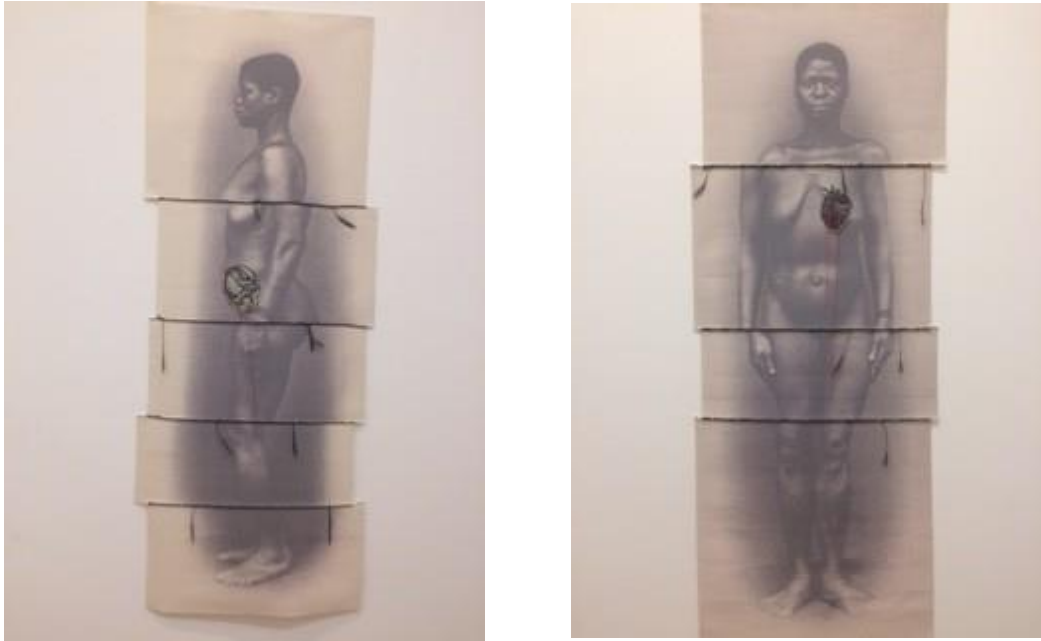
Passei o resto da tarde escrevendo [...] Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22:30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. [...] Gosto de ficar sozinha e lendo. Ou escrevendo (JESUS, 2014b, p. 24-25).

Carolina era mais organizada que eu em suas linhas. Tinha um caderno só para isso. Brigo comigo mesma pela minha desorganização. Acho algumas anotações e fico me questionando sobre as outras. Decido nunca mais anotar nada em pedaços de papel que cato pela minha escrivadinha. Decido, inclusive, que terei um caderno, um caderno para encher de anotações que podem colaborar com a minha dissertação. Decoro a capa do caderno com alguma frase feminista para me incentivar. Finalmente, faço um esqueleto ali. Um esboço da escrita. Meu esqueleto vai se enchendo de observações, vou puxando setas para lembrar os fatos a serem dissertados. Vou pensando em pedaços de textos para criar um parágrafo, para concordar comigo, para suportar minhas ideias. Ao juntar pedaços, amarrar textos e indagar, me torno uma contestadora como a artista Rosana Paulino⁶⁹, cujos trabalhos também

⁶⁹ Rosana Paulino é artista visual, pesquisadora e educadora, segundo sua própria descrição de si. Uma mulher negra e de origem periférica, doutora pela USP, com mais de vinte anos de carreira como artista plástica, além de militar pelas causas que permeiam suas obras de arte. Rosana bebe da história para compor suas obras, mostrando a relação direta entre nosso passado escravocrata e a condição marginalizada da população negra no Brasil atual, em especial da mulher negra. Informações no site: <https://naomekahlo.com/artista-educadora-e-pesquisadora-voce-precisa-conhecer-a-obra-de-rosana-paulino/>. Visitei a exposição *Rosana Paulino: a costura da memória* no Museu de Arte do Rio em 2019. A obra que fotografei chama-se *Assentamento*.

questionam os apagamentos históricos, além de unir corpos e saberes em forma de arte. Rosana desmembra e reencaixa sua arte, eu recorto e colo partes do meu texto.

Figuras 44 e 45: Foto de Recortes de Rosana – Acervo Pessoal/2019



3.5.1 Escritas transbordam para além do quarto

A escritora britânica Virginia Woolf declara que mulheres e literatura são problemas de difícil resolução. Em sua opinião, “uma mulher, se quiser escrever literatura, precisa ter dinheiro e um quarto só seu” (WOOLF, 2019, p.6). E a escritora reafirma o fato ao final de sua palestra para jovens universitárias em 1928: “se tivermos quinhentas libras anuais, cada uma de nós, e quartos só para nós; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem para escrever exatamente o que pensamos [...]” (p. 155). Obviamente, Adeline Virginia viveu uma época na qual as mulheres não possuíam bens nem dinheiro diretamente, pois tudo o que se tinha era, na verdade, direito adquirido do marido. Ela não chega a passar por esse problema – antes de casar-se com Leonard Woolf, recebe uma herança de sua tia cujo legado a deixa numa situação de conforto. Ou seja, para a Senhora Woolf, escrever era autorizado.

Contudo, a necessidade não era só da autora inglesa, há uma urgência para uma escrita negra feminista. Há uma necessidade de escrever que, muitas vezes, vem das nossas entranhas. “Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir

e o acordar” (ANZALDUA, 2000, p. 233). Eu também escrevo com as amigas, discutimos os textos juntas, repensamos e reescrevemos – compartilhar nossos textos e escritas revigora e acalenta. Nos dá uma sensação de que a escrita não é a solidão imaginada, até por que escrever dialogando com sua mente já te retira do ato totalmente solitário. Escreva consigo mesma, aprenda a absorver determinadas situações/ fatos e depois jogue no papel, escreva dialogando com autores e autoras em pensamento. Escreva em alto mar ou à deriva. Escreva.

Figura 46: Foto de amigas de escrita – Acervo pessoal/2021



Volto a pensar em Carolina. Carolina Maria de Jesus nada tinha – nem bens, nem dinheiro e muito menos um quarto só seu. Chego a demonstrar o interesse (necessidade?) de Carolina em ter seu próprio quartinho, cujas paredes ela mesma levantaria com madeiras encontradas (ver p.130) . No decorrer do diário, não achei indícios de tal desejo realizado. Não fica claro se ela consegue dar início a sua construção. Contudo, Carolina não deixa de despejar suas angustias, alegrias e desejos de escritas em seus papéis. Algumas vezes, ela acorda cedo para escrever. Noutras, espera as crianças dormirem. Amiga de Carolina em pensamentos, a escritora francesa Marie Françoise Ega, do outro lado do Oceano Atlântico, também se esforça para manter sua rotina de escrita:

Maio de 1962. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos me agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça [...] Eu descobri você, Carolina, no ônibus. Levo vinte e cinco minutos para ir até meu emprego. Penso que não tem a menor serventia ficar se perdendo em devaneios no trajeto para o trabalho. Toda semana me dou o luxo de comprar uma revista [...] volto para casa esgotada. Acendo a luz, as crianças estudam [...] Carolina, você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo, como todas as donas de casa atoladas de serviço, leio livros condensados [...] Para escrever alguma coisa, preciso esconder meu lápis, senão as crianças somem com ele e meu caderno. Há noites em que os encontro bem fininhos. Já meu marido me acha ridícula por perder tempo escrevendo bobagens; por isso, ele esconde cuidadosamente a sua caneta. Como você conseguia segurar um lápis com a criançada à sua volta? [...] Também me chamo Marie, como você [...] 20 de maio de 1962. Se um dia eu lhe enviar estas linhas, você vai querer saber o resto da minha

história [...] Eles pegaram um dos meus cadernos, agora tenho que copiar de novo todas as folhas. Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo pro alto, dizendo: “De que adianta escrever?”. Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo. Eu, tenho a imensa felicidade de ter um caderno, um abajur e uma música bem baixinha que sai do rádio, acho que seria covardia largar tudo por que uma criança rasgou as folhas do caderno. Só me resta recomeçar.” (EGA, 2021, p. 5-8)

Eu tenho a imensa felicidade de ter um espaço físico que chamo de meu quarto. Mas já não é só meu. É invadido pelos barulhos da casa, a porta nunca se fecha, as crianças entram querendo colo, querendo ajuda com os exercícios escolares, levam meu lápis como os filhos da escritora francesa, me pedem comida. Acabo por me sentir como Glória naquele dia chuvoso protelando sua escrita. “O problema é focalizar, é se concentrar. O corpo se distrai, faz sabotagem com centenas de subterfúgios” (ANZALDÚA, 2000, p.233). Como ela, também sinto vontade de comer doce. Na verdade, desde que comecei este mestrado, já devo estar pré-diabética. Todavia, é preciso nos atrever a sair de nossas peles, não é mesmo, Glória? “Não podemos deixar que nos rotulem. Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo” (ANZALDÚA, 2000, p.231) – mesmo com a falta de tempo, mesmo com crianças subindo em você, mesmo com um companheiro incompreensível.

3.5.2 (In)formalidades da escrita atlântica

Apesar de escrever em inglês e espanhol, Anzaldúa afirma sentir-se roubada da sua língua nativa. É comum vermos em sua escrita frases brincando com palavras da língua classificada como terceiro-mundista – me inspiro nela quando sou formal e informal através da minha escrita. Sua escrita busca justamente esse mostrar-se para àquelas culturas que se pretendem dominantes; pois,

La mestiza tem que se mover constantemente ara fora das formas cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental); para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos esclarecidos (ANZALDÚA, 2019, p. 325).

Nesta página em cujas linhas me encontro, já começo a me sentir como uma escritora do terceiro mundo, ou mais modernamente falando, do setor sul em desenvolvimento. A nossa escrita se apoia em outras escritas e isso nos fortalece. Tenho certeza de que as mulheres com quem conversei, e converso, poderiam produzir/produzem escritas semelhantes à minha, digo, com um olhar que escapa às regras do modelo ocidental. A própria Natalia, citada no capítulo anterior, ao escrever letras de suas canções, ao postar suas poesias e pensamentos no *Instagram*, já é uma escritora como eu, como Anzaldúa – mulheres escritoras deste território

designado como terceiro mundo. “Por que sou levada a escrever?”, Alzandúa se indaga, eu me indago, e também pensamos sobre o perigo da escrita. Certamente,

Por que a escrita me salva da complacência que me amedronta. [...] Por que devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Por que o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. [...] Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. [...] Escrever é perigoso por que temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, por que uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida. (ANZALDÚA, 2000, p. 232-234).

Abro o computador. Começo a digitação. Formato A4 para impressão, com espaçamento entre linhas 1,5 e fonte Times News Roman 12. Vontade de digitar colorido para alegrar a academia. Uma vez organizado, comecei com a minha história e de lá puxei outras história e teorias. Fiz isso. Penso que vai doer. E dói. Aquela dor mencionada pela professora e palestrante Vilma Piedade (2017) – uma “dororidade histórica” (p. 14) cujas características apontam para ressignificar e transformar, é um conceito circular. Então, a dororidade está em nós,

[...] pois contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa dor é Preta. [...] Hoje, discute-se muito a “pertença” que confere legitimidade, identidade, ações, atitudes, fala [...] O lugar de fala é um lugar de pertencimento. Falo desse lugar como Mulher Preta. Ativista. Feminista. Mas também falo do lugar das minhas Ancestrais. Lugar marcado pela ausência histórica. Lugar-ausência designado pelo Racismo. É desse lugar que eu digo Não. Sororidade une, irmana, mas Não basta para Nós – Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo. [...] A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. (PIEIDADE, 2017, p. 16-17).

Inacreditavelmente, eu levei um ano inteiro para despejar as palavras de dor no papel. Agora sinto a raiva se diluindo e a escrita começa a fluir melhor, pois também relembramos as alegrias. Assim me sinto segura de prosseguir conversando com vocês, me mostrando para vocês, me libertando – pois há uma hora que a dor segue e o poder da escrita toma conta da gente. Vou despindo minha experiência e as experiências das faladeiras que bateram papo comigo.

Fico aqui ruminando as ideias e percebo que, na verdade, as várias histórias de mulheres negras se cruzam e se entrelaçam, se assemelham num movimento marítimo. Assim como no filme *Histórias Cruzadas* (2011): as histórias das empregadas negras, servas de mulheres brancas da elite americana, se cruzam e se assemelham de forma que suas narrativas passam a interessar uma jovem escritora da referida elite. Contudo, cada uma destas serviçais negras possui suas próprias especificidades (uma sofre violência doméstica, a outra carrega a

dor de ter perdido um filho, etc.). A infelicidade deste filme é justamente não ter tentando denunciar como seria a escrita daquele livro se uma das empregadas negras fosse a autora e colecionadora das histórias de suas irmãs de cor. Vale ressaltar que a sacada da jovem escritora branca (sim, o filme carrega a síndrome do salvador branco tão comum no cenário hollywoodiano) é justamente convidar estas mulheres a contarem as histórias a partir de suas próprias perspectivas. É ali inclusive que Aibileen, interpretada pela atriz afro-americana Viola Davis, descobre seu dom para escrita – “meu filho sempre dizia que a gente ia ter um escritor na família, eu acho que vai ser eu ...” – a partir da experiência de contar suas vivências para outras mulheres.

Como eu, sei que todas nós temos a capacidade de incluir a escrita de nossa vida em algum momento da nossa trajetória – trajetórias banhadas por um (a)mar de gente. (Re)pensar o nosso trajeto oferece aprendizagem para nós e para a comunidade que estamos inseridos; além da consciência do que somos.

Assim, acabo por entender que uma querida amiga, a pedagoga e professora Danielle Oliveira (2020), hoje Mestra em educação pela UERJ, tem razão. Sua dissertação se dá a partir do cruzamento das suas histórias com a universidade citada. A pesquisa gira em torno de um estudo sobre educação étnico-racial relacionada aos afetos e corpos de mulheres negras brasileiras, especificamente da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro –seu território – problematizando suas tensões e impactos. Danielle parte do seu lugar de mulher preta, pobre e periférica “que passou por experiências relacionadas a essas questões e entende que essas histórias não representam somente as mulheres já citadas, e sim tantas outras histórias que se cruzam e/ou se completam, mas não se tornam uma única história” (OLIVEIRA D., 2020, p. 21). Portanto, é criado um diálogo com mulheres negras cujo protagonismo interfere na vida de outras mulheres negras (personagens, *youtubers*, etc.)

Consequentemente, quem deveria escrever a história destas mulheres? Elas mesmas! A autora afro-alemã nesta dissertação está dialogicamente conectada às nossas maneiras de pensar. Em seu livro, Kelly (2018) descreve o fato de compartilhar muitas das suas experiências estruturalmente relacionadas com suas entrevistadas; porém, ao mesmo tempo, ela também produz “experiências individuais baseadas em [sua] biografia pessoal, cujas características [a] distinguem delas (p.13). São, no geral, histórias pessoais que também podem fazer parte de uma narrativa coletiva.

Duas das entrevistadas da autora Natasha R. Kelly (2018) mencionam a importância da escrita sob diferentes aspectos. A professora Naomi é uma multi-artista que lida com teatro, imagens e escrita. Enquanto observadora, vê a cidade onde nasceu como um local onde

socialmente meninas tem menos valor que meninos. Vários aspectos giram em torno desta realidade e ela começa a escrever sobre casos que chamavam sua atenção, por exemplo, o estupro de uma amiga, estudante da 8ª série, pelo professor. Naomi discorre que

Como uma camponesa africana, não tive coragem de me levantar e falar. E através da escrita, encontrei uma maneira de expressar coisas que me incomodavam. Cresci como uma menina, assisti a gravidez na adolescência, vi violência, ouvi falar de meninas e famílias com problemas, mas elas não tinham coragem de falar e nem havia como falar sobre isso. Então eu senti que precisava fazer algo, e uma coisa que percebi foi que eu poderia escrever. [...] Para mim, escrever é uma maneira de expressar meus desejos, minhas frustrações, expressar as coisas complicadas da vida sobre as quais eu não podia falar. Foi por isso que escrevi meu livro, por assim dizer, essa foi a primeira grande coisa que fiz para expressar minha confusão. E escrevo porque quero criar emoções. Outros artistas podem usar as mãos para expressar algo, uso minhas palavras, uso minha escrita para dizer o que acontece. E para mim isso é muito importante, essa é minha arte, minha escrita, me dá a liberdade de dizer as coisas que me incomodam. Posso colocar tudo no papel e então, de onde estou agora, posso fazer algo completamente diferente. Mas comecei a escrever porque queria encontrar uma maneira de me expressar, de me livrar de todas essas emoções, de contar todas as coisas que tinha visto, mas não conseguia falar. (KELLY, 2018, p.100-101).

Já Patrícia, artista gráfica, se define como uma ‘conceitualizadora’ e se propõe a escrever pensando nos encontros possibilitados por suas histórias. Encontro no sentido de outras mulheres se (re)encontrarem em narrativas semelhantes às suas e se reconhecerem – na verdade, uma convocação para outras mulheres afro-alemãs escreverem. A artista conta que uns anos atrás ela considerou interessante o fato de poder desenvolver um diário, “Diário de uma Alemã Negra” (KELLY, 2018, P. 125)), uma espécie de escrita feita por uma mulher negra. Ou seja, ela própria seria a autora e, assim, começou a ponderar sobre a existência de outras mulheres que, como ela, pudessem se reconhecer no seu trabalho.

Enquanto sujeita negra, escrevo para ser no mundo, estar no mundo, contar-me para o mundo. É uma (re)existência negra – o que eu era, me calava; o que me tornei, me leva a falar e escrever de formas completa e politicamente desobedientes e insurgentes. Penso: como me livrar das amarras mentais trazidas da escravidão? O simples fato da mulher preta escrever já nos torna desobedientes e insurgentes. Por que

escrever é muito mais complexo do que nos ensinou a cultura letrada; escrever não é apenas articular palavras no papel, é inscrever traços da vida, investindo-se enquanto sujeito, transformando a escrita no gesto que interrompe o livre fluxo da negação ou limitação de existências, tornando possíveis vidas pensadas pela estrutura racialmente construída como inviáveis. (SANTOS, L., 2020, p. 209).

“A nossa escrivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa-grande', e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020b, p. 54). Igualmente, escrevo para incomodar.

3.6 Ancorar para falar: dizer-se é cronotopicamente necessário

Falar é existir completamente para o outro
Frantz Fanon

Se voltarmos a roda furiosa do tempo histórico em relação a fala humana, é bastante difícil, ou quase impossível, precisar épocas. Estuda-se que a origem da linguagem verbal deva ter surgido, talvez, 50 mil anos atrás: mediante número de línguas existentes e suas complexidades, a origem pode ser ainda mais antiga. Dentre todos os animais, somos únicos justamente por que temos a capacidade de usar a linguagem verbal que foi sendo aprimorada de acordo com as diferentes fases humanas na face da Terra. Descobridor do fogo, o Homo Erectus já vivia em grupos compostos por cerca de 30 membros e utilizava uma linguagem mais sofisticada. Seus descendentes (o Homo Sapiens, por exemplo) desenvolveram a pintura e a escultura e espalharam-se por todo planeta. É o representante do homem moderno ⁷⁰. Sendo assim, dialogar é parte do processo de evolução dos seres humanos.

Agora, há um aspecto interessantíssimo decorrente da evolução:

“melhorar nossa capacidade de trabalhar em grupo foi fundamental para o desenvolvimento da língua (...) a cooperação é o cerne disso. Uma grande parte do que dizemos está relacionado a fazer alianças e descobrir o que está acontecendo. O valor da conversa casual não pode ser subestimado”⁷¹. (BBC, 2019, s/p)

Dessarte, com o decorrer dos séculos a fala vai sendo aprimorada para que os seres humanos pudessem conversar e negociar dentro dos grupos aos quais pertenciam ou foram formando em suas trajetórias.

A cooperação entre os membros dos variados grupos existentes foi, então, desenvolvendo determinados processos dialógicos de acordo com a necessidade de seus integrantes, por exemplo, falar sobre determinado local para se abrigar, falar sobre as condições temporais para uma caçada, negociar as tarefas de cada integrante do grupo em determinado local. Estas conversas diárias criaram uma evolução dialética que, diante das relações humanas em diversos territórios do planeta, nos faz depender quase que essencialmente de comunicação – sem dispensar, inclusive, os dedos de prosa. É a partir desta

⁷⁰ Artigo "Etapas da evolução humana" em *Só História*. Virtuuous Tecnologia da Informação, 2009-2021. Disponível em <http://www.sohistoria.com.br/ef2/evolucao/p2.php>. Acesso 13 jun.2021.

⁷¹ Artigo: “Quando e por que os humanos começaram a falar?” Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-48757500>. Acesso 13 jun.2021.

necessidade, praticamente primária e tão cotidiana, que nos propomos a conversar sobre assuntos variados.

3.6.1 Depois que os brancos desbravaram ‘outros’ mares

Vamos continuar esta conversa acelerando a roda da História em mais alguns séculos. Obviamente, não há quaisquer intenções nesta parte de minha escrita de decifrar e explicar a História minuciosamente, esta é só uma das tantas maneiras de se colocar em destaque a extraordinária importância da fala. Uma vez entendida a importância da mesma, percebemos também o porquê das tentativas de emudecimento de determinadas populações do planeta. Giremos então para a época das colonizações organizadas a partir das nações europeias.

Na parte de minha escrita intitulada *Navegando com Malinche e Nzinga* (ver p. 52), descrevo um pouco das conquistas impostas aos solos das Américas com a intenção de exaltar a figura de Malinche. Lá, já fica claro o extermínio cultural sofrido pelos povos ameríndios em diversos pontos do continente, da atual América do Sul até a América do Norte. A própria nomenclatura do nosso continente tão diverso já é consequência de um processo de apagamento: um vasto território ocupado por populações nativas batizado de América em homenagem a um navegador europeu. Como eram chamados os territórios de cada um dos povos antes de Américo Vespúcio aqui aportar e estuprar a terra ameríndia com sua haste de bandeira bem no início do século XVI? Conseguimos dizer o nome de uma das línguas destes povos (incas, maias, astecas, tupinambás, guaranis, navajos, etc.) no período pré-colombiano? Na América do Sul, novas línguas foram impostas (o espanhol e o português), terras foram tomadas, a catequização foi compulsória, inúmeros povos foram escravizados e aculturados. A estes nativos era dado o direito de falar?

De acordo com a Constituição Federal Brasileira, Art. 13, “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Não há no documento mais importante do país menção a quaisquer outras línguas além da portuguesa, apesar das inúmeras línguas faladas pelos povos nativos quando os portugueses por aqui aportaram. Sabemos que antes do projeto de holocausto africano chegar as Américas, os povos indígenas já vinham sendo dizimados em massa, bem como já passavam por um processo de escravidão. Enquanto isso, a variedade de línguas existentes foi sendo aniquilada mediante a invasão e imposição da língua dos colonizadores.

Com o decorrer dos séculos, os índios foram exterminados ou aculturados pela ação colonizadora e, com isso, centenas de seus idiomas foram extintos. No século XVIII, a língua portuguesa tornou-se a oficial do Brasil, o que culminou na quase extinção

da língua comum. A primeira política de Estado evidente foi o Diretório dos Índios, de 1758, no qual o Marquês de Pombal exigia o uso do português na colônia e proibia o ensino das línguas indígenas (em especial da denominada língua geral, idioma de base tupi que predominou no Brasil até o século XVIII). Mas não apenas as línguas indígenas foram alvo desse tipo de ação, também os idiomas trazidos pelos diversos grupos de imigrantes que aportaram no Brasil. Tanto o Estado Português quanto o Estado Brasileiro independente adotaram políticas visando ao extermínio de outros idiomas falados no país, um processo denominado de glotocídio (assassinato de línguas), no qual o português foi substituindo outras línguas anteriormente faladas.” (GARCIA, 2019, s/p).

Enquanto isso, lá pelo fim do século XV e início do XVI, conquistas territoriais sob o comando de nações europeias e os avanços comerciais em torno da Índia, China e continente africano transformam as atividades escravistas: ocorre um processo de coisificação e os escravos passam a ser mercadoria.

A chegada dos europeus ao continente americano redimensionou o tráfico de africanos no Atlântico, fazendo desse comércio um dos mais lucrativos no período conhecido como Idade Moderna. A implementação do sistema colonial, que visava a produção em larga escala de gêneros tropicais com grande demanda na Europa, só poderia ser efetivada caso a mão de obra utilizada fosse abundante e barata. Ou seja, escrava. A dizimação de grande parte da população ameríndia e a proibição da escravização indígena, no começo do século XVI, transformaram o africano escravizado numa alternativa viável e lucrativa.” (SANTOS, 2017, p. 126).

A partir do momento no qual homens e mulheres escravizados são transformados em mercadoria geradora de lucro, pergunto outra vez: estes escravizados tinham o direito de falar?

Vale (re)lembrar a chegada dos africanos aqui na *terra brasilis*. Depois da longa e tortuosa travessia nos tumbeiros por todo Oceano Atlântico, começava o processo de ser introduzido à ‘sua’ nova sociedade. Uma das atitudes tomadas pelos negociantes era a separação das famílias e companheiros. A historiadora Ynaê Santos pontua que

Era prática comum os senhores comprarem africanos oriundos de diferentes regiões da África, acreditando que assim dificultariam possíveis revoltas escravas. Já que não falavam a mesma língua e não compartilhavam os mesmos costumes, esses africanos muitas vezes não se reconheceriam como iguais – o que facilitaria o controle senhorial (SANTOS, 2017, p.175).

Ou seja, o controle senhorial branco estava ligado ao não-direito à fala. Uma vez que os familiares e conhecidos eram separados, suas línguas e dialetos também eram cindidos. Logo na chegada à nova terra, a fala, a conversa e o entendimento era vetado. Para dialogar com seus parceiros de trabalho, eles possivelmente levavam tempo decifrando seus próprios dialetos e costumes. E, mediante a necessidade de comunicação com os empregados das fazendas, a estes escravizados era imposto a língua do colonizador, bem como se habituar às suas regras e costumes.

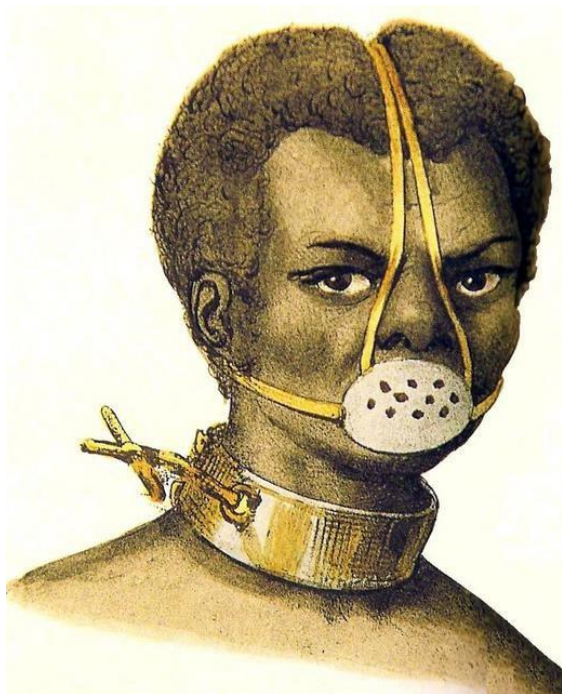
No caso do Brasil, foi-lhes imposto o português, e, algumas vezes, dependendo da nacionalidade dos proprietários de determinadas fazendas, outras línguas se incorporavam a aprendizagem. É o caso da saga de Kehinde no livro *Um Defeito de Cor*. Depois de escravizada e de ser batizada como Luiza, ela passa por algumas fazendas. Não entendia as coisas que ouvia pois só falava o yorubá. Com o tempo aprende o português e o inglês; além de se comunicar com os muçurumins.

3.6.2 Da Flanders às invisíveis

Quando Mbembe (2017) fala sobre as histórias do potentado, ele cita a empresa colonial como a inventora da imagem do colonizado: transforma-o em animal, em coisa, em moeda. É uma empresa que massacra o submisso até a morte, negando-lhe humanidade. Além disso, “a colônia é o lugar onde não é permitido ao colonizado falar de si. Esta negação da palavra relaciona-se com o confinamento do colonizado (...) cuja vida, desprovida de outro significado que não o outorgado pelo senhor, só tem valor directo devido à sua aptidão para o lucro” (MBEMBE, 2017, p.189). Penso nas recordações imagéticas⁷² que me foram apresentadas no decorrer dos estudos da história do Brasil, desde a escola, e como elas, de fato, negam o direito à fala e à humanização. Vejam:

⁷² Em sentido horário: **figura 47:** *Castigo de Escravos* de Jacques Etienne Arago. Muito conhecida no Brasil, o retrato é chamado de Escrava Anastácia. Disponível em: https://www.diariodeviamao.com.br/mobile/noticias/colunas/3954_sankofa-viamao-%7C-a-mascara-de-flandres-2020. **Figura 48:** *Escravo com máscara de flanders* de Jean Baptiste Debret. Disponível em: <http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=43&evento=1>. **Figura 49:** cena do filme *Quanto vale ou é por quilo?* Disponível em: <http://reporterpopular.com.br/racismo-e-objetificacao-em-quantovale-ou-e-por-quilo/>. Acesso em: 1 ago. 2021.

Figuras 47, 48 e 49 (sentido horário): Anastácia, Tigre e Flanders



Ouçõ nitidamente a voz do ator afro-brasileiro Milton Gonçalves definindo a máscara de folha de flanders no filme *Quanto vale ou é por quilo?* (2005) como “um instrumento de ferro fechado atrás da cabeça por um cadeado. Na frente tem vários buracos para ver e respirar. Por tapar a boca, a máscara faz com que os escravos percam o vício pelo álcool”. Além disso, impedia o hábito de comer terra, a geofagia, que muitos escravos usavam como caminho para o suicídio. Também vedava a boca para os alimentos que os mesmos colhiam. Ou seja, a máscara era um peso mortal. Não permitia comer, beber, beijar; provavelmente,

respirar já não era um processo natural, e sim um esforço desumano exercido junto ao trabalho braçal.

A autora afro-portuguesa Grada Kilomba (2019) estampa em seu livro a mesma imagem apresentada na página anterior, a escrava Anastácia, e entende que o pedaço de metal é, na verdade, “a máscara do silenciamento”.

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. (...) Oficialmente a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanas/os escravizados comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza práticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os os Outras/os (KILOMBA, 2019, p. 33).

Sendo a boca o órgão símbolo essencial da fala, ela está também fadada a opressão pelo homem branco – há uma necessidade de controle do que se é falado ou do que pode ser dito, Kilomba complementa. Consequentemente, entendo que numa sociedade estruturada racialmente como a nossa, a boca de determinados grupos precisa ser censurada. E, se as pessoas não te ouvem (ou fingem não ouvir), falar para quê? Falar para quem? Até por que, falar emana poder. Daí a razão para estarmos sempre relembando a pintura de Anastácia. Além de ter se tornado um símbolo religioso, ela é também um símbolo da opressão colonial a ser lembrado constantemente, pois recordando esta história vamos tentando dar voz às diferentes experiências. As narrativas em torno da figura de Anastácia são incertas, uma vez que está claro ter sido sua própria história de vida também silenciada. Precisamos agora aprender a retirar a máscara invisível que nos cala, assim como artista visual Yhuri Cruz⁷³ fez com Anastácia:

Figuras 50 e 51: Fotos da Exposição Anastácia Livre. Arquivo de yhuricruz.com - 2019

⁷³ **Yhuri Cruz** é um Artista visual e escritor do Rio de Janeiro. Utiliza aspectos da memória coletiva e individual, compreendendo a categoria de *memória* ligada aos sustos e assombrações íntimas, como fantasmas que atravessam o tempo e o espaço e constroem as formas canônicas e dissidentes de subjetividades e de sociabilidades. Suas produções plásticas e performativas mais recentes tendem a se relacionar com monumentos, fabulações encenadas, performatividade das palavras, presenças e resistências afrodiáspóricas, memoriais e esculturas em pedra. Em *Monumento à voz de Anastácia* (2019) conjugou o afresco *VOZ* em tamanho monumental (foto acima) em diálogo com o pequeno sorriso-segreto de uma Anastácia liberta (foto acima). Santinhos ficam disponíveis ao lado da obra para serem levados, ecoando assim a imagem. Este é um resumo das informações disponíveis em <http://yhuricruz.com/>. Acesso em 13 mai. 2021.



Oração a Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que sua luta te tornou superior, conquistaste tua voz, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a quem luta por dignidade.

Anastácia, és livre, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019

“Pode o subalterno falar?” questiona Spivak (2010) durante todo seu livro cujo título é a própria pergunta. A autora inicia seu texto com pontos de vista críticos de como o sujeito dito terceiro-mundista é representado pelos discursos ocidentais e reflete sobre o silenciamento imposto a estes sujeitos nos territórios colonizados. Ela exemplifica trechos textuais, por exemplo, de Foucault e Deleuze, cujas escritas muitas vezes não rompem com o modelo europeu (tido como) único. Ao questionar este pensamento dominante, Spivak tem a intenção de expor saberes considerados subalternizados por estarem alocados dentro de áreas que foram colonizadas – “o mais claro exemplo de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro” (p.60).

Repetidamente, ao falar sobre o subalterno, a escritora indiana vai fazendo recortes de classe (“consideremos agora as margens [...] homens e mulheres entre os camponeses iletrados, os tribais, os estratos mais baixos do subproletariado urbano”, p.69) e gênero (“Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está mais profundamente na obscuridade”, p. 85). Reforço aqui o recorte de gênero pois a minha escrita é dedicada a fala das mulheres negras: o foco é justamente apresentar os falares/ as narrativas dos corpos femininas contadas e narradas por

elas mesmas. Ainda em concordância com Spivak (2010), compreendo que “o sujeito da exploração não pode conhecer nem falar o texto da exploração feminina (...) de forma absurda pelo intelectual que não pode representá-la” (p.90).

Spivak termina seu livro concluindo que “o subalterno não pode falar”. Contudo, suas pontuações deixam claras que, dentre outros fatores, “quando o subalterno fala ele não seria compreendido” (AUAD, 2019, 118). Assim, estes sujeitos precisam falar e ser escutados de forma política - “a afirmação de que o subalterno não pode falar não aconteceria porque ele não fala no sentido estrito do termo, ou seja, que ele não enuncia nada, mas vem de um outro lugar que é o da representação” (p.116). Melhor dizendo:

[...] o subalterno fala quando o mecanismo é utilizado para demonstrar os próprios processos do silenciamento em que a focalização de um sujeito acaba apagando outros sujeitos não majoritários [...] o subalterno fala quando se mostra o porquê de ele não falar. [...] Ela [Spivak] afirma que depende não só do ato de fala do subalterno para que ele fale, mas que é necessário, também, aquele que escuta, o receptor dessas mensagens. Mas não um receptor qualquer que apenas escuta e que pode, simplesmente, ignorar tudo que foi dito. E, mais, não é suficiente só uma pessoa escutar: é necessário criar um grupo de pessoas que estejam escutando esse subalterno [...] Ou seja, não basta o subalterno falar: ele tem que ser escutado, tem que estar junto, mas ser também participante” (AUAD, 2019, p. 124-125).

Essas redes de escuta, de estar junto, de participar e ser participantes ficam mais tangíveis na minha pesquisa quando dialogo com as conversas das mulheres negras da favela ou quando crio diálogos com as afro-alemãs. Por que sem alguém para ouvir, a nossa voz não ecoa. Vamos falando e o medo de enfrentar o problema, de discutir diferentes pontos de vista, de enfrentar a dor social, fica menor. Falar com quem entende seu discurso, ou com quem deseja ouvir ou ainda com pessoas que tenham experiências semelhantes às suas. Justifico, assim, a razão para falar com. Ouso aqui modificar a frase “navegar é preciso” do escritor português Fernando Pessoa (ou se formos a fundo na história, a frase do general Pompeu⁷⁴ lá em 70 A.C.) – falar é preciso pois viver é preciso!

3.6.3 Pele negra, máscaras invisíveis

Retorno à máscara para pensar em dois cenários complementares. Primeiramente, o cenário vivido devido ao momento global atual. A máscara que nós, da classe operária, temos usado todos os dias sem ter a possibilidade de isolamento em casa (afinal, as contas precisam

⁷⁴ Informação do artigo *Navegar é preciso, viver não é preciso*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/navegar-preciso-viver-nao-preciso.htm>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

ser pagas) devido ao *Sars-CoV-2*. Usamos para ir ao trabalho diariamente, ao mercado ou à uma consulta. As vestimos nos ônibus, nas vans, nos trens. Devido à pandemia, a máscara é mais uma vez imposta à população operária (negra em sua grande maioria, sim) cuja força braçal exerce inúmeras funções para que o país e suas empresas funcionem: entregadores/as, *motoboys/girls*, motoristas de ônibus, caixas de supermercado, trabalhadores/ as do mercado informal, etc.

Aqui há uma sobreposição: a máscara visível é colocada sobre a invisível. Observo isso claramente na escola onde atuo como orientadora educacional: a grande maioria dos rapazes negros procura à escola *sem* máscara, já que ser contaminado pelo Covid-19 é menos doloroso que o racismo policial. Em consequência, pedimos para a mesma ser vestida ao entrar na repartição pública. Um deles chegou a me dizer que a própria mãe o aconselhava a andar pela favela sem o aparato, por receio de uma incursão policial – neste caso, o jovem negro não tem o direito de fala nem de explicação. Como todos sabemos através da mídia nacional e seus relatos de dor, “primeiro, atira; depois, pergunta”. Ou seja, se você não fala, você não existe. Se não existe, é um corpo necropoliticamente passível de abate – típico sofismo aceito pelos emaranhados da política brasileira.

Tenho ouvido, inclusive, narrativas de pessoas negras que são olhadas diferentemente e/ou tratadas com rispidez por estarem *com* a máscara anti-covid em determinadas instituições. Pois, no olhar de uma sociedade estruturalmente racista, a máscara seria um atavio criminoso, ou seja, ela transforma principalmente o homem negro em um ser suspeito em determinados espaços.

Um segundo cenário seria aquele imposto pela máscara invisível do nosso dia-a-dia, cujo sufocamento se revela sob diversas formas. Penso aqui em cinco exemplos bastante corriqueiros na nossa sociedade. Estas situações calam e eliminam o corpo negro da sociedade uma vez que, a este indivíduo, é vedado ocupar espaços dentro e fora de seus territórios. Assim, todas as situações estão interligadas pela questão da classe e da raça.

Situação 1: Tentando sobre-viver em seu território – a favela é vista como a margem da sociedade.

Esta situação remete à condição do jovem estudante negro (com a possibilidade de ser parado pela polícia) mencionada no parágrafo anterior. Mesmo que não estivéssemos vivendo este momento pandêmico, nesta primeira situação exemplificada, a máscara já estaria tapando a boca negra de qualquer forma – a máscara invisível que não nos permite falar, explicar, denunciar. Além de não ser ouvido, o corpo negro não tem liberdade para transitar em seu próprio território, neste caso, o Complexo da Maré. Da mesma forma que moradores de vilas

e condomínios, se você é nascido e criado em determinada comunidade, o mínimo esperado é ir até a escola, parar para conversar com os amigos, visitar uma igreja, comprar um pão. Assim, a máscara invisível parece ser menos silenciadora, mas é uma ilusão. Rotineiramente, os moradores já saem com ela de casa, além de carregarem suas carteiras de identidade e de trabalho para comprovarem sua existência, os cidadãos de bem. Já deixam seus lares sabendo que, caso sejam abordados, devem permanecer calados.

Quanto mais os corpos negros se afastam de seus territórios marginalizados, menos possibilidade de inserção e trânsito lhes é concedido. Ou seja, a máscara invisível se torna mais apertada.

Situação 2: Tentando usufruir de um território que não é o seu - o personagem⁷⁵ nada fala diante da autoridade pois a máscara invisível não permite. Ele prefere a fuga pois está ciente de que sua palavra não será levada em conta.

“Acordei tava ligado o maçarico! (...) Tinha dois conto em cima da mesa, que minha coroa tinha deixado pro pão. Arrumasse mais um e oitenta já garantia pelo menos uma passagem, (...) o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. (...) Chegamo na praia com o sol estalando (...) Saí voado pra água (...) tava gostosinha (...) depois do baseado fiquei viajando, olhando as gaivota voando no céu (...) Foi a melhor parte: peguei vários jacaré bolado, (...)”

Quando nós viu já era quase de noite. (...) Tava na hora de meter o pé. E foi aí que rolou o caô. Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também. (...) Mas até então, mano, tava devendo nada a eles (...) Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Pensei, tô fodido! (...) Não pensei duas vezes, larguei o chinelo lá mermo e saí voado.(...)” (MARTINS, 2018, p. 9-16).

Este caso, além da condição racial, está nitidamente trespassado pela condição de classe do personagem. O mesmo não parece acontecer com Sandrine, a curadora de artes afro-alemã. A fala não é marcada pela classe onde ela se encaixa, mas passa por esse sentimento de se afastar da sua zona de conforto e se ver diante de um lugar onde há poucas pessoas de cor – as experiências são sutis. Ela declara: “Me sinto particularmente desconfortável quando deixo certas áreas onde eu costumo ficar. Quanto menos gente de cor no entorno, mais há a possibilidade de que alguma coisa possa acontecer. Alguém pode se dirigir a você e insultar” (KELLY, 2018, p. 135).

⁷⁵ Personagem do conto *Rolézim*, de Geovane Martins.

Situação 3: Tentando voltar para seu território - à personagem⁷⁶ não é dado o direito de se explicar pois sua máscara social lhe dá medo e angústia, numa sociedade que a julga. Quando ela tenta falar, é chamada de negra atrevida.

“Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. (...) além do cansaço a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. [...] O ônibus não estava cheio, havia lugares. [...] Ao entrar, um homem levantou lá de trás [...] Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. [...] Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. [...] Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. [...] E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era assalto. [...] Os assaltantes desceram rápido. [...] Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. [...] Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.* [...] Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei por quê.* [...] A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. *Olha só, a negra ainda é atrevida,* disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha!* [...] Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. [...]” (EVARISTO, 2018, p. 41- 44)

Situação 4: Tentando comprar em um território que não lhe pertence - a máscara não o deixa respirar. Apesar das diversas tentativas de falar e se explicar, é sufocado.

George Floyd entra em uma loja para comprar cigarros em Minneapolis, Estados Unidos, em maio de 2020. Dizem que ele tentava fazer a compra com uma nota falsa. Um dos vídeos feito no decorrer do julgamento⁷⁷ do policial apresenta a fala de um vendedor da loja declarando que George parecia não ter conhecimento que a nota era falsa. E caso tivesse, não justificaria o ocorrido. Uma das filmagens extraídas de um uniforme policial revela tudo implorado por George. A única hora que é ouvido, é quando ele pede para o senhor policial não atirar nele. Aquele que o pega pelo braço diz “*não vou atirar, cara*”. Fica nítido que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal” (FANON, 2008, p. 104).

O medo já estava ali! Depois, a máscara invisível vai sendo apertada no decorrer de todo horror decorrente. Floyd declara ser claustrofóbico e não é ouvido. “Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou o culpado” (FANON, 2008, p.125), deve ter pensado o Sr. Floyd. Algemado e com um dos oficiais insistindo sobre sua resistência, ele declara que não resistia. A pessoa que o acompanhava no carro reafirma que aquele homem não estava resistindo a prisão. Ainda assim, e já

⁷⁶ Personagem do conto *Maria*, de Conceição Evaristo.

⁷⁷ Vídeo: *Câmera de policial mostra George Floyd implorando antes de ser morto*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=pRoHCXaRtso>. Acesso em: 30 mai. 2021.

imobilizado, seu corpo negro é jogado ao chão. Sufocado por quase dez minutos, George Floyd implora por sua vida: “*I cant breathe, man! I can not breath!*” (Eu não consigo respirar, cara! Não consigo respirar!). Sua fala vai ficando fraca e abafada. Ele repetidamente fala e implora, os policiais não ouvem – é como se não falasse. Transeuntes tentam ajudar, filmam, reclamam. Excepcionalmente, o policial Derek Chauvin vai a julgamento, é condenado. Mas Floyd já havia sido morto.

Figura 52: Foto ‘Eu não consigo respirar’. Arquivo Reason.com - 2020



Situação 5: Desistindo de comprar em um território que não é o seu – a personagem⁷⁸ é impedida de tirar a máscara, invisível e sufocante, por diversas vezes. O racismo é coletivo.

Karine, 26 anos, andava pelas calçadas cheias de lojas a procura de uma blusa. Entrou em uma loja e experimentou a peça. Pediu outro tamanho pois o modelo levado para o vestiário não havia ficado bom; no entanto, a vendedora explicou não haver outros tamanhos. Karine agradeceu e se dirigiu para outra loja. Este caso é muito semelhante a uma situação que vivi quando fui comprar meu vestido de formatura (ver p. 127) - o não direito de circular pela loja. Porém, eu não consegui retirar a minha máscara e falar.

⁷⁸ Baseado no caso de Karine Fernandes dos Santos Santana, em 2017 (<https://www.geledes.org.br/jovem-negra-acusada-injustamente-por-furtar-um-casaco-que-era-seu-saiu-da-delegacia-como-acusada/>). Em uma loja no bairro de Madureira, zona norte do Rio de Janeiro, a jovem negra é acusada de roubar seu próprio casaco. O episódio dá origem ao filme *O casaco* dirigido por Ernani Nunes e o papel principal é encenado pela atriz Dandara Mariana. Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=hp51G2dTcuQ>. Filme: <https://vimeo.com/443203088>.

De repente, a vendedora aparece atrás da moça em outra loja e puxa o seu casaco, acusando-a de roubo. No nervosismo da situação, a jovem negra retorna à loja anterior e liga para polícia. É agredida verbalmente pelo segurança, é humilhada pela vendedora e, quando a polícia chega, tenta dissuadi-la a não prestar queixa de injúria racial. Karine, de todas as formas, tenta retirar sua máscara social invisível. Ela discute com a vendedora, responde as agressões verbais do segurança e, na delegacia, depois de toda humilhação (e de ser obrigada a provar que o casaco era, de fato, seu), ela decide levar o caso à frente.

Possuir a aptidão de usar sua própria linguagem nos notabiliza. Troco aqui duas palavras de Fanon, mas o reafirmo: “Uma [mulher] que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê onde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência, [Karine] estava consciente disso (...)” (FANON, 2008, p. 34).

Na delegacia, o investigador ainda decide ficar com o casaco dela alegando a necessidade de enviá-lo para análise. Ao chegar em casa, Karine vasculha seu quarto e encontra a nota fiscal da roupa comprada por ela para provar a verdade. Perguntas que faço é: quando você compra uma peça de roupa, você guarda a nota fiscal? Caso sim, por quanto tempo? De forma subentendida, quem deve guardar a nota fiscal dos objetos que compra? Ao buscar ajuda, Karine é ouvida por uma advogada e retorna à delegacia em sua companhia, fator que lhe dá força para seguir adiante pois já não está mais sozinha.

Ponto mais uma vez a premência de construção de redes, de estarmos unidos a outras e outros com intuito de falar e ser compreendido, ser ouvido. Reflito aqui no poder de uma plateia, por exemplo, em um desfile de escola de samba – um poder necessário no nosso cotidiano. Por um lado, as indumentárias expostas no desfile comunicam visualmente sentimentos de alguém querendo se expressar: a escola, o compositor do samba, a própria comunidade donde as fantasias são costuradas. Por outro, o samba-enredo, sua letra, as batidas do tambor compõem aspectos musicais a serem ouvidos por aquela audiência. Já a emoção da plateia, as palmas, o cantar alto do refrão do samba indica que a mensagem foi comunicada e que aquele povo todo lá de pé vibrando está ouvindo. Assim, foi a mensagem dada pela Escola de Samba Paraíso do Tuiuti em 2018. Sua comissão de frete trazia negros escravizados abençoados por um preto velho, cujas máscaras privavam suas bocas de falar e expressar a dor de serem açoitados por um capitão do mato.⁷⁹

⁷⁹ Artigo: *Comissão de frente da Paraíso do Tuiuti causava choro coletivo*. Disponível em: <https://entretenimento.band.uol.com.br/bandfolia/noticias/100000899892/comissao-da-paraíso-do-tuiuti-causava-choro-coletivo-conta-coreografo-da-escola.html>. Acesso: 30 mai. 2021.

Figura 53: Foto da Comissão de frente Paraíso do Tuiuti. Arquivo UOL/2018



A Tuiuti não levou o título de campeã, mas ficou em segundo lugar. A comissão de frente, chamada Grito de liberdade, é sentida e ouvida. Ao fim de cada cena apresentada pela comissão, um dos atores negros arranca a sua máscara para cantar o Samba-enredo da Paraíso do Tuiuti, (2018):

“Não sou escravo de nenhum senhor
 Meu Paraíso é meu bastião
 Meu Tuiuti, o quilombo da favela
 É sentinela na libertação
 Irmão de olho claro ou da Guiné
 Qual será o seu valor?
 Pobre artigo de mercado
 Senhor, eu não tenho a sua fé
 E nem tenho a sua cor
 Tenho sangue avermelhado
 O mesmo que escorre da ferida (...)
 Eu fui mandiga, cambinda, haussá
 Fui um Rei Egbá preso na corrente
 Sofri nos braços de um capataz
 Morri nos canaviais onde se plantava gente
 Ê, Calunga, ê! Ê, Calunga!
 Preto Velho me contou
 Preto Velho me contou
 Onde mora a Senhora Liberdade
 Não tem ferro nem feitor
 Amparo do Rosário ao negro Benedito
 Um grito feito pele do tambor (...)
 Meu Deus! Meu Deus!
 Se eu chorar, não leve a mal
 Pela luz do candeeiro
 Liberte o cativo social”
 (RUSSO et alli, 2017)

A canção narra um escravo fugidio desejoso de reverter a lógica da dominação. Por não querer ser cativo de senhor algum, deseja um lugar de liberdade sem ferro nem feitor – deseja gritar, chorar, falar. Lélia Gonzalez (2020) denuncia que a lógica da dominação nos coloca (a população negra) na lata de lixo da sociedade. Assim sendo, “O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados e infantilizados (*infans* é aquele que não tem fala própria [...]) que neste trabalho assumimos a nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar e numa boa” (p.77-78). Falemos!

3.7 Malungus das travessias e caminhadas

Essa viagem transatlântica me deixou desejosa de conhecer as artistas afro-alemãs que traduzi. A experiência da escrita me fez entrar num pedacinho da vida delas: me transportei para lá sem elas nem mesmo saberem. Me senti como Ega (2021) que escrevia cartas para Carolina Maria de Jesus como se a conhecesse pessoalmente, porém a escritora brasileira nunca soube de sua existência e elas nunca se encontraram – “Carolina você nunca vai me ler; eu jamais terei tempo de ler você, vivo correndo [...] Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto” (EGA, 2021, p. 7-8). Dá a sensação de nascer ali um amor, um amor-amigo distante que nos ajuda a seguir em frente – neste caso um sentimento representado pelas cartas de Ega para Carolina, cartas que nunca cruzaram o oceano.

Apesar de não as ter conhecido, minha curiosidade pelas artistas afro-alemãs me deslocou da escrita solitária. Eu, acostumada a me classificar como uma antipática virtual por não possuir redes sociais, encontrei notícias em *Maseho Afro-cultural Art* (<https://maseho.crevado.com/>), tanto no *Instagram* quanto no *Facebook* e fui invadida por uma felicidade tamanha ao descobrir que a autora Natasha Kelly havia mantido o nome das mulheres entrevistadas por ela, razão pela qual as encontrei. Atualmente, eu e Maseho batemos papo no *Instagram*. Há um vídeo no *Youtube* chamado *What it means to be Black and German/DW stories* (<https://www.youtube.com/watch?v=omvFdEkr5gI>) onde pude vê-las e ouvi-las falando brevemente sobre racismo e sobre ser afro-alemã: Diana, a autora Natasha, Maseho, Patricia, Maciré e até mesmo Tiffany Florvil, uma das escritoras afro-alemãs citadas na minha pesquisa.

Figuras 54 e 55: Print de *Maseho's kinkeliba plant* e a artista Maseho. Acervo: @maseho_art/2021



Por um outro lado, as caminhadas pelos becos e travessas da Maré me trouxeram *malungus*. Os africanos que conseguiam cultivar solidariedade durante a travessia atlântica usavam a palavra *malungu* – do kikongo *m'alungu*, contração de *mualungu* – para definir uma amizade muito forte construída pelos africanos.

Essa palavra tinha origens em diferentes línguas africanas, mas a experiência da travessia do Atlântico fez com que ela ganhasse um significado especial: companheiro de travessia. A força dessa amizade era tanta que alguns africanos conseguiram mantê-la depois da chegada ao Brasil, ou em outras localidades da América (SANTOS, 2017, p. 143-144).

Pensando no contexto e nas variadas culturas de origem envolvidas na travessia afro-atlântica, percebemos ter sido este processo de socialização um facilitador da “[...] “transculturação” entre africanos, ou seja, a superação de fronteiras étnicas antigas e a formação de uma nova identidade “bantu” (SLENES, 1991, p. 13). A partir desta contextualização, percebeu-se

[...] como os escravos teciam novas solidariedades através da palavra. [...] na travessia da África e do Atlântico, os falantes de línguas bantu diferentes aprenderam que a comunicação entre si era possível. Nessa mesma viagem, eles começaram a perceber também que o entendimento não ficava apenas na superfície das palavras, mas alcançava significados mais profundos; *malungu*, que conduzia a *kalunga*, certamente não era um exemplo isolado. Uma vez no Brasil, os escravos bantu não teriam demorado a entender que estavam todos sujeitos a praticamente o mesmo tipo de domínio, e que provavelmente passariam toda a vida na nova sociedade como seres liminares. Ao mesmo tempo, e em parte por causa disso, eles teriam percebido suas possibilidades de construir, a partir de uma herança cultural em comum, uma nova sociabilidade na própria soleira da porta que não se lhes abria, e contra aqueles que mantinham essa porta fechada. Nesse contexto, a palavra que os escravos detinham em comum pode ter deixado de ser para eles apenas um significante, revelando afinidades mais profundas, para tornar-se, ela mesma, um dos elementos constitutivos de sua identidade (p. 14).

Ao revelar afinidades mais profundas é que os modos de relacionamento dentre eles vão surgindo e, entre os sentimentos; a amizade. Assim, as conversadeiras e eu nos tornamos parceiras e um laço de amizade foi dado entre nós, mulheres negras de bate-papo: mulheres-malungus! Nossas conversas nos mostraram a necessidade de nos autodefinirmos – dizer-nos sem a invenção de nós formatada e disseminada pelo outro. O outro aqui não sou eu-mulher-negra-favelada, eu sou todas nós: uma força *ubuntu* cuja filosofia me lembra todo dia “sou o que sou pelo que nós somos”. O outro para mim é o homem-branco-privilegiado-sexista-racista-classista que cisma de disseminar histórias sobre a gente como se nosso único destino fosse sempre ser a Outra da História dele.

Nós mulheres negras, as outras da história ‘universal’, produzimos ideias e disseminamos cultura. Assim, nos encaixamos num pensamento feminista negro pois este “consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 102). Este pensamento se entrelaça à definição do “feminismo negro diaspórico” (SANTOS, 2007):

Grupos cujas práticas políticas e intelectuais são produzidas e desenvolvidas por feministas e/ou ativistas afrodescendentes ; e ainda, cujas práticas apresentem como característica marcante a propriedade de serem (ou terem sido) fundadas ou forjadas a partir da articulação das categorias políticas de “raça”, gênero, classe e sexualidade, em resposta ao sistema de dominação que tem impactado as mulheres negras e que majoritariamente se caracteriza pela interseccionalidade do racismo, sexismo, classismo e heterossexismo” (p. 11).

Por conseguinte, tal pensamento está sempre em movimento, sempre em (re)construção de acordo com as experiências únicas de cada uma. Contudo, estas experiências podem apresentar pontos narrativos semelhantes quando levamos em conta as mulheres negras enquanto grupo. “Embora o fato de se viver a vida como uma mulher negra possa produzir certas visões compartilhadas, a variedade de classe, região, idade e orientação sexual que moldam as vidas de mulheres negras tem resultado em diferentes expressões desses temas comuns” (COLLINS, 2016, p. 102), como é o caso das mulheres negras faveladas cujas experiências resultam em diálogos distintos das afro-alemanes.

Uma das características fundamentais deste pensamento feminista negra (que vem tomando força e folego desde o início do Movimento Feminista pelo mundo) é a questão da autodefinição – um tema necessário no processo dialógico negra. Autodefinir-se envolve “desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana” (COLLINS, 2016, p. 102). Ou seja, ao desafiar aspectos criados em torno da sua imagem, você se autodefine a partir de sua imagem autêntica. Se nos entendemos como mulheres afro-

brasileiras nascidas todas no continente Americano, ou como já dito anteriormente, *Amefricano*, nós *ladino-amefricanas* nos enquadrámos perfeitamente nesta definição, ou seja, temos o poder para nos autodefinirmos a partir do que, de fato, nós somos.

A própria Collins (1990) fala sobre a questão das imagens de controle impostas sobre as mulheres negras, cujas distorções são constantemente veiculadas pela mídia de massa. No caso das afro-americanas, a autora cita: “*the mammy, the matriarch, the Jezebel, the welfare mother*” (tradução livre: as mãezonas, as matriarcas, a Jezebel e a mãe dependente do Estado). Estas não são simples estereótipos e representações benignas do corpo negra, elas são, na verdade, parte de uma relação de poder que formatam e afetam a maneira pela qual as pessoas em geral tratam as mulheres negras. O interessante seria percebermos as formas pelas quais as mulheres negras reagem a estas imagens como forma de resistência, principalmente se levarmos em conta o fato de que o corpo negra “não compõe o grupo social de poder” (FRANCO, 2017, p. 94).

Figura 56: Foto de Rasputia no filme *Norbit*, mal-humorada e mandona. Arquivo Portal Overtube/2007



Lélia Gonzalez (2020) também discute esta questão quando fala do “duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (p. 76). Essa combinação acaba por exercer uma força violenta especificamente sobre a mulher negra. Assim, Gonzalez chama atenção para o fato desta mulher em particular ser associada às noções de mulata, doméstica e mãe preta – estando, então, sempre presa a estes estereótipos. Na verdade, estas criações partem todas da mesma condição que é simplesmente ser mulher preta. No dia-a-dia, nos fazem engolir a mulata como profissão e deusa sexual (a Globeleza, por exemplo), a eterna doméstica (todas as mulheres negras empregadas das famílias brancas ou auxiliares de serviços gerais das grandes empresas, constantemente representadas por novelas e filmes) e a mãe preta (cuidadora eterna do ‘filho branco’, desde a Casa Grande até as tias Anastácias atuais). A autora brasileira chama atenção para o fato:

enquanto mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, em vez de continuarmos a reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos [...] os textos só falavam da mulher negra numa perspectiva socioeconômica que elucidava uma série de problemas propostos pelas relações raciais [...] e isso começou a nos incomodar. Exatamente pelas noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência ... (GONZALEZ, 2020, p. 77)

Figuras 57 e 58: Fotos de Tia Anastácia e Globeleza. Arquivos de Parada Temporal e O Globo



Em relação a situação alemã, parece ter havido uma busca por esconderijos para o corpo negro. Fica evidente no discurso daquelas artistas silenciadas e isoladas da sociedade branca por muito tempo. No caso de Diana, a mãe foi obrigada a fugir para outro país para que a filha negra intersexo não virasse mais um caso racista de separação de famílias pelo governo alemão – do mesmo modo como ocorreu com Nadu e Ayim. Nesse caso, ou elas mantinham seus isolamentos ou estavam constantemente expostas a questionamentos – como poderiam ter a audácia de serem negras e, ainda por cima, alemãs? Alemã e artista? Alemã e poetisa? Questionamentos que tentam dirimir suas *autohistórias*.

Já no caso das faveladas brasileiras, os estereótipos mudam de nome mas são todos pertencentes aos grupos já supracitados: a senhora preta faxineira ou a tia da limpeza que nunca tem nome, a barraqueira, a neguinha de morro, a ‘piranha’ de favela e/ou mulher de malandro (todas desdobramentos da mulata, da *jezebel*, da mãezona ou da encrenqueira). A princípio, expressões usadas para desqualificar mulheres de determinada classe (no caso, as faveladas) e que são, em sua grande maioria, humilhadas pelo fato de também serem negras. Ou ainda, remetem a uma super-exploração da mulher preta. Até por que, com estes adjetivos sobre você, a verdade é que não se tem direito a lugar algum, ou direito a exercer direitos –

seu destino é estar sempre presa à uma imagem única criada socialmente, sob o simples rótulo ‘mulher negra’.

Me deixa extremamente feliz e realizada ter reunido nesta pesquisa cinco mulheres afro-faveladas e nove mulheres afro-alemãs que abertamente se autodefinem e narram suas autohistórias indo completamente contra a correnteza. É como se fôssemos ‘povoadas’: “quem falou que eu ando só? Tenho em mim mais de muitos, sou uma mas não sou só”⁸⁰. Logo, minha escrita trouxe um mar sem fim de histórias que emergem e, ao mesmo tempo, afogam estereótipos e imagens de controles impostas sobre nossos corpos por tantas décadas.

Há nestas criações sobre nós um racismo midiático infundável, ao contrário, se renova e se sofisticada. “Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado com o objeto e não como sujeito” (GONZALEZ, 2020, p. 43). Essa condição de não-sujeita é justo o oposto do que busquei nesta pesquisa. “Conseqüentemente, [a não-sujeita] não tem direito a voz própria, é falad[a] por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores. No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito” (p.44) ... o ‘bicho pega’! A gente incomoda, a gente sai do modelo dado, a gente se concretiza de muitas outras formas, a gente fala como Chris, Tatis, Nlaises, Natálias.

Eu não tenho como descolar os acontecimentos racistas da minha trajetória, muito menos descolar a história das mulheres que fazem parte de minha vida, da minha narrativa. Contudo, eu consigo contar a história a minha maneira tentando ressignificar nossos papéis dentro de um território sempre visto como à parte e negativado. Tentando alcançar outros modos de atuação da mulher negra – isso me foi possível através da minha voz e da minha escrita. A maneira como minha mãe organizou a nossa vida fez com que cada uma de nós fôssemos pilares de uma estrutura. Se removermos uma base, o núcleo desaba. Não sou eu, somos nós. Mesmo por que a (nossa)

Escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. [...] Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (EVARISTO, p. 38, 2020a).

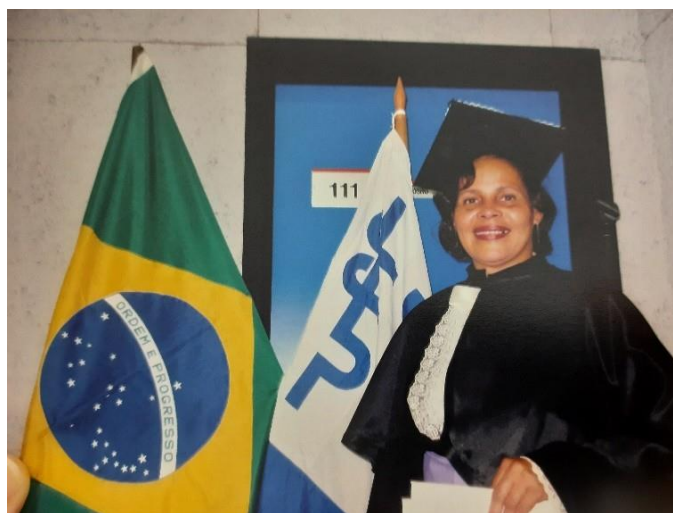
A rede de mulheres negras foi tecida, inicialmente, dentro da minha própria casa – um lar de mulheres que sempre me acolheu. Aquela irmã que me acompanhou na compra do vestido (caso citado na minha biografia, capítulo 3), Alexandra, cursou Serviço Social na

⁸⁰ Frase em referência a canção de Sued Nunes, *Povoada*. Álbum *Travessia* disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cOtSR65EUNw>.

Universidade Federal Fluminense – UFF e a mais nova é atriz, Adele, estudou Interpretação Teatral na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNI-RIO. Esta última foi inclusive uma das integrantes do Corpo de Dança da Maré no início dos anos 2000. Depois de graduadas e cada qual com seu emprego, foi a vez do meu símbolo de luta: minha mãe, após dois anos de vestibular comunitário, passou para UFF e cursou pedagogia. Graduou-se aos 54 anos. Minha tia Genáina, irmã de minha mãe, trilhou o mesmo caminho. Todas minhas malungus!

Nossas histórias são força. Minha mãe foi camareira, faxineira e costureira antes de se graduar. É bacharel em pedagogia e especialista em pedagogia empresarial. Assim, se reinventou enquanto mulher negra, pois ela ousou não estar fixada num único lugar. A sua não fixidez e toda esta força de vontade comprova que nossa trajetória foi, muitas vezes, navegar por mares tortuosos e marés altas; porém também foi uma travessia de momentos de intensa alegria, de marolas e marés mais baixas. E foram os mares mais revoltos que nos uniram e estreitaram os nós – me fica uma sensação boa de ter dado a largada, mesmo que nem sempre nos tenha sido possível alcançar a chegada. Não somos mais as caravelas que partiram da península Ibérica, somos as velas das embarcações espalhadas pelo Atlântico direcionando a travessia. Conforme Confúcio explanava, “você não pode mudar o vento, mas pode ajustar as velas do barco para chegar onde quer”⁸¹. A fotografia abaixo pode não ter um peso jornalístico, mas é justamente este impacto visual que busco: a única coisa que minha mãe negra queria era usar a beca.

Figura 59: Mãe formatura UFF- acervo pessoal/2010



⁸¹ K'ung-tzu, conhecido como Confúcio, foi um filósofo e pensador chinês nascido antes de Cristo cujos princípios se baseavam em tradições chinesas. Suas ideias favoreciam lealdade familiar, respeito aos idosos e veneração aos ancestrais. A famosa frase de Confúcio citada encontra-se no artigo *Ser âncora ou vela!*

Refletindo sobre aquele provérbio haitiano, “enquanto o leão não aprender a falar, a história contada sempre glorificará o caçador”, nos damos conta da necessidade de sermos leas que falam, se autodefinem e ilustram suas próprias *autohistórias* para ressignificar estas expressões ou, ao menos, escolhermos os nomes pelos quais preferimos ser chamadas. Naomi, por exemplo, fala da importância de começar por ela mesma – “Sou uma mulher africana que mora em Berlim e escreve histórias sobre ela mesma. Tive meus problemas e por essa razão comecei por mim mesma” (KELLY, 2018, p.109). Consequentemente, quais outras histórias mulheres pretas podem contar? Quais outras histórias mulheres pretas podem agenciar? Que outras *autohistórias* poderiam ainda ter-me sido contadas caso eu tivesse conseguido terminar minhas conversas com todas as mulheres que conheci? Algumas destas *autohistórias* estão aqui e espero que muitas outras possam surgir.

Eu também comecei por mim mesma e agora tenho de novo aquela sensação das mulheres que já estavam dentro de mim, e tantas outras que foram se amontoando junto ao meu corpo, minhas malungus de travessia. Sentirei saudades afro-alemãs, sentirei falta das minhas irmãs pretas da favela até podermos nos ver de novo. Juntas, nossa rede de conhecimento se ampliou. Uma rede de conversas, de ajuda e de conhecimento que celebra nossa negritude. Nossas histórias não apagam outras narrativas.

Minhas traduções não minimizam outras trajetórias. As poucas *autohistórias* aqui navegadas não embaçam outras narrativas. Ao contrário, os relatos das mulheres negras aqui descritos buscam olhares e falares diversos, buscam inclusão, buscam banhar outros portos. Nossas histórias desejam simplesmente, transatlanticamente, co-existir!

RESSIGNIFICAÇÕES FINAIS

*Quanto tempo faz que eles contam a nossa história?
 Quanto tempo faz que eles constroem a nossa memória?
 Eu vim pra contar que tão certo como o agora
 eu estarei nas linhas que contam a nossa vitória
 Estudar o meu povo
 Acha tudo isso exótico
 Viver na minha pele, tu não queres
 e fica óbvio
 Seu fetiche com a pobreza,
 isso que me assusta
 Não vê que reproduz tudo aquilo que acusa no outro?
 [...] Eu tenho nojo, deixa que eu conto
 Angela Davis já dizia:
 “Não basta só discurso, tem que ser antirracista”
 Vou falando ponto a ponto e depois desse encontro
 eu não aceito mais desculpa que você não sabia
 A minha escrivência transcende a sua teoria
 O que tá no seu caderno
 Eu vivo no dia a dia
 representatividade
 é nós por nós
 e ninguém vai falar por mim
 eu tenho a minha voz
 E se a minha voz em algum momento falhar
 Posso te garantir
 tem muita preta pra falar
 Então, deixa que eu conto
 A minha história
 Eu me represento
 Eu recebo minhas glórias
 aprendo com as minhas
 E tão certo como agora
 Eu estarei nas linhas que contam a nossa vitória
 Bia Ferreira*

Minha travessia se movimentou por vários aspectos dentre os quais urge a necessidade de ressignificação. Na verdade, precisam ser ressignificados a partir das nossas próprias experiências, das minhas experiências. A começar pelo “perigo da história única” de Adichie (2019), mencionado uns parágrafos adiante.

As indagações que me levaram a esta pesquisa, explicados no início desta escrita, lidam justamente com histórias tornadas desconhecidas e, por esta razão, também desconhecemos seus meios e fins. Quando me questiono sobre outras histórias possíveis das mulheres pretas apagadas e silenciadas pela violência policial, eu brevemente denuncio um sistema estatal exterminador das vidas negras femininas, sem quaisquer chances de tomarmos conhecimento de outras rotas possíveis destas trajetórias. Todos os dias ouvimos no rádio ou na televisão números indicadores de como a população negra é dizimada. Assim, não me

coube aqui ser mais uma pesquisadora a debater e/ou analisar estas porcentagens necropolíticas (claro, também extremamente necessárias). Na verdade, para mim, a intenção não era falar *sobre* a população negra – a intenção era criar meios frutíferos de pensar, escrever e falar *com* o povo negra.

Nesse processo metonímico racista em que mulheres negras são retratadas como peças ao invés de sujeitas nomeadas – a arrastada/Claudia, a sapatão espancada/ Luana, e tantas outras – criam-se narrativas sócio-midiáticas generalizantes que nos empacotam. Um pacote unicamente embrulhado sobre os corpos daquelas mantidas em anonimato e cujas vidas são passíveis de serem ceifadas. Está claro que “é impossível falar da história única sem falar de poder [...] o poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (ADICHIE, 2019, p. 22-23). É um poder que emana de uma sociedade racista e classista e nos manuseia como bonecas e bonecos ventríloquos.

A partir deste questionamento inicial, me pergunto sobre outras histórias possíveis. Com algumas aqui dialoguei e estas certamente incentivarão outras e novas narrativas.

Acredito que

todas essas histórias [também] me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (ADICHIE, 2019, p.26)

E é justamente essa incompletude que fui desconstruindo nesta pesquisa. Ao dialogar com a polifonia negra, percebi como, na verdade, a construção de afro-autohistórias se deu justamente pela união de tantas narrativas transatlânticas em movimento através do processo diaspórico africano mundo afora. Logo, as afro-autohistórias estão sempre em movimento – são narrativas que tomam voz, corpo e força a partir do encontro transatlântico – e só são possíveis pelas redes de relacionamentos construídas por sujeitas negras.

No decorrer da pesquisa também, muitas vezes, me refiro às mulheres pretas com quem conversei nas comunidades da Maré, como faladeiras ou conversadeiras. O intuito é fazer perceber que, além do silenciamento sócio-histórico imposto ao povo negra, as mulheres são obrigadas literalmente a permanecer quietas e caladas. Basta pensar em exemplos práticos do dia-a-dia. Quem sabe o nome da tia preta da limpeza sendo ela invisível? Quem sabe o timbre de voz dela, se entra nos ambientes calada e sai muda?

No caso específico da sujeita negra, a própria linguagem corporal parece incomodar. Sendo a mulher negra de favela, então, a mais estereotipada – fofoqueira, faladeira, conversadeira, barraqueira. Como se esses adjetivos dissessem “passa a vida a fofocar e não tem mais o que fazer”. Se abrirmos qualquer dicionário *online* e procuramos pelo vocábulo

‘faladeiro’, um termo que nunca ouvi na vida, a definição é “aquele que fala muito”. Já a definição de faladeira traz um aspecto negativo – é “a mulher que fala excessivamente, tagarela, aquela que gosta de bisbilhotar, fofoqueira”. Penso em Anzaldúa (2009) sentada ao meu lado dialogando comigo: “Isso mesmo, cara *muchachita bien criada*”,

Ser faladeira era ser uma fofoqueira e uma mentirosa, falar demais [...] bocuda, respondona, fofoqueira, boca-grande, questionadora, leva-e-traz, são todos signos para quem é *malcriada*. Na minha cultura, todas essas palavras são depreciativas se aplicadas a mulheres – eu nunca as ouvi aplicadas a homens. A primeira vez que ouvi duas mulheres, uma porto-riquenha e uma cubana, dizerem a palavra “*nosotras*”, fiquei chocada. Eu nem sabia que essa palavra existia. Chicanas usam “*nosotros*” sejamos machos ou fêmeas. Somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino. A linguagem é um discurso masculino (p. 306).

Passei horas sentada transcrevendo as falas das mulheres faveladas com quem conversei e sabe-se lá quantas mil horas traduzindo as entrevistas alemãs. Tentei ser a mais fiel possível em relação aos discursos germânicos, além de ter transcrito risos, hesitações, pausas, repetições de cada mulher com quem conversei pela Maré. Essas faladeiras/conversadeiras cotidianamente carregam o poder de abrir caminhos rizomáticos através de seus falares e de suas artes – se essas mulheres não falam, o discurso também se torna único, se torna a história de sempre, contada pelo homem branco e acatada pela ideologia ocidentalizada. É como se todas nós carregássemos e passássemos adiante o legado linguístico de Gloria Anzaldúa (2009) quando ela prepondera: “eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição do silêncio” (p. 312)

Em nossas conversas remadas a favor da maré, Tatiane fala sobre o orgulho de ser moradora de favela. Nlaysia fala sobre disputar sua narrativa e discutir sua vivência. Na verdade, ao ler a *autohistória* desta educadora, percebemos que falar e escrever não é suficiente: ela precisa transbordar e externar suas linguagens de outras formas. Tendo, inclusive, passado por um processo de reconstrução do seu próprio nome (ver anexo I, página 219). Já Natália, não é de falar tanto, mas canta, digo, cantovive – cantovive seu amor, sua luta, seus atravessamentos e suas críticas. Enquanto Christine narra com alegria sobre sua ancestralidade. Do outro lado dos mares atlânticos, as mulheres afro-alemãs se unem para dialogar sobre o racismo daquele país. A força destas mulheres é o que elas contam, a força vem de suas narrativas. Nessa rede formada, mesmo as afro-alemãs desconhecendo a nossa existência, elas sabem que a única possibilidade de enfrentar as travessias cotidianas é a rede

de *autohistórias* que nos reúne e que precisam ser ditas. Adaptando a frase do *rapper* e poeta brasileiro Rincon Sapiência, ‘nossos versos são livres e ninguém nos cancela’⁸².

E ‘as neguinha do morro’? Quem são ‘essas neguinha’? É uma expressão que já deveria ter caído em desuso, até por que hoje em dia as favelas se expandiram de formas diferenciadas. Nem toda favela é morro, nem todo morro é favela. Essa expressão me remete a outra de cunho racista que é “vai procurar tuas negas” – numa cena da Casa Grande onde a senhá branca briga com o marido, seu senhor. Como se fosse culpa da escrava frequentemente estuprada, as aventuras sexuais constantes do homem branco. Essas ‘negas’ da senzala que sofriam, pariam, amamentavam em meio a uma lida massacrante, enlouqueciam e, constantemente, eram praticamente escravas sexuais – grande parte dessas descendentes ainda hoje são mulheres de favela. Hoje em dia ainda vemos algumas pessoas usarem esse procurar pelas negras, como se a mulher negra estivesse sempre disponível para ser encontrada, sempre desocupada para servir.

O mesmo se dá com as neguinhas do morro. Ouço muito essa expressão dita pelos profissionais das escolas, num tom de liberdade excessiva: “Ih, essa não tem jeito, vive solta por ai, é neguinha de morro”. Às vezes, a expressão é usada pelas crianças da favela para depreciar as que “descem o morro”: “minha mãe disse pra eu não brincar com ela, ela é neguinha de morro” – são crianças mal-educadas, ‘faveladas’. Outras vezes, vejo ser usada com adolescentes ou mulheres mais jovens associada a minimização da moradia, no caso, o barraco: “Aquela é encrenqueira, neguinha de morro, barraqueira, mulher de favela”. É como se fosse uma sinédoque, usa-se a parte pelo todo – toma-se a moradia, o barraco como exemplo, e usa-se para representar a condição de uma pessoa. É como se a pessoa fosse um barraco e nada mais.

⁸² Verso adaptado da música *Ponta de lança* de Rincon Sapiência, também conhecido como Manicongo, nascido Danilo Albert Ambrósio em São Paulo.

Figura 60: Foto de beco de morro - Acervo pessoal/2021



Na verdade, todas as expressões são racistas, classistas e sexistas. Além de menosprezar a favela enquanto território que, através das décadas reaprendeu a se organizar socialmente, também oculta o alto nível de organização popular destas comunidades. Reduz, inclusive, a condição da população negra brasileira cuja história pós-abolição está ligada à sobrevivência e insurgência no intuito de alcançarem condições decentes de vida. Por fim, deprecia a condição da mulher preta em diferentes espaços engessando-a numa única condição – propositalmente, deixam de lado o fato de ser a mulher negra que move a base da sociedade com sua força e trabalho, sendo ela aquela que limpa, cozinha, cuida dos lares e empresas do Brasil. Rótulo este que apaga as mulheres pretas escritoras, dançarinas, cantoras, palestrantes, produtoras e agenciadoras de conhecimento.

Evaristo (2017b), também uma mulher criada na favela, ao explicar sobre a longa espera pela qual teve que passar em relação as suas publicações relata:

tem muito a ver com esse imaginário que se faz da mulher negra, que a mulher negra samba muito bem, dança, canta, cozinha, faz o sexo gostoso, cuida do corpo do outro, da casa da madame, dos filhos da madame. Mas reconhecer que as mulheres negras são intelectuais em vários campos do pensamento, produzem artes em várias modalidades, o imaginário brasileiro pelo racismo não concebe. Para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito carnaval primeiro (s/p).

Neste contexto, eu e Tatiane somos as ‘neguinha de morro’ ressignificadas, numa tentativa de repaginar este imaginário brasileiro racista. Moradoras do Morro do Timbau e filhas de relacionamentos inter-raciais, assumimos outras possibilidades – por vontade ou por oportunidades. Eu, favelada-educadora-tradutora-feminista. Tatiane, favelada-tatuadora-

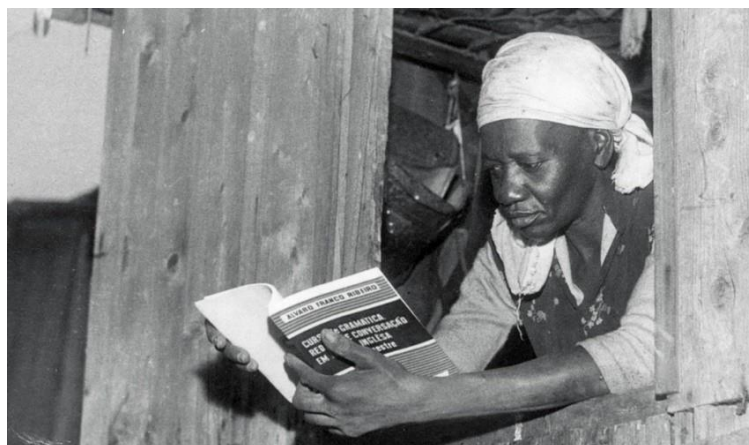
estudiosa-das-artes. Há um provérbio africano que diz ‘o rio quando esquece onde nasce, seca e morre’; então, reafirmo: Negras do morro, presente!

Deixo abaixo a foto do barraco construído por meu avô Aníbal nos anos 1960 no Morro do Timbau. Sem ter como comprar casa nem material de construção, ergueu sua moradia de madeira junto com minha avó Carmem – essa vó pretinha que, muitas vezes, desfilava pela casa de anágua e sutiã, reclamando do calor do humilde lar. Impossível não lembrar de Carolina Maria de Jesus (2014b), a própria engenheira do seu barraco, ou de Conceição Evaristo (2017a), cuja vida na favela começava entre o barraco e o barranco. Minha família morou ali por anos e foi um espaço onde convivi e de onde tenho lembranças infantis de amor, cuidados e carinho. Para mim, depreciar e reduzir a construção que era lar da minha família é incômodo. Seus três filhos, neguinhos do morro, ali foram criados e educados. Da esquerda para direita na fotografia: minha mãe é pedagoga, meu tio Wal é empregado da empresa naval onde meu pai trabalhava, minha avó Carmem lavadeira-passadeira e minha tia Gena é funcionária da Secretaria de Municipal de Saúde.

Figuras 61 e 62: Fotos de quarto no barraco. Acervo Pessoal/1993



Figuras 63 e 64: Barraco em transformação/ 1994 - Acervo pessoal e Barraco de Carolina (anos 50). Arquivo do *Rascunho*



Nos subcapítulos 3.5.1 e 3.5.2, dedico alguns parágrafos sobre a questão das máscaras que carregamos – máscaras sufocantes, (in)visíveis, racistas. Apesar de inseridas numa sociedade estruturalmente e extremamente racista, aliás planetariamente racista, creio estarmos mediante um processo de mudança. Estamos por décadas, populações negras e indígenas, num movimento de contrafluxo social com o objetivo de sobreviver e, principalmente, (re)contar nossa História, além de (re)aprender nosso lugar de fala. Primeiramente, penso na afro-alemã Nadu, uma artista produtora de máscaras curativas. Interessante perceber que são máscaras medicinais usadas, muitas vezes, para nos curar das máscaras brancas. Nadu conta:

Comecei a fazer máscaras alguns anos atrás. Eu chamaria de 'máscaras medicinais'. Medicina no sentido africano, por exemplo, significa que quando as pessoas se reúnem e têm uma boa conversa, isso é um bom remédio. Nesse sentido, eu fabrico as máscaras [...] Eu as faço para que as pessoas se sintam bem [...] Você realmente percebe como o poder das máscaras se fortalece mais e mais a cada passo [...] Bem, quando a máscara está pronta eu defumo com sálvia [...] É importante estar de bom humor enquanto estiver produzindo. Não posso ficar com raiva quando estou fazendo uma máscara de paz. [...] Entro em contato e também em diálogo com ela. Então, no final, não sou eu quem diz como deve ser, mas a máscara me diz o que quer ou qual cor usar e assim por diante. Não faço máscaras porque gosto que elas sejam de certa forma, elas são intuitivas. [...] Numa tradição africana, máscaras são seres, na verdade. Elas são suas ajudantes. Ou seus antepassados (KELLY, 2018, p.15-16)

Nadu menciona, ainda, que quando começou a forjar máscaras, ela pensava em armas pessoais de proteção. Logo também percebeu como associar determinados símbolos de proteção às pessoas e como estes símbolos poderiam ser relacionados ao poder das máscaras: por exemplo, um machado duplo, uma espada, um escudo. Na verdade, símbolos espirituais que ligam sua obra de arte ao poder dos orixás. Xangô e seu machado duplo, orixá da justiça; Iansã com sua espada, orixá dos ventos; e Ogum também com sua espada e escudo, orixá

guerreiro. Com o tempo, Nadu percebeu como era boa em forjar ferro e daí nasceu sua produção de máscaras curativas, ou seja, máscaras que ao invés de invisibilizar, protegem!

No caso da impossibilidade de retirar a máscara e racista invisível, precisamos aprender maneiras de falar sob ela. O fundamental é experimentar a potência da voz negra pois tal atitude pode esfacular este adereço racista. Conceição Evaristo explica que

Aquela imagem de escrava Anastácia [...] eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara. Por que todo nosso processo pra eu chegar aqui, foi preciso colocar o bloco na rua e esse bloco a gente não põe sozinha (EVARISTO, 2017b, s/p).

Também ‘falei’ pelos orifícios da máscara nesta pesquisa – as linhas digitadas foram despedaçando-a. Em alguns momentos ao longo desta escrita desrespeitei as regras de gênero da língua portuguesa, estilhaçando a tendência que é o uso generalizante do masculino. Sendo esta uma história de mulheres negras para o mundo transformei, por exemplo, pensamento negro em ‘pensamento negra’. Fiz o mesmo com povo negra, feminismo negra, corpo negra, processo dialógico negra etc. E, no caso de polifonia, acabei por adjetivar: polifonia negra, posto que as vozes aqui narradas são todas de mulheres negras. Consequentemente, ao suposto fim desta pesquisa, penso sobre o devir-negro do mundo e acredito que o mais sensato seja também transformar em um **devir-negra**. Me explico em breve.

Mbembe (2017) argumenta que o primeiro capitalismo é marcado por sua intrinsecabilidade com o sistema escravagista. Desde então o mundo passou pela militarização de suas fronteiras, divisão de territórios e por uma diminuição ou eliminação de determinadas soberanias nacionais. De lá para cá, essa nova fase capitalista/neoliberal sobrevive através do falso pretexto de ‘consertar’ e ‘reconstruir’ territórios que abrigam as “humanidades subalternas” (p. 16). Ainda de acordo com o escritor é um “imperialismo da desorganização” (p. 17) que, na verdade, caminha “à custa de contratos de reconstrução e sob o pretexto de combater a insegurança e a desordem, empresas estrangeiras, grandes potências e classes dominantes autóctones arrecadam riquezas e as minas dos países assim avassalados’ (p. 17). Chamando atenção para a fusão do capitalismo e do animismo⁸³, Mbembe (2017) discorre sobre a possibilidade de

transformação dos seres humanos em coisas animadas, em dados digitais e em códigos. Pela primeira vez na história humana, o nome Negro deixa de remeter

⁸³ De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa: (1858) 1- FIL. Cada uma das doutrinas que afirmam a existência da alma humana, considerada como princípio e sustentação de todas as atividades orgânicas, esp. das percepções, sentimentos e pensamentos. 2- ANTRPOL. Primeiro estágio da evolução religiosa da humanidade, na qual o homem primitivo crê que todas as formas identificáveis da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente.

unicamente para a condição atribuída aos genes da origem africana durante o primeiro capitalismo [...] A este novo caráter descartável e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização ao mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo (p. 18).

Vale ressaltar mais uma vez que, diante das mudanças históricas a partir dos movimentos transatlânticos responsáveis pela diáspora negra ao redor do mundo, tanto homem negro quanto a mulher negra, “enquanto produto da máquina social e indissociável do capitalismo” (MBEMBE, 2017, p. 19) tem conseguido sobreviver mediante os contextos sobre os quais seus corpos foram classificados e diante daqueles que os inventaram. No decorrer dos séculos essa invenção foi criada para excluir e bestificar a partir do momento em que ambos foram usados como objeto, mercadoria e moeda (MBEMBE, 2017), ou seja, “carne transformada em coisa e espírito, em mercadoria” (p. 19). Contudo, ocorre aí um giro, uma guinada, talvez inesperada pelo sistema. “Numa reviravolta espetacular, tornou-se símbolo de um desejo consciente da vida, força punjante, flutuante e plástica, plenamente engajada no acto de criação e até de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo” (p. 19). Aliás, de acordo com a cantora Elza Soares, a carne mais barata do mercado *foi a carne negra*⁸⁴, não mais!

É nesta reviravolta que encaixo o devir-negra da favela, do Rio de Janeiro, da Alemanha, de partes do mundo. Um “tornar-se, transformar-se [...], fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que cria e transforma todas as realidades existentes; vir a ser” (HOUAISS, 2009, p. 676) negra – um movimento vindo do Atlântico negro que banha diferentes territórios de diferentes formas influenciando diversificadas culturas. A força dos mares que segue empurrando e energizando a mulher negra de forma a deslocá-la para contextos onde sua subjetividade possa fluir e expandir. A negra que sai do lugar coisificado, da passividade criada pelo colonialismo, se assume como mulher negra – afro-favelada ou afro-alemã – e ressignifica sua importância, seu papel no contexto racista-social no qual somos produzidos. A minha mãe, por exemplo (ver p. 171-172). Desde a abolição da escravatura há um processo político de luta e agenciamento sendo criado e mantido pelas mulheres negras ao redor do mundo.

Uma rede de conhecimentos e de estudos jogada neste Atlântico e espalhada para outros oceanos de forma que mais mãos pretas se sintam tocadas por esta trama marítima. O livro que traduzo com as conversas afro-alemãs é movimento devir-negra. O presente narrar-se da mulher preta da favela é devir-negra. O diálogo criado entre estes mares e marés é devir-

⁸⁴ Refiro-me a canção *A carne* do álbum *Do Cócix até o Pescoço* de Elza Soares, gravado em 2002. Nesta última década, Elza, ao cantar, transforma o verso do verbo do tempo presente para o passado.

negras. Há uma mudança constante pelos séculos de história em busca de sobrevivência e aceitação, uma mudança contínua destas mulheres influenciadas, direta ou indiretamente, pelos movimentos negras tanto do Brasil quanto da Alemanha. Movimentos que descentralizam a versão europeia como centro do mundo. Nitidamente, renova-se o legado deixado por intelectuais negras representativas de força e de mudança que inspiraram este devir-negra cotidiano: Lélia Gonzalez, Neusa Souza, Suely Carneiro, Beatriz Nascimento, May Ayim, Audre Lorde, etc. Estamos todas inseridas neste processo de tornar-se e transformar-se, nossas *autohistórias* estão unidas por este devir-negra.

Aproveito este momento da escrita de ressignificações e retorno à Spivak (2012)⁸⁵. Em seu *An aesthetics education in the era of globalization*, ela reafirma que subalternidade é uma posição sem identidade, onde as linhas sociais de mobilidade não permitem a formação de uma base reconhecível de ação (esta questão é muito clara quando levo em conta a população favelada, pois nossa condição de classe nos engessa sem possibilitar determinados movimentos e acessos). Consequentemente, a ideia de subalternidade ficou imbricada com a ideia de não reconhecimento da agência. O único problema, abertamente assumido por Spivak, é o fato dela ter escolhido uma metáfora em relação à fala – “*It was unfortunate that I used the metaphor of not-speaking for this*” (p. 432 – tradução livre: foi uma pena ter usado a metáfora sobre não falar neste contexto).

Ao invés de usar os exemplos propostos por Spivak, penso nas faladeiras faveladas. Nlaila, em dado momento da sua fala, revela seu sentimento de insuficiência quanto a escrita e a fala. Para ela, enquanto mulher negra-trans-favelada, escrever e falar não dão conta de colocar para fora o necessário, não dão conta de contaminar o outro a partir de sua narrativa – ela necessita de outras linguagens artísticas. Neste caso, não usar sua voz não a retira do processo de agenciamento pelo qual ela vem trabalhando: usar seu corpo nos espaços de não aceitação, dar suas aulas de acordo com a seu processo de intelectualização, montar suas *performances* levam-na a criar suas narrativas a partir de suas próprias experiências. Porém, essas performances e narrativas necessitam de um grupo, pois é nessa coletividade que a comunicação, a mudança e a conversa tomam lugar e forma. Desta maneira, continuamos de acordo com Spivak (2012) quando ela cita: “agência presume coletividade”, (p.436) assim como uma educação estética que necessita de um “desempenho político da coletividade” (p. 437).

⁸⁵ Os comentários em torno deste trabalho de Spivak de 2012 são uma tradução livre do mesmo, cuja versão em Português não consegui encontrar.

Isso nos demonstra que, como no meu caso, somente escrever sobre mulheres não resolve problemas, nem da classe operária na favela, nem o racismo silenciador na Alemanha; principalmente quando mulheres negras estão atravessadas pelos apagamentos destes territórios. Apesar do foco de Spivak vir dos estudos subalternos, muitas proposições aqui se aplicam. Não desenvolvo esta pesquisa no intuito de estudar sobre faveladas negras ou mulheres afro-alemãs em busca de uma identidade. O intuito desta escrita, como já citado, é *dialogar com* estes grupos e aprender, é *dialogar com* grupos negras e possibilitar outras e novas aprendizagens. Juntas somos sujeitas! Por isso, não chamo esta suposta parte final da escrita de conclusão, por que não há – meu movimento de aprendizagem com esta coletividade de mulheres afro-faveladas e afro-alemãs é um fluxo contínuo, bem como esta rede de conhecimento, de troca e de afeto é transatlanticamente *ad infinitum*.

Creio ser esta uma dissertação de fácil leitura com o objetivo de ser folheada, além da acadêmica, pelos meus colegas da escola, pela minha família, meus amigos e meus alunos, independente da área em que eles atuem. Traduzir, transcrever, dialogar requer um trabalho esmerado, é um longo processo de (pré) pesquisa – não me agrada ser academicamente pensada como detentora de uma escrita superior ou inferior, talvez ainda marginalizada. Penso numa co-existência teórica necessária para práticas feministas de liberdade, de aproximação, de diálogos possíveis. Até por que, ainda em 2021 enfrentamos enquanto mulheres não-brancas (nós e as indígenas brasileiras, as empregadas domésticas, as mulheres trans, etc.) um governo federal cujo discurso abertamente tenta marcar a nossa suposta insignificância. Em minhas conversas com as várias mulheres que pude conhecer,

Eu disse que via nossas palavras como uma ação, que nosso esforço coletivo de discutir questões de gênero e negritude sem censura era uma prática subversiva. Muitas questões que continuamos confrontando como negr[a]s – baixa autoestima, intensificação do niilismo e do desespero, raiva e violência reprimidas que destroem nosso bem-estar físico e psicológico – não podem ser resolvidas por estratégias de sobrevivência que deram certo no passado. Insisti que precisávamos de novas teorias arraigadas na tentativa de compreender tanto a natureza da nossa situação atual quanto aos meios pelos quais podemos nos engajar coletivamente numa resistência capaz de transformar nossa realidade (hooks, 2017, p. 93)

Na verdade, nada que minhas interlocutoras, através de seus “artivismos”⁸⁶ já não soubessem – lhes cabe agora refletir sobre “a importância do trabalho intelectual, da produção teórica como uma prática social que pode ser libertadora” (hooks, 2017, p. 94), além de

⁸⁶ Termo cunhado pela cantora e ativista Bia Ferreira a partir da combinação de arte + ativismo. Em seu vídeo no *youtube* intitulado *Ser artista (Deixa que eu conto a minha história)*, ela declara que artistas precisam se posicionar pois são detentores do importante papel de se comunicarem com as pessoas, de falarem com elas. Sendo assim, o *ativismo* deveria ser a base para quem vive de arte pois não há como viver de arte e se calar diante das coisas que estão acontecendo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fftTK2TedmQ>. Acesso em 5 abr. 2021.

enfrentar e quebrar a imposição do silêncio em relação ao intelectualismo da mulher negra, um intelectualismo que toma forma de várias maneiras e nos mais variados territórios. Sendo este um de meus objetivos com esta pesquisa em uníssono, com estes movimentos de mulheres pretas tão atuais e renovadores. E para mim, de fato, foi uma experiência de liberdade, como a prática libertadora descrita por bell hooks (2017) inspirada, em várias de suas leituras, no educador brasileiro Paulo Freire.

Nossas *autohistórias* são um grande processo de despertar. Despertar que nos autoriza a falar, a escrever, a colocar nosso corpo negro nos lugares onde ele não é esperado nem quisto. Escutar narrativas foi enriquecedor e já me transformou em uma Aline diferente de dois anos atrás. Escrever minha narrativa foi um extravasar – uma travessia de aprendizagens que transbordou minha subjetividade. Na conversa, transborda o que há de ruim, mas não só o ruim; evidencia o bom, mas não só o bom. Assim, eu

gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta [...] confesso, a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi [...] Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase sempre me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas [...] Entretanto, afirmo que, ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2020c, p. 7)

A escritora moçambicana Paulina Chiziane, vencedora do prêmio Camões 2021, explica: “mesmo os livros que escrevo na primeira pessoa, eu estou a trazer a voz coletiva” (CHIZIANE, 2021, *youtube*) – é esta voz coletiva que espero ter feito ressoar aqui. Que esse trabalho coletivo, essa rede formada por afro-alemãs, afro-faveladas e tantas outras pretas maravilhosas dentro de um processo dialógico transatlântico, nunca deixe de se movimentar como um grande oceano.

Embarcadas juntas, atravessando a mesma maré, segui o caminho dos ventos a nosso favor: muitas vezes me desequilibrei na proa, tive dificuldades com as velas em alto-mar, precisei de força para segurar a rede com outras mulheres ao mesmo tempo que conduzia a nau de minhas histórias. Todavia, as adversidades da travessia me trouxeram de volta para orla, onde deixei meus pés tocarem meu ponto de partida – na verdade, um novo ponto de partida, talvez um novo porto, uma vez que meu olhar se modificou. Séculos nos separam dos tumbeiros que nos escravizavam e, agora, minha embarcação atracou com a suavidade de quem carregava uma tripulação negra dona de suas falas e seus nomes. Eu sou transatlântica por que nós somos transatlânticas!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUILAR FILHO, Sidney. **Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)**. São Paulo: tese de doutorado em educação. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2011.

ALVES, Castro. **Navio negreiro**. Edição gravuras de Hansen. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

_____. 05 MULHERES para LER e CONHECER | LISTÃO. Youtube, 4 mar. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3YkukrqOkXo&t=448s>. Acesso 31 jul. 2021.

ANUNCIACÃO, Audri. **Namíbia, não!** Prêmio Fapex de Teatro 2010. Apresentação Cacilda Povoas et al. Salvador: EDUFBA, 2010.

ANZALDUA, Gloria. **Border arte: Nepantla, el lugar de la frontera**. In La Frontera = The border: art about the Mexico/United States border experience. San Diego, CA: Centro Cultural de la Raza: The Museum of Contemporary Art, San Diego, 1993. Disponível em <https://icaa.mfah.org/s/en/item/809763>. Acesso em 13 ago. 2021.

_____. **Borderlands: the new mestiza= La frontera/** introduction by Sonia Saldivar-Hull. 2nd ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

_____. **Como domar uma língua selvagem**. In Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 297-309, 2009.

_____. **Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo**. In ref (Revista Estudos Feministas), v.8 n.1, p.229-235, jan. 2000. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em março 2021.

_____. **La consciência de la mestiza/Rumo a uma nova consciência**. In Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Org. Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

AUAD, Pedro Trindade. **E quando o subalterno fala?: ideologia, tradução e ética**. In Criação & Crítica, n. 24, p. 115-130, out. 2019. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: jan. 2021.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAKHTIN, M; VOLOSHINOV, V. **Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1976. Disponível em: https://www.academia.edu/19347967/Discurso_Na_Vida_Discurso_Na_Arte. Acesso em: 20 set. 2021.

BAREMBLITT, Gregório F. **Digressões metodológicas de um colaborador**. In Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: 2. A experiência vivida**. Trad. Sérgio Millet. 2. ed. Paris: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. In Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921). Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34 (Livraria Duas cidades), 2013. Disponível em <http://arquivoswbdeantropologia.net.br/wp-content/uploads/2013/02/a-tarefa-do-tradutor-1923.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021.

BEZERRA, Paulo. **Polifonia**. In Bakhtin: conceitos-chave/ Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2005.

BILL et alli, MV. **Palavra Poderosa**. Direção artística: Beni e Roberta Sampaio. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=GGgZa_dLLks. Acesso 10 ago. 2021.

BOWEN, Diana Isabel. **Gloria Anzaldúa: From Borderlands to Nepantla**. In Communications Oxford University Press, 2018. Disponível em <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-606>. Acesso em 13 ago. 2021.

BRASIL, **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

_____. **Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

_____. **Lei nº 12.288 de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial e legislação correlata**. 5 ed. Reimp. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

BENTO, Ma Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil/ Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento (organizadoras). 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

CHIZIANE, Paulina. **Paulina Chiziane vence Prêmio Camões 2021**. *Youtube*, 21 out. 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2jG4BGhYpcQ>. Acesso 30 out. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Trad. Juliana de Castro Galvão. In Revista Sociedade e Estado. Vol 31 Num 1. Jan/abril 2016.

_____. **Mammies, matriarchs, and other controlling images**. In Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Routledge, 1990.

COSTA, Haroldo (org.). **Fala, crioulo**. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2009.

COUTINHO, Eduardo. **O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade**. In Eduardo Coutinho. OHATA, Milton (org.). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8. Disponível em <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em 30 mar. 2021.

_____. **Documento para o encontro de especialistas em aspecto da discriminação racial relativos ao gênero**. In Revista Estudos Feministas [online]. 2002, v. 10, n. 1, pp. 171-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Epub 18 Set 2002. Acesso em: 28 mai. 2021.

DAFLON, Verônica Toste et alli. **Ações afirmativas raciais no ensino público superior brasileiro: um panorama analítico**. In Cadernos de Pesquisa v.43 n.148 p.302-327 jan./abr. 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cp/a/MBtLrKDNWYWY8ntQDwBSGYb/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em jul. 2021.

DAVIS, Angela. **Ativista Angela Davis na UFRB, em Cachoeira na Bahia**. *Youtube*, 17 abr. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WjIeksOQkCU&t=929s>. Acesso: 20 nov. 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DOMÊNICO, Deivid et alli. **História para ninar gente grande**. 2018. In Sambas de enredo 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=brCdbvhDJJA>. Acesso em 13 dez. 2020.

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra: narrativa antilhana**. Trad. Vinícius Carneiro e Mathilde Moaty. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2021.

EL BAYEH, Mônica Raouf. **Nossa Senhora Aparecida e Oxum. O que elas têm em comum?** In EXTRA – um dedo de prosa, 12/10/2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/mulher/um-dedo-de-prosa/nossa-senhora-aparecida-oxum-que-elas-tem-que-em-comum-14224052.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

ESQUIVEL, Laura. **Malinche**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

EUCLIDES, Hélio. **A Baía de Guanabara em debate na Maré**. In Maré de Notícias online. 30 de agosto de 2017. Disponível em <https://mareonline.com.br/baia-de-guanabara-em-debate-na-mare/>. Acesso em 7 set. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

_____. **Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”**. Entrevista concedida a Djamila Ribeiro. Carta Capital, 13 de maio de 2017b. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em 5 mai. 2021.

_____. **Da construção de becos**. In *Becos da Memória*. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.

_____. **A escrevivência e seus subtextos**. In *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização - Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes*. 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020a.

_____. **Da grafia-desenho da minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita**. In *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização - Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes*. 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020b.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020c.

_____. **Olhos D’Água**. 2ed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2018.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELISBERTO, Fernanda. **Escrevivência como rota de escrita acadêmica**. In *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização - Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes*. 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. “**Eu, caçador de mim**”. In: Método, pesquisa com o cotidiano. GARCIA, Regina Leite. (Org). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius; HANNA, Vera Lúcia. **Entre mestizas e nepantleras: a auto-história, de Gloria Evangelina Anzaldúa, em Borderlands/La frontera**. In XV Abralic – Anais eletrônicos do XV congresso Internacional de ABRALIC- 07 a 11 de agosto de 2017. Simpósio 33: Interculturalidade e outras textualidades: vozes na fronteira, pag. 2994-3000. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522196501.pdf. Acesso em 13 de ago. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FIUZA, Lorraine G. **Efeito Maré: a Lua influencia os mares?** In GPET Física Unicentro, 2020. Disponível em <https://www3.unicentro.br/petfisica/2020/10/29/efeito-mare/>. Acesso em 9 nov. 2021.

FLORVIL, Tiffany. **Remembering Afro-German Intellectual May Ayim**. In Black Perspectives, 2017. Disponível em <https://www.aaihs.org/remembering-afro-german-intellectual-may-ayim/>. Acesso 7 abr.2021.

FRANCO, Marielle. **A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada**. In Tem saída? Ensaios críticos sobre o Brasil. Organização Winnie Bueno, Joanna Burigo, Rosana Pinheiro-Machado e Esther Solano. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Fabiane *et alli*. **A história de Malinalli revisitada na obra Malinche, de Laura Esquivel**. e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis, v.5, Número 1, janeiro-abril, 2014. https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1089/pdf_198. Acesso em 13/06/21.

GARCIA, Maria Fernanda. **História: Brasileiros foram escravizados e proibidos de falar suas línguas**. In Observatório do terceiro setor, 2019. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/historia-brasileiros-foram-escravizados-e-proibidos-de-falar-suas-linguas/>. Acesso em julho 2021.

GERLIND, Marion. **May Ayim’s Legacy in World Language Study**. In FLANC Newsletter, Spring 2012. Disponível em https://www.gerlindinstitute.org/resources/articles/Ayim_FLANC.pdf). Acesso em 7 abr. 2021.

GIL, Gilberto. **Refavela**. In álbum *Refavela*, 1977. Disponível em: <https://gilbertogil.com.br/producoes/detalhes/refavela/>. Acesso em: 1 out. 2020.

_____. **Sarará Miolo**. In álbum *Realce*, 1979. Disponível em <https://gilbertogil.com.br/producoes/detalhes/realce/>. Acesso em: 1 out. 2021.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONÇALES, Ana M. **Um defeito de cor**. 14^a. ed. Rio de Janeiro: Record: 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

_____. **Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização Flávia Rio, Márcia Lima. 1^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRADA, Kilomba. **Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

GUERINI, Andréia. **Umberto Eco. Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. In Cadernos de Tradução, n. 21 – 2008/1. Publicação Semestral da Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET, UFSC.

HEINTZE, Bernd. **Berlin von oben und unten: Deutsch-English-Français**. Frechen: Komet, 1999.

HILL, Amy Lynne. **Marginalized Voices – Kimberlé Crenshaw: Intersectionality in the German context**. In Vanderbilt.edu, fall/2017. Disponível em: <https://my.vanderbilt.edu/amylynnehill/intersectionality/>. Acesso 17 mar. 2021.

_____. **Marginalized voices – May Ayim**. In Vanderbilt.edu, fall/2017. Disponível em: <https://my.vanderbilt.edu/amylynnehill/authors/may-ayim/>. Acesso 17 mar. 2021.

HISTÓRIAS CRUZADAS. Título original: *The Help*. Direção: Tate Taylor. Produção: Chris Columbus. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2011. (186 min.). Disponível em: canal Telecine.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, elaborado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JACQUES, Paola Berenstein. **Cartografias da Maré**. In Maré, vida na favela/ Drauzio Varella, Ivaldo Bertazzo e Paola Berenstein Jacques. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

JAFFE, Noemi. **Eco analisa dificuldades na tradução**. “Crítica/ Quase a mesma coisa”. São Paulo, 29 de setembro de 2007, Folha de S. Paulo. Acesso em 13 out. 2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2909200722.htm>.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: São Paulo, 2014a.

JESUS, Jéssica F. Oliveira de. **May Ayim e a tradução de poesia afrodiaspórica de língua alemã**. Florianópolis: dissertação de mestrado em estudos da tradução. Centro de Comunicação e Expressão. UFSC, 2018.

JOSÉ, Ganymédes**quando florescem os ipês**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KELLEY, Robin D.G. **Estudo Negro, Luta Negra**. Trad. Valéria Araújo. Disponível em <https://bostonreview.net/forum/robin-d-g-kelley-black-study-black-struggle>, 2016. Acesso em 10 jan. 2020.

KELLY, Natasha A. **Milli’s Awakening: Black Women, Art and Resistance**. Hamburg/Berlin: Orlanda Buchverlag, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Lívia. **A favela é uma mulher preta**. In Nós, 27/08/2014. Disponível em: <https://nosmulheresdapерiferia.com.br/a-favela-e-uma-mulher-preta/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

LORDE, Audre. **I am your sister – collected and unpublished writings of Audre Lorde** (Rudolph Byrd, Johnnetta Cole and Beverly Guy-Sheftall, editors). New York: Oxford University Press, 2009.

_____. **Irmã outsider – ensaios e conferências**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOURENÇO, Luiz Augusto Ferreira. **Cartografias da decolonialidade: o ensino de geografia no bairro Maré**. G I R A M U N D O, R i o d e J a n e i r o, v. 4, n. 8. p. 77 - 89, jul. / dez. 2017. Disponível em: < <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/index>>. Acesso em: 09 jan. 2021.

MARIELLE FRANCO. Direção: Projeto Inventar com a diferença. Produção: Laboratório Kumã e professores do projeto Inventar com a diferença. Brasil: Laboratório Kumã.- UFF, 2018. (10 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ovFHf3-1pEM>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça.** 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** 2 ed. Lisboa: Antígona, 2017.

MENINO 23: infâncias perdidas no Brasil. Direção: Belisário Franca. Produção: Maria Carneiro da Cunha. Brasil: Giros, 2016. (80 min.). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/menino-23-infancias-perdidas-no-brasil/t/J9Xz9zKGhV/>. Acesso em : 28 jan. 2021.

MUNDURUKU, Daniel. **Eu não sou índio, não existem índios no Brasil.** Entrevista concedida ao site Nonada. 21 de novembro de 2017. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em 19 abr. 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 1. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Sistemas sociais alternativos organizados pelos negros: Dos quilombos às favelas.** In Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIUTTI, Luiza. **Neusa Souza: 1948-2008, psicanalista, Bahia.** In Narrativas Negras: biografias ilustradas de mulheres pretas brasileiras/ Construído pelo coletivo Narrativas Negras. Curitiba: Voo, 2020.

NATALHÃO. **Guerra Fria.** Direção artística: Navarro. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Yn1wnbVb_sg. Acesso 11 jul. 2021.

NATALHÃO e CHOICE. **Fé para isso.** Direção artística: Gabrila Katz. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em <https://milkdigital.lnk.to/FePraIsso>. Acesso 20 fev. 2021.

O’GORMAN, Frances. **Morro, Mulher** (mulheres da Rocinha e da Santa Marta). São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

OLIVEIRA, Luiz Henrique S. **“Escrevivência” em *Becos da Memória de Conceição Evaristo*.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QJSM5dMTjPTMJhLtwgc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em jul./2020.

OLIVEIRA, Danielle Christina do Nascimento. **Tessitura de redes de afetos: diálogos com mulheres da Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado em Educação. Faculdade de Educação. UERJ, 2020.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. **Cheiro de alfazema: Neusa Souza, Virgínia e racismo na psicologia**. Arq. bras. psicol. Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 48-65, 2020.

Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672020000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 jun. 2021.

OPITZ, May. **Showing our colors: Afro-German women speak out**. Edited by Katharina Oguntoye and Dagmar Schultz. Translation of *Farbe bekennen*. The University of Massachusetts Press, 1992.

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. Produção: Ignácio Gerber. Brasil: Raquel Gerber, 1989. (93 min.). Disponível em: <https://tamandua.tv.br/filme/default.aspx?name=ori>. Acesso em: 15 jul. 2021.

PASSOS, Mailsa Carla. **Encontros cotidianos e a pesquisa em educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação**. In *Educar em Revista*. Curitiba: Editora UFPR, n. 51, jan./mar. 2014, p. 227-242. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/33398/22082>. Acesso em 4 set. 2021.

PASSOS, Mailsa Carla. **Identidade em mudança no cotidiano na vida real e na ficção: processos identitários e suas implicações com as práticas e com as narrativas**. In *Salto para o futuro*. Ano XIX – n.8 – jun.2009. ISSN 1982-0983. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012186.pdf>. Acesso 4 set. 2021.

PENNA, William Pereira. **Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas psis**. Niterói: dissertação de mestrado em psicologia. Programa de Pós-graduação em Psicologia. UFF, 2019.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINHEIRO, Ygor. **A favela é o quilombo (in)visível**. In *Voz das comunidades*, 12/07/2019. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/opiniao-a-favela-e-o-quilombo-invisivel/>. Acesso em: 02 out. 2021.

PIVA, Caroline Tito Miranda. **A Lei 10.639/03 e suas implicações para o fortalecimento da identidade e de direitos dos afro-brasileiros**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 05, Ed. 06, Vol. 13, pp. 05-14. Junho de 2020. Acesso em mar./ 2021: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/fortalecimento-da-identidade>

QUANTO VALE OU É POR QUILO? Direção e Produção: Sérgio Bianchi. Brasil: Europa filmes, 2005. (110 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ACfdCYbyfI0>. Acesso em: 13 mai. 2021.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: imprensa oficial, 2006.

REIS, Graça et alli. **Estudos com os cotidianos e as rodas de conversação: pesquisa político-poética em educação**. In Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 68-87, Set. /Dez. 2017. Disponível em <http://onlineunisc.br/seer/index.php/reflex/index>. Acesso em: 8 ago. 2021.

REIS, Luciana. **Escrevivendo através da tradução**. In Rasuras epistêmicas das (est) éticas negras contemporâneas. Seminário Rasuras 2017. Salvador: Edição Organismo e Grupo Rasuras, 2020. 457 p.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIZZI, Nina. **Quatro Mulheres: Nina Simone por Nina Rizzi & um biz de Suely Carneiro**. 2019

<https://escamandro.com/2019/06/16/quatro-mulheres-nina-simone-por-nina-rizzi-um-bis-de-sueli-carneiro/>

SÁ, Teresa. **Lugares e não lugares em Marc Augé**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 2. Novembro de 2020. Acesso em set. /2020: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v26n2/v26n2a12.pdf>

SALDÍVAR-HULL, Sonia. **Introduction to the second edition**. In Borderlands: the new mestiza= La frontera/ introduction by Sonia Saldivar-Hull. 2nd ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. 1 ed. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

SANTOS, António Dias. **Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola. Século XVII**. In Portal de Angola. Registro de Memórias. 16/05/2021. Disponível em <https://www.portaldeangola.com/2021/05/16/nzinga-mbandi-e-as-guerras-de-resistencia-em-angola-seculo-xvii/>. Acesso 27 ago. 2021.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. **Feminismo Negro Diaspórico**. In Revista Gênero. Niterói, v. 8, n. 1, p. 11-26, 2. sem. 2007.

SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Recurso digital – formato epub.

SANTOS, Livia M. Natália de Souza. **Intelectuais escrevientes: enegrecendo os estudos literários**. In Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo/ organização - Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. 1. ed. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **História da África e do Brasil afrodescendente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SCHOPENHAUER, Arhtur. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Sussekind. Porto Alegre: L&PM, 2018.

SEDUC. **Unidade Municipal de Educação**. Disponível em <http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/page.php?59>. Acesso em 3 de abril de 2020.

SEMENTES: mulheres pretas no poder. Direção: Ethel Oliveira e Júlia Mariano. Produção: Júlia Mariano. Brasil: Embaúba filmes, 2020. (100 min.). Disponível em: <https://vimeo.com/454860728>. Acesso em: 5 nov. 2020.

SILVA, Eliana Sousa. **Testemunhos da Maré**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Os orixás: na vida dos que neles acreditam**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SLENES, Robert W. “**Malungu, Ngoma Vem!**”: **África coberta e descoberta no Brasil**. In: Revista USP, 12:48-67. São Paulo, dez.-jan.-fev. 1991-2, e Cadernos do Museu da Escravatura, 1. Luanda, 1995. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1_-_slenes_malungu2001_pag_normal_-_19.04.18_0.pdf. Acesso em 13 jul. 2021.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA E SILVA, Jailson de. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **Scattered speculations on the subaltern and the popular**. In *An Aesthetic Education in the Era of Globalization*. Massachusetts/ London: Harvard University Press, 2012.

_____. **The Politics of Translation**. In *Outside in the teaching machine*. New York: Routledge, 1993. (p. 179-200). Acesso em 03/2021: <https://pierre-legrand.com/16spivak.pdf>

_____. **Tradução como cultura**. In *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies / Universidade Federal de Santa Catarina*. Centro de Comunicação e Expressão. Departamento de Língua e Literatura

Estrangeiras. – n.48 (jan/jun. 2005). Florianópolis : Editora da UFSC, 2005. Acesso em 10/03/2001: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/download/9833/9064/0>

TODOROV, Tzvetan. **Conquistar**. In A Conquista da América - a questão do outro. Trad. Beatriz Perrone Moi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TURCO, Hélio *et alli*. **Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão**. In Mangueira. Direção artística: Zacarias Siqueira de Oliveira. São Paulo: BMG, 2000.

UM GRITO PARADO NO AR. Direção: Leonardo de Souza. Produção: Paula Goulart. Brasil: Lab Curta, 2020. (22 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V4WHFs8PGm0>. Acesso em: 8 mar. 2020.

VARGAS, João H. Costa. **Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro**. Revista de Antropologia [online]. 2005, v. 48, n. 1, pp. 75-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-77012005000100003>>. Acesso 24 mai. 2021.

WOOLF, Virginia. **Um quarto só seu**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM. , 2019.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

ANEXO A - TRANSCRIÇÕES DOS BATE-PAPOS COM AS FALADEIRAS

BATE-PAPO 1 - NATALIA DE OLIVEIRA LIMA

(NASC.: 19/12/1995)

Seu nome artístico é MC Natalhão. Nascida em São Gonçalo e criada no Complexo da Maré, comunidade Parque União. A Mãe solteira (inspetora de escola) cuidou dela, pois o pai abandonou o lar. Narra infância feliz e tem uma irmã. Atualmente, mora com a mãe e a esposa, que neste momento está desempregada.

- LOCAL DA CONVERSA: Praça do campo de futebol, ao lado do Ciep 326 – Parque União (3ª feira - 16/02/2021).
- @Natalhão
- Natália é ex-aluna da escola que trabalho.

ÁUDIO 1

PODE COMEÇAR A HORA QUE VOCÊ QUISER... DA MANEIRA QUE VOCÊ QUISER...

São perguntas específicas o...

VOCE QUER QUE EU VÁ TE GUIANDO?

É, acho melhor...

NATÁLIA ME CONTA UM POUQUINHO DA TUA HISTÓRIA... NÃO PRECISA FICAR PREOCUPADA COM ELE [o microfone do celular] QUE TEM ALCANCE LEGAL.

Tá...

Acho que eu tive uma infância normal até, pra galera assim que mora na Maré. Ai tive a violência, pá, essas coisas. Geralmente a gente tem uma infância feliz, normal. Foi... Minha mãe ficou solteira cedo. Meu pai saiu de casa devia ter 10 anos, por ai. Não entendia muita coisa: fui criada pela minha mãe, minha irmã, meu padrinho. Era uma criança meio chatinha assim no começo. Meu pai não era um cara muito de abraçar, de falar nada. Acho que a forma dele de demonstrar era me dando as parada... até os 10 anos fui uma criança que tive tudo, tá ligado? Meu pai tinha um salário razoavelmente bom, trabalhava de mecânico na Ilha do Governador. Na época era um dinheiro maneiro, sustentava a casa legal. Ai depois comecei... depois dos 10 anos eu fui morar um ano com a minha irmã. Ai já começou assim meio... meio que as parada fica meio ruim, por que a pesar de ser a casa da minha irmã, era a casa de outra pessoa. Não sei se era um ponto de vista meu mas eu, eu não me sentia tão em casa assim. Ai voltei a morar com minha mãe... passamos por um período difícil, que é meio difícil até hoje, né? mas agora que eu tô maior, que eu sou adulta de fato, tem como eu correr atrás de algumas paradas que antes, assim, era só minha mãe pra correr atrás então ficava meio pesado pra ela. Assalariada, trabalhando no ... em escola. Tendo que pagar conta de luz, conta de agua, e telefone, internet, roupa. Ficava... ficava meio pesado com a minha mãe. Pra minha mãe foi um período meio difícil, mas acho que a gente lida bem, né? Lidou bem na época também... a vida tem dificuldade pra gerar e eu acho que é assim mesmo...

VOCÊ ESTÁ COM QUANTOS ANOS, NATÁLIA? 20 e ...

24

ÁUDIO 2

NATÁLIA, ME FALA COME É QUE FOI A QUESTÃO DA ESCOLA NA TUA VIDA.

Cara, eu gostav ... eu gostava de escola, tá ligada? Acho que assim, até o 1º ano eu curti muito a escola. Era até... era até uma aluna boa assim. Mas acho que essa fase do... quando começa o ensino médio, é uma fase estranha por que geralmente é aquela fase que o adolescente tá passando da fase de

adolescente pra adulta. Assim como é estranho pra gente sair do ensino fundamental e entrar no ensino médio. Mas acho que a parte do adolescente pra adulto acarreta muitas coisas também. E durante este período acho que foi o período mais conturbado da minha vida foi o ensino médio ... porque ... teve uma época que eu sofri de depressão. Eu fiquei um ano sem ir pra escola. Um ano que eu passava , tipo, o dia inteiro dormindo, tá ligado? Muito improdutiva, irritada, estressada, arredia. Foi... foi um ano difícil. Eu acho que eu tentei levar a escola da melhor forma e... e foi complicado. Acho que como é pra todo adolescente que mora na comunidade, tem várias preocupações. É diferente quando tu, tu não mora em comunidade por que daí você tem outros problemas. Não tô falando que as pessoas lá de fora não tem problemas, mas a gente tem muito mais coisas a se preocupar. E também foi a época que eu também decidi começar minha carreira real assim. Correr atrás das paradas de fazer isto acontecer de verdade.

Ai, daí, eu só terminei a escola por causa da Dona Rose, né? Que ela quase ia me buscar em casa. Ligava pra minha mãe e foi assim um ano que ela ... ela cuidou de mim real. Eu fiquei até triste por que um tempo depois ela faleceu. Daí eu peguei a visão...

VOCÊ TÁ FALANDO DA ROSE QUE FOI NOSSA COORDENADORA?

É...

Daí eu peguei a visão... o quanto essas pessoas também trabalham de verdade, tá ligado? Pra que a gente estude e ... e isso me fez até eu me interessar por uns projetos. Tive um projeto social que aconteceu por um tempo, que tá parado por falta de verba, e acho que o intuito era o mesmo que a Dona Rose teve comigo, tá ligado? Cuidar dessas crianças que às vezes não tem cuidado com elas próprias. Talvez não saiba a dimensão do que... as, as atitudes que elas tomam no agora tenham depois, tá ligado?

E NATALIA, COMO É QUE VOCÊ ACHA QUE NESSE MEIO AI DE CAMINHO, ESSE MEIO CONFUSO QUE VOCÊ TÁ MENCIONANDO: VOCÊ TEVE UMA DEPRESSÃO, FICOU IMPRODUTIVA, ENTROU A QUESTÃO DE UMA PESSOA DA COMUNIDADE ESCOLAR PRA TE AUXILIAR; COMO É QUE A MÚSICA ENTROU NESTA HISTÓRIA OU TE TIROU DESTA HISTÓRIA?

Na real, eu comecei a me envolver com música uns 6 anos atrás. E ... a música também fez parte da depressão né? por que o artista ele vê o mundo diferente das pessoas que não são envolvida com arte. As vezes uma coisa que não tem muito peso pra alguém que não mexe com arte, as vezes tem muito peso pra gente e vice-versa. Então acho que a música fez parte dessa depressão ... é, não de forma, não diria de forma ruim, de forma necessária... e ... eu acho que ... a ... essa caminhada que eu comecei com a música, teve vários momentos de ... de certa forma, do mesmo jeito que eu entrei na depressão junto com ela , eu me livreí da depressão junto com a música. Então vejo a música como uma etapa também, uma fase assim que, desde que eu conheci a música até eu entender que, na real, o real sentido de fazer música foi o tempo que perdurou essa confusão mental, tá ligado.

NATÁLIA, VOCÊ COMPÕE, ESCREVE A LETRA...

Sim...

VOCÊ CONSEGUE VIVER DISTO ATUALMENTE? VOCÊ CANTA?

Atualmente, eu não vivo disso mas to numa caminhada pra viver. Eu componho as paradas que eu gravo... eu só não mexo com produção. Mas toda parada assim musical, sou eu, sou eu que faço. Compor a letra, gravar, interpretar...

VOCÊ FAZ OS SHOW AQUI MESMO?

Geralmente, sim. Acontece em vários lugares, né? Um artista de pequeno porte às vezes não tem oportunitida ... muitas oportunidades. Mas até que eu já cantei em muitos lugares, assim...

VOCÊ CONSEGUE CANTAR FORA DA MARÉ ENTÃO?

Sim... [AH, SHOW... ENTENDI... QUER CANTAR UM PEDAÇO PRA GENTE?

Ah ... Tem muitas músicas ... [JÁ GRAVOU ALGUM... JÁ GRAVOU ALGUM CD, ALGUMA COISA? JÁ FEZ ALGUMA ... [já fiz algumas paradas ...

É ... tem uma música que eu vou lançar agora mais recente que é dia 19 desse mês agora que se chama *Fé pra isso* (<https://www.youtube.com/watch?v=c6jEYVX89WQ>) que fala um pouco da minha vida na comunidade e essas paradas.

ENTENDI...

NATALIA, FALA UM POUCO DESTA QUESTÃO DA MULHER FAVELADA, DA MULHER QUE MORA EM FAVELA. QUAL SUA VISÃO SOBRE ISSO, QUAL SUA VISÃO SOBRE ISSO, Qual VOCÊ ACHA QUE É A VISÃO DOS OUTROS SOBRE ISSO? SE VOCÊ QUISER FALAR E SE SENTIR A VONTADE PRA ISSO... A QUESTÃO DE SER MULHER DENTRO DA COMUNIDADE, MULHER NEGRA DENTRO DA COMUNIDADE...COMO É ISSO PRA VOCÊ DENTRO E FORA DELA... O QUE VOCÊ SE SENTIR A VONTADE PRA FALAR... *

Eu, eu acho que ser mulher já acarreta muitas paradas... é, observando, sendo tipo assim criada só por mulher. Apesar de ter sido criada só *com* meninos, a gente foi criada só *por* mulher. E ... a gente tem uma visão assim, sinistra, né, mano? Eu tenho duas visões que ... a minha irmã casou muito cedo e tem um marido que é muito legal e eles tão junto até hoje. São casados há muitos anos. Como eu te falei minha irmã me criou também, meu padrinho, que é o marido dela ... então, ao mesmo tempo que eu tenho essa visão maneira é ... de como uma mulher pode ser tratada, tem a visão do meu pai, tá ligado? Que foi maió otário, que auxiliou minha mãe muito pouco, que teve essa conduta ... que acontece, na real com ...eu acho que ... 70% da galera que mora em comunidade. Milagre aqui é ter um pai, tá ligado? Então, eu acho que ser mulher e morar na comunidade mano, é um peso absurdo! Mas quem se propõe a fazer o que ama de verdade, às vezes, se salva, tá ligado? Que tem muitas armadilhas eu diria assim... tem muita mina que sofre feminicídio por que se envolve com bandido, tem muita mina que ... que nunca trabalhou na vida, tá ligado ... que é privada de trabalhar. Às vezes é privada de dar um rolê, tá ligado? [ESSAS SÃO AS ARMADILHAS QUE VOCÊ TÁ CHAMANDO? É ... [SOCIAIS...ARMADILHAS SOCIAIS...

É ... eu creio que aqui na comunidade tanto quanto lá fora, tá ligado? Mulheres sofrem o tempo todo. Eu acho que isso, de certa forma me dá mais gás pra continuar a fazer o que eu tô fazendo. Ser ... um exemplo ... um exemplo pra essas mulheres e pra outras também, tá ligado?

A TUA ARTE SE ENCAIXA UM POUCO, A MANEIRA COMO VOCÊ COMPÔE E CANTA SE ENCAIXA NESSA CRÍTICA QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

Acho que se encaixa em várias críticas que tão ao meu redor ... a gente meio que ... eu não diria que eu escrevo com ...

(nossa entrevista é interrompida por uma criança que chora e Natalia, por conhece-la a socorre. Ela some por uns minutos...)

*esta pergunta meio longa, foi pensada em relação a canção dela chamada PALAVRA PODEROSA.

Descobri através do instagram da Natália: @natalhao
(<https://www.instagram.com/p/Buh6eZUAZ6o/?igshid=aveae72hgtkd>)

ÁUDIO 3

TENTA RETORMAR DO MULHER NEGRA DENTRO E FORA DA FAVELA...

Olha eu tava quase concluindo meu raciocínio...

CONCLUA...

É como eu falei né? As músicas que eu canto fala sobre muita coisa que tá acontecendo ao meu redor. Às vezes, inconscientemente, a gente fala uma coisa ou outra sobre esse lance das mulheres, né, mano? Que a gente não senta, pelo menos eu não sento pra escrever com o intuito de escrever uma coisa concreta que já tá lá na minha cabeça ... as vezes sai muito de *free style* assim ... essas coisas ...

mas geralmente eu falo sobre isso também. As vezes até de uma forma metafórica e tal, alguma coisa ali no entrelinhas mas, tá envolvido também de fato. Acho que é isso...

ENTENDI...

CÊ ACHA QUE TEM UM POUCO DE ... DE ... NÃO SEI... TEM UM POUCO DE BUSCAR MESMO O QUE TÁ SENTINDO PRA FORA? É UM DESABAFAR ... UM TIPO NÃO TENTAR DEPRIMIR? É ISSO? A COISA DA LETRA ... DE VOCÊ EXPOR ISSO, TEM UM POUCO A VER COM ISSO?

Também, claro, eu acho que todo poeta desabafa ali com sua arte. Seja ela qual for ... também é um desabafo...

AH SIM ... QUESTÃO MULHER NEGRA DENTRO FORA DA FAVELA.

Eu acho que dentro da favela é isso que eu falei... fora já são outras lutas ... ser negro é foda, né, mano? Por que ao mesmo tempo que ... que a gente tem orgulho disso, a gente sofre muito por isso. Apesar de ... da gente tá sempre tentando num levar em conta a questão racial, ela aparece por diversas vezes. Vários obstáculos. Acho que fora da favela fica bem mais claro ... é ... nos locais e tudo mais. Vaga de emprego, faculdade. Até escola, dependendo de qual escola for, a gente meio que fica de fora. Eu acho que agora é um tempo de luta. As pessoas tão acordando, se vê muito mais movimentos pra acabar com o racismo. Apesar de ser uma coisa muito escancarada ainda no Brasil ... e velada de fato e também de tá ali embrenhado na estrutura do carioca que se acha branco que nunca é branco por que ... é ... existe várias misturas aqui no Brasil, o Brasil é um país misturado. Eu acho que o que falta é a galera começar a educar as crianças que tão vindo agora pra no futuro a gente ter um Brasil melhor. Acho que não vai ser eu que vou ver o fim do racismo que num vai ser minha filha, que num vai ser a filha dela ... então a gente tem que começar a plantar agora pra ... pra poder colher bem mais lá na frente, tá ligado? Pra ... pro neto, do neto do meu neto poder ter uma vida minimamente normal em relação a isso ...

.....
VIDEO 1

Vai fazer alguma pergunta ou eu ...

NÃO ... VOCÊ PODE FALAR O QUE VOCÊ QUISER ... DE TODOS ESTES ASSUNTOS QUE NÓS DISCUTIMOS, O QUE VOCÊ QUISER FALAR COMO EU TE DISSE, QUISER DESABAFAR, DENUNCIAR...

Ah, cara, eu nem sou uma pessoa assim que tem estes pensamentos de ... a galera, a galera ... tem muita galera que tá militando muito, tá ligado? Eu acho que ... por mais que isso seja bom, de alguma forma, as vezes tem algumas pessoas que com a militância errada invalida a nossa luta. Então nem sou uma pessoas de falar muito sobre esses assuntos a não ser que eu tenha que me posicionar de verdade. Acho que até o momento de se posicionar assim a gente tem que prestar atenção: quando a gente se posiciona, como, falando sobre o quê. E essa galera que tem se posicionado de forma errada e na hora errada tem invalidado muito a nossa luta, tá ligado?

CÊ CONSEGUE ME DAR UM EXEMPLO NATÁLIA?

Cara, eu acho que... tem uma galera que meio que leva muitas questões que não são necessárias pras discussões em internet hoje e então, as vezes, a pessoa que é tomada por ego gigante ... as vezes de saber que conhece tudo, sabe de tudo. E as vezes usar uma luta que é nossa pra validar coisas que não são necessárias pra gente...

(não sei o por que ... o final do vídeo simplesmente foi cortado na transferência do whatsapp para o laptop)

- Fotos e publicações retiradas do *Instagram* de Natalhão


< NATALHAO Publicações

28 de março de 2019 · Ver tradução

 natalhao ...

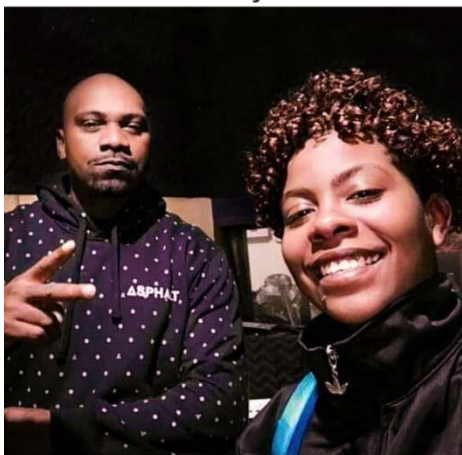
BENDITA

À MULHER QUE É FIEL A SI MESMA, QUE É LEAL AOS SEUS SONHOS E DESEJOS, QUE

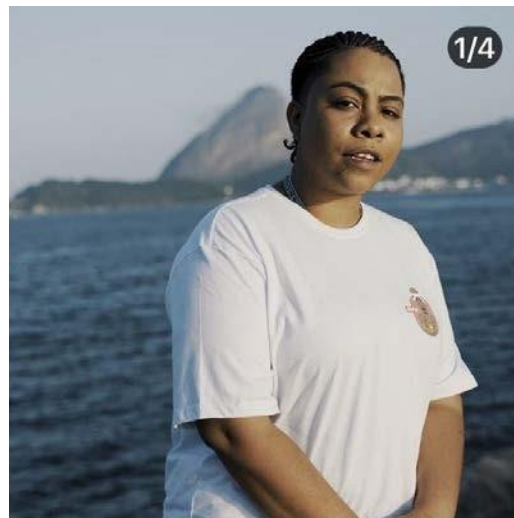
 natalhao Sexta-feira, 8 de março!
Estamos mudando o mundo, que seja repreendido o mal feito contra nós e todo e qualquer ato de violência será retribuído com amor e fúria. Somos a fé de um futuro mais digno e igualitário.
101w

 barbienadasourihann a 🍌🍌🍌🍌😘

< NATALHAO Publicações



♡ 💬 🗑️ 📌
488 curtidas
natalhao Muita sorte de poder fazer um som com esse gigante @mvbill 🍌 (e outros brabos que participaram da faixa)
Ver todas as 10 comentários



BATE-PAPO 2: CHRISTINE PEREIRA JONES DE CARVALHO**(nasc.: 11/07/1992)**

Christine Jones tinha uma avó vinda de santa Catarina que foi morar na Maré, para onde a família dela se mudou. Ela é nascida e criada no Complexo, na favela Conjunto Esperança (cuja entrada é pela Avenida Brasil do outro lado da Fiocruz). Chris é estudante de Educação Física pela UFRJ e divide um apartamento com o irmão que graduou-se em Letras na mesma instituição. Além da paixão pela aptidão física, divide seu sentimento com o mundo das imagens: é fotógrafa cujo Instagram é alimentado por imagens da favela sob o seu olhar artístico.

- LOCAL DA CONVERSA: PRACINHA DO CONJUNTO ESPERANÇA
- @chris_jones
- Me foi apresentada pela querida Gabi do Galpão Bela Maré

VÍDEO 1: posicionando a câmera

VÍDEO 2: tirando a máscara...

CHRIS, ME CONTA UM POUCO DA TUA BIOGRAFIA...

Ehh, então... eu sou professora de educação física ... também. Trabalho com fotografia, tanto na arte em educação quanto com exposições e intervenções artísticas. Éeee ... acho que é basicamente isso (risos).

ME CONTA UM POUCO DA TUA HISTÓRIA AQUI, DE VIDA. SE QUISER FALAR DA COMUNIDADE, DA FAMÍLIA, DAS TUAS RELAÇÕES...

Então a minha história se inicia lá da minha avó. Ela veio lá de santa Catarina pra cá, pra Maré e se alojou lá na Nova Holanda, né? Na Tatajuba... e ai gerou filhos lá, né. 8 filhos. E aiii, disso veio minha mãe que gerou eu e meu irmão. E a gente tá nessa. A gente é nascido e criado aqui na Maré.

VOCÊ MORA ATUALMENTE COM QUEM CHRIS?

Eu divido com meu irmão... já faz uns... 4 anos mais ou menos

TEU IRMÃO ESTUDA, TRABALHA...?

Não, na verdade, meu irmão já é graduado em letras ... licenciatura e graduado. É... ta ai nessa de entrar num mestrado. É ... ele trabalha como professor mas atualmente ele só da aula de explicador em casa. A gente tá numa pandemia então, risos, não tem muito pra onde correr. E atualmente éee, eu não tou exercendo a profissão dentro de uma instituição, né? por que também eu ... antes da pandemia eu tava nessa de tentar arranjar estágio e tal e ai a pandemia cortou tudo isso. Então o que eu faço é tentar criar caminhos ai de gerar uma renda. Eu tento editar, isso tanto na fotografia ...éeee ... consegui monitoria de ... em capoeira na Ufrj, então, assim, aquelas estratégias que você vai criando (risos) pra poder continuar sobrevivendo.

VIDEO 3

CHRIS, ME FALA UM POUCO DESSA TUA TRAJETÓRIA DE ESTUDO QUE , ASSIM, NÃO É NORMALMENTE O QUE VOCÊ VE MARCADO NAS FAMILIAS, NÉ? MAREENSES. A TRAJETÓRIA DE ESTUDOS... NÃO POR QUE AS FAMILIAS NÃO QUEIRAM MAS A DIFICULDADE QUE É DA GENTE SE MANTER ATÉ MESMO NA ESCOLA PÚBLICA. COMO É QUE ROLOU ISSO NA SUA VIDA, DO TEU IRMÃO, ESSE DESEJO DA FACULDADE. COMO FOI ESSA HISTÓRIA?

Então, na verdade, meus pais eles sempre quiseram que a gente tivesse a vida diferente da deles. Pô, minha mãe e meu pai começou a trabalhar criança. Então eles sempre fizeram de tudo pra manter a gente pelo menos estudando ali e ... e já ser criado com essa mentalidade de crescer, né? É ... é fazer uma faculdade, conseguir um emprego estável, um concurso... então a gente foi criado já pensando dessa forma. Inclusive meus pais faziam de tudo pra gente ficar muito mais fora da comunidade ...é aquele medo de você se envolver com alguma coisa, do que aqui. Inclusive, eu falo que eu comecei a trazer a Maré pra mim já depois de adulta. Eu era muito mais de fora do que daqui de dentro. Então , acho que é basicamente isso ...

PAI E MÃE PRETA? Sim, sim, a minha família...

E OS DOIS TAMBÉM SÃO CRIADOS AQUI NA MARÉ? Sim ... não , meu pai ele não era da Maré. Meu pai foi criado ali em Olaria. Ali perto daquela escola próxima do posto 11 de Olaria... esqueci o nome. Ai depois meu avô foi promovido no trabalho na justiça federal ai eles se mudaram pra Botafogo. Só que meu pai ... ele só morava lá praticamente. Meu pai nunca foi destes lugares, ele sempre teve uma raiz mais nobre. Então ai, dentro desses lugares que ele frequentava, pessoas que ele tinha amizade ... ele conheceu minha mãe e ai praticamente moraram na casa da minha avó. Minha avó meio que acolheu. Por que também eles tinham problemas em casa, com meus avós, com os pais dele. Então, essa acolhida da minha avó foi muito importante nesse momento. Então, pra ele não fez nenhuma diferença de se relacionar com uma mulher que é favelada ...

SÓ VOCÊ E SEU IRMÃO, CHRIS?

Só ... só nos dois...

VOCÊ TEM ALGUMA HISTÓRIA QUE VOCÊ QUER CONTAR ... SOBRE ANTEPASSADOS, NO CASO ... VOCÊ INICIOU A HISTÓRIA FALANDO DE UMA AVÓ PRETA [sim, que é a mãe da minha mãe] QUE VEIO DE SANTA CATARINA [sim]

Então a gente conhece... a gente que é preto e pobre a gente conhece muito pouco da nossa história. Infelizmente, as vezes você para ali na avó e vem um pouco mais pra cá. Eu conheço muito pouco a minha história depois disso. E minha mãe também tem uma dificuldade muito grande de falar da minha avó, por que minha vó já faleceu então ela ainda sente muito. Então as vezes que ela solta. E eu tive pouca oportunidade de conviver com essa minha avó. Ela faleceu eu tinha 5 ou 6 anos de idade ... foi muito pouco tempo assim, meu irmão teve mais oportunidade. Então o básico que eu conheço é bem isso. A minha vó quando ela chegou aqui , a Maré ... a Maré ainda era de ... la ainda era palafita. Eu gosto muito também desta história, né? Tipo... e hoje eu ... ainda hoje a casa ainda tá lá, então você

... [ENTÃO AQUI NEM EXISTIA , CHRIS] [não aqui não, era mais o lado de lá] e eu acho muito maneiro por que minha avó vem da palafita e você chega lá e vê a casa de outra forma. Então você vai vendo como é que foi mudando né, com o tempo, e a casa ainda tá ali resistindo. Que a pouco tempo meu tio ainda morava lá, só que ele veio a falecer de covid e ai, agora eles estão alugando o espaço. Mas mesmo assim a casa ainda tá ali. Minha tia mora em cima e eu acho muito legal é uma coisa que tem da nossa história que ficou...

QUAL A COMUNIDADE QUE ELES ESTÃO?

É Nova Holanda.

VÍDEO 4

VAMOS LÁ, FALA UM POUCO AI O QUE VOCÊ ACHAR LEGAL, MULHER PRETA DENTRO DA FAVELA. DENTRO E FORA DELA ... SEI LÁ ... O QUE VOCÊ ACHAR MELHO

Eu acho que assim, é ... eu acho que como mulher preta, sem entrar ainda na questão de mulher preta como artista ... é um ... como se diz, é um percurso cansativo, né? De ser ... pra você pertencer a ... a um certo lugar, você tem que passar por várias camadas e ir quebrando várias camadas até ser reconhecida, né? Minimamente... E mulher preta artista (risos) é muito mais cansativo, muito mais exaustivo. Principalmente, dependendo de como você vai trazer aquela arte, que lugar você vai querer ocupar com aquela arte. Se torna muito mais difícil, né, é ... resistir também ...

QUE LUGAR VOCÊ QUER OCUPAR COM ESSA ARTE?

(RISOS) muito boa essa pergunta ... (risos) muito boa ... eu tenho pensado muito nessa questão de fazer mais parte da favela ... (vídeo parou)

ÁUDIO 1

QUE LUGAR VOCÊ QUER OCUPAR COM ESSA ARTE, CHRIS?

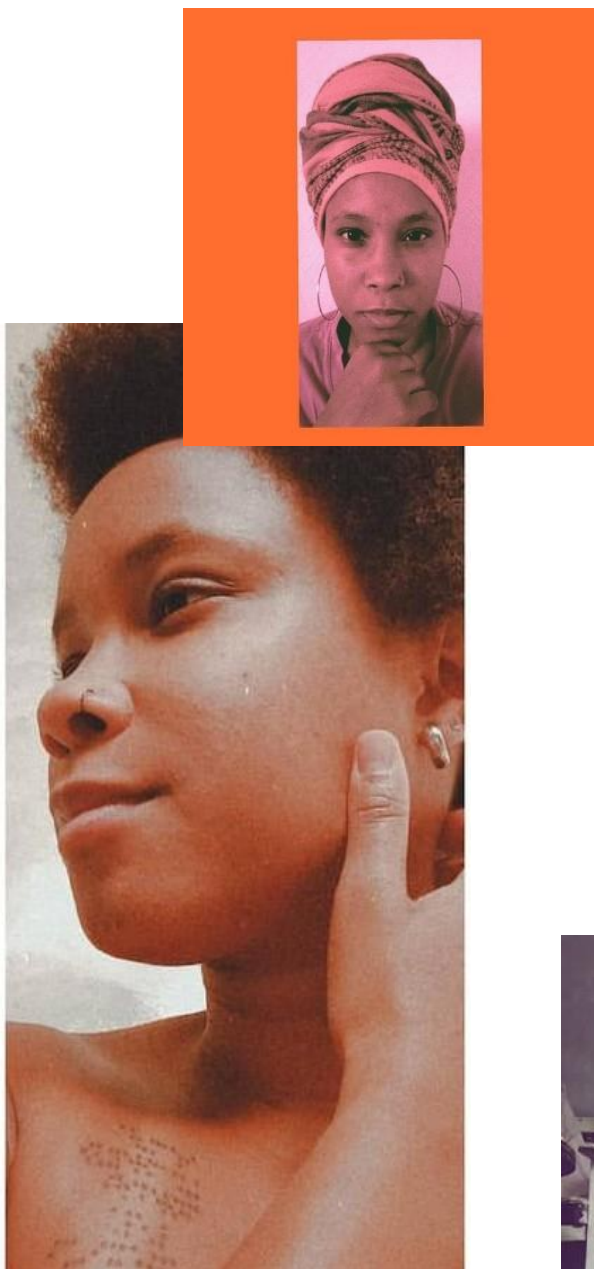
Então, na verdade, eu tenho pensado muito sobre essa questão ... é ... de retribuir o que eu aprendi dentro da própria favela, né? Do que eu aprendi com a fotografia tendo a oportunidade de fazer cursos e ocupar espaços e fazer isso de graça. Né? Então eu penso muito sobre o lugar que eu moro, né? De trazer a arte, por exemplo, pra praça que eu moro ... desenvolver uma oficina de fotografia, ou então, uma oficina de cinema. Por que eu vejo que isso é muito distante, né? Daqui... onde eu moro né? Por que aqui a gente tem o foco mais voltado pro esporte do que pra arte. Como as ONGs ficam mais pro lado de lá da Maré⁸⁷, discutindo ... trazendo essa questão de discutir a territorialidade, né, de facções diferentes, né, a gente acaba ficando a margem de muita coisa. Né? Por exemplo, o museu é muito mais pro lado de lá, né? Os centros ... os centros de arte da Maré é do lado de lá, o Bela Maré é do lado de lá. Então as pessoas daqui não tem muito esse contato com a arte. Até por que existe um medo né, de passar pro lado de lá. Né ... de destruir nossas barreiras ... existe muito essa ... esse receio que também existia comigo e com meu irmão... [AH ERA ISSO QUE EU IA PERGUNTAR, FOI UMA QUESTÃO COM A QUAL VOCÊ E SEU IRMÃO TIVERAM QUE LHE DAR EM RELAÇÃO A ESSAS FRONTEIRAS QUE ELES TÊM DENTRO DO PRÓPRIO COMPLEXO. COMO VOCÊ FALOU AQUI ATÉ A VILA DO PINHEIRO É UMA AREA MAIS ESPORTISTA ENQUANTO QUE O LADO LA PRÓXIMO DA BRASIL, NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO TÁ MAIS LIGADO AOS PROJETOS ARTÍSTICOS. VOCÊS TIVERAM QUE LIDAR COM ISSO E VOCÊ FICOU DIVIDIDA NOS DOIS TERRIÓRIOS [é ... risos]

⁸⁷ Chris chama de 'lado de lá da Maré' as comunidades entre a linha amarela e a Av. Brasil: Morro do Timbau (abriga ONG CEASM de pre-vestibular), Museu da Maré (localizado no pé do Morro), Nova Holanda (onde está a ONG REDES, Observatório de Favelas, Galpão Bela Maré) e Parque União (que abriga a Casa Das Mulheres da Maré). Já a comunidade de Chris é o Conjunto Esperança de frente para a Fundação Oswaldo Cruz – é vizinha da Vila do João e da Vila dos Pinheiros, que ficam entre a Linha amarela e a Linha vermelha. Essas comunidades possuem quadras de esportes.

CHIRS, VOCÊ QUER FALAR MAIS ALGUMA COISA, FINALIZAR. LEMBRAR ALGUMA COISA. SE NÃO QUISEER NÃO TEM PROBLEM, SE QUISEER O SILÊNCIO ...

Não ... risos ... se você quiser perguntar mais alguma coisa ...

- Fotos e publicações do Instagram de Chris Jones



Curtido por 10milfotografias e outras pessoas

hey_jones Ontem estive expondo algumas fotografias na ocupação

AMARÉARTE no

[@galpaobelamare](#) . Ocupação voltada para que todos os artistas da região pudessem expor seus trabalhos durante o dia inteiro.



BATE-PAPO 3 - TATIANE NAARA DE BRITO CARDOZO

(NASC.: 24/10/1986)

Tatiane é mulher negra, lésbica, cria da Maré, tatuadora e desenhista. Moradora do Morro Timbau onde a família se alojou desde as gerações dos avós, tanto maternos quanto paternos. Constantemente envolvida em cursos de atualização em relação a sua arte, Tati trabalha e vide dela.

Uma curiosidade: Tati é minha prima, aliás chamo de “prima duas vezes”: o pai dela, homem negro, é meu tio por parte de mãe. A mãe dela, mulher branca, é minha tia por parte de pai. Eles casaram e estão juntos desde que sou pequena. Foi assim que Tati virou miha prima-prima.

- LOCAL DA CONVERSA: RUA Guilherme Maxwell, antes do Museu da Maré, pé do morro do Timbau ou seria Baixa do Sapateiro? Seu studio de tatuagem, em 28/03/2021.
- @naaratatooink

VÍDEO 1: colocando a máscara

FALA TEU NOME PRA MIM, POR FAVOR

Tatiane Naara de Brito Cardozo

Vídeo 2:

TATI, ME CONTA UM POUCO DA TUA HISTÓRIA, ME FALA UM POUCO DA TUA BIOGRAFIA ...

Preciso falar o nome de novo ou vc já tá gravando ai?

PODE FALAR TEU NOME...

Sou Tatiane Naara, tenho 34 anos. Atualmente sou tatuadora, espero não sair disso ... nunca mais. É ... tive contato com desenho desde minha infância. Tive grandes referências, como meu padrinho que na família é super elogiado até hoje, apesar de falecido. E ... o desenho pra mim sempre foi uma válvula de escape. Eu nunca tive o prazer de sentar e desenhar. Eu tinha fortes emoções. Se eu tivesse muito triste, eu tinha que sentar e desenhar que era a forma de me fechar no mundo. Vc vê pessoas hoje em dia que a pessoa senta e desenha livremente. Não ... eu preciso de um motivo pra desenhar. E sempre trabalhei com informática e o desenho pra mim foi ficando pra trás. Foi ficando guardado e nisso, eu trabalhando com informática eu tive um rapaz que, por sinal sou muito grata até a ele, que me perturbava pra eu aprender a tatuar que ele via um potencial que eu não conseguia enxergar. Calho de um dia ele olhar pra minha cara e perguntar: “Vamos aprender a tatuar?”. Eu falei: “vamos”. E fui e larguei tudo: larguei a profissão que eu tinha, larguei o trabalho que eu tinha e me envolvi com tatuagem já tem 9 anos. E não pretendo sair por que de fato me encontrei. É o que me dá prazer. Apesar de eu não ter essa coisa de sentar e desenhar assim ... mas faço quando necessário ... se o cliente pede alguma coisa ... mas não é aquela coisa que toma o meu tempo o tempo todo. E me encontrei, me encontrei, sou feliz, ‘tou bem, sou extremamente realizada com a minha profissão. E dentro disso eu vou buscando outras coisas, tipo, comecei a fazer escultura. Se você quiser depois eu pego pra te mostrar ali. Vou começar uma pintura a óleo agora. Estou me especializando em hiper-realismo. Dentro da tatuagem estou me especializando em mini-realismo que são tatuagens realistas de uns 20 cm. E tá me ... me abrindo um mundo muito bom.

ME FALA UM POUVO MAIS DESSA QUESTÃO QUE VOCÊ COLOCOU DE VC A PRINCÍPIO USAR O DESENHO COMO SE FOSSE UMA ... válvula de escape? ... VÁLVULA DE ESCAPE ... É ... ISSO AINDA ACONTECE HOJE? VOCÊ TÁ REALIZADA, TÁ VIVENDO DO TEU TRABALHO COMO TATUADORA E TÁ ENTRANDO NESSA QUESTÃO ... NESSES OUTROS

ASPECTOS ARTÍSTICOS QUE O DESENHO TÁ TE PROPORCIONANDO. ISSO AINDA ACONTECE? A TUA ESCULTURA, TEU DESENHO A ÓLEO? ... ainda, ainda acontece ...

Eu não sou o tipo de pessoa que vou acordar hoje ... como um desenhista que eu conheço ... um grande amigo meu ... hoje eu vou desenhar e passa o dia desenhando. Pra mim não é assim ... mas qualquer coisa que mexa muito com meu emocional, mas mexa de qualquer jeito, ou me deixa muito triste ou me deixa muito feliz, ou me deixe muito eufórica, a minha válvula de escape é a arte! Qualquer coisa que mexa com meu emocional, ou eu vou pesquisar alguma coisa ou eu vou ler alguma coisa, ou eu vou desenhar, ou eu vou fazer uma escultura. Eu vou tá mexendo com alguma coisa relacionada arte. Mas eu preciso dum (estala os dedos) ... dum ‘boom’ pra isso. Fora isso, eu só faço mesmo para estudar, mas ai eu cumpro ... cumpro aquela matéria ... cumpro o que tenho que cumprir.

VÍDEO 3

TATI, CÊ CONSEGUE ME FALAR ALGUMA COISA EM RELAÇÃO A ESSA QUESTÃO ARTÍSTICA DA MULHER PRETA NA FAVELA? COMO ISTO TE MARCA? COMO VC SE NESTA QUESTÃO? COMO AS PESSOAS VEEM ESSA QUESTÃO EM RELAÇÃO A VOCÊ? SE VC PASSA POR ALGUMA SITUAÇÃO OU NÃO ... SE É TRANQUILO ...

Pra ser bem sincera com vc, Line, isso é um pouco confuso pra mim por que ... já, já é difícil eu ser artista. Já é difícil eu ser tatuadora num mercado que o machismo impera. É ... é difícil eu ser favelada ... QUANDO VC DIZ NUM MERCADO ONDE O MACHISMO IMPERA POR QUE A MAIORIA DAS PESSOAS SÃO HOMENS TATUADORES?

São homens tatuadores, tatuadores e agora, assim, de uns dois anos pra cá, isso tá mudando um pouco mas ... é de gente perguntar: “tu sabe tatuar, mas vc é mulher??”, “sabe desenhar, mas tu é mulher??”. E, pasmem, muitas vezes, mulheres! Falando isso. E, por eu ser tatuadora, tenho que ouvir absurdos. Tipo: “Vai tatuar meu pau!”. Um coisinha baixas assim. E mulher só me procurar por que ... assim ... “ai, não é que eu esteja desmerecendo seu trabalho, é por que é íntimo, senão eu iria em tal fulano”. Mas, cara, as vezes eu vejo o trabalho do tal fulano ... e o meu trabalho é muito melhor que o do tal fulano! Entendeu? É tão confuso essa visão pra mim ... é tão confuso essa questão pra mim por que agrega muita coisa e, pelo fato de eu ser lésbica, agrega ainda mais. Por que as vezes eu não sei se o preconceito é por eu ser negra, eu não sei se o preconceito é minha sexualidade, eu não sei se o preconceito é por eu ser mulher... NOSSA SENHORA rs ... então acaba sendo muito, muito confuso ... É MUITO ATRAVESSAMENTO, NÉ, TATI?

Ás vezes, eu tenho que parar ... acontece uma situação e eu só vou entender o que aconteceu ... sei lá ... horas depois ... “Peraí, cara, isso ai tava errado, isso não devia ter acontecido ... ai da vontade de rebobinar e responder o que a pessoas merecia. Então, é muito, muito confuso. Ser artista só ... é uma parte que eu não consigo separar pra você. É ... as pessoas mais próximas, digo, que foi criado comigo, assim, é ... sabem que eu sou artista e, inclusive, fazem maior propaganda ... ai, esquecem que eu sou mulher ou que eu sou lésbica ou ... Eu sou artista! Eu só sou artista! E fazem maior propaganda ... inclusive, durante um tempo, eu tive obras expostas na Linha Amarela. Não sei se você chegou a ver, assim que botaram aqueles tapumes da Linha Amarela tinha umas 10 obras minhas expostas ali, mas infelizmente quebraram. Ai tiveram que trocar. E isso foi por indicação de amigo de infância. Que o pessoal tá sabendo, “ah, a Lamsa vai fazer alguma coisa ... ah então procura a Tati, procura a Tati, procura a Tati”. E, Deus sabe como, me acharam e eu consegui. Mas, como te falei, é muito, muito difícil separar a parte só do ser mulher ou ser negra e artista ... porque ... é muita coisa. Ás vezes, tem hora que é tudo junto (bate as mãos) e ... é difícil.

E, TATI, QUANDO FOI QUE VOCÊ SACOU ASSIM QUE ERA ...QUANDO FOI QUE VOCÊ SACOU LÁ ATRÁS QUANDO VOCÊ COMEÇOU A DESENHAR, FEZ O CURSO DE DESENHO, USOU ISSO COMO VÁLVULA DE ESCAPE. QUANDO VOCÊ SACOU QUE FOI

TIPO, 'EU QUERO TRABALHAR COM ISSO'? EU QUERO DESENHAR, PRA TRABALHAR NA VIDA, PRA MINHA VIDA?

Não, eu não saquei ... risos ... não eu ...muitos risos ... ME EXPLICA, CARA! ... não de verdade, não saquei ... risos ... como eu falei lá no início, eu tive contato com o Roger que é o tatuador aqui da Maré, todo mundo conhece. E ele já sabia que eu desenhava. E ele sempre me, me cobrou isso “vamos aprender a tatuar, vamu aprender a tatuar...” e eu fui e falei pra ele “cara, eu não gosto de desenhar, não vou me envolver nisso, não quero!”. E aconteceu de, eu tinha que fazer uma cirurgia. A cirurgia acabou atrasando um pouquinho e eu sai do emprego que eu estava. Como atrasou, eu falei “vou prender a tatuar, eu não tou fazendo nada, pelo menos vou ganhar alguma coisinha”. E foi ai que eu entrei nesse mundo por que ele estava disposto a me ensinar a tatuar ainda e ... daí eu me apaixonei. Num foi uma coisa premeditada: “vou me especializar em tal tipo de desenho por que eu quero isso pra profissão”. Não ... eu entrei na profissão e agora eu to me especializando. Entendeu? Não foi ... não era uma coisa que eu tinha em mente ... não ... foi o contrário, nunca tive. Sempre gostei? Sempre gostei de qualquer coisa relacionado a arte mas ... nunca ... profissionalmente.

VÍDEO 4:

A MINHA CURIOSIDADE AGORA É SABER COMO É QUE É SE TATUAR? TODAS AS SUAS TATUAGENS SÃO SUAS?

Não, não ... até por que tem lugar que é difícil, né? [É POR QUE EU NEM SEI ONDE ESTÃO TODAS, EU ESTOU SÓ DE FRENTE DE VC VENDENDO O QUE TÁ... ESSA DA PERNA, POR EXEMPLO, LEVANTA AI PRA EU DAR UMA OLHADA. EU ACHO ELA MARAVILHOSA ...] essa daqui foi o rapaz que me ensinou a tatuar que fez ... ele ... eu até dei uma mexida nela depois ... mas essa daqui ... apesar de eu ter algumas tatuagens bem feias que eu tenho que acertar ... essa daqui vai ser uma que eu nunca vou mexer na minha vida. Foi a 1ª tatuagem que eu fiz na minha vida. Primeira de tudo, primeiro contato com a máquina, primeiro contato com pele humana. Tudo. Foi aqui que eu entendi ... “cara, isso é gostoso de fazer, isso é bom. Essa é ... quando vc aprende... quando vc tá começando a tatuar, infelizmente, vc precisa de pessoas dispostas a te ceder a pele pra tu fazer uma grande burrada pra consertar depois. Infelizmente, a vida é assim (risos). Por mais que a gente estude por outros meios, tipo, pele sintética, pele de , é diferente. A anatomia, pele humana, é tudo diferente. Essa daqui eu fiz pra ... essa estrelinha vermelha daqui ... eu fiz pra aprender a pigmentar ... por que são técnicas diferentes, são agulhas diferentes. A pigmentação já valeu. Ela ficou feia [VC TAMBÉM SE USOU COMO COBAIA?] foi! Ai que que eu fiz: ficou feia essa, uma brilhante ideia. Eu peguei fiz uma estrala azul aqui embaixo, pra ficar feio nos dois (risos). Ai depois eu falei, “não, vou consertar uma pelo menos”. E fui botar essa rosa aqui em cima. Mas, menina, é uma dor surreal (risos) ... EU NÃO TENHO CORAGEM NÃO, QUERIDA! (RISOS). Tatuar no pé, minha prima, é uma dor muito louca! Ai ... de pouquinho em pouquinho, eu vou dando um jeito nelas. E o povo brinca muito comigo, cara, você é ótima profissional, você é ótima desenhista, você é ótima tatuadora. E .. Inclusive, neste aspecto, eu to me especializando agora são poucos os profissionais, eu to mandando bem. Ai eles questionam : “como que vc tem tanta besteira no seu corpo?” (gargalhadas). DEUS ME LIVRE, TATI! ...

(frase de difícil compreensão) vc vai ver que é rápido e prático...

VÍDEO 5

QUERIA QUE VC ME FALASSE AGORA UM POUCO DA COISA BIOGRÁFICA, TIPO ... ONDE VOCÊ NASCEU? COM QUEM VC MOROU? QUAL TUA MARCAÇÃO EM RELAÇÃO A ESTE TERRITÓRIO? COMO VC ACHA QUE FOI SUA INFÂNCIA? SE VC QUISER FALAR DELA E DA ADOLESCÊNCIA MARCADA POR ESTE TERRITÓRIO ... FALAR DA TUA FAMÍLIA, UMA COISA MAIS BIOGRÁFICA MESMO, FALAR DA TUA VIDA ... PARTE DA

TUA VIDA MESMO CRESCENDO NESSE LUGAR ... parte da minha vida crescendo maré ou parte da minha vida em meio a arte, crescendo em arte? CRESCENDO MARÉ ...

É ... eu sou nascida e criada na favela da Maré, morei fora por pouquíssimo tempo. Apesar de ninguém acreditar tenho muito orgulho (parte indecifrável) sou nascida e criada no maior complexo de favelas do Rio de Janeiro. Gosto de falar isso até mesmo pra tirar esta indiferença que o povo tem da Maré e da mulher da Maré! Por isso eu gosto de falar bem. Morei com meus pais, pai e mãe. Sempre tive muita proximidade com a minha família por que todo mundo muito pertinho. Tive muito contato com meus primos, com as minhas tias, com as minhas primas... Crescer aqui foi ... eu acho que eu vou ser uma exceção pra te falar de verdade por que eu me considero uma pessoa de muita sorte! Me considero de muita sorte de verdade. Por que eu cresci aqui ... só que ... talvez até me expresse mal. Se me expressar mal vou arranjar uma forma de melhorar as coisas.

Mas, eu sou exceção à regra ... fui exceção ... eu tive uma boa educação, eu tive uma boa escola, eu tive um bom vínculo familiar. Em todos os aspectos: seja dentro da minha casa, com meus pais; seja com meus primos, com as minhas primas, com as minhas tias. É uma coisa que você quase não vê por aqui. Você não vê um adolescente com pai e mãe. Você não vê um adolescente com hora para estar em casa, com respeito. Até hoje, eu tô com 34 anos, eu dou 'bença' aos meus pais. Eu tenho muita, muita sorte de ter a família que eu tenho em diversos aspectos por que cada um me acrescentou um pouquinho.

Quando eu não podia estra com meus pais, uma tia cuidava de mim, uma prima. Eu nunca fui uma pessoa de estar na rua, nunca ... isso nunca aconteceu. Acho que até se acontecesse eu mais nova, sei lá, se uma prima minha me encontrasse na rua me levava pra casa na base da chinelada. Então nesse aspecto, eu tenho muita sorte, muita sorte. De verdade, eu sou muito grata pela base que eu tenho.

É ... crescer dentro da Maré ... tive alguns problemas ... alguns ... não problemas ... mas po um tempo me envergonhou. Por um tempo, me fez um certo mal ... PORQUE? Me fez um certo mal. Por que quando eu estudava ...eu nunca estudei em escola pública ... nunca estudei em escola pública.

Estudava ali numa escola de Bonsucesso e apesar de boa parte ser da Maré, boa parte não era também. Então já há um outro mundo. Quando eu mudei de escola e fui pra ilha do Governador, foi um choque absurdo, né? Um choque absurdo... sabe que foi até um dos motivos que eu quis sair da escola. Hoje me dia eu me arrependo amargamente por causa disso. Mas era lá na época dos meus 15, 14 anos; então a cabeça era outra.

É ... foi a parte que eu me envergonhei. Foi a parte que ... que eu tinha que fazer um trabalhinho de escola na casa de uma amiga e ... cara, ela morava numa mansão. Ela tinha motorista na porta ...

TATI, EU ENTENDO TODAS AS SUAS NARRATIVAS, CARA. VOCÊ NÃO TEM QUE SE ENVERGONHAR DE ESTAR SENDO MAIS OU MENOS PRECONCEITUOSA ... OU NÃO. A GENTE É MARCADO POR ISSO, NÃO TEM JEITO, NÉ?

Ela tinha motorista na porta. Ela tinha empregada, ela tinha um monte de coisa. E aquilo me deixava de boca aberta. Às vezes eu sentia até raiva: por que ela pode ter e eu não? Por que é tão diferente assim? Foi ... me arrependo muito de ter me envergonhado, claro que me arrependo. Mas me fez crescer muito, hoje em dia eu falo com orgulho: sou nascida e criada dentro da favela da Maré. E isso não me faz menos do que ninguém, muito pelo contrário. Me faz querer expor isso para mostrar que eu posso. Eu sou a mesma coisa que ela.

E dentro desse aspecto ... assim, dessas meninas, por exemplo, que eu tenho contato do meu 1º grau ... que foi quando eu mudei de escola... que me fez ter raiva, que me fez ter me envergonhou ... eu diria até que ... o nosso mundo mudou completamente. Hoje em dia elas são “mulheres que não existem” – uma mulher que tá trancada dentro de casa por que casou! Ela é uma pessoa que foi anulada. Ela é uma pessoa que tinha ... era uma pessoa que jogava na cara o tempo todo que era melhor do que eu. Mas, não, não é. De jeito nenhum ...

TATI, VOCÊ COMENTOU AÍ QUE NUM MOMENTO DA SUA FALA, VOCÊ MOROU A MAIOR PARTE DO TEMPO COM SEUS PAIS. VOCÊ SE MUDA E VOLTA ENTÃO?

Eu mudei a primeira vez, fui morar com a minha irmã. Ali em Olaria, passei um tempo com ela. Acho que coisa de um ano depois, morando com ela, eu adoeci. Eu tive síndrome do pânico e depressão. Passei um tempo ainda e depois voltei para cá. Só que essa fase da minha vida é muito confusa, sinceramente eu não lembro o tempo, não sei. Foi uma parte que eu simplesmente apaguei da minha cabeça, é como se não tivesse existido pra mim. Então eu não sei te citar datas. E depois fui morar na Ilha ...

E ESSA COISA PAI PRETO x MÃE BRANCA?

Pra falar a verdade eu não tenho grandes lembranças...teve uma vez que eu me lembro que ... o moço que vendia doces em frente ao [instituto] Gama e Souza jogou uma piadinha... é ... pra minha mãe, por ela ser branca. Alguma coisa que tinha a ver com traição, eu lembro bem o que que era. Na época os amiguinhos de escola ninguém acreditava, por que ... ela era branca e eu negra então era num era minha mãe!

E, uma vez eu passando aqui perto da Universal, isso tem muito tempo!!! Na época eu tinha aquele cabelo bem curtinho. Eu passei abraçada com a minha mãe e ficaram gritando: “sei lá o quê sapatão”... de verdade eu não consigo lembrar muito, prima...

VÍDEO 6

ME MOSTRA TUAS OUTRAS ARTES ...

Aqui é uma escultura que está em andamento. Ela é de ... não chega a ser argila, é um material parecido com argila. *Clay* o nome do material. Ele é maleável também ... é o que a gente faz a primeira modelagem antes da arte final. Você faz a modelagem a sua modelagem aqui ai, depois, tem um outro profissional que bota ela no molde pra ... aquelas figuras que a gente vê ... assim ... (mostra *action figure* do Darth Vader) que vira isso aqui, que vira o de plástico. ENTENDI ... eu sou a 1ª arte. Tem ... eu não to com uma pintura agora. Tem ... tem a pasta de desenho, tem alguns desenhos aqui. E como te falei ... OS DESENHOS SÃO O QUE VC FICA TREINANDO PRA TUAS FUTURAS TATUAGENS? Não ... minha válvula de escape ... AH, SIM! Eu paro e sempre desenho. Por exemplo, esse daqui (mostra desenho) acho que tem uns 6 meses que to fazendo. Mas como ultimamente eu não tenho tido motivo pra sentar e desenhar, não to precisando de nada, ai eu to me dedicando só aos desenhos de trabalho. Trabalho muito com arte exclusiva também. Eu monto o desenho pro cliente. AH, TÁ! NÃO SABIA ... eu faço o desenho pro cliente, ai o que eu ganho pra ele, é dele, só dele. Eu não reproduzo mais. Se ai outra pessoa reproduzir ... por que tem ... tem um aplicativo agora, é o Pinterest, é muita imagem né? Então o povo pega muita imagem de lá e reproduz aquilo. Mas eu gosto de trabalhar muito com arte exclusiva, gosto muito de criar pro cliente. NEM SABIA DISSO ... E AI NO CASO VC QUESTIONA PRA QUÊ AQUELE DESENHO VAI SER UTILIZADO? NÃO ... ELE VIRA COMPLETAMENTE PROPRIEDADE DAQUELA PESSOA ... isso

Já a tatuagem é o seguinte: eu faço o primeiro desenho ... na folha ... aquela que eu tava criando (procura na pasta) ... não sei ... eu faço na folha, depois eu passo prum carbono e do carbono eu passo pra pele da pessoa. Essa primeira imagem que é a minha folha, ela leva embora. Já não é mais meu! eu vendi pra ela. Eu cobreí ... eu cobro desde a criação do desenho à tatuagem. Eu só faço o trabalho ... esse trabalho exclusivo também, sob o pagamento das pessoas. Se me pagar pra eu criar alguma coisa pra ela.

- Fotos retiradas do *Instagram* de Tati

← Publicações

naaratattooink



...ninado!



ac

naaratattooink



naaratattooink



61 curtidas

naaratattooink Momentos de magia 🎵



29 curtidas

naaratattooink Depois de sei lá quanto tempo parado ... terminei 🍷... mais



BATE-PAPO 4 : NLAISA LUCIANO GASPAR MESQUITA

(NASC.: 28/02/1996)

Nlaisa é mulher trans, negra, Performer/ educadora. Está cursando Letras na UFRJ e, através de seus conhecimentos linguísticos, criou seu próprio nome. Mora com a família, mãe e irmãos, na comunidade Vila dos Pinheiros.

- Conversamos na laje de uma casa no Beco do Abacate, Morro do Timbau.
- @nlai_sa
- Me foi apresentada pela amiga Thaís Paiva Felicidade (geógrafa e moradora da Maré) que trabalha com Nlaisa na mesma ONG.

VÍDEO 1

VAMOS LÁ? NLAISA, EU QUERIA QUE VOCÊ ME CONTASSE UM POUCO DA TUA HISTÓRIA NA MARÉ ... TUA BIOGRAFIA. SE VOCÊ NASCEU AQUI, SE NÃO NASCEU. COMO QUE É A FAMÍLIA, COM QUEM VOCÊ MORA ... O QUE VOCÊ SENTIR A VONTADE E SE SENTIR VONTADE. TÁ BOM?

Eu nasci aqui na Maré mesmo, no Rio de Janeiro, né? Mas moro aqui desde quando eu me entendo por gente e e ... tenho vagas lembranças, assim, de ter morado no Morro, de ter morado em vários lugares do Pinheiro. Mas acho que o Pinheiro acabou se tornando mais do que uma favela desse bairro. Pra mim, se tornou um território. Então eu estudei aqui no Vicente Mariano até meu 9º ano e, logo em seguida, eu fui pro ensino médio em Copacabana, no Infante Dom Henrique. E, aí, lá, né? Eu entrei no EM eu ia fazer 15 anos ainda; então, tudo era muito novo. Mas eu sempre fui uma pessoa muito autônoma, né? Por que a minha mãe, ela ... ela sempre confiou em mim, assim. Eu fazia natação na vila olímpica quando eu era pequena. Eu ... eu ... ia até a escola sozinha, né? Então... de certa forma, o meu trat ... o tratamento comigo dentro de casa, talvez pela essência que eu já emanava desde criança, era muito diferente dos meus dois irmãos. Por muito tempo fui criada dentro da igreja evangélica ... então tipo ... isso pra mim foi um lugar muito doloroso. Por que ... enfim ... é sair de cada culto, se olhar e não se perceber de Deus, sabe? Na concepção cristã e entender que eu estava errada só por eu ser eu.

Mas no EM eu acho que tudo isso foi mudando por que eu fui ... eu, eu descobri o que era faltar aula pra ir pra praia (risos), eu descobri o faltar aula pra ir num parque, né? Por que lá tem algumas praças e parques. Mas também descobri o que é pegar um ônibus e ir até a zona sul e entender as diferenças a partir do detalhe. Entender todo espaço geográfico, toda a construção, né? É ... de pessoas que transitam naquele espaço. Quem são as pessoas, quais são as cores também que estão ali. Então ... e isso tudo me inquietava. E aí quanto eu tava no final do segundo ano do ensino médio pro 3º eu conheci o Museu da Maré. E aí eu conheci por que eu tava uma vez andando aqui na favela e eu queria parar num lugar que eu não conhecia. Aí, entrei no museu, entrei na biblioteca. E aí eu lembro da Marilene Nunes me observando assim eu vendo livro, lendo. E aí ela veio fazer um convite né? Por que tinha aberto as inscrições pra Jovem Talento da Faperj. E aí eu participei as seleção, né, que era uma entrevista, uma redação e tal e acabei passando. E aí fui bolsista da Faperj no Museu da Maré. No mesmo ano, no final de 2014, eu conheci o Teatro do Oprimido. Então todas as questões de gênero, de raça, de classe foram surgindo aos poucos. Né? E ... e ... toda a ... esse regate a minha memória e identidade enquanto uma pessoa da favela foi crescendo e me orgulhando de certa forma e me inquietando ainda mais ...

QUEM É MARILENE?

marilene nunes? [É] Ela é coordena a biblioteca Elias José no Museu da Maré...

A QUESTÃO DO TERRITÓRIO... PORQUE VOCÊ CITA ... A DESCOBERTA DO TERRITÓRIO? TEVE UMA HORA QUE VOCÊ CITA NÃO SER MAIS O BAIRRO ... É O MEU TERRITÓRIO... FOI ISSO QUE VC CITOUCO? PQ?

Então... tipo... a gente percebe que ... existem certos nomes que são dados assim oficialmente, né? E aí a Maré em algum momento ela é reconhecida como bairro ...mas antes de ser reconhecida como bairro qual era o nome que nos era dado enquanto um processo de marginalização também. Né? Que era a favela. A questão do território é um nome que eu começo a ... a dizer, a evocar, por que eu percebo que a favela é um nome de resistência, tem um resgate histórico aí, mas também é um nome que nos foi dado de uma forma a homogeneizar quem somos! E aí se eu penso no Rio de Janeiro, nem todas as favelas serão iguais... cada favela tem a sua forma de organização, cada favela se organiza a partir do território que ela ocupa e a Maré, principalmente essa área [aponta para onde estamos Morro do Timbau de frente para Vila dos Pinheiros] é um território específico que está localizado exatamente nas 3 vias de acesso à cidade: a Linha Amarela, a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. Então toda essa área aqui é uma área estratégica. Estratégica por que eu tenho uma fundação, uma instituição de ciência que é o Oswaldo Cruz perto, eu tenho uma Universidade Federal do Rio de Janeiro que funciona perto e eu tenho o Aeroporto Internacional também muito perto. Então, quando alguém chega vai ter que passar pela Maré ... de alguma forma... então... quando eu uso a palavra território eu uso por que além de ser favela, além de ser um bairro, ainda é um espaço que eu discuto a minha vivência, que eu disputo a minha narrativa.

É um lugar onde ... a travessa que eu morei, a rua que eu morei, o espaço que eu morei eu fiz pessoas, que eu considero alianças, e eu fiz pessoas que eu também considero como outras lógicas de sobrevivência. Então território é um espaço que também chama um pouco de uma palavra, né, que simboliza o que a gente entende ocidentalmente como guerra, né.....e aqui tem muitas guerras simbólicas. Em cada esquina tem uma igreja, né? Em cada esquina tem um lugar que é é.....fixado através do poder paralelo. Em cada esquina tem um, uma certa tribo por que tem skate, tem hip-hop. E ... e aí isso vaiesses grupos eles vão se juntando nesse território. Então esse território ele é disputado, né? Muito antes de eu começar a frequentar o Pontilhão [área com pista de skate e encontro artístico sob a linha Amarela acesso Fundão], por exemplo, era um espaço que só quem jogava futebol ou era skatista ocupava. E eu percebo que a partir do momento que eu começo a disputar lugares que pessoas como eu não acessam, essas pessoas começam a vim tb e se sentir pertencentes. Então eu uso território por que eu entendo o ... perceno pertencimento que eu tenho nesse lugar. Eu uso o território por que aa nós pessoas LGBTQs dentro da favela, né? Principalmente, pessoas como eu que é da sigla T de trans, que não é branca, nós somos pessoas que.... a todo momento não vamos ter espaço em nenhum lugar! e aí quando eu acesso o museu da Maré , quando eu acesso ao Teatro do Oprimido, quando eu acesso o CEASM, quando eu acesso à universidade eu acesso lugares que pessoas como eu aqui dentro não tão acessando. Então de certa forma eu acabo sendo uma referência de alguma forma. Entãoeu uso território por que eu acredito que este espaço eu também estou tomando, no sentido de reivindicar, né? o meu trajeto a luz do dia e a luz da noite. Eu estou reivindicando e subvertendo uma lógica de que pessoas como eu não pode ir na farmácia, não pode ir no mercado, não pode estar presente num espaço dando aula pra crianças, pra adolescentes, pra jovens, pra adultos. Então por isso eu uso esse termo....que eu acredito que é um termo que carrega muitas simbologias pra mim ...

VÍDEO 2

NLAISA, VOCÊ FALOU SOBRE COPACABANA, VOCÊ FOI ESTUDAR EM COPACABANA. POR QUE COPACABANA? O QUE ACONTECEU NESTE INTERIM AÍ QUE ESTUDAVA AQUI NA MARÉ E PULOU PRA ZONA SUL?

Então, foi ... acredito que foi uma fuga. Uma fuga por que esse espaço aqui eu me sentia vigiada, nesse espaço eu me sentia presa, me sentia na minha única rotina de estudar, ir pra casa e depois ir pra igreja. Então Copacabana é um lugar que eu sei ... na verdade, eu projetava, né? De que eu não estaria aqui. Eu estaria num lugar onde eu pudesse, no ensino médio, ser quem eu era de alguma forma, né? Poder fugir mesmo, era um escape. Ficar a manhã toda num lugar que não era aqui. E mesmo que eu voltasse e tivesse que me readaptar novamente à algumas questões. Até por que eu era adolescente, eu não tinha domínio sobre a minha própria vida nem sobre meu próprio corpo. Então lá era um espaço onde eu estava conhecendo novas pessoas, eu estava também acessando outros lugares. E, estava de certa forma, sem saber, construindo novas estratégias de sobrevivência. Eu acredito que é isso ... eu lembro que na época eu queria muito ir pra um lugar o mais longe possível.

VOCÊ JÁ MENCIONOU ... AGORA VOCÊ MENCIONOU A QUESTÃO DA SOBREVIVÊNCIA. JÁ ERA UMA COISA QUE NA ADOLESCÊNCIA, ENQUANTO ESTUDANTE, VOCÊ JÁ SENTIA ISSO?

Eu sinto isso desde criança, assim ... por que ... é muito ... é muito intenso você crescer, se olhar no espelho, não entender algumas coisas, não ter referências e ser obrigada a vestir roupa que não... não era a roupa que eu queria usar. E olhar pra outras meninas assim e querer, de certa forma, aquela mochila, aquele vestidinho, brincar com aquela boneca (risos). Mas é isso, acho que vai muito deste lugar, assim, de ... nós ... pessoas ... que vais construindo a nossa sexualidade, vai construindo a nossa raça, né. E se racializando e se entendendo. A nós, nos é esperado, nos é cobrado um amadurecimento muito, muito avançado, né? Então ... era percebendo, assim, como a favela vai se fazendo. Meninos sem a preocupação com a casa, com as responsabilidades, com a família, fazendo o que quer fazer, indo na rua a hora que quiser e meninas sempre ali ... ééé'... refazendo e reproduzindo o papel da mãe, né? Por que é a referência que tem. Então, pra nós pessoas LGBTs e pessoas pretas no geral, não-brancas, melhor dizendo, a gente não tem tempo pra ser menininho, menininha, moleque, ou uma mocinha. A vida é dura, sabe? Então ... hoje em dia eu vejo estes reflexos assim de ... homens brancos heteros, de 25 anos pra cima, que é tratado como se fosse um menino, como se não soubesse da vida. “ Ai, me ensina a cozinhar, fazer um arroz”. E a gente que é LGBT, a gente com 17, 16 anos a gente já tá praticamente tendo que morar sozinhos, por que foi expulso ... praticamente tendo que sobreviver de diversas formas. Trabalhar mais cedo por que não é bancado mais. Então essas diferenças eu fui crescendo e entendendo, né? Principalmente em Copacabana, assim. De perceber como os garotos de lá se comportavam, como as garotas de lá brancas também se comportavam. E como era aqui a vida na favela, né?

NA SUA CASA, NLAISA, É VOCÊ, SUA MÃE E DOIS IRMÃOS?

Hoje em dia, é eu, minha mãe e um irmão só. O mais velho já é casado, já tem dois filhos...

VÍDEO 3

NLAISA, ME FALA DA TUA ARTE ...

Nossa! ... COMO VOCÊ QUISER, DO JEITO QUE VOCÊ QUISER!

Eu sinceramente ... eu não sei falar da minha arte por que eu acredito que é a minha arte que fala por mim, sabe? Eu descobri, né, Letras no meio do caminho, descobri a psicanálise... **CÊ FEZ LETRAS ONDE NLAISA?** Na verdade, eu ainda faço aqui na UFRJ (da laje que estamos, ela aponta para o campus do fundão). **VOCÊ TÁ ESTUDANDO AINDA?** Isso ... **AI FOI NA UFRJ QUE VOCÊ PEGOU O LANCE DE DAR AULA NO ... no Ceasm⁸⁸ ... DE DAR AULAS NA ONG , NO CEASM ... AULA DE PORTUGUÊS QUE VOCÊ FALOU, NÉ?** De interpretação de texto ...

Então lá eu também trabalhei por 2 anos num laboratório de um grupo de pesquisa em educação multimídia, né, audiovisual ... então, pensei muito a literatura e o cinema ... é ... tive experiências em

⁸⁸ Uma ONG localizada no Morro do Timbau: Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

escolas como em Itaipu. Fazendo filme mudo, e todas estas questões que a gente começa quando tá estudando o cinema, né? Ai também fui entendendo um pouco da minha pesquisa de iniciação científica, que é uma pesquisa que pensa a memória a partir do Museu da Maré. Fui me entendendo cada vez mais, né, enquanto ... uma pessoa... então, a partir daí, a minha arte ela veio no ... numa expressão de talvez transbordar o que não bastava escrevendo, ou não bastava falando. Então, o Teatro do Oprimido foi assim um método muito bom pra mim nesse sentido, que eu me apresentava em muitos lugares. Mas, hoje em dia, acho que a minha arte ... começou por fotografia, fazendo autoimagens de mim, né? E ... e usando algumas técnicas de algumas coisas pra transformar uma imagem, né? Hoje em dia eu faço performances, né. Quer dizer, antes da pandemia, por que com a pandemia minha vida foi ... mudou um pouquinho na questão de ser chamada pra alguma *live* ou pra alguma coisa assim... VOCÊ FAZIA ANTES DA PANDEMIA? Isso ... FALAVA SOBRE TUA PERFORMANCE, SOBRE ... isso... então, eu faço performances, eu atuo. Eu trabalhei com algumas pessoas e grupos, que eu fui diretora artística ... ééé ... eu ... eu não se se eu poderia caracterizar a minha arte numa única categoria. Mas eu acredito que eu vou expandindo ela a partir das necessidades e urgências que eu preciso transportar de um corpo pra outras linguagens. E ai eu aproveito a linguagem enquanto uma grande legislação, pra não aplicar só o código dela (que é a língua) mas outros códigos: que é o visual, que é o corporal, né? E essas múltiplas lógicas de linguagem que eu posso atribuir às minhas performances. Então ...

E VC CONSEGUIE INVADIR OUTROS TERRITÓRIOS ALÉM DA MARÉ COM A TUA PERFORMANCE?

Ainda não consegui por que tá tudo muito recente, eu comecei de 2018 pra cá. Então só tive 2018 e 2019 por que 2020 veio a pandemia. Mas eu quero expandir isso ... talvez não invadir por que ... é o ... tem palavras que eu não uso nesse sentido por que eu já acessei alguns territórios a partir do teatro, a partir de ‘sarais’, a partir de eventos culturais; mas, enquanto eu pessoa, eu não ... eu não expandi de certa forma esse diálogo.

 VIDEO 4 ... cansei!

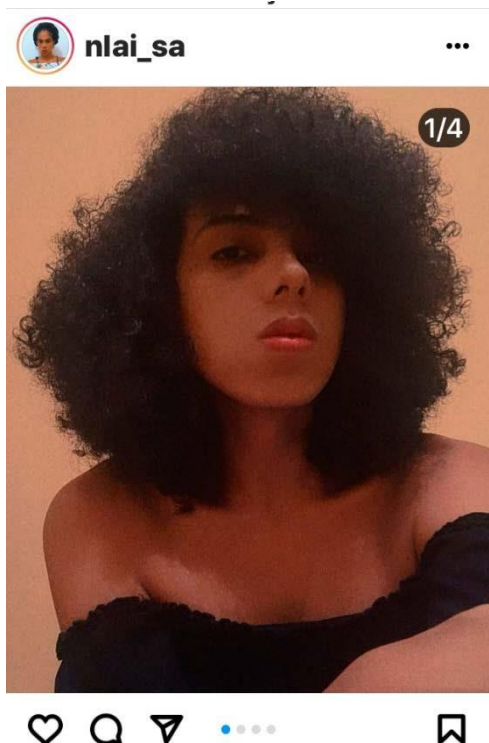
PODE FINALIZAR NLAISA...

é como você falou, né? quando tem a permissão da escuta, a gente quer falar e ai eu não sei se esse falar, se ele tá num lugar específico do desabafo ... ou se é o desabafo mais uma denúncia, mais um apelo... E aí você tem várias formas de comunicação quando você tá falando sobre a sua trajetória porque você revisita memórias, né? Mas ... eu acredito que que eu tenho para dizer assim, ... e talvez projetar, também para mim, né? para Nlaila daqui alguns anos ... talvez a minha existência, meu corpo andando já é uma linguagem, já é um, um dito, né? já é ... já é um símbolo talvez que já está no campo do dizível. A forma como ... eu vou num lugar, por exemplo, pra me consultar com um endocrinologista por causa da terapia hormonal e aí quando eu passo por algumas perguntas, a forma como eu falo, ele já fala “nossa! você é diferente!” E aí eu fico sempre assim: porque eu sou diferente? Por que talvez não é esperado das pessoas... que nós pessoas trans sejamos também pessoas ... que somos inteligentes, que somos capazes, né? Talvez eu acho que toda minha trajetória ela rompe estigmas, né? Mas eu entendo também que esses estigmas que eu rompi não ... não é reflexo de um coletivo, né? Eu rompo esses lugares, eu acesso esses lugares mas eu entendo que nem todas as minhas estão exatamente nesses mesmos espaços. Mas que agora tem muitas como eu acessando outros espaços. Mas que ainda falta muito, né, pra gente conquistar e lutar.

E que eu especificamente sou pesquisadora de um projeto na Fiocruz, Sou coordenadora e educadora popular num espaço daqui da favela. Por que eu sou graduanda em Letras, porque eu faço teatro ... ou por todas as coisas que eu faço ou que eu fiz, ou sou capaz de fazer ... isso não significa que isso é uma conquista individual. Eu entendo que ... quando eu pegar meu diploma na faculdade, não vai ser uma trajetória minha sozinha. Vai ser da minha madrinha que me dava para pagar xerox, vai ser da

minha mãe que fazia comida para eu poder almoçar em ... em 20 minutinhos antes de uma aula para outra... Então são essas pessoas que sempre tã ali com você! De certa forma ... Então, nada é individual, principalmente para pessoas como eu! Que ... conquista de certa forma o respeito né? De muitas pessoas aqui na favela ... que é reconhecida em alguns espaços, que acessa outros lugares ainda assim não é o suficiente! Se for pensar a própria instituição, eu sou a primeira Educadora e a primeira coordenadora trans. Isso não é o suficiente! Então eu vou disputar em todos os lugares mas sabendo que eu não to sozinha! Sabendo que não é uma conquista individual então não posso puxar isso para mim. Eu não posso dizer que eu mereci, eu não posso dizer que foi uma conquista individual porque aí eu caio na meritocracia e em todas as armadilhas que já são esperadas para nós E aí a gente esquece da onde a gente é, da onde a gente vem, o que a gente precisa fazer para transformar os lugares que a gente está ... e ... e nossa identidade né? Que ... que ainda é um lugar de incômodo, mas é um lugar também de conforto. Então acho que é isso assim ... o meu corpo é político...

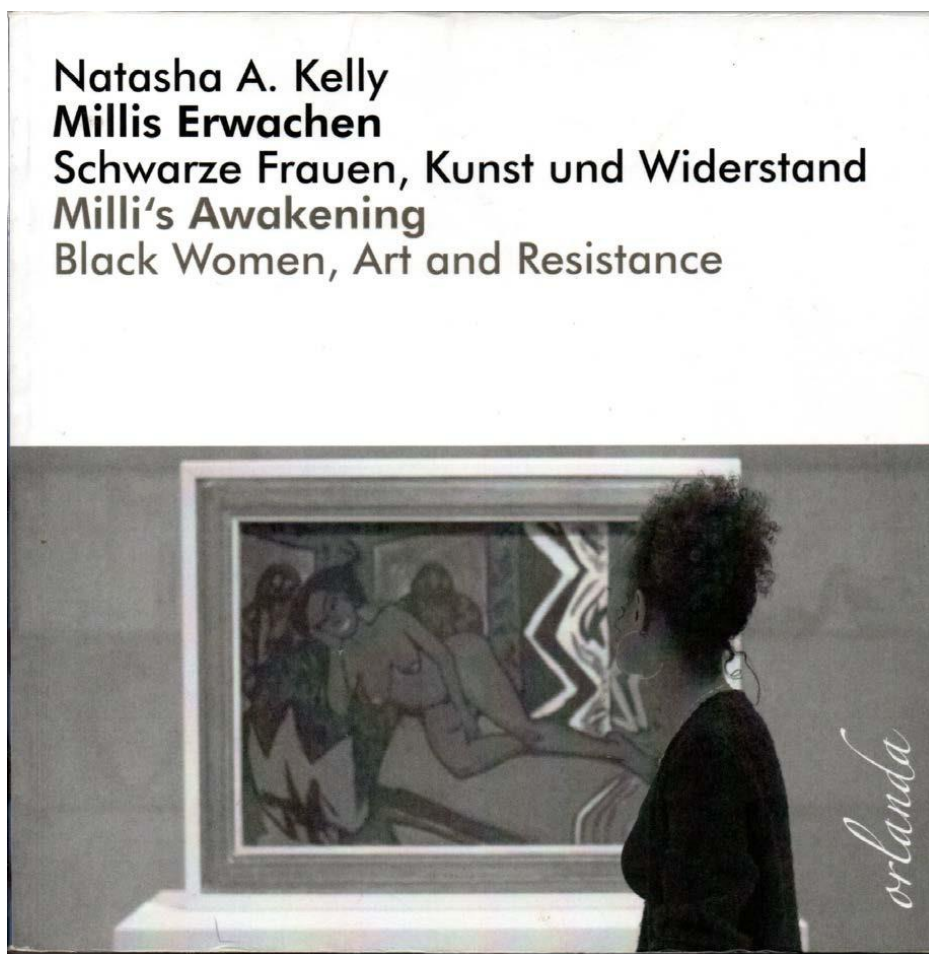
- Abaixo, algumas publicações de Nlaysia no *instagram*.



ANEXO B – TRADUÇÃO DO LIVRO

Link para obra traduzida *MILLI'S AWAKENING*:

<https://drive.google.com/file/d/1M0CumCAEVMkw6mIp6BY7vHKzuJK2tKi1/view?usp=sharing>



ANEXO C - Mapa da África (países citados no livro afro-alemão)

